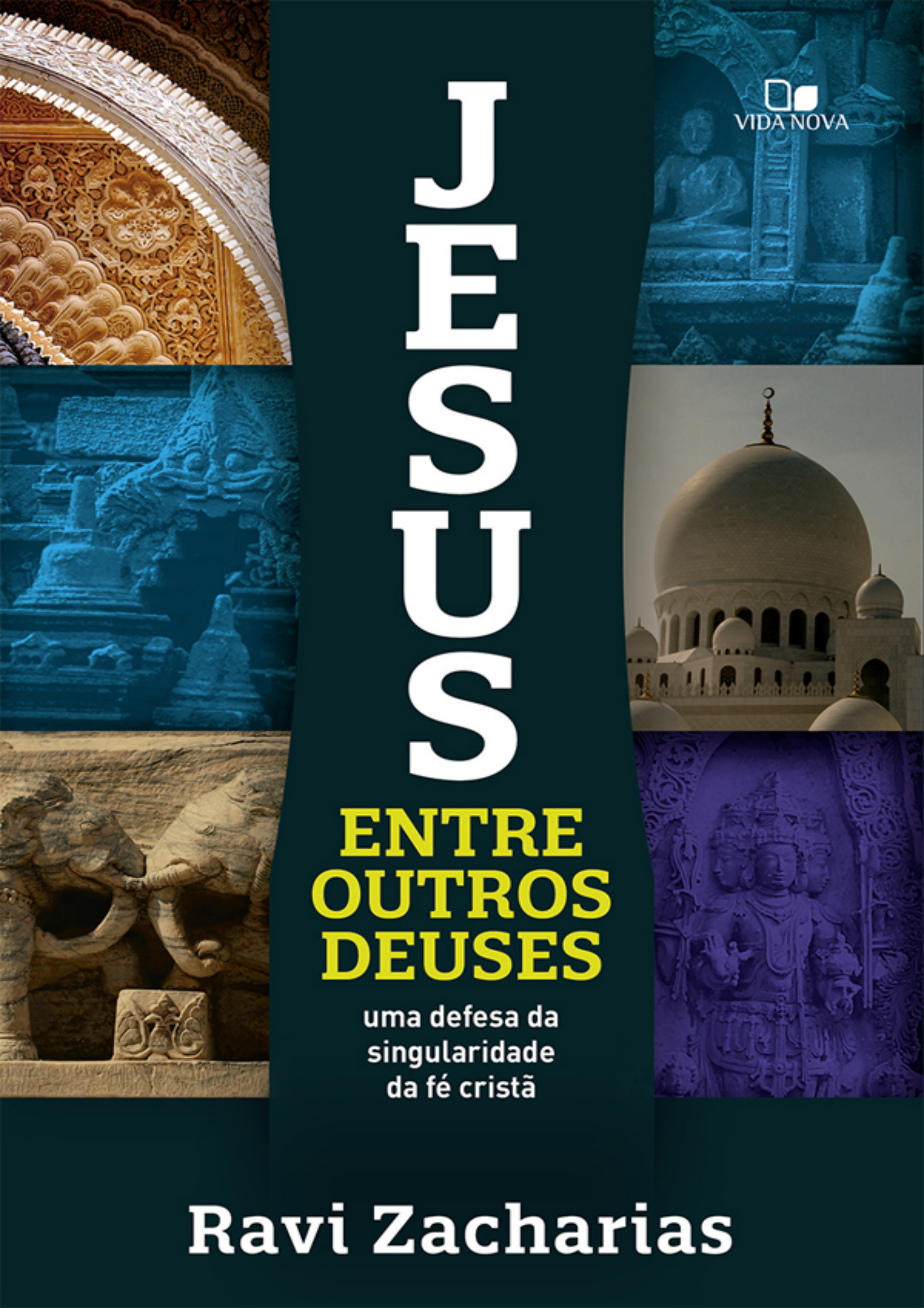

VIDA NOVA
JESUS
ENTRE OUTROS DEUSES
uma defesa da singularidade da fé cristã
Ravi Zacharias

# JESUS
## ENTRE OUTROS DEUSES




Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zacharias, Ravi

Jesus entre outros deuses : uma defesa da singularidade da fé cristã / Ravi Zacharias ; tradução de Marcio L. Redondo. — São Paulo: Vida Nova, 2018.

272 p.

ISBN 978-85-275-0960-2

Título original: Jesus among other gods : the absolute claims of the Christian message

1. Apologética 2. Cristianismo e outras religiões I. Título II. Redondo, Marcio L.

18-0775 CDD 239

Índices para catálogo sistemático:

1. Apologética

VIDA NOVA

# JESUS ENTRE OUTROS DEUSES

uma defesa da singularidade da fé cristã

Tradução
Marcio Loureiro Redondo

**Ravi Zacharias**

©2011, Ravi Zacharias

Título do original: *Jesus among other gods: the absolute claims of the Christian message*, edição publicada por THOMAS NELSON (Nashville, Tennessee, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2018

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas da New International Version (NIV). As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas da King James Version (KJV).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Rosa Ferreira

Décio Leme

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Tatiane Souza

Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS

Gustavo N. Bonifácio

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

OM Designers Gráficos

Em memória de dois caríssimos amigos,

CHARLES KIP JORDON e

ROBERT EARL FRALEY.

Os dois tiveram participação neste esforço.

Kip me incentivou muito a escrever o livro.

Robert cuidou de que eu tivesse tempo para escrevê-lo.

Nenhum de nós sabia que logo eles estariam

com Aquele que é o foco deste trabalho.

# SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

1. Escalando um muro imenso
2. Rumo a um lar celeste
3. A anatomia da fé e a busca da razão
4. Uma degustação para a alma
5. Deus é a fonte do meu sofrimento?
6. Quando Deus ficou calado
7. Existe um jardineiro?

# AGRADECIMENTOS

Com a ajuda e o apoio de muitos, este livro finalmente tomou forma. Expresso minha sincera gratidão a todos eles.

Danielle DuRant proporcionou, como sempre, um apoio inestimável na pesquisa e assumiu a tarefa enfadonha de localizar as fontes das citações.

As editoras Jan Dennis e Jennifer Stair foram de grande valia na solução dos contratempos.

Laura Kendall juntamente com o grupo editorial W Publishing Group costurou tudo no final. À liderança do W Publishing Group — David Moberg, Joey Paul, Rob Birkhead e outros —, quero expressar meus sinceros agradecimentos por suas graciosas palavras de incentivo.

Por último e mais importante, meus agradecimentos à minha esposa, Margie. Ela se debruçou sobre cada página com o máximo de atenção para fazer sugestões que tornam a leitura mais fácil. É com prazer que concedo a ela a última palavra.

Este livro surge como expressão de um coração grato a Deus por tudo o que tem feito em minha vida.

# INTRODUÇÃO

Quando comecei a escrever este livro, eu nem imaginava a tarefa difícil que me aguardava.

Na verdade, a dificuldade não era saber o que dizer, mas saber o que *não* dizer. Vivemos em uma época em que as sensibilidades estão afloradas, muitas vezes expressas com críticas violentas. Filosoficamente, você pode acreditar em qualquer coisa, desde que não afirme que é verdade. Moralmente, você pode praticar qualquer coisa, desde que não afirme que é um comportamento "melhor". Religiosamente, você pode se apegar a qualquer coisa, desde que não ponha Jesus Cristo no meio. Se uma ideia espiritual vem do Oriente, ela recebe imunidade às críticas; se é ocidental, é criticada à exaustão. Dessa forma, um jornalista pode entrar em uma igreja e zombar de suas idiossincrasias, mas não ousaria fazer o mesmo caso a cerimônia fosse de um grupo oriental. Esse é o estado de espírito no final do século 20.

Um estado de espírito pode ser uma condição mental perigosa, pois pode esmagar a razão sob o peso dos sentimentos. Mas é isso mesmo o que eu creio que o pós-modernismo melhor retrata — um estado de espírito.

De que maneira alguém em uma atmosfera como essa comunica a mensagem de Jesus Cristo, cuja verdade e os princípios absolutos não são apenas pressupostos, mas também defendidos?

Bem, para começar, que fique bem claro que Jesus não era um ocidental. Aliás, algumas de suas parábolas eram tão orientais que creio que boa parte do Ocidente talvez não tenha percebido a dureza e o humor daquilo que ele disse. O que

aconteceu no Ocidente é que o impacto de Jesus ao longo dos séculos foi sentido de forma tão forte que o *éthos* e o impulso moral de sua mensagem mudaram o curso da civilização ocidental. O naturalista ocidental, com uma atitude de total arrogância, não enxerga isso. Agora, depois que o avanço tecnológico, a riqueza e o empreendedorismo se entreteceram de tal maneira em torno da mensagem de Jesus, modelos populares do cristianismo aparecem como nada mais que egoístas e gananciosos no seu âmago, com fios de pensamento cristão na periferia. Essa adulteração tem merecido, com razão, a censura severa do crítico. Mas faríamos bem em lembrar o que Agostinho disse: nunca devemos julgar uma filosofia por seus excessos. Deixando isso de lado, a maneira que Jesus falou, os provérbios que disse, as histórias que contou e o próprio contexto em que abordou as questões estavam imersos em uma maneira oriental de se expressar. Não esqueçamos isso.

Mas, se o mundo ocidental tem sido culpado de adulterar a mensagem de Jesus, deixando-a irreconhecível, com frequência o mundo oriental tem esquecido que, de forma irresponsável e por sua própria culpa, tem deixado um grande número de crenças religiosas, às vezes bizarras, passarem sem nenhuma crítica. Tomemos, por exemplo, várias formas de culto e práticas orientais. Enquanto escrevia este livro, aconteceu de eu estar em vários desses ambientes. Em um deles, os devotos tinham um grande número de ganchos cravados no corpo. Facas traspassavam seu rosto, e pequenas lanças atravessavam sua língua. Imagens como essas aterrorizam os visitantes e as crianças. É preciso perguntar: Por que os mesmos pensadores que criticam toda e qualquer forma de espiritualidade ocidental não condenam isso?

Mais perto de nós, vemos os textos de Deepak Chopra, que ensina uma doutrina de espiritualidade, sucesso e prosperidade entretecida a partir de ensinamentos védicos, carma e autodeificação. Em contraste, vemos milhões de pessoas comprometidas com essa cosmovisão implícita vivendo em

pobreza degradante. Será que de alguma forma elas erraram o alvo? O que está errado com esse quadro? É possível ver de imediato que cada religião tem de enfrentar a responsabilidade de responder às perguntas que lhe são apresentadas.

Inúmeros outros debates podem ser levantados, mas a questão básica permanece a mesma.

Em consequência de tudo isso, graves distorções têm entrado em voga. Alguns defensores de outros credos religiosos falam sobre o "mito da singularidade do cristianismo". Outros declaram que é errado alguém propagar sua fé e que a ideia de "conversão" deve ser banida.

Esse estado de espírito leva a uma tirania sem igual.

A realidade é que, se a religião deve ser tratada com respeito intelectual, então tem de passar pelo teste da verdade, independentemente da tendência existente. Este livro é uma defesa da singularidade da mensagem cristã.

Quando eu o concluí, senti que gostaria de ter dito mais e apresentado mais argumentos, mas o ambiente atual talvez não se preste a nada além disso.

O caminho que segui foi apresentar uma clara diferença entre Jesus e qualquer outro pretendente à condição de Deus ou de profeta. Selecionei seis perguntas às quais Jesus respondeu de uma forma que ninguém mais teria respondido. Um oponente talvez discorde das respostas dele, mas, quando essas respostas são consideradas na sua totalidade, os adversários não conseguirão questionar sua singularidade. Creio que cada uma das respostas é fascinante, e eu gostaria de ter podido fazer justiça a cada pergunta. No ritmo em que avançavam, os capítulos estavam se tornando cada vez mais longos, à medida que era necessário tratar os assuntos de forma adequada.

A dificuldade em limitar o comprimento dos capítulos foi agravada pelo fato de que eu também precisava contrastar as

respostas com as de outras religiões importantes. De longe, a pergunta mais difícil de tratar foi aquela feita a Jesus sobre a dor e o sofrimento. Dividi esse capítulo em três partes.

O capítulo final não é uma pergunta feita a Jesus, mas uma pergunta feita em seu nome a seus seguidores e aos céticos que dele duvidam. Fazia todo sentido concluí-lo dessa maneira.

Conforme você logo notará, não apresentei as respostas de Jesus em contraste com cada religião que oferece respostas sobre esses assuntos. Tratei apenas daquelas que ainda atraem um grande número de seguidores ao redor do mundo: islamismo, hinduísmo e budismo.

Tenho de dizer mais uma coisa. Percorri milhares de quilômetros enquanto escrevia o livro; fiz isso não apenas pelo livro em si, mas também por causa dos convites para falar em várias partes do mundo. Visitei templos, mesquitas e outros espaços religiosos. Conversei com estudantes em universidades em que a religião predominante não é a cristã. No decorrer do processo, conheci algumas pessoas excelentes e graciosas. Por natureza, sou alguém relacional. Aprecio conversar, em especial ao redor da mesa, comendo com pessoas com quem acabei de fazer amizade. Uma dessas pessoas foi o camareiro de um hotel onde eu estava hospedado. Ele é muçulmano. Todos os dias, quando entrava para arrumar o quarto, ele também me preparava uma xícara de chá, e conversávamos. Em seu dia de folga, ele me levou para ver sua cidade, e visitamos muitos locais de adoração. Jamais o esquecerei. Gostaria de ver mais pessoas demonstrarem a bondade que ele demonstrou e a cortesia que sempre ofereceu.

E é isso que quero destacar. Podemos ter cosmovisões totalmente opostas sem raiva e sem distribuir ofensas. Aquilo em que acredito, acredito com muita seriedade. E é por causa disso que escrevi o livro. E, para não usar dois pesos e duas medidas, tenho de questionar qualquer coisa contrária.

Minha sincera oração é que, ao ler este livro, você julgue a mensagem cristã com base na verdade, não no estado de espírito de nossa época. O estado de espírito muda. A verdade não.

# 1

# ESCALANDO UM MURO IMENSO

Começo com um incidente que ocorreu comigo e provoca um turbilhão de emoções em mim. Alguns acontecimentos são fáceis de relembrar. Outros, quando relembrados, doem como uma ferida reaberta, mesmo com o passar do tempo. Somente por tal razão, dentre todas as minhas lembranças do passado, considero essa bem difícil de tornar a contar. Apenas porque os anos que se passaram me ajudaram a olhar além das feridas antigas é que consigo trazer para o presente esse momento, ocorrido muito tempo atrás. Mas, mais do que isso, é bem possível que, junto com um punhado de outros, esse triste acontecimento tenha começado minha jornada rumo a Deus, ao me levar a uma freada brusca e ao me forçar a fazer a mim mesmo algumas perguntas difíceis.

Eu tinha dezesseis anos de idade e fazia um curso técnico que permitia concluir o ensino médio de forma mais rápida. Certo dia, depois de as aulas terminarem normalmente, eu estava voltando para casa de bicicleta, sem suspeitar o que me aguardava. Do meu ponto de vista esse tinha sido um dia rotineiro, tão normal quanto qualquer outro. Mas ele ia terminar de forma diferente.

Quando fiz a curva e entrei em nosso quintal, vi algo que era totalmente fora do comum. Usualmente meu pai nem mesmo estaria em casa nessa hora, mas lá estava ele, parado, com os braços estendidos de um lado a outro da porta, como se quisesse barrar minha entrada em casa. Eu o cumprimentei

com um olhar furtivo, e ele não deu nenhuma resposta. Senti seus olhos me fuzilarem, o que levou meu coração a ver que isso prenunciava sérios problemas.

Minha relação com meu pai deixava muito a desejar, e minha vida sem rumo era motivo de imensa frustração para ele. Posso dizer com toda franqueza que eu o temia de maneiras que até hoje não sei se entendo muito bem. Esse foi um momento que jamais esquecerei.

— Como foi a escola? —, ele perguntou.

Era uma pergunta que ele nunca havia feito antes. Em geral meu boletim respondia à pergunta, dando ocasião a discussões tensas. Eu devia ter percebido que ele tinha um motivo para perguntar nesse dia, mas, sem nenhuma suspeita, respondi:

— Sem problema.

Seria difícil reproduzir as exatas palavras que ele pronunciou em seguida, mas a raiva torrencial que descarregou sobre mim e a surra que recebi me deixaram tremendo e soluçando. Caso minha mãe não tivesse intervindo, eu poderia ter ficado seriamente machucado. Meu engodo tinha acabado. Um jogo em que eu havia me metido de maneira insensata tivera um final desastroso, sem nenhum vencedor.

A verdade é que eu não tinha ido à escola naquele dia. Aliás, fazia algum tempo que eu não ia lá. Havia passado os dias perambulando de bicicleta pelas ruas, procurando uma partida de críquete para ver ou talvez até mesmo para participar. Sem assistir às aulas, eu aparecia para os exames e era aprovado, mas com notas baixas. De que maneira esperava escapar impune com essa artimanha é algo que jamais saberei. Mas o erro tem um jeito de roubar até mesmo o bom senso de alguém.

Antes de mais nada, por que tudo isso tinha acontecido? Alguém talvez pense que o episódio todo apenas indicava uma intensa aversão pela escola. Mas havia bem mais do que isso.

Ninguém que me conhecesse jamais teria suspeitado da profundidade do vazio dentro de mim. Eu era um daqueles adolescentes que se debatiam muito por dentro, sem scber onde procurar respostas. Além disso, eu não sabia sequer se existiam respostas aos meus anseios mais profundos. Será que todo mundo que eu conhecia enfrentava a mesma intensidade de questionamento, mas conseguia esconder isso melhor? Ou será que o ceticismo é a condição de apenas uns poucos infelizes? Dizendo isso com todas as letras, para mim a vida simplesmente não fazia sentido. Todos os anseios reprimidos e reunidos não passavam de um desejo que não tinha nenhuma possibilidade de se realizar. A descrição que Jean-Paul Sartre faz da vida como uma paixão inútil parecia bem adequada. É provável que esse confronto com meu pai resumisse tudo o que estava me rasgando por dentro.

Naquela noite, fiquei de castigo de frente para um muro. É bem possível que esse castigo tenha sido uma metáfora bastante apropriada da minha vida. Minhas lutas mais prementes haviam me aprisionado, e, naquelas horas, carregado de remorso, eu me perguntava como conseguiria um dia me libertar para respirar o ar puro de uma vida sem algemas.

O poema "The ballad of Reading gaol" [Balada do cárcere de Reading], escrito por Oscar Wilde na prisão, expressa isso muito bem:

> Nunca vi homens tristes que olhavam
> com olhar tão melancólico
> para aquela pequena tenda azul
> que nós, prisioneiros, chamamos de céu,
> e para cada nuvem descuidada
> que passava alegre e feliz.

Eu era um daqueles "homens tristes", embora nunca o demonstrasse. Tinha aquele anseio melancólico por ser livre. Assim, por mais sombria que tenha sido aquela noite, ela

punha em perspectiva os muros que pareciam irremovíveis. Eu tinha de encarar a realidade para poder chegar a encontrar uma maneira de entendê-la.

A busca intensa da alma que começou naquela noite iria afinal conduzir-me à pessoa de Jesus Cristo. Como isso aconteceu em uma cultura que é estritamente panteísta e que (pelo menos no papel) do ponto de vista religioso abrange todas as coisas é um milagre em si. Gostaria de descrever algumas dessas etapas para você.

## VENDO OS MARCOS EM RETROSPECTIVA

Identificar momentos decisivos não é uma tarefa fácil. Em um esforço exaustivo de ser ao mesmo tempo justo e realista, tenho examinado alguns marcos pelos quais passei e gostaria de levá-lo ao ponto de partida do meu raciocínio. Em uma perspectiva cronológica, é possível, de maneira errada, interpretar a sequência como uma experiência que levou a uma argumentação. Todavia, olhando o caminho percorrido anos depois, posso ver que, do ponto de vista lógico, o argumento precedeu a experiência e, com o tempo, foi sustentado por ela. Este capítulo de abertura começa, portanto, com a minha vida, mas os capítulos seguintes se baseiam no argumento.

O objetivo deste livro é expor para você, leitor, a razão pela qual creio firmemente que Jesus Cristo é quem ele reivindicou ser — o Filho do Deus vivo, aquele que veio buscar e salvar uma humanidade perdida. Em um momento de nossa história cultural em que o Ocidente está se parecendo mais com o Oriente e o Oriente está tentando imitar o Ocidente às escondidas, isso é muito necessário. As religiões estão tendo um ressurgimento, mas, com frequência, como um hibridismo de técnicas ocidentais de marketing e mitologia oriental — uma combinação devastadora de sedução por meio da mídia e do misticismo. A primeira vítima dessa mistura é a verdade e, por consequência, a pessoa de Deus.

No entanto, para que o espírito humano sobreviva e cada área legítima do conhecimento se expresse de forma fecunda, a verdade não pode ser sacrificada no altar de uma pretensa tolerância. Está bem claro que todas as religiões não podem ser de igual modo verdadeiras. Algumas crenças são falsas, e sabemos que são falsas. Portanto, não adianta endeusar a noção de tolerância, como se tudo pudesse ser igualmente verdadeiro. Considerar que todas as crenças são igualmente verdadeiras é um completo absurdo pela simples razão de que a negação dessa declaração também seria então verdadeira. Mas, se a negação da declaração também é verdadeira, segue-se que nem todas as religiões são verdadeiras.

Na vida real, na luta entre o certo e o errado, entre a justiça e a injustiça, entre a vida e a morte, todos percebemos que a verdade de fato importa. Jesus Cristo falou repetidas vezes sobre o valor supremo da verdade. Embora sua vida tenha sido cuidadosamente examinada mais do que a de qualquer outra pessoa, é notável que até mesmo os céticos têm admitido que a vida e o impacto que ele exerceu não têm paralelo. Esta é, por exemplo, a opinião de um estudioso muito respeitado, o famoso historiador W. E. H. Lecky:

> O caráter de Jesus tem sido não apenas o mais alto padrão de virtude, mas também o mais forte incentivo à sua prática, e tem exercido uma influência tão profunda que em verdade é possível dizer que o simples registro de três anos de vida ativa tem feito mais para regenerar e abrandar a humanidade do que todos os discursos dos filósofos e todas as exortações dos moralistas.[1]

Historiadores, poetas, filósofos — e uma série de outros — têm considerado Jesus o ponto central da história. Ele mesmo fez uma declaração radical e ousada quando disse ao apóstolo Tomé: "… Eu sou o caminho e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Cada palavra dessa declaração questiona as crenças fundamentais da cultura indiana da qual eu venho e, na realidade, opõe-se na prática ao mundo inteiro hoje.

Apenas examine as reivindicações implícitas nessa declaração. Em primeiro lugar e acima de tudo, ele afirmou que existe só um caminho para Deus. Isso choca as mentalidades e os ambientes pós-modernos. Há muito tempo o hinduísmo e o bahaísmo questionam o conceito de um único caminho para Deus. A religião hindu, com seu sistema multifacetado de crenças, ataca com veemência essa exclusividade.

Jesus também de maneira inequívoca declarou que Deus é o autor da vida e que o significado da vida está em ir até ele. Essa afirmação seria categoricamente negada pelo budismo, que é uma religião não teísta ou talvez ateísta.

Jesus se revelou como o Filho de Deus que mostrou o caminho para o Pai. O islamismo considera essa reivindicação uma blasfêmia. Como Deus pode ter um Filho?

Jesus afirmou que podemos conhecer a Deus de modo pessoal e conhecer a natureza absoluta de sua verdade. Os agnósticos negam tal possibilidade.

É possível prosseguir nessa linha de raciocínio e ver que cada afirmação que Jesus fez acerca de si mesmo questionava as pressuposições mais básicas de minha cultura sobre a vida e o sentido da vida. (É claro que é importante lembrar que, na conjuntura indiana, essas religiões básicas também não estão em harmonia umas com as outras. Buda foi hindu antes de rejeitar algumas das doutrinas fundamentais do hinduísmo e conceber o caminho budista para substituí-las. O islamismo difere do hinduísmo de forma radical.)

Por ironia, foi Tomé, aquele mesmo apóstolo a quem Jesus falou essas palavras, que levou as reivindicações exclusivas de Cristo para a Índia e pagou pela mensagem do evangelho com a vida.

Será que Jesus era quem reivindicava ser? Será que a reivindicação cristã de exclusividade é um mito? Será que

alguém consegue estudar a vida de Cristo e demonstrar de maneira conclusiva que ele era e é o caminho, a verdade e a vida? Essa é a pergunta que me proponho a responder neste livro. Creio que existem dados esmagadores para respaldar as reivindicações de Jesus. Começo com minha história pessoal apenas para contextualizar como a minha própria jornada começou e como cheguei à conclusão de que Jesus é quem ele disse que é.

## UM VISLUMBRE PERIGOSO

É compreensível que nessas reflexões preliminares haja uma insegurança pessoal. Como é que digo o que quero dizer sem ferir ninguém ou, no tocante ao tema, sem ferir nenhuma cultura? É difícil. O lar e a cultura são os berços preciosos em que a pessoa é criada. Encontro-me dilacerado pelo amor à verdade e pelo custo da sinceridade.

O perigo dessa empreitada me impressionou alguns meses atrás, enquanto lia o tocante livro *Into thin air* [*No ar rarefeito*], de Jon Krakauer. O autor relata a subida ao monte Everest por um grupo de alpinistas do qual fazia parte. Eu me identifiquei com o seu aflito pedido de desculpas, feito no final do livro, a muitos dos familiares daqueles que perderam a vida na subida, pedido de desculpas que foi resultado dos erros que havia cometido em algumas de suas lembranças mencionadas de início. Escrevendo tão imediatamente depois da tragédia, ele se viu contando detalhes de forma errônea, o que mais tarde o levou a corrigi-los ou a se retratar. Ele admitiu que, caso tivesse esperado um pouco mais antes de redigir seu relato, teria estado menos propenso a esses erros.

Contudo, o problema não era apenas esse, e aí estava a dificuldade. Parte daquilo que ele havia dito descrevia mal não apenas a ele, mas também não fazia jus ao caráter ou aos esforços de outros. Por isso ele estava deveras arrependido. Esse último erro é muito grave, pois alguém pode desnudar a

própria vida pagando o preço disso, mas não ao custo da confiança sagrada de outra pessoa. Prestarei bastante atenção a essa advertência, e, caso tenha falhado, é apenas porque suprimir os incidentes seria distorcer a verdade da minha luta.

Agora posso desfrutar a vantagem de olhar para o passado de uma certa distância. O Jesus que conheço e amo hoje eu encontrei com a idade de dezessete anos. Mas seu nome e seu impulso em minha vida significam infinitamente mais agora do que quando no início entreguei minha vida a ele. Eu vim a ele porque não sabia qual caminho tomar. Permaneci com ele porque não há nenhum outro caminho que eu quisesse tomar. Vim a ele ansiando por algo que eu não tinha. Continuo com ele porque tenho algo que não trocarei por nada. Vim a ele como um estranho. Permaneço com ele na mais íntima das amizades. Vim a ele sem certeza sobre o futuro. Permaneço com ele tendo certeza do meu destino. Vim em meio aos gritos estrondosos de uma cultura que tem 330 milhões de deuses. Permaneço com ele sabendo que a verdade não pode incluir tudo. Por definição a verdade exclui.

Quando você cresce no Oriente, ouve milhares e milhares de vezes: "Todos nós seguimos por caminhos diferentes e terminamos no mesmo lugar". Mas eu lhe digo que Deus não é um lugar, nem uma experiência, nem um sentimento. Culturas pluralistas são enganadas pela ideia superficialmente educada de que a sinceridade ou o direito por nascimento são tudo o que conta e que a verdade está sujeita ao espectador. Em nenhuma outra área da vida alguém pode ser tão ingênuo a ponto de reivindicar que a crença herdada ou a crença resoluta é a única determinadora da verdade. Por que, então, cometemos o erro catastrófico de pensar que todas as religiões são certas e que não importa se as reivindicações que fazem são objetivamente verdadeiras?

Nem todas as religiões são iguais. Nem todas as religiões apontam para Deus. Nem todas as religiões dizem que todas as

religiões são iguais. No âmago da *cada* religião há um compromisso intransigente com um modo particular de definir quem Deus é ou não é e, por conseguinte, de definir o propósito da vida.

Alguém que reivindica que todas as religiões são iguais revela não apenas ignorância acerca de todas as religiões, mas também uma visão caricata até mesmo das mais conhecidas. Em seu cerne, cada religião é exclusiva.

No entanto, quando jovem, absorvi de maneira subliminar em minha vida o conceito de "muitos caminhos". Fui condicionado a essa maneira de pensar antes de descobrir seus preconceitos escondidos. Levei anos para descobrir que o clamor por abertura nunca é aquilo que professa ser. O que a pessoa quer dizer quando diz: "Você tem de ser aberto a tudo" é, na realidade: "Você tem de estar aberto a tudo aquilo a que eu estou aberto, e qualquer coisa de que eu discorde você também tem de discordar".

A cultura indiana tem essa casca de abertura, mas é demasiado crítica de qualquer coisa que sugira um questionamento dela. Não é por acaso que dentro dessa cultura chamada de tolerante teve origem o sistema de castas. Filosofias totalmente abrangentes só podem surgir à custa da verdade. E nenhuma religião nega suas crenças fundamentais.

Dentro desse relativismo sistêmico, as pessoas tendem a ficar à deriva e flutuar com a maré cultural e não refletir sobre a natureza implacável da realidade. É assim que a vida é vivida em culturas panteístas. Sem dúvida, há uma riqueza intelectual que construiu uma cultura impressionante para mais de um bilhão de pessoas, uma cultura que tem desafiado a penúria econômica, a turbulência política e a hostilidade religiosa existentes naquilo que seu povo chama de "Mãe Índia".

Ninguém tem o privilégio de escolher onde nasce. Ainda assim, as palavras do poeta — "Respira com uma alma tão

morta o homem / Que jamais disse para si mesmo / 'Esta é minha própria terra, minha terra natal'"[2] — soam dolorosamente verdadeiras. Nesse ambiente cultural, minha vida, minha língua e meus valores foram moldados e testados. Sempre serei grato por esse privilégio e pelas preciosas dádivas que minha cultura me concedeu. Espero jamais deixar para trás as canções, a língua e os sonhos que ela instilou em mim. Mas uma busca pelo Deus único e verdadeiro em uma terra cheia de deuses é uma tarefa bem intimidadora. As religiões têm uma história conturbada, e parte dela é repreensível.

Na condição de herdeiro da complexidade dessa cultura, cresci com muros de desespero silencioso que pouco a pouco iam sendo construídos dentro de mim e que me moveram momento após momento até um ponto de crise pessoal. Ouvi dizer que cada fraqueza em uma pessoa capaz é, em geral, um ponto forte que foi objeto de abuso. O mesmo se aplica à cultura. No contexto da minha criação, os abusos daqueles pontos fortes da cultura confirmaram esse ditado.

## VULNERABILIDADE NOS PONTOS FORTES

Em primeiro lugar e acima de tudo, existe o ponto forte da família nuclear. Conforme eu sabia, a cultura reforça a família imediata e a trata com uma louvável reverência. Na Índia os laços de família são apertados com firmeza. Mas esse ponto forte se torna com facilidade vulnerável a abusos. Muitos pais parecem procurar reviver sua vida nos filhos, e o sucesso dos filhos faz a família ascender no âmbito social. A individualidade é engolida pelo clã. Todos os dias, centenas de anúncios são publicados pelos jornais do país naquilo que é chamado de seção matrimonial — pais à procura de cônjuges para os filhos. Cada noivo e noiva em potencial é anunciado como alguém procedente de "um bom lar" e à procura de alguém de "um bom lar". "Meu filho é engenheiro." "Minha filha é médica." "Meu filho passou em primeiro lugar na

escola." "Minha filha ganhou uma bolsa de estudos no exterior." É assim que as pessoas se vangloriam nas reuniões sociais. Tudo é feito para manter a família bem unida, havendo reverência pelo desejo dos pais em tudo, desde empregos até casamento.

Para mim, o ponto forte do lar também foi o solo para as sementes de solidão que cresciam dentro de mim. Meu lar girava em torno de um fato de importância vital: um pai muito bem-sucedido e influente que não conseguia aceitar um filho indisciplinado que ficava flertando com o fracasso em várias áreas. O pai tinha um poder elevadíssimo. O que seria do filho?

A segunda dimensão, além do vínculo familiar, é a realidade social da intensa competição acadêmica. Tudo o que define uma pessoa e seu futuro é moldado por seu desempenho na escola. Cada aluno quer ser o primeiro da classe. Não basta sair-se bem. Você tem de estar entre os melhores da classe ou perto deles. O intelecto é cultuado.

Quando eu estava na escola, as notas e a classificação de cada aluno na classe eram publicadas nos principais jornais para todos verem. O sucesso ou o fracasso eram motivo de orgulho ou vergonha diante do público. Um dos meus melhores amigos chegou a pensar em suicídio depois de prestar os exames finais de ensino médio porque não ficou em primeiro lugar em toda a cidade de Nova Delhi. Outro dos meus colegas de escola se matou, pondo fogo no próprio corpo, porque suas notas ficaram abaixo do esperado.

Tal distorção que tem feito mal a tantas pessoas ainda permeia muitas culturas. É algo claramente errado, mas valorizado com ardor.

Essa combinação da norma em casa e do padrão na sociedade tornou-se uma mistura volátil em minha vida. Desde cedo dei sinais de que não seria motivo de um pai poderoso se

vangloriar. Isso não foi deliberado; era apenas uma questão de ter ou não capacidade na busca de um propósito. A vida se arrastava enquanto o longo braço da pressão cultural ia aos poucos e de forma sorrateira avançando sobre mim, e eu sabia que não passaria no teste.

Todas as manhãs acordávamos com homens e mulheres do lado de fora de casa, esperando para terem apenas um minuto do tempo de meu pai. Ele tinha a chave para numerosos postos de trabalho e contatos. Com as mãos juntas, suplicavam por uma chance de emprego. Caminhando até o carro, ele lhes acenava com a cabeça, como se dissesse: "Deixe comigo". E a verdade é que muitos foram ajudados pelos relacionamentos que ele tinha. Dezenas de pessoas reverenciavam seu nome por causa desse poder. Será que um dia eu também não poderia me beneficiar de sua influência? Mas por trás dos bastidores havia muito mais do que uma explicação simplista poderia oferecer.

Além disso, meu pai tinha um lado sombrio. Em sua posição de destaque, ele lutava com um temperamento volátil. Minha falta de foco na vida deixava a situação sempre à beira de uma crise. Essa combinação iria nos levar a um relacionamento do qual agora me arrependo. Agradeço sempre a Deus porque as coisas não terminaram da mesma maneira que começaram.

Por maior que fosse seu empenho em me proporcionar uma carreira brilhante, eu tinha um desejo igualmente forte de viver para a área de esportes — algo que eu amava e pelo que ele não tinha nenhum interesse. Ele tinha um objetivo. Todo menino desejava, enquanto crescia, tornar-se um jogador de críquete e jogar pela Índia, assim como cada garoto de Nova York quer jogar pelo time dos Yankees. Mas eu me revelei relativamente promissor. Joguei por muitas equipes de minha escola — críquete, hóquei, tênis e tênis de mesa —, apesar disso nem uma única vez meu pai foi me ver jogar, mesmo nos jogos

importantes. Estávamos marchando ao toque de tambores diferentes.

Ao longo desses anos nunca perdi o respeito por ele. Até hoje creio que meu pai foi, de fato, um homem bom, até mesmo um grande homem, mas ele não sabia como se aproximar de uma criança que sofria e se debatia. Eu, de minha parte, me fechava em meus pensamentos e vivia com minha própria dor pessoal. Ao longo dos anos vim a crer que essas coisas importam mais do que as pessoas comuns talvez percebam, mas talvez menos do que os extremistas nos levariam a imaginar. De alguma forma, aprendemos a lidar com tais situações, exceto pelo fato de que elas nos colocam à beira da autorrejeição e nos tornam mais vulneráveis quando os sonhos são desfeitos.

Deixe-me ilustrar o que estou dizendo.

Há alguns anos um ex-atleta olímpico veio me visitar. Ele estava procurando algum rumo para sua vida. Era um homem forte e robusto. Foi um privilégio estar ao lado dele — só pela esperança de que músculos fossem contagiosos!

Ele me contou sobre o período em que esteve representando seu país nos Jogos Olímpicos. Era uma história de sonhos que haviam lutado contra um pesadelo potencial. Desde os doze anos de idade, os Jogos Olímpicos tinham sido tudo pelo qual se esforçava. Ele havia investido cada centavo que ganhou e cada compra feita para um dia tornar-se um medalhista de ouro no evento que amava. Estava totalmente concentrado nisso. Era isso o que queria. Mas ele tinha um relacionamento muito turbulento com o pai, que não tinha nenhum interesse nesse sonho dele, por isso havia obtido sozinho cada centavo.

Quando tinha apenas dezessete anos, filmou o campeão do mundo no evento para o qual estava treinando e analisou cada passo do campeão, observando quadro a quadro, para estudar sua técnica. Então providenciou que ele próprio fosse filmado

fazendo a mesma distância e correspondesse ao campeão, passo a passo. Decidiu acabar com essa diferença mediante a identificação de onde exatamente estava perdendo segundos preciosos para o campeão do mundo. Por meio de extrema força de vontade, disciplina e coragem, seu objetivo estava agora ao seu alcance.

Ele se classificou para participar da equipe de seu país, e de repente a vida era como estar em cima de uma nuvem flutuante. Venceu todas as eliminatórias e, quando chegou à final, havia se tornado a surpresa da competição e o vencedor em potencial. Era um sonho ou era real? Não, era real, repetia para si mesmo.

Ele estava no ponto de largada da final, e seu país estava assistindo. Milhões torciam por ele, e corações estavam acelerados, esperando que essa história de "sucesso de um garoto muito esforçado" chegasse às manchetes no dia seguinte. Aliás, eu me lembro de assistir ao evento. O tiro estava prestes a ser dado, sinalizando o início. Esse era o momento que ele havia aguardado durante a maior parte da vida. Mas a mente, apesar de toda sua tenacidade e determinação, também é um celeiro de anseios não pronunciados.

"Do nada", ele disse, "um pensamento inesperado inundou de súbito a minha mente: 'Será que meu pai está me vendo?'".

Esse pensamento não previsto tomou conta dele por um momento e pode ter acrescentado uma fração de segundo ao seus dois primeiros passos, roubando-lhe a medalha de ouro. Com grande mérito, ainda assim ganhou o bronze. Ser o terceiro mais rápido do mundo não é um feito insignificante. No entanto, para ele a vitória na pista perdeu o brilho quando comparada com os anseios mais profundos da vida: a aprovação daqueles a quem você ama. Mal sabia esse atleta olímpico como meu coração batia acelerado enquanto

compartilhava essa história comigo. Eu entendi bem sua situação.

Os sonhos juvenis podem ser delirantes, mas nunca são corrigidos por meio da ridicularização. Eles têm de ser guiados por uma voz amorosa que conquistou o direito de ser ouvida, não por uma voz imposta pelo poder. Essa é uma lição muito difícil para os pais aprenderem. E, à medida que as culturas perdem seu poder de refrear, haverá maior necessidade de amor e respeito mútuos entre pais e filhos, para que uma relação de confiança seja construída, em vez de depender da autoridade baseada na posição.

É provável que as palavras mais dolorosas que já ouvi de meu pai tenham sido: "Você nunca chegará a ser alguém na vida!". E, para ser sincero, parecia que ele estava certo. Ele só estava tentando me fazer cair na realidade. O apoio de minha mãe só conseguia me confortar até certo ponto. Nesse sentido, aquele dia fatídico quando fui de bicicleta para casa foi um ponto crítico em que deveríamos ter sentado e conversado. Mas suponho que a liberdade de conversar não surge no vácuo. O momento oportuno é resultado de horas de preparação.

## ONDE PROCURO PARA ENCONTRAR?

Nossa relação antagônica só ficava pior por causa de um pensamento básico que se perpetuava. Se a vida não tinha propósito, afinal por que tentar resolver a situação? Quando falo sobre propósito e significado, não me refiro apenas a alguma sensação de paz existencial. Quero dizer ter na vida um rumo que sustenta a razão e a emoção. É crucial entender isso.

Agora que moro no Ocidente, acho que, embora muitos jovens aqui se identifiquem com o problema, ele é inexplicavelmente ignorado no mundo adulto. Por que digo isso?

No mundo empresarial, todas as grandes firmas formulam uma definição de missão. Isso, por sua vez, é citado quando se medem os sucessos e os fracassos. Se uma empresa não sabe por que existe, então nunca saberá se está fracassando ou tendo sucesso. Então, sendo assim, quão acusador é contra todos nós o fato de nos empenharmos em determinar uma definição de missão de uma empresa que vende palito de dente ou lápide de cemitério, mas nunca pararmos o suficiente para escrever uma definição de missão para nossa vida como pessoas!

Quando estava para começar a escrever este livro, li um artigo que continha a entrevista com um dos grandes jogadores de críquete da Austrália. Ele está no meio do campeonato mundial de críquete, representando seu país. Tendo de modo geral uma atitude de "posso fazer tudo na vida", balbuciou bem choroso um arrependimento. Exatamente enquanto está disputando essas partidas, sua esposa está prestes a dar à luz o segundo filho deles, a milhares de quilômetros de distância. "Eu tinha ido para o nascimento do primeiro e agora estou longe do nascimento do segundo. Cheguei à conclusão de que o críquete é importante para minha vida, mas não é tudo."

No entanto, isso levanta uma pergunta, não é mesmo? O que é tudo? Alguma coisa é tudo? Por que estamos tão ávidos em provar ao mundo que somos os melhores naquilo que fazemos e não nos importamos com aquilo que somos ou quem somos?

Como eu queria que tivesse havido respostas para mim a tais perguntas. Talvez tenha havido, mas não conseguia discerni-las em meio à inundação de vozes em uma terra religiosa. O propósito é para a vida aquilo que o esqueleto é para o corpo. O músculo pode ter força, mas precisa de ponto de apoio e fixação. As minhas buscas, todas elas, não tinham nenhuma estrutura de apoio. A vida seguia à deriva com afetos e esportes, mas sem um propósito final.

Pense apenas nas alternativas que nossas culturas nos têm dado. Prazer, riqueza, poder, fama, destino, bondade, paz, educação, etnia — a lista prossegue sem parar. E, quando nada disso funciona, abraça-se uma mistura de espiritualidade e pragmatismo. Mas, para começar, essas buscas não nos dizem por que estamos aqui. Essas buscas podem ser maneiras de organizar a vida, mas será que a vida deve ser definida por aquilo que eu busco ou será que minha busca deve ser definida por aquilo que a vida deve ser?

Em uma cultura em que o lado acadêmico é o mais importante e a minha vida não estava à altura dele, uma cultura em que existe abundância de filosofia, mas em que o propósito nunca é revelado, para onde eu poderia me voltar? A perda derradeira é a perda do respeito, quando o fracasso ocorre. Essa coisa que chamamos de vergonha está profundamente enraizada no idioma híndi, tanto que, quando alguém fracassa, parte da censura é ser rotulado de pessoa desavergonhada. Aquela noite pareceu como se eu tivesse perdido o respeito para sempre, e meu castigo era tanto uma metáfora quanto uma realidade.

## O QUE PROCURAVA DESCOBRE QUE É PROCURADO

Em algum lugar no meio de toda essa agitação, o Caçador do Céu estava me seguindo pelo caminho. Agora que olho por cima do ombro, vejo suas pegadas por toda parte. Aliás, ele estava mais perto do que eu imaginava. Em retrospecto, agora posso ver que o rastro é evidente, mesmo nos momentos mais sombrios. Quando você vive em uma casa pequena de dois quartos com quatro irmãos e pai e mãe, não é possível fugir para um esconderijo. Ainda assim, é absolutamente incrível como alguém consegue se esconder dentro de si mesmo.

No entanto, a obra de Deus havia começado muito tempo antes. Certo dia, assim sem mais nem menos, minha irmã foi

convidada para uma atividade para jovens em que haveria música e um palestrante. Ela me convidou para ir a essa reunião com ela. Nessa ocasião, o palestrante era um homem de fora que, embora me fosse estranho por completo, era um líder cristão respeitado internacionalmente.[3] Minhas recordações da reunião são obscuras demais para me lembrar com exatidão de tudo o que aconteceu. Mas de uma coisa eu sei. Ele falou sobre um texto que talvez seja o mais conhecido da Bíblia: "Porque Deus amou de tal modo o mundo que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16, KJV).

Ainda mais poderoso do que aquilo que ele disse era seu comportamento, e seu coração se revelava por meio de suas palavras. Havia tanto ternura quanto autoridade. Não estando acostumado a esse tipo de reunião, eu me vi caminhando visivelmente sozinho até a frente quando ele fez o convite para confiar em Jesus Cristo como meu Senhor e meu Salvador. Embora eu tivesse sido criado em uma igreja, tinha tão pouca esperança de que sua mensagem tivesse alguma relação com a vida que captei apenas uma parte do que ele disse. Nenhuma dessas coisas tinha qualquer significado para mim. Esse vocabulário me soava estranho. Eu só sabia que minha vida estava errada e que eu precisava de alguém para endireitá-la. Queria novos apetites, novos anseios, novas disciplinas e novos amores. Eu sabia que Deus devia se importar. Eu só não sabia como encontrá-lo.

Naquela noite fui embora com a percepção em minha mente de que a mensagem tinha algo bem verdadeiro, ainda que eu não a tivesse entendido na totalidade. Apesar de minha confusão, algo muito importante aconteceu. Enquanto as semanas passavam, continuei a frequentar todas as festas populares hindus e a assistir com deleite às apresentações teatrais da mitologia hindu. Eu tinha um amigo hindu fervoroso que se esforçou bastante para conseguir que eu abraçasse a visão hinduísta da vida.

Então aconteceu algo bem significativo. Andando de bicicleta, passei por um local de cremação e parei para perguntar ao sacerdote hindu onde essa pessoa, cujo corpo não passava de um monte de cinzas, estava agora.

— Jovem — ele disse —, essa é uma pergunta que você fará a vida inteira, e jamais encontrará uma resposta segura.

"Se é isso o melhor que um sacerdote consegue fazer", eu pensei, "que esperança existe para um iniciante como eu?".

Enquanto os meses passavam sem a explicação adicional de que eu precisava, a contínua perda de significado me levou a um momento trágico. Caso eu tivesse lido o filósofo ateu Jean-Paul Sartre naquela fase da minha vida, ele teria confirmado cada sentimento de isolamento que eu sentia. Dois de seus livros mais vendidos, *A náusea* e *Entre quatro paredes*, descreviam de forma precisa a minha condição. Sartre chegou a dizer que a única pergunta que ele não podia responder era por que não cometeu suicídio. Acaso não é surpreendente que, quando a vida parece sem sentido, os poetas e artistas não temem admitir culpa, ao passo que os racionalistas denunciam essa postura e disfarçam com eloquência quase sem nenhum fundamento?

Minha decisão foi firme, mas calma. Uma saída tranquila salvaria minha família e a mim de qualquer outra falha que eu pudesse cometer. Coloquei meu plano em ação. Por consequência, eu me vi em uma cama de hospital, tendo sido levado às pressas para lá em meio a uma tentativa de suicídio. Naquele quarto de hospital trouxeram-me uma Bíblia, e, na solidão da minha condição, alguém leu uma passagem da Escritura para mim. A mensagem do palestrante daquela reunião de jovens ainda ecoava em meus ouvidos. Eu precisava dela como base para construir. Ele havia pregado, a partir do terceiro capítulo do Evangelho segundo João, acerca do amor de Deus. Agora, no hospital, estavam lendo para mim o capítulo 14 de João, sobre o propósito de Deus.

As palavras desse capítulo foram ditas ao apóstolo Tomé, que, conforme eu disse, veio para a Índia. O monumento em sua memória existe até hoje, a apenas poucos quilômetros do local onde nasci. Lembre-se de que Jesus havia dito a ele: "… Eu sou o caminho e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim". Mas o que captou minha atenção foram umas poucas palavras mais adiante, quando Jesus disse a seus discípulos "… Porque eu vivo, vocês também viverão". De novo eu não tinha certeza quanto a tudo o que isso significava. Eu sabia que significava mais do que vida meramente biológica. Juntando as várias peças — o amor de Deus em Cristo, o caminho que foi providenciado por causa de Cristo e a promessa de vida por meio dele —, naquela cama de hospital eu me comprometi a entregar minha vida e minhas buscas nas mãos de Deus. Os conflitos quanto a meus relacionamentos, minha origem e meu destino foram todos abordados naquela conversa que Jesus teve com seus discípulos dois mil anos atrás. Meu compromisso agora é a negociação mais maravilhosa que já fiz. Entreguei minha vida de maneira completa a Jesus Cristo.

No mesmo poema que citei anteriormente, Oscar Wilde disse:

> E todas as desgraças que o levaram
> a dar aquele grito amargo,
> e os arrependimentos turbulentos e os suores sangrentos,
> ninguém conhecia tão bem quanto eu:
> pois aquele que vive mais de uma vez
> mais mortes tem de morrer […]
> E cada coração humano que se quebra,
> em cela de prisão ou pátio,
> é como aquele frasco quebrado que deu
> seu tesouro ao Senhor
> e encheu a casa do leproso impuro
> com o perfume do mais precioso nardo.
> Ah! Felizes aqueles cujos corações podem quebrar-se

e ganhar paz e perdão!
De que outra forma pode o homem endireitar seu plano
e purificar do pecado a sua alma?
De que outra forma senão por um coração partido
pode o Senhor Jesus Cristo entrar?

Saí um novo homem daquele quarto de hospital. O Senhor Jesus Cristo havia entrado. A transformação foi mais impressionante do que eu jamais poderia ter imaginado. Não há nenhuma outra maneira de descrevê-la. A partir daí, meus anseios, minhas esperanças, meus sonhos e cada um de meus esforços têm sido viver por aquele que me salvou, estudar por aquele que me deu esta mente, servir por aquele que moldou minha vontade e falar por aquele que me deu uma voz.

A paixão de aprender, o reconhecimento do valor do estudo e a necessidade de entender os grandes pensadores e seus pensamentos — tudo isso foi pouco a pouco colocado em seu legítimo lugar. Nosso intelecto não é para ser um fim em si mesmo, mas apenas um meio para chegar à própria mente de Deus. Livros, que no passado eram maldição, tornaram-se uma mina de ouro.

Os hebreus tinham um tema com o qual simbolizavam esse ideal: "Cada homem debaixo da própria figueira". Se o Senhor me permitisse uma metáfora hoje, seria: "Cada homem na própria biblioteca". As mesmas buscas que em certa época me causaram tanta dor íntima são agora para mim o deleite transcendente de meu coração. Mal sabia eu da longa viagem acadêmica que estava à minha frente. Tenho amado essa viagem.

Desde aquele dia tanta coisa tem acontecido que encheria livros e mais livros. Deus tem me dado o privilégio de falar em seu nome em todos os continentes e em dezenas de cidades, apresentando uma defesa da fé cristã em algumas das melhores instituições do mundo. Sou privilegiado além da medida. Sinto-me em casa tanto em Nova Delhi quanto em Atlanta ou

Toronto. Amo os povos deste mundo, cada um com seus sotaques, culinárias e idiossincrasias. Tenho em verdade apreciado o desafio e o privilégio que o fato de ser um apologista cristão colocou em meu caminho. A apologética cristã é a tarefa de apresentar uma defesa da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo. Ao longo dos anos tenho ficado mais convicto do que nunca de que ele é exatamente quem reivindicou ser: Deus encarnado, que veio nos dar a vida em sua plenitude e apontar para nós a beleza e a liberdade da verdade. A empolgação de ver milhares de vidas transformadas é uma emoção que não posso negar.

## O PADRÃO SE REVELA

Agora que me aproximo da conclusão deste capítulo, gostaria de compartilhar de que modo um plano intencional surge quando Deus tece um padrão usando aquilo que, para nós, pode com frequência dar a impressão de serem fios desiguais.

Alguns anos atrás estava visitando um local onde são feitos alguns dos sáris mais bonitos. O sári, como é sabido, é a roupa usada por mulheres indianas. Em geral tem cerca de 5,5 metros de comprimento. Sáris de casamento são uma obra de arte; têm muitos fios de ouro e de prata, reluzindo com uma vasta gama de cores.

O local que eu estava visitando era conhecido por fazer os melhores sáris de casamento do mundo. Eu esperava ver um complexo sistema de máquinas e desenhos planejados que faria cair o queixo. Não foi o que aconteceu! Cada sári estava sendo feito de maneira única por uma equipe de pai e filho. O pai estava sentado em uma plataforma, que ficava entre sessenta a noventa centímetros mais alta do que o filho, e rodeado por vários carretéis de linhas, algumas escuras, algumas brilhantes. O filho fazia apenas uma coisa. Com um aceno do pai, ele movimentava a lançadeira de um dos lados para o outro e de volta. O pai juntava alguns fios nos dedos, acenava mais uma

vez, e o filho movimentava de novo a lançadeira. Isso se repetia por centenas de horas, até você começar a ver o surgimento de um magnífico padrão.

O filho tinha a tarefa fácil: apenas movimentar quando o pai acenasse. O tempo todo o pai tinha o desenho planejado em mente e juntava os fios certos.

Quanto mais reflito sobre minha própria vida e estudo a vida dos outros, mais fico fascinado ao ver o plano que Deus tem para cada um de nós em particular, se tão somente reagirmos de forma positiva a ele. Pequenas lembranças me ocorrem para mostrar os fios que ele tem tecido nesta minha vida. A história seguinte é um pequeno indicador disso.

Quase trinta anos depois de minha entrega a Cristo, minha esposa e eu estávamos visitando a Índia e decidimos visitar o túmulo de minha avó. Eu tinha apenas vagas lembranças do seu funeral, o primeiro funeral de que eu cheguei a participar. Enfrentei o desafio de tentar dizer ao administrador do cemitério o ano da morte dela. Por fim, chegamos ao ano — conforme me recordava, eu tinha talvez nove ou dez anos quando isso aconteceu. Depois de folhear velhos livros de registro maiores do que a mesa dele, afinal encontramos o nome dela. Com a ajuda de um jardineiro, passamos pelas ervas daninhas, sujeira e entulho acumulados no cemitério, até que encontramos a grande placa de pedra que assinalava o seu túmulo.

Por quase trinta anos ninguém havia visitado o seu túmulo. Com um pequeno balde de água e uma pequena escova, o jardineiro limpou a sujeira endurecida e, para nossa absoluta surpresa, abaixo do nome dela pouco a pouco apareceu um versículo. Minha esposa apertou minha mão e disse:

— Olhe o versículo!

Ele dizia: "… Porque eu vivo, vós também vivereis". Conforme eu disse, Deus estava me seguindo pelo caminho

muito antes que eu o soubesse.

Com o passar dos anos temos pesquisado em que momento o evangelho fez suas primeiras incursões em nossa família. Tanto no lado de meu pai quanto no de minha mãe, há cinco e seis gerações, os primeiros crentes vieram da casta mais alta do sacerdócio hindu. A primeira a chegar até o Senhor foi uma mulher. Ela ficou intrigada com a mensagem que missionários levaram ao seu vilarejo e continuou a procurá-los, apesar do terrível desgosto da sua família. Mas certo dia, quando estava prestes a deixar as instalações missionárias para chegar em casa antes que a família descobrisse onde ela estava, as portas das instalações foram trancadas em virtude do surgimento de uma epidemia de cólera no vilarejo. Ela teve de permanecer com os missionários durante várias semanas até passar o período de quarentena. Nesse meio tempo, ela entregou sua vida ao Senhor. Os muros de instalações trancadas foram o meio de levá-la a um encontro face a face com Jesus Cristo.

Nem todos os muros são barreiras. Podem estar ali com um propósito. Quando olho lá atrás para a jornada, uma imagem e dois poetas me vêm à mente. O Novo Testamento nos conta sobre a conversão de Saulo de Tarso. É claro que ele era um terrorista para os cristãos. Deus de forma graciosa o seguiu com seu amor para torná-lo um de seus apóstolos escolhidos. Aqueles que outrora eram seus amigos agora ameaçavam sua vida. Os discípulos o puseram em um cesto e o baixaram pelo muro da cidade para que conseguisse escapar de seus algozes.

Para mim, o tormento ficava dentro. Deus firmou os pés de alguns que me ergueram em um cesto de amor e persuasão e me baixaram pelos muros que eu não conseguiria saltar sozinho. Essa é a graça de Cristo que nos encontra onde estamos.

Aqueles que leem poesia inglesa se lembrarão da vida turbulenta de Francis Thompson. Seu pai desejava muito que ele fosse estudar em Oxford, mas Francis se perdeu nas drogas

e, em mais de uma oportunidade, não conseguiu alcançar a pontuação necessária. Aqueles que o conheciam sabiam que dentro dele havia um gênio adormecido; bastava sua vida ser resgatada.

Quando afinal cedeu ao Cristo perseguidor, Francis Thompson escreveu seu poema imortal "Hound of heaven" [Caçador do céu], em que descreve os anos anteriores ao momento da mudança:

> Fugi dele despencando noites e dias.
> Fugi dele despencando pela arcada dos anos,
> fugi dele despencando por labirintos
> de minha própria mente: E na névoa das lágrimas
> dele me escondi e com riso incontido
> corri atrás de esperanças imaginadas;
> despencando por sombras titânicas de abissais pavores
> desses fortes pés que seguiam, que iam atrás.
> Pois, embora eu conhecesse seu amor que me seguia,
> ainda assim eu estava sofrendo de medo
> de que, tendo-o, eu não tivesse nada mais.
> Tudo o que tirei de ti, apenas tirei
> não para fazer-te mal
> mas apenas para que o buscasses em meus braços.
> Tudo o que o teu infantil engano imagina perdido
> guardei para ti em casa:
> "Levanta! Segura firme minha mão e vem!"
> Param junto de mim esses passos:
> é, afinal, minha melancolia,
> sombra de sua mão, estendida carinhosamente.
> Ó mais querido, mais cego, mais fraco,
> eu sou aquele a quem procuras!
> Afastas de ti o amor, tu que de mim te afastas.

Que dia maravilhoso foi quando parei de correr e, pela força dele, deixei o abraço de seu amor me envolver. As palavras de

um famoso hino de Charles Wesley refletem esse triunfo e a minha história:

> Por muito tempo aprisionado meu espírito se encontrava,
> amarrado firmemente ao pecado e à noite da natureza.
> Teus olhos difundiram um raio vivificador,
> acordei, o calabouço resplandecia com luz.
> Meus aguilhões caíram, meu coração estava livre,
> levantei-me, fui em frente e te segui.[4]

É preciso acrescentar apenas uma única coisa. Eu tinha vinte anos quando minha família se mudou para o Canadá. Ali minha mãe e meu pai também se comprometeram com Cristo. Foi um novo dia para todos nós. Meu pai trabalhou duro para recuperar os anos perdidos. Em 1974, com os meus vinte anos, jovem no ministério, eu estava no Camboja, pregando em circunstâncias bem preocupantes. Quando viajei para lá, meu pai me deu uma carta que queria que eu lesse depois de partir. Nela ele refletia sobre os dias em que tudo parecia perdido para mim e para ele em nosso relacionamento. Era uma linda carta. Eu a li, deitado na minha cama em Phnom Penh. Uma frase resumia tudo, quando ele disse: "Agradeço a Deus por ter demonstrado consideração por nossa família ao chamar um de meus filhos para ser um de seus servos".

Ele faleceu em 1979, aos 67 anos. Sinto falta dele nesses maravilhosos anos de ministério. Ele teria sido um grande incentivo. A graça de Deus é indescritível. Ele ergueu todos nós por cima dos muros de nossa própria prisão.

Basta de história. Passemos para o argumento.

---

[1] W. E. H. Lecky, *A history of European morals from Augustus to Charlemagne*, (London: Longmans Green & Co., 1869), II, citado em F. F. Bruce, *Jesus, Lord and Savior* (Downers Grove: InterVarsity, 1986), p. 15.

[2] *Sir* Walter Scott, "Patriotism: innominatus", *The Oxford book of English verse 1250-1900* (Oxford: Clarendon, 1924), citado em Bartleby Collection of Columbia University, disponível em: http://www.bartleby.com/101/547.html.

[3] O palestrante na ocasião foi o rev. Sam Wolgemuth, presidente da Mocidade para Cristo Internacional. Robert, que é filho do rev. Sam, publicou em 1991 meu

primeiro livro, *A shattered visage: the real face of atheism* (Nashville: Wolgemuth & Hyatt). Desde aquela noite, Sam Wolgemuth tornou-se um amigo estimado e respeitado, um pai espiritual — algo que, em meio a centenas de pessoas sentadas e ouvindo um pregador em uma noite quente em Nova Delhi, jamais imaginei. Ele também se lembra daquela noite. Ele se lembra de não ter havido praticamente nenhuma resposta à sua pregação, pois só uma pessoa foi à frente naquele grande auditório. Como se pôde ver, eu era aquela pessoa.

[4] Charles Wesley, *And can it be*, in: *Hymns of the Christian life* (Harrisburg: Christian Publications, 1978), p. 104.

# 2

# RUMO A UM LAR CELESTE

Uma das maiores honras já concedidas a um membro de nossa família ocorreu quando a rainha Elizabeth e o príncipe Philip visitaram a Índia no final da década de 1950.

Meu irmão mais novo, que tinha sete ou oito anos de idade e era o membro mais jovem do coro da Catedral de Delhi, ia ser formalmente apresentado à rainha após um culto dominical. Com certeza não lhe faltaram conselhos sobre como se preparar para esse encontro extraordinário. Nós o treinamos incessantemente, lembrando-o repetidas vezes de se dirigir a ela como "Vossa Majestade" e não como "tia", que é um modo típico de demonstrar respeito na Índia. Chegou o momento, e ele se saiu muito bem.

Sem que soubéssemos, seu encontro com a rainha foi retransmitido pela televisão na Inglaterra como parte de um resumo de notícias, o que levou pessoas a telefonarem para a emissora para perguntar se "aquele menino engraçadinho" estava disponível para adoção. Desde aquele dia, sempre que houvesse qualquer suspeita de que ele estivesse se comportando mal, nós — os irmãos — nunca perdíamos a oportunidade de sugerir que deveríamos ter aceitado a oferta dos ingleses! Mais de quatro décadas já se passaram desde aquela lembrança maravilhosa de se curvar perante a rainha, e ele nunca perde a oportunidade de nos lembrar de seu maior privilégio.

Conhecer personagens históricas não é uma experiência rotineira. Frases são ensaiadas, perguntas são consideradas e o

protocolo é praticado muito tempo antes do acontecimento. Não tenho nenhuma dúvida de que, quanto mais elaborada a pompa e o esplendor, maior o temor de dizer ou fazer algo inadequado.

Basta imaginar uma conversa na casa de André e Simão Pedro, os primeiros seguidores de Jesus, quando André disse pela primeira vez à sua família que acreditava que havia conhecido o tão esperado Messias. Essa figura redentora era a única esperança para uma nação que definhava sob o tormento de sucessivos governantes estrangeiros. Qualquer bom israelita havia orado pela vinda daquele que libertaria seu povo. É provável que um cético presente à refeição noturna se engasgasse com a comida quando André anunciou que ele e Simão tinham acabado de voltar de um encontro com o libertador profetizado. É possível que os irmãos tenham suportado muitas alfinetadas enquanto insistiam que não estavam fora de si. Haviam conversado com ele, passado horas com ele, e André havia até mesmo tido a oportunidade de lhe fazer as perguntas que quisesse.

Por pura curiosidade, alguém à mesa talvez tenha murmurado:

— E o que, por acaso, você perguntou a ele?

— Perguntei-lhe onde ele morava — veio a resposta confiante.

É isso mesmo que ouvimos? Silêncio ao redor da mesa.

"E isso foi o melhor que você pôde fazer, André? Perguntar-lhe *onde mora*?"

Será que não poderia haver uma pergunta melhor para por à prova a reivindicação de Jesus? Pelo menos é assim que nós, em nossa época, talvez tivéssemos objetado. Por que André, cara a cara com aquele que reivindicava essa condição única, não apresentou um questionamento maior do que uma simples pergunta: "… Onde você mora?". O jornalista inglês Malcolm

Muggeridge comenta em sua autobiografia sobre as oportunidades que teve de entrevistar destacados dignitários ao redor do mundo. Sendo um cético e iconoclasta incurável e pensando apenas em divertir os leitores, ele fazia, de modo deliberado, uma pergunta absurda e depreciativa, por exemplo, perguntando a um bispo em um momento bem tocante e diante de um público assaz respeitoso: "Os bispos são mesmo necessários?". Ele admitiu que agia assim porque usava sua profissão de jornalista para viver às custas de frases chocantes, em detrimento do conteúdo.

Será que esse foi algum tipo de pergunta "chocante", um comentário zombeteiro feito por André para que eles pudessem procurar o endereço do Messias e assim escarnecer do reivindicante? Será que ele também estava divertindo os seus ouvintes? Quanto mais tenho pensado nisso, mais me convenço de que o aspirante a discípulo tinha sólidos motivos para fazer aquela pergunta. Sua investigação séria sobre a pessoa de Jesus havia começado. Acaso esse era de fato o Cristo, o Ungido? Durante quase dois mil anos os profetas haviam falado de sua vinda. Era esse o cumprimento? Examinemos com cuidado aquilo que levou a uma pergunta tão básica diante de uma reivindicação tão gigantesca.

## UMA APRESENTAÇÃO PROVOCATIVA

O contexto da pergunta do discípulo nos é apresentado no primeiro capítulo do Evangelho de João. De imediato chama a atenção a maneira casual como Jesus entrou no relato. Não há nenhum rufar de tambores, nenhum grande tumulto, nenhum desfile para anunciar aquele cujo nome haveria de estar nos lábios da humanidade de uma maneira que nenhum outro nome jamais esteve. Não houve tempo para ensaios.

João, o Batizador, recebeu a honra de fazer o anúncio simples e direto. João, envolto em trajes estranhos e vivendo de comida ainda mais estranha, estava ganhando um enorme

grupo de seguidores. Aos olhos dos devotos, ele era um profeta merecedor de honra suprema. E, na verdade, antes de seu nascimento o anjo havia falado de seu chamado privilegiado e proposital da parte de Deus. O papel que ele recebeu na história era de ser aquele que apresentou Jesus ao mundo. Apesar de todo o destaque que poderia ter conseguido com sua declaração, ele preferiu, em vez disso, um comunicado simples. Esse comunicado estava tão desprovido da pompa própria dos reis que nenhum "criador de reis" teria imaginado algo tão modesto para um anúncio que mudaria tanto o mundo. E, de forma especial, isso não aconteceria no Oriente.

Contudo, em determinado dia e em uma ocasião divinamente designada, Jesus veio até João para ser batizado. Atônito por esse privilégio, João gaguejou sua própria indignidade diante de tal honra, declarando que não tinha nem mesmo condição de desamarrar os sapatos do seu Senhor. Como ousaria batizá-lo? A cena é até hoje eternizada na memória pela imagem da pomba que desceu sobre Jesus. Quando essa confirmação celeste foi dada, João olhou para dois de seus próprios discípulos e disse: "… Vejam, é o Cordeiro de Deus".

É difícil resistir ao presságio que está por trás da designação. A família judaica comum era criada com cordeiros e sacrifícios. É provável que o templo tivesse o cheiro de animais e de seu abate, em especial no Dia da Expiação. Apesar de sua grandiosidade exterior, o templo abrigava apenas um altar um tanto sombrio e aparentava certa desordem. Cada cordeiro sacrificado provinha dos bens do suplicante e era, dessa maneira, um cordeiro de homens oferecido a Deus. Aliás, não era nem sequer um representante *dentre* os homens, não era um igual. Era um cordeiro *de propriedade* de homens, um animal sem inteligência, que não suspeitava de nada, levado ao templo para nunca mais voltar.

Agora, nesse momento designado da história, uma oferta veio do próprio Deus e foi dada *por* Deus em favor da humanidade. Esse era o Cordeiro de Deus. Mas como poderia ser uma coisa dessas? Alguém nascido com o propósito específico de ser, um dia, sacrificado no altar? Será que isso não teria instigado uma pergunta diferente por parte daqueles que queriam se tornar seus discípulos, especialmente porque aquela foi a introdução surpreendente escolhida por João?

É provável que alguém versado nas Escrituras tenha de imediato se lembrado da narrativa de Gênesis 22, quando Abraão foi convocado a oferecer Isaque, o filho esperado por muito tempo. Enquanto pai e filho caminhavam rumo ao monte, Isaque fez a pergunta óbvia: "… O fogo e a lenha estão aqui, mas onde está o cordeiro?". Conforme a história se desenvolve, o próprio Isaque foi colocado sobre o altar e preparado como sacrifício.

No último instante, quando a mão de Abraão descia a lâmina sobre Isaque, Deus exclamou: "Pare! Há outro que proverei". Deus, que havia planejado isso desde o início para testar Abraão, de modo providencial fez com que um carneiro ficasse enredado no mato para servir de substituto de Isaque, ao mesmo tempo que representava um cordeiro diferente que viria em um dia diferente.

Aliás, o anúncio feito por João dizia: "Aqui está ele, o Cordeiro de Deus que foi prometido há muito tempo". Estava se aproximando o dia em que haveria outro monte e outro altar, e dessa vez a mão do Pai não interromperia o abate.

Os discípulos de João que ouviram seu pronunciamento sobre Jesus como o Cordeiro de Deus o deixaram para seguir a Jesus. A primeira pergunta que Jesus dirigiu a eles era de uma franqueza deliberada e justificada: "… O que vocês querem?". A essa altura eles não tinham nenhuma compreensão real de que estavam seguindo aquele que se encontrava em uma viagem sem retorno e que no final terminaria em um altar.

Fico imaginando se qualquer um de nós teria feito a pergunta que fizeram naquele encontro memorável. Uma pergunta melhor talvez fosse: "O que João quer dizer quando ele o chama de Cordeiro de Deus? Você está fadado a um fim horripilante?". Em vez disso, estavam interessados em sua origem e fizeram a surpreendente pergunta: "… Onde você mora?". Antes eu afirmei que no Oriente o lar é o indicador cultural decisivo. Tudo o que determina quem você é e o que o seu futuro prenuncia está ligado à sua origem e à sua posição social. Tudo, sem exceção.

Na primeira vez em que fui à Índia como palestrante depois de uma ausência de onze anos, minha esposa (que é do Canadá) testemunhou em primeira mão o apreço recebido da família. Em uma recepção em nossa honra em Bombaim, na qual eu deveria falar, minha esposa ficou espantada com a maneira que fui apresentado. A fala bastante longa e formal com que me apresentaram estava repleta de superlativos. Apesar disso, em toda a exposição oral não se disse absolutamente nada a meu respeito. Em vez disso, houve uma descrição generosa das credenciais e realizações de meu pai. Foi um daqueles momentos em que você queria olhar ao redor e identificar essa pessoa condecorada de modo tão elevado. Então, em adição, a frase final: "E este é seu filho, que irá nos falar". Foi a única frase que se referiu a mim.

Minha reação imediata foi rir por dentro. Mas de repente me ocorreu que eu estava representando alguém maior que eu mesmo: meu pai. Por causa dele eu tive oportunidade de falar. Eu sabia que estava no Oriente. No Ocidente, em particular na América do Norte, uma apresentação se resume àquilo que *eu* realizei ou deixei de realizar. As credenciais são individuais, quase como se a pessoa fosse responsável por sua própria origem. Não há nenhuma ou quase nenhuma menção à família. Mas na Índia, o país onde meu pai nasceu, as credenciais de meu pai, o nascimento de minha mãe e minhas raízes se tornam muito importantes para o público.

Observo até hoje essa diferença significativa. No Ocidente não leva muito tempo para um estranho perguntar: "Onde você trabalha?", ou: "Qual é sua atividade?". O pensamento de quem faz a pergunta está formando uma imagem de você para determinar seu perfil financeiro e sua influência empresarial para que a conversa possa seguir por esse caminho. No Oriente a pergunta também vem com uma atitude deliberada: "Qual era a cidade em que você morava aqui?", "Em que parte da cidade você morava?", "O que seu pai fazia?". Nomes, endereços e antecedentes familiares são importantes, e de maneira crítica. No Oriente ou no Ocidente, o objetivo pode ser o mesmo: situá-lo no espaço determinado pela sociedade. Somente a rota é diferente.

Conforme você pode ver, em uma sociedade estratificada o endereço onde você mora dá ao inquiridor de maneira expressa uma riqueza de informações sobre você. O direito por nascimento abre portas. Não é nada surpreendente que, quando ouviu pela primeira vez a respeito de Jesus, a reação de Natanael tenha sido dizer: "… Acaso alguma coisa boa pode vir de Nazaré?…". A isso segue-se: "Esse não é o filho de José, o carpinteiro?". Como, com base na razão, a resposta às esperanças e sonhos de Israel, em busca do Messias, podia vir de uma cidade tão pouco respeitada e de uma família de profissão tão modesta? A melhor maneira de descobrirem se ele de fato podia ser aquele descrito por João era segui-lo até sua casa — irem até o endereço terreno daquele que reivindicava ser o Filho de Deus.

A resposta de Jesus aumenta a confusão. Ele não deu o nome de uma rua nem identificou uma casa. Simplesmente disse: "… Venham e vejam". Foram com ele para ver onde estava hospedado e por certo passaram a noite ali. André voltou para contar a seu irmão Simão que haviam encontrado o Messias, isto é, o Cristo, e o convidou para também vir e ver.

No dia seguinte, Filipe, que também era da mesma cidade, convidou Natanael para se juntar a eles, dizendo: "… Encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e sobre quem os profetas também escreveram: Jesus de Nazaré, o filho de José". Aí estão as informações — a cidade e o parentesco. Natanael, como se esperava, é cético e recebe o mesmo desafio: "… Venha e veja".

## UM ENCONTRO MEMORÁVEL

As Escrituras permanecem caladas sobre inúmeros assuntos. Questões nas quais teríamos grande interesse não são tratadas. Em que tipo de casa Jesus morava? Que tipo de trabalho de carpintaria ele fazia, se é que fazia? Como sua casa era mobiliada? Que nível de riqueza ou pobreza ela indicava? Tenho, com frequência, pensado que, em vez do espaço dedicado a longas genealogias, alguns outros detalhes da vida de Jesus teriam sido de maior interesse para o leitor. Quanto ele ganhava? Que tipo de roupa vestia? Como era sua aparência?

Mas talvez seja nesse detalhe que Deus, em seu modo de ver a realidade, procura nos erguer acima da escravidão e da distorção de nossas ideias terrenas. Personagens históricas têm casas que podem ser visitadas em gerações futuras; o Senhor da história não deixou nenhuma casa. Pessoas de grande saber deixam bibliotecas e escrevem suas memórias; ele deixou um único livro, escrito por pessoas comuns. Libertadores falam sobre vencer por meio de poder e conquista; ele falou de um lugar no coração.

Será que teria sido tão difícil preservar uma peça de roupa ou de mobília, apenas para podermos colocá-la em um museu para o mundo ver? Hoje em dia é possível ir a pequenas cidades e ver as escavações de casas da época de Jesus. Por que sua própria casa não foi preservada? Em um museu na Turquia, é possível ver a espada de Maomé e aquilo que,

segundo dizem, são fios de sua barba. Há pouco tempo o noticiário anunciou que foi encontrado um dente de Gautama, o Buda. Podemos voltar no tempo e ver coleções extraordinárias de objetos associados a monarcas e heróis até mesmo de épocas anteriores à de Cristo.

Aquele que possui gado em milhares de colinas não deixou esse tipo de informação. Acerca de Cristo ficamos sabendo que não tinha um lugar para reclinar a cabeça. O escritor do mesmo Evangelho declara sem rodeios: "No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. […] [E] a Palavra se tornou carne e habitou entre nós…" (Jo 1.1,14). As palavras de João "No princípio…" fazem um paralelo notável com as primeiras palavras das Escrituras: "No princípio Deus…".

Por mais importante que fosse sua filiação terrena, seu verdadeiro endereço não era terreno, pois em um sentido muito real ele não teve começo algum. Em meio às perguntas sobre "onde" e "quando" que afligem nossa finitude, aquele que é eterno e infinito não enfrenta nenhuma dificuldade desse tipo. Erguer seus primeiros seguidores acima do aqui e agora era a tarefa à frente de Jesus quando ele lhes disse "… Venham e vejam". Desconfio que tenha havido um choque e necessidade de muita explicação. André tinha motivo para fazer a pergunta, e Jesus estava oferecendo como resposta uma jornada mental. Faremos essa jornada. A essa altura, coloque-se na posição de André. Ele havia sido convidado a visitar a casa daquele que fora identificado por um reconhecido profeta como o Cordeiro de Deus. André foi. O que ele estava achando que iria acontecer? Ficaria desapontado?

Billy Graham conta sobre uma ocasião quando estava em uma cruzada evangelística na cidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos. Ele havia acabado de entrar no saguão do hotel onde estava hospedado durante aquela semana e, junto com alguns colegas da equipe, entrou no elevador, no qual

havia um punhado de homens de negócios que conversavam. Quando o elevador começou a subir, um dos empresários disse:

— Soube que Billy Graham está neste hotel.

Um dos outros, que havia reconhecido o dr. Graham, deu um sorriso, olhou para aquele que havia feito o comentário, apontou para Billy Graham e disse:

— É ele.

Espantado, o empresário fez uma pausa, olhou de novo para Billy Graham e disse:

— Não era bem o que eu esperava!

Sendo a pessoa humilde que é, o dr. Graham foi bem compreensivo com a decepção daquele homem e admitiu que isso era tudo o que ele podia esperar.

O que esse homem de fato esperava? Alguém com auréola e asas, que não precisava de um elevador e que só era visto orando e se erguendo no ar? Em nossa imaginação humana, com muita frequência achamos que nossos heróis são quase sobre-humanos. Nós os exaltamos para lhes prestar um desserviço. Nós fazemos com que sejam quase plásticos em nossa imaginação. E, quando eles sangram ou envelhecem ou tropeçam, nós os jogamos fora ou então encontramos alguma maneira de perpetuar o mito. Para manter essa ilusão em nossa mente, fazemos estátuas e construímos monumentos, e artistas os pintam com auréolas para confirmar suas personas surreais. Nós nos convencemos de que são ou foram qualquer coisa bem diferente do restante de nós.

Naquela ocasião específica da história, essa pessoa *era* bem diferente de todos nós. Mas… de Nazaré? Filho de um carpinteiro? O próprio templo que foi erigido como habitação de Deus tinha beleza e riqueza que excediam a imaginação. Agora que Deus tinha vindo em carne, sua casa era, em comparação, bem insignificante. Para ajudar a esclarecer a

questão, Natanael entra em cena. Ele era uma daquelas pessoas tão comprometidas com a verdade que, quando foi convidado a ir e conhecer Jesus, concordou em acompanhar os outros, quiçá na esperança de desfazer esse "engano" que havia sido fabricado na mente de seus amigos. Mas, quando chegou próximo o bastante para ouvir a voz de Jesus, as palavras que Jesus proferiu, cuidadosamente escolhidas, foram estas: "… Aqui está um verdadeiro israelita, em quem não há nada falso".

Ali aconteceu a primeira surpresa. Bem poucas coisas perturbam alguém mais do que ver seus pensamentos íntimos desnudados pelas palavras de um estranho.

Ele tinha ido "conferir" essa pessoa, e, em vez disso, a essência de seu caráter foi revelada. "… Como me conhece?", Natanael quis saber. E Jesus respondeu: "… Eu o vi debaixo da figueira, antes de Filipe chamá-lo".

O que isso significou para Natanael?

Será que ele estava considerando algo enquanto estava debaixo da figueira? Enquanto estava ali debaixo daquela árvore, será que ele teve uma premonição de que um acontecimento decisivo para a sua vida era iminente? Será que esse foi um momento íntimo do qual achava que ninguém mais tinha conhecimento? Algo na revelação feita por Jesus levou Natanael a reagir de maneira impulsiva, quase com precipitação, e ele proferiu estas palavras transformadoras de vida: "… Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel!" (Jo 1.49). Creio que Jesus abalou o ceticismo de Natanael ao revelar com brandura os pensamentos e intenções do coração do próprio Natanael.

Foi nesse exato momento que a pergunta de André — "… Onde você mora?" — teve uma resposta muito incrível. Jesus tinha visto Natanael quando este não sabia que estava sendo observado. Ele identificou a determinação com que Natanael perseguia a realidade, o que por certo conquistou a atenção de

Jesus. Em um de seus salmos, o rei Davi confessou que era incapaz de fugir da presença de Deus, pois Deus o conhecia no mais íntimo do seu ser: "Aonde quer que eu vá, ali estás" (veja Sl 139.7-10). Natanael tinha acabado de se dar conta da mesma verdade.

Jesus também sabia que Natanael não tinha grande consideração por Nazaré. Reconhecendo aquilo que estava no coração de Natanael, Jesus questionou a declaração impulsiva e disse: "… Você crê porque eu lhe disse que o vi debaixo da figueira. Você verá coisas maiores do que essa. […] Digo-lhe a verdade: você verá o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (Jo 1.50,51).

Em resumo, Jesus disse: "Você está chocado porque revelei você para você mesmo? Espere até que veja o pleno desvendamento de quem eu sou e de onde venho". Ele livrou Natanael de receber explicações sobre a perplexidade de coisas menos importantes para ouvir sobre o propósito de esclarecimentos gloriosos.

A descrição que ele deu de anjos subindo e descendo sobre o Filho do Homem não foi sugerida no vazio. Ela apontava para a "filiação" de Jesus. Pedro, André e Natanael, todos eles, conheciam a história do pai de sua nação, Jacó, o que forneceu os antecedentes concretos para a resposta de Jesus.

O Antigo Testamento registra com meticulosidade aquele incidente. Quando jovem, Jacó havia enganado o irmão, Esaú, e estava fugindo de sua ira. Em sua jornada para regiões distantes, pensou que estava sozinho, longe dos olhos de qualquer outra pessoa. Ele havia sido criado em um lar em que o altar, na condição de centro do culto da família a Deus, tinha um papel importante. Seu avô, Abraão, ficara conhecido como "o homem da tenda e o homem do altar". Abraão via sua casa como temporária, mas seu culto como permanente. Agora, em fuga, Jacó não tinha casa nem altar. Quando chegou a um lugar chamado Luz, dormiu tendo uma pedra como

travesseiro. Mesmo para quem habita no deserto, isso era rústico.

E, enquanto dormia, o Senhor veio a ele em um sonho no qual ele viu uma escada que ia da terra até o céu. Anjos subiam e desciam a escada. E lá, acima da escada, estava o Senhor, que disse: "… Eu sou o SENHOR, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaque…" (Gn 28.13). Quando Jacó acordou, pensou consigo mesmo: "… Com certeza o SENHOR está neste lugar, e eu não tinha consciência disso. […] Este lugar é impressionante! Esta não é senão a casa de Deus; esta é a porta do céu" (v. 16,17). Jacó pegou o travesseiro de pedra e o deixou como um sinalizador do lugar que agora ia chamar de Betel, que significa "a casa de Deus".

Se os discípulos tiveram ou não plena compreensão disso, uma mensagem estrondosa foi entregue quando Jesus disse essas palavras a Natanael. Ele reivindicou algo. Será que tinham consciência de que o Senhor que fez os céus e a terra estava de pé ao lado deles? Hostes angelicais serviam em sua morada. A essa altura, lutamos para expressar isso com precisão. A palavra *morada* de imediato traz à mente os conceitos de residência e de limite espacial, nenhum dos quais é apropriado para aquele que não tem começo e é onipresente. Jacó descobriu que a presença de Deus para abençoar poderia fazer com que qualquer local se tornasse a casa de Deus. Agora os discípulos estavam aprendendo a mesma lição. Estavam inclinados a julgar Jesus com base em seu pai terreno, o carpinteiro José. Estavam tentando avaliar seu valor com base em sua casa terrena, Nazaré. Ele lhes revelou a verdade de que qualquer ambiente terreno em que ele estivesse presente se tornaria a porta para o céu. Que conforto isso deve ter dado a eles!

Contudo, mais do que isso e com base no que Jesus disse, eles concluíram de forma correta que ele havia vindo de seu Pai celeste, que era o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Ele os

conduziu bem além daquilo que eles próprios compreendiam e os ergueu a lugares ainda mais altos para lhes mostrar que a palavra *casa* era, na melhor das hipóteses, apenas uma representação analógica do que é viver com Deus. Aquele impacto inicial deixou os discípulos claramente impressionados. Eles não entenderam de maneira plena tudo o que esse encontro significaria para eles. A vida deles sofreria mudanças com que jamais sonharam, tanto que chegaria o dia quando deixariam suas casas para contar ao mundo sobre Jesus de Nazaré. "Natanael, se você fica maravilhado com o que lhe mostrei a respeito de você mesmo, isso é apenas o começo do que o aguarda quando eu lhe revelar a minha glória." *Isso*, Jesus lhes assegurou, não seria de modo algum decepcionante.

## VISLUMBRES DE OUTRA CASA

Jesus abordou algumas verdades muito importantes nesse simples diálogo — verdades que elevam nossos pensamentos ao limite vêm à tona nessa primeira conversa. Ocupemo-nos desses pensamentos, um de cada vez.

O indicador básico e peculiar aqui é, de modo literal e figurado, a revelação feita por Jesus acerca da esfera de sua existência. Perguntar "onde" fica a casa de Jesus é o mesmo que perguntar "quando" foi o começo de Deus. Essas categorias são necessárias em nossa existência finita, porque houve um tempo quando não existíamos. Mas Deus transcende essas categorias. As referências de Jesus a uma habitação celeste e aos anjos subindo e descendo a serviço dele apontam para o fato de que ele é o Senhor do céu e da terra, o qual existe eterna e necessariamente. Sua existência precede cada metáfora espacial. Assim como para ele é impossível não existir, da mesma forma não é necessário que ele tenha um *lugar* para viver. Foi isso mesmo o que ele disse a Davi, que queria construir um templo onde Deus pudesse "habitar" (2Sm 7.5).

É mais sensato indagar onde ele prometeu nos *abençoar* do que indagar onde está o centro de sua existência.

Essas categorias transcendentes parecem bem fora de nosso alcance e, ainda assim, de maneira indireta, indicam o nosso destino final. Mesmo agora percebemos que conceitos tais como tempo, espaço e movimento estão tão ligados às dimensões limitadas do nosso entendimento da natureza da realidade que, para a maioria de nós, eles parecem coisas que só os gênios entendem. No entanto, quanto mais a fundo penetramos nesses mistérios, mais somos arrastados, e de modo inexorável, para o mínimo denominador comum daquilo que torna a vida do jeito que ela é. Procuramos a menor partícula da realidade do mundo físico para podermos, nas palavras do cientista, chegar a uma teoria de tudo.

Jesus inverteu o processo. Ele nos disse que a única maneira de podermos entender quem somos é lançar nosso olhar não para a equação que junta todas as coisas, mas para o relacionamento em cuja direção nos movemos na soma total de nosso ser. É a montagem de um objeto que lhe dá propósito, não a sua desmontagem. Nas palavras de Jesus a Natanael, nossa surpresa não terá limites quando entendermos tudo o que a esfera da existência de Deus significa.

Nenhum outro pretendente à condição divina ou profética teria chegado a responder dessa maneira a uma pergunta sobre sua casa. Até mesmo João, o Batizador, esforçou-se bastante para lembrar seus seguidores acerca dessa diferença: "… Um homem pode receber apenas aquilo que lhe é dado do céu. […] Aquele que vem de cima está acima de tudo; aquele que é da terra pertence à terra e fala como alguém da terra. Aquele que vem do céu está acima de tudo. Ele dá testemunho daquilo que tem visto e ouvido…" (Jo 3.27,31,32).

Mesmo que estejam ensinando a verdade, todos os demais que têm reivindicado a condição de profeta ou que foram reconhecidos como profetas ainda são, na melhor das

hipóteses, seres humanos a quem Deus concedeu esse chamado. A missão deles é uma missão que receberam; eles são os receptores humanos. Em contraste, Jesus é ele próprio o Supremo Doador. Ele procede "de cima", dizem os escritores dos Evangelhos.

Em outra conversa, Jesus afirmou que sua subida ao céu foi precedida por sua descida do céu (veja Jo 3.13). Nessa reivindicação está implícita a afirmação de que seu conhecimento de tudo é perfeito e completo. Só isso já o distingue. Sua visão da realidade, sua explicação da vida, sua revelação de mistérios e seus vislumbres daquilo que importa e daquilo que não importa têm origem no fato de ele estar no eterno. E essa é a questão central. Sua jornada terrena não foi um início, mas uma visitação.

Todas as demais pessoas no centro de qualquer religião tiveram seu *começo* na fantasia ou na realidade. Mas, de qualquer forma, houve um começo. O nascimento de Jesus em Belém foi um momento precedido pela eternidade. Seu ser não teve origem no tempo nem surgiu pela vontade da humanidade. O Autor do tempo, que vivia no eterno, tornou-se encarnado no tempo para que pudéssemos viver com o eterno em vista. Nesse sentido, a mensagem de Cristo não foi a introdução de uma religião, mas uma introdução à verdade sobre a realidade da forma que só Deus a conhece. Negar a mensagem de Jesus enquanto se busca a espiritualidade é invocar uma religião imaginária na tentativa de ver o céu ao mesmo tempo que a visão está confinada à terra. Esse foi em verdade o desafio de Jesus quando disse: "… eu vim para que vocês tenham vida…" (Jo 10.10). A vida dele significa vida para nós. Sem ele, a sua vida e a minha vida significam morte.

## POSICIONADO PELA TRANSCENDÊNCIA

— Onde você mora? — perguntou o discípulo curioso.

— Com meu Pai celeste — foi a resposta.

Para Natanael, novas perspectivas sobre o ser e sobre o tempo de repente escoaram para dentro de sua consciência. Surge, então, uma pergunta óbvia: Como Jesus poderia sustentar tal reivindicação? Reivindicar que não tinha nenhum começo é uma coisa; fazer com que isso seja razoável é outra. Se o céu é o ponto de referência para toda a realidade, então duas ramificações principais eram necessárias para os discípulos e, portanto, também para nós. A primeira é a da posição com referência a ele, e a segunda, a da posição com referência a nós. A segunda segue logicamente a primeira.

O que quero dizer com posição? Quero dizer o mesmo ponto de observação do qual agora posso encarar a vida por causa dele.

Você já experimentou a confusão de olhar para um cartaz com um arranjo de formas ou pontos aleatórios aparentemente sem sentido? À medida que você continua a olhar com atenção para ele e inclina a cabeça para um lado ou para outro, uma palavra ou uma imagem salta de repente desse padrão desordenado. Chamamos isso de criptograma.

Assim que você vê que os pontos ou sombras estavam apenas mascarando a verdadeira mensagem, algo fascinante acontece. Você começa a inclinar a cabeça em várias posições na tentativa de abandonar o padrão ordenado e recuperar a desordem inicial. O último exercício acontece apenas porque você começa a imaginar por que razão não foi possível perceber a palavra antes. Quando o olho capta a imagem, ele interpreta a mensagem pelo que ela é. Quando o olho abandona a mensagem, a desordem domina.

Eu gostaria de sugerir que o desafio do ministério terreno de Jesus era nos capacitar a ver a mensagem, de tal modo que a imagem pudesse ser entendida. Ao olhar com atenção para o criptograma da vida, vemos o nome de Jesus resplandecente de

maneira inconfundível ou então vemos a confusão de crenças e de religiões sem nenhuma mensagem única, apenas crenças distorcidas que flagelam nossa existência, cada uma justificada pela voz da cultura. Essa talvez seja a tragédia do sentimento sedutor que chamamos de tolerância, que tem se tornado um eufemismo para contradição. O resultado é traiçoeiro.

Jesus Cristo veio para desafiar cada cultura na face da terra, para que pudéssemos ter uma perspectiva a partir de um plano mais elevado. Mas como alguém chega a esse plano mais elevado? Podemos ver a implicação de nossa difícil situação mesmo estando em nosso ponto de observação mais baixo. Apesar das limitações de nossa perspectiva terrena, ainda reconhecemos a perversidade. Ainda falamos de ser testemunhas do mal. Talvez haja um motivo.

C. S. Lewis nos ajuda aqui:

> O céu entende o inferno, e o inferno não entende o céu. [...] Para nos projetarmos em uma índole perversa, temos apenas de parar de fazer algo, algo que já estamos cansados de fazer; para nos projetar em uma índole boa, temos de fazer o que não conseguimos e nos tornar o que não somos.[1]

"Fazer o que não conseguimos e nos tornar o que não somos." Essas limitações fazem separação entre a pureza e o mal. Para mudar isso, os olhos do céu têm de estar plantados em nós. É isso que Jesus oferece àquele que vem a ele — ser aquilo que em nós mesmos não conseguimos ser e fazer aquilo que por nós mesmos não conseguimos fazer.

Lembro-me de ter lido, quando ainda bem jovem, uma história sobre Sir Isaac Newton, a qual deixou uma profunda impressão em mim. Ele havia se ocupado durante horas com suas investigações científicas sobre a essência do universo físico, trabalhando de maneira exaustiva à luz de velas. Ao seu lado, ao longo das semanas, ficava sentado seu cão de estimação.

Em certa ocasião, quando Newton saiu da sala por um momento, o cão saltou para segui-lo e num descuido esbarrou

no lado da mesa, derrubando a vela, o que pôs os papéis em chama. Em instantes, toda a obra seminal foi reduzida a um monte de cinzas.

Quando Newton retornou ao seu gabinete para ver o que havia restado de seu trabalho, ficou com o coração despedaçado, e de maneira irremediável. Recuperando o pouco que sobrou da sala, ele se sentou e chorou com o rosto entre as mãos. Afagando o cão, ele disse: "Você nunca, você jamais saberá o que fez".

Mesmo que fosse possível para o cão compreender que algo trágico havia acontecido, era impossível para a criatura saber o *tipo* de tragédia, não apenas a seriedade daquilo que havia sido feito.

Por analogia, esse tipo de distância essencial é o que torna nossa situação tão manifestamente impossível. Para mim, viver em um mundo mau torna muito mais fácil entender minha própria perversidade do que pensar nos termos cristalinos da pureza perfeita. Em sua biografia sobre Madre Teresa, Christopher Hitchens estabeleceu o objetivo de encontrar algo que a comprometesse. Ele disse acerca de Madre Teresa: "Ela é a grande baleia branca para o ateu em mim".[2] Então ele teve de dar uma de Acabe e fazê-la sangrar.

Como isso é revelador da natureza humana! Nós nos ressentimos da acusação que a pureza traz. Será que é de admirar que não consigamos compreender a Deus? Essa discrepância não é apenas de moralidade; é de capacidade mental. Para mim é mais fácil pensar da perspectiva do tempo do que em relação à eternidade. Como poderei chegar a explicar a habitação de um Ser perfeito na eternidade quando meu ser está tão aprisionado à imperfeição e ao tempo? Como posso entender o sobrenatural, quando estou tão preso ao natural?

Há um termo alemão que faz separação entre a existência e a vida: *dasein ohne leben* — "existência sem vida". Jesus veio para nos lembrar de que nós, que estamos presos ao temporal, subsistimos sem o plano de ação da vida. Embora continuemos a existir, não experimentamos a vida pelo que era para ela ser. Ele quer que vejamos o que significa viver através da lente do eterno. Isso acontece quando ele faz de nossa vida a sua casa. Ali ele prometeu nos abençoar.

Certa vez Jesus disse a alguém que o questionou: "Eu lhe falei de coisas terrenas e você não acredita; como, então, você acreditará se eu falar de coisas celestiais?" (Jo 3.12).

Será que isso distingue a habitação celeste de Cristo como um fator ímpar entre as religiões mundiais? Não há dúvida que sim. Talvez essa credencial inigualável de Jesus esteja na mente de eruditos muçulmanos quando tentam atribuir a Maomé uma ida momentânea ao céu. O islamismo afirma que, em determinado momento da vida, numa noite em particular, Maomé foi transportado para o céu em uma única viagem, para ter um vislumbre de como é o paraíso.[3] A despeito de todos os argumentos confusos em torno dessa afirmação, ela confirma que, mesmo que o texto seja aceito sem maiores questionamentos, o que justificava a ida ao céu durante uma noite é que o céu era um lugar estranho para Maomé. E esse é o ponto de divergência.

Com uma divergência tão peculiar, o cético talvez faça uma pergunta legítima. Existe algum indício que possa respaldar a reivindicação que Jesus fez de sua origem?

## CONCEPÇÃO SEM CONSUMAÇÃO

Se Jesus não teve começo, então seu próprio nascimento tem de explicar como ele poderia ter "nascido" e, ainda assim, não ter um começo. Sem dúvida nenhuma o nascimento virginal de Jesus aborda isso.

Quando alguém está à procura de dados que confirmem uma declaração surpreendente, é necessário procurar alguma outra fonte que dê crédito à declaração, ainda que não lhe seja tão favorável fazê-lo. Por certo, o nascimento virginal está nesse âmbito, tanto para aqueles que o admitiram quanto para os que são hostis ao evangelho. Se a própria Maria reivindicasse uma concepção tão estranha, isso não teria sido apenas um risco para a sua própria vida, mas também teria colocado a vida de Jesus em risco.

Embora eu já tenha feito essa citação inúmeras vezes, gostaria de repeti-la aqui. Certa vez perguntaram ao popular apresentador de *talk show* Larry King quem ele escolheria, caso tivesse a opção de entrevistar alguma personagem da história. Larry King respondeu que gostaria de entrevistar Jesus Cristo e que lhe faria apenas uma pergunta: "Você nasceu mesmo de uma virgem?". "A resposta a essa pergunta", disse Larry King, "explicaria a história para mim".[4]

Larry King está certo. O nascimento virginal no mínimo aponta para um mundo que não está preso a um puro naturalismo. A reivindicação é sublime, mas, com cuidado, reflita sobre ela em seu contexto original e primitivo. Afirmou-se o nascimento virginal de Jesus ao mesmo tempo que se oferecia a clara possibilidade de verificá-lo de muitas maneiras.

Pergunte, acerca de qualquer pessoa influente cuja vida você testemunhou ou estudou, como essa pessoa justificaria um nascimento virginal e uma existência eterna, caso essa alegação fosse feita. Essa seria uma pergunta muito significativa, caso isso tivesse sido previsto antes de a pessoa nascer. De que maneira você une com perfeição profecia — na verdade, centenas de profecias — e seu cumprimento? Para os antagonistas de Jesus, teria sido fácil verificar, geração por geração, se essa reivindicação de ser o Messias poderia passar incólume pelo escrutínio dos estudiosos e no teste das Escrituras. É por isso que, para os primeiros discípulos, as

genealogias eram bem mais importantes do que os móveis da casa.

Além de Maria e José, considere os testemunhos do sacerdote Zacarias e de sua esposa, Isabel (os pais de João, o Batizador), para quem teria sido natural não querer que seu filho tivesse um papel secundário em relação a um primo, ainda mais um primo mais novo. Em uma cultura em que prevaleciam o poder e a posição social, em que a casa revelava muita coisa, ninguém escolheria o caminho da vergonha. Caso o nascimento virginal não tivesse sido verdadeiro, afirmar sua verdade seria, para todos eles, o caminho para o ostracismo cultural, se não, para o suicídio. Para Isabel, perder seu filho, João, pela espada de Herodes, e, para Maria, ouvir do anjo que uma espada lhe atravessaria o coração, não teriam sido situações desejadas por nenhuma mãe. Maria, José, Zacarias, Isabel, João e mais tarde os discípulos arriscaram tudo por essa verdade.

No entanto, até mais do que a mentalidade hebraica e a reivindicação da família, é provável que a confirmação mais surpreendente do nascimento virginal venha de uma religião que, durante séculos, tentou lutar contra o evangelho cristão, o islamismo. Até mesmo o Alcorão, escrito seiscentos anos depois de Jesus, declarou crer em seu nascimento virginal (veja surata 19.19-21). Isso não ajudaria o islamismo a se vangloriar.

Aqui então está o homem de Nazaré, que reivindicava que sua origem era celeste e que seu Pai não era outro senão o próprio Deus — um Filho que não nasceu da consumação sexual nem da necessidade de comunhão, mas é a expressão consumada de Deus na carne, em comunhão eterna com o Pai.

Seu nascimento não se deu por meios naturais. O mesmo não se pode dizer de Maomé, Krishna ou Buda. O islamismo, embora defenda o nascimento virginal, nega que Jesus fosse o Filho de Deus. Portanto, nunca conseguiu se libertar de uma contradição que ele próprio criou acerca da filiação de Jesus. A

afirmação dos muçulmanos de que é blasfêmia sugerir que Deus poderia ter um Filho se baseia na noção de que a união sexual é necessária para uma criança nascer, e, é claro, isso aviltaria o ser de Deus. Nesse caso, existe aqui uma meia verdade, com um toque irônico para uma religião cujo profeta fundador teve numerosas uniões sexuais, todas elas, segundo afirmam, instigadas por Deus. Mas, deixando isso de lado, se eles já admitiram o nascimento virginal, então reconheceram que Deus, em seu infinito poder, pode iniciar a vida sem que haja união sexual. No princípio, a comunhão e o poder de conceder vida existiam no próprio Deus. Em seu ser infinito, o relacionamento era intrínseco, sem o pré-requisito carnal de consumação física. Deus, que é Espírito, é na verdade um ser-em-relacionamento. Em Cristo, o Verbo *se tornou* carne. Somente ele, que habitava na eternidade, pôde consagrar a carne ao fazer a distinção entre o poder inerente da criação e o poder concedido de procriação, ao mesmo tempo que transcendia os meios pelos quais estamos presos.

## UMA VIDA SEM MÁCULA

Houve, no entanto, uma segunda maneira pela qual Jesus provou sua existência absoluta e eterna. Sua vida sempre tem sido considerada a mais pura que alguém chegou a viver. Em numerosas ocasiões, seus antagonistas foram desafiados a lançar alguma prova contra ele. Nunca foram capazes de manchar sua vida imaculada. Ele desafiou seus adversários a lhe fazer qualquer acusação de pecado. À medida que avançamos neste livro, veremos como se esforçaram bastante para isso.

Em contraste, nenhum outro indivíduo jamais provocou tantos elogios. Isso inclui Maomé, Buda e Krishna, o que eles próprios admitem. A vida e as lutas deles estão registradas em suas próprias escrituras. Em todo o mundo muçulmano existe hoje em dia a crença de que todos os profetas eram sem

pecado. Tal doutrina causa surpresa, pois essa nunca foi uma ideia que os profetas apresentaram no Antigo Testamento nem é evidente em seus próprios escritos. As falhas de dois dos mais renomados e respeitados profetas no islamismo, Abraão e Moisés, são declaradas no Alcorão com clareza. Por exemplo, na surata 28.16, Moisés pediu perdão depois de matar o egípcio. Na surata 26.82, Abraão pediu perdão no Dia do Juízo. A palavra usada aqui, que os muçulmanos traduzem por "falha" em vez de "pecado", é a mesma palavra que em outros contextos eles traduzem por "pecado".

Nas suratas 47 e 48, o próprio Maomé foi instruído a pedir perdão pelo pecado, mais uma vez traduzido por "falhas" em vez de "pecado". De novo, a palavra usada na surata 47.19 é a mesma palavra que é traduzida por "pecado" na surata 12.29, em que é aplicada à mulher de Potifar em sua tentativa de seduzir José. Inúmeros linguistas entendem essa tentativa de ignorar o que de fato está sendo dito como nada menos do que o desenvolvimento de uma tradição para que a vida de Maomé não sofra em contraste com a de Jesus.

Há grande diversidade nas tentativas de dar uma justificativa para isso. Mas o que é uma "falha" que precisa ser perdoada? É algo que deveria ser de certa maneira, mas não é? É um pensamento que ocorreu por acidente?

Há muito mais que se pode dizer por meio de contraste entre a vida de Maomé e a de Jesus. Os casamentos de Maomé com onze mulheres têm sido um tema fascinante para os estudiosos muçulmanos explicarem. Deixando de lado tudo o que um casamento pode ou não provar, ele atesta de forma clara a necessidade gradual de cada um morrer para si mesmo a fim de que os dois possam se tornar um. É um processo de falhar e se levantar, nunca um processo de perfeição. Mas, mesmo que se admitissem as explicações forçadas das práticas de Maomé, incluindo-se a embaraçosa descrição islâmica do céu como "vinho e mulheres" (surata 78.32ss., que os

muçulmanos descartam como metafórica), na vida de Jesus não há nem mesmo a menor indicação de que ele chegou a ser levado pela sensualidade ou de que chegou a precisar pedir perdão por alguma coisa. Somente Jesus surge como o impecável, sem ser maculado por qualquer erro de omissão ou comissão.

Também deve-se assinalar que esse contraste é evidente não apenas na maneira que Jesus e Maomé viveram, mas também na maneira que cada um entendeu o próprio chamado. Tão diferente é essa percepção da origem e do chamado que, nos relatos do próprio islamismo, quando pela primeira vez Maomé reivindicou ter recebido revelações, ele estava confuso e não tinha certeza do que isso significava. Foram outros que lhe disseram que essa poderia ser a voz de Deus falando com ele. Jesus, em contrapartida, sabia exatamente quem era e de onde veio.

O hinduísmo não está isento desse escrutínio. A fanfarronice de Krishna e suas insinuações com as ordenhadoras — descritas no Bhagavad-Gita — são, com toda franqueza, um embaraço para muitos estudiosos hindus.

Como é que Buda se sai em comparação com o padrão de pureza pessoal que Jesus estabeleceu? O próprio fato de que ele passou por renascimentos implica uma série de vidas imperfeitas. Quando abandonou sua residência no palácio, dando as costas para a esposa e o filho, ele estava em busca de uma resposta. Ele não começou com a resposta. Sua "iluminação" foi uma conquista. Mesmo que se aceite tal conquista sem maiores questionamentos, trata-se de um *caminho* para a pureza, e não a pureza propriamente dita.

Jesus não começou sua missão deixando para trás o ambiente mais confortável com o objetivo de alcançar iluminação e então encontrar a resposta para os mistérios da vida. Essa foi a origem do budismo.

Ele não veio para dar dignidade étnica a determinado grupo de pessoas para que também pudessem ter uma identidade, tal como a tinham outros ao seu redor; o começo do islamismo baseou-se em tais razões.[5]

Ele não deu a nenhum povo motivo para se orgulhar de um privilégio específico por causa da antiguidade de sua cultura ou da força da coesão observada em sua sociedade; quase todas as culturas panteístas se orgulham de existir há muito tempo.

Ele não veio para confirmar um povo que se gabava da força de seu poderio militar, tal como os cidadãos de Roma ao reivindicar que sua cidade era a cidade eterna.

Ele não veio para cumprimentar os gregos por sua capacidade intelectual.

Aliás, não veio nem mesmo para exaltar uma cultura porque ela havia recebido a lei moral de Deus, algo de que os hebreus tinham muito orgulho.

Sua reivindicação firme e inequívoca era que o céu era sua morada e que a terra era o estrado para seus pés. Nunca houve um tempo em que ele não existia. Nunca haverá um tempo em que ele não existirá. Era sua, uma postulação da verdade, dita a partir de uma perspectiva eterna, que o posicionava de forma singular.

## MUDANDO NOSSO ENDEREÇO

Afirmei em um momento anterior que não apenas a posição de onde enxergamos foi afetada, mas nosso próprio lugar na vida foi redefinido. Se a posição privilegiada de Jesus nos dá acesso a seu ponto de observação peculiar, sustentado por seu nascimento sobrenatural, então segue-se uma aplicação muito necessária, caso queiramos aplicar sua verdade a nossas casas.

A implicação foi na verdade uma surpresa para Natanael, para quem nada de bom podia vir de Nazaré. Nazaré mal

estava no mapa. Os estudiosos levaram anos para descobrir a localização exata de Nazaré. De todos os lugares na terra, por que cargas d'água o Senhor do céu e da terra escolheria Nazaré? Visto que o céu era sua morada e a terra era o estrado de seus pés, será possível que ele escolheu o pé do estrado para que aqueles que se orgulham de seu nascimento reparem que nosso Pai celestial tem para nós credenciais melhores do que nossas raízes terrenas?

Nosso mundo tem se afastado tanto da vontade de Deus para nós que temos nos tornado uns pobres coitados ao nos compararmos da perspectiva de raça, poder, progresso ou conhecimento. As chamas do preconceito de toda espécie vêm ardendo ao longo de vinte séculos. É bem possível que a politização e a absolutização da cultura venham a ser a causa de nossa próxima guerra mundial. Todos os privilégios de nascimento e as riquezas tornam-se destrutivos quando são desamarrados do ancoradouro do nosso Criador.

As palavras de Jesus são, para todos nós, uma lembrança tocante de que, quando levado ao extremo, o orgulho por motivo de nascimento pode ser um turbilhão que nos suga para formas destrutivas de pensar e viver. A voz crescente do nacionalismo tem desencadeado horrores numerosos demais para mencionar. Ao longo de vários anos em viagens, tenho estado em muitos lugares no mundo onde as pessoas se consideram superiores por causa de sua cultura; lugares como a China, o Oriente Médio, a Europa e os Estados Unidos. De uma maneira ou de outra, todos nós achamos que somos o centro do universo por causa de nosso lugar na vida. Não tivemos de fato nenhuma influência em nosso nascimento. Jesus teve; e escolheu uma cidade muito improvável para chamar de casa. Ele não foi seduzido pelos apelos frágeis e inconstantes do nacionalismo.

Ora, se a cultura ou o nascimento não devem jamais abrir espaço para o preconceito, a riqueza também não deve se

tornar um meio de medir o valor essencial. Considero bem instrutivo o silêncio das Escrituras quanto à situação econômica de Jesus em casa. Em uma cultura em que a residência e a cidade eram tão importantes, no que diz respeito a Jesus a única indicação que temos é que as condições econômicas das quais ele veio eram imprevisíveis. Creio que esse é um lembrete solene para que não tenhamos como nosso objetivo de vida exclusivamente a busca material. A sedução é grande, e as decepções são proporcionais.

Lembro de ter lido, em um dos principais jornais de Nova York, uma entrevista com a esposa de um jogador do time de beisebol do New York Yankees, o qual havia acabado de assinar um contrato de 89 milhões de dólares. Ele havia adiado por longo tempo a assinatura do contrato na esperança de que os diretores cobrissem a oferta de 91 milhões de dólares feita por outro time. O Yankees não alterou a proposta. Sua esposa disse mais tarde: "Quando eu o vi entrar em casa, percebi logo que ele não tinha conseguido convencê-los a aumentar de 89 para 91 milhões. Ele se sentiu tão rejeitado. Foi um dos dias mais tristes de nossa vida".

É lamentável, mas esses são os caprichos da mente humana.

A maioria dentre nós jamais ficará com o coração partido porque nos ofereceram míseros 89 milhões em vez dos 91 milhões que queríamos. Mas muitos dentre nós nos perdemos em nosso próprio contexto material. Não é o valor do cheque que nos causa dificuldade; são nossas prioridades. Não creio nem por um momento que as Escrituras sejam contra a riqueza. Mas a advertência àqueles que fazem da riqueza o seu objetivo é uma dura realidade. A riqueza tem de ser utilizada com a ajuda de uma filosofia de vida que é maior do que a riqueza em si. Caso contrário, ela molda a mente para amargas decepções. No decorrer dos anos, Deus tem me dado o privilégio de estar com algumas pessoas que têm o dom natural de multiplicar o que lhes foi confiado. Muitas admitiram para

mim que aprender a conviver com a riqueza é uma disciplina muito difícil.

Nikos Kazantzakis estava totalmente errado sobre Jesus em seu livro *The last temptation of Christ*.[6] Ele apresentou uma cena em que Satanás fez passar na imaginação de Jesus o que ele poderia ter conseguido, caso tivesse resistido à cruz: uma casa em Betânia, a fascinação de ter como esposa Maria ou Marta — ou ambas! Kazantzakis estava errado. Completamente errado. Ele nunca fez uma pausa para refletir que uma casa em Betânia não seria de fato uma atração para aquele cuja habitação ficava no céu.

Concluo este capítulo e suas lições com uma lembrança pessoal. Alguns anos atrás estávamos passando o Natal na casa dos pais de minha esposa. Não foi um dia feliz para a família. Muita coisa tinha dado errado nas semanas anteriores, e uma tristeza pesada pairava sobre a casa. Ainda assim, em meio a tudo isso, minha sogra manteve seu hábito de convidar, para participarem conosco da ceia de Natal, pessoas que talvez não tivessem nenhum lugar para ir naquela data.

Naquele ano ela convidou um homem que, na avaliação de todos, era uma pessoa um tanto estranha, alguém de comportamento bem excêntrico. Não se sabia muito sobre ele na igreja, exceto que vinha com assiduidade, sentava-se sozinho e saía sem muita conversa. Era óbvio que morava só, e tinha uma aparência triste e solitária. Ele foi o nosso convidado de Natal.

Em virtude de outros acontecimentos na casa, em especial o fato de que uma das filhas foi levada para o hospital para dar à luz o seu primeiro filho, tudo era confusão. Todas as nossas emoções estavam à flor da pele. Dessa forma, coube a mim entreter esse cavalheiro. Tenho de confessar que não fiquei satisfeito com isso. Graças a uma vida muito ocupada com viagens o ano inteiro, com muito zelo, tenho reservado meus Natais para estar com minha família. Essa experiência não

seria um grande privilégio, e eu não estava contente. Sentado na sala de estar, entretendo-o enquanto os outros estavam ocupados, pensei comigo mesmo: "Este Natal será lembrado como um dos piores da minha vida".

Mas de alguma maneira conseguimos chegar ao fim da noite. Era evidente que ele tinha apreciado a refeição, o fogo crepitante na lareira, a neve lá fora, os cânticos natalinos sendo tocados e uma discussão teológica bastante pesada, em que ele e eu ficamos envolvidos — instigada por ele, devo acrescentar. Era um homem bastante culto e, conforme descobri, gostava de enfrentar temas teológicos difíceis. Eu também gosto, mas, com toda franqueza, não durante uma noite que foi separada para desfrutar momentos tranquilos da vida, não para apreciar a mente polêmica de alguém.

No final da noite, quando se despedia de todos nós, ele pegou a mão de cada um, um por um, e disse: "Eu lhes agradeço pelo melhor Natal da minha vida. Jamais o esquecerei". Ele saiu rumo à noite escura e cheia de neve, de volta à sua existência solitária.

Diante daquelas ternas palavras, eu desabei com a acusação que meu próprio coração me fazia. Tive de me apoiar em cada nervo de meu ser para não irromper em lágrimas. Poucos anos depois, relativamente jovem e por isso para nossa surpresa, ele faleceu. Tenho revivido aquele Natal muitas vezes em minha memória.

O Senhor me ensinou uma lição. O objetivo principal de uma casa é refletir e distribuir o amor de Cristo. Qualquer coisa que usurpe esse objetivo é idolátrica. Tendo se elevado acima do preconceito da cultura, Jesus reposicionou para os discípulos o lugar da riqueza. Foi tão impressionante o impacto que, nos anos seguintes, muitos deixariam suas próprias casas para ir a lugares distantes do mundo, a fim de proclamar a mensagem que foi enviada do céu e redefiniu suas casas terrenas. Onze deles pagaram com a vida por essa mensagem.

A primeira vez em que andei pelas ruidosas ruas de Belém e suportei o cheiro daquele lugar, tive uma compreensão inteiramente nova da diferença entre nossos cânticos natalinos, que exaltam a doçura da "pequena cidade de Belém", e a dura realidade de Deus tornar-se carne e habitar entre nós. Ah! Mas acaso não faz parte da maravilha da revelação divina da realidade o fato de que ele aponta para aquilo que vivemos para nos mostrar como a verdadeira vida deve ser?

Em relação aos discípulos, a resposta de Jesus à pergunta simples que fizeram — "Onde você mora?" — devia erguê-los acima da raça e da cultura, acima da riqueza e do poder, acima do tempo e da distância, para torná-los verdadeiros cidadãos do mundo, firmados no mundo vindouro. Ele os levou a uma maneira de viver e pensar drasticamente diferente daquela a que estavam acostumados. Mostrou-lhes a inclusividade de seu amor pelo mundo todo. No entanto, implícita nisso, estava a exclusividade de sua verdade, pela qual estavam dispostos a dar a vida. Temos invertido a ordem de Jesus. Temos feito com que a verdade se torne relativa e a cultura se torne suprema, e restou para nós um mundo em que reina a perversidade.

Jesus trouxe a verdade à luz e um mundo diferente à sua mensagem. Nele meu coração encontra sua verdadeira casa.

Com seu estilo inigualável, G. K. Chesterton captou a maravilha de como o endereço terreno de Jesus muda o nosso.

> Uma criança em um estábulo fétido,
> onde os animais se alimentam e babam;
> somente onde ele era sem-teto
> você e eu estamos em casa:
> temos mãos que modelam e cabeças que sabem,
> mas o coração, nós o perdemos — há quanto tempo!
> Em um lugar que nenhum mapa ou navio consegue mostrar
> sob a abóbada do céu.
> A uma casa aberta à noite,
> a ela os homens virão,

a um lugar mais velho do que o Éden

e a uma cidade mais alta do que Roma.

Ao final do caminho da estrela errante,

às coisas que não podem ser e que são,

ao lugar onde Deus estava sem teto

e todos os homens estão em casa.[7]

Onde Jesus mora? Venha a Cristo e veja o que significa viver.

---

[1] C. S. Lewis, citado em Elisabeth Elliot, *Discipline: the glad surrender* (Old Tappan: Fleming H. Revell Co, 1960), p. 62.

[2] Christopher Hitchens, citado em Carla C. Engelbrecht, "Hitchens talk controversial sparks debate", *Campus Times News* (University of Rochester), edição online, 13 nov. 1997, disponível em: www.ct.rochester.edu.

[3] Esse evento está registrado como *Al-Miraj*, na surata 17.1. É muito importante notar que esse versículo do Alcorão, em particular, no qual os muçulmanos baseiam a jornada celeste de Maomé, na verdade não especifica se tal jornada foi literal ou visionária. Intérpretes estão em lados opostos quanto ao exato significado dessa jornada noturna. Um importante desafio para os intérpretes é que a mulher de Maomé disse que ele esteve a noite inteira ao lado dela e nunca a deixou fisicamente. Também causa consternação a estudiosos muçulmanos o fato de que existe um episódio muito parecido na lenda de uma jornada celeste feita por Zaratustra, a qual antecede o islamismo. Críticos textuais continuam a debater se essa história foi tomada de empréstimo pelo islamismo.

[4] Usado com permissão pessoal de Larry King.

[5] Desde o início o islamismo era favorável e basicamente predisposto a um povo em particular. Não há quase nenhuma dúvida de que, em seus primórdios, o islamismo foi uma reação geopolítica aos outros grupos em redor. Mesmo aqueles simpáticos ao islamismo, como é o caso de Ali Dashti, o notável jornalista iraniano, comentam que o maior milagre do islamismo é que ele deu aos seguidores de Maomé uma identidade, algo que lhes havia faltado na condição de vários grupos tribais em conflito. O próprio idioma do Alcorão é restritivo. Reivindicar que o único milagre de Maomé foi o Alcorão e, em seguida, declarar que não se pode reconhecer o milagre a menos que se conheça o idioma faz com que o milagre não seja de modo algum universal. Como um "profeta para o mundo" pode estar tão estreitamente restrito a um grupo linguístico? O Alcorão, conforme dizem, é inspirado apenas na língua original — nenhum outro idioma consegue transmitir o milagre. Não se pode ignorar a estreiteza de seu apelo étnico.

[6] Edição em português: *A última tentação de Cristo* (Rio de Janeiro: Rocco, 1988)

[7] G. K. Chesterton, "The house of Christmas", in: Robert Knille, org., *As I was saying* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), p. 304-5.

# 3

# A ANATOMIA DA FÉ E A BUSCA DA RAZÃO

Certa vez perguntaram ao notável filósofo ateu Bertrand Russell:

— Se você se encontrar com Deus após a morte, o que dirá a ele para justificar sua incredulidade?

— Direi a ele que não me apresentou provas suficientes — Russell respondeu de pronto.

Bertrand Russell pode ter sido uma voz sobremodo hostil a toda crença religiosa e ao cristianismo em particular, mas sua sede de provas ou sua exigência de comprovações não é exclusiva.

De minha parte, confesso que fico refletindo mais sobre aqueles que não procuram nenhum respaldo para as coisas em que creem do que sobre aqueles que procuram. Existem centenas, senão milhares de pessoas com quem cruzei em minhas viagens e que não apenas "creram por teoria" em alguma entidade divina, mas também assumiram um compromisso com devoção sincera. "Deuses" e "deusas" com características e atributos medonhos são venerados por milhões que trazem suas oferendas e se prostram em adoração. Fico confuso com esse compromisso inquestionável, praticado por causa de um sentimento que é produzido por sua cultura ou é o legado dela.

Em contrapartida, também reconheço que encontrar para a crença uma justificativa racional não influenciada pelas emoções pode ser um exercício entediante e às vezes perigoso. Mas, se a verdade é a motivação da busca, ela tem, quando procurada de forma sensata, suas recompensas. Há um velho ditado que diz: "É melhor debater uma questão antes de chegar a uma decisão a respeito dela do que chegar a uma decisão antes de debatê-la". Minhas próprias batalhas intelectuais foram bastante necessárias em uma terra com tantos "deuses" quanto pessoas.

Lamentavelmente, por motivos justificáveis e injustificáveis, com frequência pessoas hostis à crença em Deus caluniam a fé nele sob a alegação de que ela é o engodo da emoção que, sem o envolvimento da mente, apega-se a uma ideia. Eles creem que a fé consegue suportar o peso tanto das emoções quanto da mente.

Reconheço que todos somos constituídos com diferentes capacidades de pensar nesses assuntos. No entanto, isso não servirá de motivo suficiente para respaldar um ponto de vista em detrimento de outro. Não podemos fugir às perguntas que adversários têm apresentado àqueles que "vivem pela fé". Quando nenhuma lógica coerente é apresentada em prol da "fé", eles estão certos em querer saber o que distingue a fé da tolice ou da irracionalidade.

Com grande frustração, minha mãe certa vez me perguntou:

— De onde você vem com todas essas perguntas? Será que tem de haver explicação para tudo?

Eu invejava a simplicidade dela. Mas, pondo de lado nossas idiossincrasias, tenho de fazer o contraponto em um mundo atormentado por maneiras contraditórias de definir a realidade última. Empenhar a vida, os hábitos, os pensamentos, os objetivos, as prioridades — tudo — em determinada visão de

mundo sem que nenhuma pergunta tenha sido feita é, do ponto de vista do antagonista, construir a vida sobre um fundamento bastante questionável.

Neste encontro com Jesus, trataremos de uma pergunta difícil que lhe foi feita e veremos por consequência tanto a anatomia da fé quanto a busca da razão. Aliás, Jesus advertiu, em termos bem sérios, aqueles que buscam sinais. Mas ele também justificou suas reivindicações, e o fez de forma extraordinária. Há um equilíbrio, e temos de encontrá-lo.

Alguns anos atrás, enquanto estava nas Filipinas falando em algumas reuniões, fiquei hospedado em um pequeno hotel familiar. A mulher que administrava o local tinha graduação em filosofia e puxou uma conversa comigo sobre racionalidade ou irracionalidade da crença em Deus. Durante a conversa, ela me perguntou se eu havia conhecido determinada família hospedada naquele hotel, que tinha vindo da Austrália para que seu filho fosse curado de câncer por um "curandeiro".

Afinal, certa noite acabei indo ao quarto do casal com o filho. A esta altura não consigo me lembrar da idade exata do menino, mas creio que tinha entre dez e doze anos de idade. Estava deitado em sua cama estreita, muitíssimo magro, imóvel, em estado deplorável, quase sem vida. Seu rosto, cinza pálido, tinha a aparência da morte. Seus pais e eu conversamos em voz baixa naquele pequeno quarto. Ao lado do menino havia uma mesa de cabeceira, sobre a qual se achava um jarro com um líquido escuro e uma massa carnuda de cor roxa e aparência assustadora da qual brotavam pelos.

A mãe do menino apontou para o jarro e me perguntou:

— Está vendo aquilo ali?

Fiz que sim com a cabeça.

— Aquele é o câncer que o curandeiro removeu sem cirurgia. Foi como mágica. Temos certeza de que agora nosso filho está curado.

Eu apenas olhava fixamente para eles com um peso no coração, pensando em sua terrível dor. Ao mesmo tempo, era demasiado difícil estar face a face com tanta credulidade, olhando nos olhos de quem estava disposto a colocar a vida do filho nas mãos dessas pessoas que reivindicam operar milagres, muitas das quais são charlatães conhecidos. Ali, contra todos os sinais externos, duas pessoas abastadas e de boa cultura alardeavam ter conseguido uma cura por alguém que murmurara palavras mágicas e talvez, sem fazer qualquer incisão, extraíra essa coisa do tamanho de um punho que estava "provocando o câncer" em seu filho. Como explicar tal forma extrema de "fé"? A capacidade humana de acreditar no bizarro, em especial diante de uma necessidade extrema, não tem limites.

Não tenho nenhuma dúvida de que, nas Escrituras, Deus muitas vezes interveio na cura do corpo e de que continua a fazê-lo hoje. Mas esse episódio estava bem longe disso, pois ali componentes de mercenarismo e ritual mágico eram óbvios demais para não serem percebidos.

Antes de sair, eu lhes expliquei que meu trabalho me levava a muitas regiões do mundo e que em verdade me ajudaria saber se o poder do curandeiro era real ou falso.

— Gostaria muito de que vocês me fizessem o favor de me escrever daqui a um ou dois meses e me dizer se seu filho foi de fato curado — eu disse.

Eles apanharam meu endereço e prometeram que iriam escrever. Isso foi há mais de uma década. Nunca tive qualquer notícia deles.

Se casos isolados exigem que não arrisquemos nossa vida nas reivindicações absurdas que algum demagogo faz a seu próprio respeito, é muito mais importante que não arrisquemos o destino da humanidade em alguém que insiste em que ele é a única verdadeira resposta para o propósito e o destino da vida

— a menos que essa reivindicação possa ser testada e justificada de maneira exaustiva. É interessante que, para aqueles que, como Bertrand Russell, afirmam haver escassez de provas, a Bíblia faça um contraponto impressionante. As Escrituras declaram de modo categórico que o problema com essas pessoas não é a ausência de provas; é, pelo contrário, a *supressão* delas. A mensagem de Jesus Cristo troca a acusação de insuficiência de provas pela intenção da pessoa.

Será que Jesus estava deixando implícito que a crença nada mais é do que um compromisso cego da vontade? Creio que não. Mas ele disse, na prática, que, se você testar as reivindicações dele por meio da mesma medida com que fundamenta de forma legítima outros fatos, descobrirá que ele e seus ensinos são totalmente confiáveis. As provas já estão ali. A negação de Cristo diz menos respeito a fatos e mais à tendência que, em razão de seus preconceitos, a pessoa tem de chegar a certas conclusões. Durante anos debatendo essas questões no mundo acadêmico, tenho visto a comprovação disso repetidas vezes.

Observe, por exemplo, as palavras de Thomas Nagel, professor de filosofia na Universidade de Nova York. É assim que ele explica sua visceral antipatia contra a religião:

> Quando falo do temor da religião, não estou me referindo à hostilidade inteiramente razoável contra certas religiões estabelecidas [...] em consequência de suas doutrinas morais, políticas sociais e influência política questionáveis. Também não estou me referindo à associação de muitas crenças religiosas com a superstição e a aceitação de falsidades empíricas evidentes. Estou falando de algo muito mais profundo, a saber, do temor da religião em si. [...] Quero que o ateísmo seja verdade e fico desconfortável com o fato de que algumas das pessoas mais inteligentes e bem informadas que conheço têm crenças religiosas. Não é apenas que não creio em Deus e que por causa disso espero que não exista nenhum deus! Não quero que haja um Deus; não quero que o universo seja desse jeito.[1]

Isso é incredulidade descarada e militante. "Não quero que haja um Deus." Enquanto talvez seja possível descrever o ceticismo de Bertrand Russell como a busca honesta da razão, é melhor termos certeza de que, na realidade, não é a

incredulidade desregrada de Thomas Nagel que se esconde por trás dessa investigação intelectual. Esse tipo de ceticismo é a distorção da razão, distorção disfarçada de franqueza. Para uma atitude dessas, nada serviria como prova suficiente. Veremos que, enquanto estudamos esse tema de razão e fé e o papel dos sinais, Deus tem muito mais a dizer sobre isso do que imaginamos.

## NADA DE NOVO NA EXIGÊNCIA

Muito antes de nossos céticos modernos exigirem provas, as pessoas de mente mais religiosa da época vieram a Jesus e perguntaram: "… Que sinal miraculoso você nos mostra para provar sua autoridade de fazer tudo isso?" (Jo 2.18).

Eles não eram os Russells e os Nagels de sua época, que censuraram duramente o sobrenatural. Na verdade, eram parte essencial da vida do templo, que era o imenso oceano religioso e ao mesmo tempo financeiro em que todos os seus esforços desaguavam. Mesas eram armadas dentro de seu espaço, nas quais vendiam e lucravam com o desejo do povo de estar bem com Deus. De cordeiros sacrificais a bugigangas, os exploradores e os explorados mantinham movimentado o local, com os sons indistintos e o murmúrio de temores temporais e eternos. Os doentes e os deficientes físicos se aproximavam, até onde lhes era permitido, em busca de cura e restauração. Os guardiões da lei moral, da lei cerimonial e de leis de sua própria invenção achavam que o templo era sua salvação.

De todas as empreitadas em que o coração humano se envolve, nenhuma se presta mais a abusos e manipulações do que as atividades da religião. Pois aí o sacrifício e a ganância podem se encontrar no contexto de maior confiança e exploração. Stephen Neill, o respeitadíssimo estudioso e ex-missionário, disse certa vez: "Estou inclinado a pensar que, no sentido comum do termo, a ambição é quase sempre pecaminosa em homens comuns. Estou certo de que no cristão

é sempre pecaminosa e que é máxime indesculpável nos ministros ordenados".[2]

Creio que Neill tinha razão. De Voltaire a Einstein, pensadores têm acumulado sérias suspeitas contra a religião institucional por causa de seu passado questionável. É uma tragédia que a história da religião, incluindo a do cristianismo, esteja cheia de tantos abusos a ponto de, com frequência, os céticos terem justificativa para sua rejeição "racional" da mensagem. Jesus suportou o peso da ira das autoridades eclesiásticas quando as lembrou de que a hipocrisia delas era a causa da incredulidade das massas.

Foi em um desses confrontos entre Jesus e os guardiões do templo que surgiu a exigência de um sinal. Em determinado dia e hora, Jesus entrou no templo e virou as mesas dos vendedores ambulantes da parafernália religiosa e os expulsou dali. "… Tirem isso daqui! Como ousam transformar a casa de meu Pai em um mercado?" (Jo 2.16). Eles haviam transformado um lugar de culto em um ponto de encontro de pessoas desonestas.

Em certo lugar do mundo que tenho visitado muitas vezes, bem do lado de fora do hotel há um pequeno santuário. Eu observava a cada manhã enquanto milhares passavam por ali. A maioria parava, se curvava, dobrava as mãos juntas ou fazia algum tipo de sinal de reverência em honra da divindade e então seguia em frente. Muitos daqueles que de forma cerimoniosa executavam aquele ritual caminhavam em seguida alguns passos e "ficavam à espreita" para ver quais turistas poderiam enganar naquela manhã. Desde exibir fotos de pessoas nuas ou oferecer os serviços de uma prostituta até vender relógios Rolex falsos por vinte dólares, passavam o dia naquilo que era ilegal e imoral. Eram zelosos e agressivos em corromper os ingênuos.

Ao ponderar a respeito, tenho procurado entender seus hábitos de culto e suas atividades comerciais escandalosas.

Cheguei à conclusão de que *hipócrita* é uma palavra muito fraca para descrever uma vida assim. As atividades dessas pessoas, tanto as religiosas quanto as depravadas, não eram escondidas — elas eram todas feitas à vista de todos. Creio que o que de fato tem acontecido é que o nervo da espiritualidade está cortado na altura do pescoço, de modo que nunca desce até o coração, as mãos e os pés. A vida é vivida em compartimentos independentes, sem nada para conectá-los. O ato de se curvarem reconhece o lado religioso. O ato de explorarem os outros lhes confere o lado material. Vivendo assim, eles profanam os outros sem uma única fisgada na consciência. No entanto, se alguém desse a entender que iria profanar aquele santuário, sua vida correria perigo. Essa é a religião manca que presta homenagem a Deus, mas ficaria bem surpresa se Deus chegasse a aparecer.

Foi para um bando de patifes como esses que Jesus veio. Um confronto sem precedentes. Tomando emprestada uma expressão dos dias de hoje, "politicamente incorreto" seria uma descrição suave para um ato arrasador. Ir contra os donos do poder e referir-se ao templo como a casa de seu Pai? Tanto o ato quanto as palavras foram chocantes para os observadores. Esse acontecimento ficaria gravado de modo indelével na memória dos espectadores e levaria seus adversários a decidirem, em caráter irrevogável, que iriam eliminá-lo. Enquanto os discípulos observavam o episódio inteiro, estavam muitíssimo nervosos. Mas o relato nos diz que uma voz do passado traspassava suas consciências. Eles de repente se lembraram de uma passagem da Escritura, que o rei Davi havia redigido mil anos antes: "Sou um estranho para meus irmãos, um forasteiro para os filhos de minha própria mãe; pois o zelo pela tua casa me consome, e os insultos daqueles que te insultam caem sobre mim" (Sl 69.8,9). Eles constataram que Jesus encarnava essa previsão.

Os antagonistas de Jesus não conseguiam conter a raiva e exigiram que ele lhes desse um sinal para justificar sua ação

ousada. Ele só os irritou ainda mais ao responder que o pedido deles podia ser qualquer coisa, menos uma busca da verdade. Mas ele não parou por aí. Em sua resposta, ofereceu prova que nenhum outro pretendente ao ofício messiânico ou divino jamais apresentou. Para um desafio tão grande, seria necessária uma demonstração inigualável de poder.

## UMA NOVA RESPOSTA

"… Destruam este templo, e eu tornarei a erguê-lo em três dias" (Jo 2.19).

"O quê?", foi a reação deles. "… Levou quarenta e seis anos para construir este templo, e você vai erguê-lo em três dias?" (v. 20).

O escritor do Evangelho acrescenta: "… o templo de que ele havia falado era seu corpo. Depois de ele ressuscitar dentre os mortos, seus discípulos se lembraram daquilo que havia dito. Então creram na Escritura e nas palavras que Jesus havia dito" (v. 21,22).

Existem muitas maneiras diferentes pelas quais ele poderia ter demonstrado sua autoridade. Ele escolheu um ponto específico de referência: o templo. Mas incorporou nessa metáfora um significado que falava ao cético e, da mesma maneira, ao religioso. Pois no corpo humano existem possibilidades opostas: nossa propensão para aquilo que é sensato e a disposição de até mesmo desfigurar o corpo por causa do espiritual. Jesus não poderia ter escolhido uma ilustração melhor para justificar sua autoridade do que sua referência ao corpo em relação ao templo.

Existem pelo menos três facetas distintas em sua resposta.

Para ver a primeira faceta, precisamos olhar para o *pretexto* que o cético usou naquela troca de palavras. "… Que sinal você apresenta a favor de sua autoridade?" Nesse desafio, veremos o conflito entre a fé e a razão.

A segunda faceta é o *texto* com que Jesus respondeu: "… Destruam este templo, e em três dias eu o erguerei". Com o passar do tempo, essa seria a maior prova isolada de sua reivindicação. Séculos de determinação em tentar provar que ele não é digno de crédito só têm fortalecido essa prova.

A última faceta da resposta de Jesus é o *contexto* dentro do qual ele queria que fosse entendida a implicação de sua mensagem. Ele apresentou o derradeiro milagre ao tomar aquilo que representava a maior ameaça à inclinação espiritual, transformando-o no centro da espiritualidade. Com o passar do tempo, eles reconheceriam que sua resposta era ímpar e tinha o respaldo da história.

## A SEDUÇÃO E A DEDUÇÃO DE UM SINAL

Tratemos primeiramente do *pretexto* do cético.

Alguém talvez fique surpreso em saber que a história não tem uma longa lista de sérios pretendentes à condição divina. O que se viu, todavia, é a fabricação gradual da divindade pela escolha humana. Essa lista é enorme.

Em certa ocasião eu estava ao lado de uma estrada, observando a estátua dourada de um "deus" sendo transportada de um templo para outro. Milhares clamavam para fazer uma oferenda a fim de, como resultado, receberem uma bênção. Os sacerdotes que acompanhavam o deus tinham incenso e cinza nas mãos, e de forma generosa, abençoavam com a benevolência da divindade qualquer fruta ou peça de roupa colocada diante deles. A cena era extraordinária. Ricos, pobres, jovens e idosos estendiam as mãos para o alto enquanto essa carruagem passava na velocidade de uma lesma. Perguntei a uma mulher que tinha acabado de receber a sua "bênção" se esse deus de fato existia ou se era apenas a expressão de algum forte desejo íntimo. Ela parecia bem hesitante e por fim disse:

— Se você pensa em seu coração que ele existe, então ele existe.

— E se você não acreditar que ele existe? — perguntei.

— Então ele não existe — ela disse com voz suave.

É possível que isso seja a suma das principais personagens a quem se atribui divindade hoje em dia. Alguns tentarão provar suas crenças; outros apenas as levam com discrição no coração, criando divindades que, em seguida, procuram apaziguar.

O senso comum diz que, quando declaramos a convicção em uma crença, fazemos mais do que apresentar um desejo do coração ou alguns elementos isolados das credenciais do reivindicante com as quais podemos chegar a conclusões grandiosas. Uma verdadeira defesa de qualquer reivindicação também tem de lidar com os indícios que a desafiam ou contradizem. Em outras palavras, a verdade não é apenas uma questão de ataque, motivo pelo qual faz certas afirmações. É também uma questão de defesa, motivo pelo qual tem de ser capaz de elaborar uma resposta sensata e convincente para os contrapontos que são levantados.

E aqui algo muito importante vem à tona. Às vezes a escolha não se dá entre o que é sem dúvida contraditório e o que é coerente de modo constante. Contrastar o ex-líder de seita Jim Jones com Jesus Cristo não é difícil. O desafio surge quando um pretendente à condição de deus talvez tenha algumas características únicas que atraem, ao mesmo tempo que escondem uma multiplicidade de ensinos ilógicos ou um estilo de vida contraditório.

Pessoas desavisadas cometem um erro fatal quando empenham sua lealdade a um sistema de pensamento focando apenas nos benefícios desse sistema, ao mesmo tempo que ignoram suas contradições sistêmicas. A totalidade da vida de alguém que faz reivindicações proféticas ou divinas tem de ser observada juntamente com o ensino apresentado. Numerosas

questões históricas e filosóficas entram em jogo quando alguém avalia a sério essas reivindicações.

E é isso mesmo o que torna Jesus tão único. Toda a amplitude tanto de sua vida quanto de seu ensino pode ser submetida ao teste da verdade. Cada aspecto de seu ensino é um vínculo com o todo maior. Cada faceta é como a face de um diamante, captando a luz enquanto é girado com suavidade.

Pressupomos, a esta altura da história do pensamento, que os antigos eram mais ingênuos do que nós e que já chegamos à idade adulta, quando, na verdade, parte da credulidade que temos exibido teria, com razão, feito com que eles se sentissem envergonhados. Se ninguém nega essa realidade, apenas pergunte àqueles da área de publicidade se é a forma ou o conteúdo que vende. Várias vezes nos Evangelhos alguém dentre os ouvintes desafiou Jesus a dar um sinal a fim de comprovar suas reivindicações. Eles não eram um bando de ingênuos. É revelador que, em quase todos os casos, o desafio veio na esteira de um ato milagroso que Jesus havia acabado de realizar. Eles não estavam satisfeitos em apenas ver o milagre. Queriam algo mais.

Por exemplo, em João 6.30, a busca de um sinal vem após ele alimentar cinco mil pessoas a partir de um punhado de pães e peixes. Logo após o milagre, os céticos do grupo lembraram a Jesus que Moisés havia alimentado as multidões com maná. "… Que sinal milagroso *você* nos dará, então, para que possamos vê-lo e crer em você?…" (grifo do autor). No Evangelho de Mateus, a procura de um sinal veio depois da cura de um homem cego e mudo (12.22-45).

Esses incidentes nos dão pistas daquilo a que Jesus se opunha e de por que reagiu da maneira que o fez. Quando os fariseus e os mestres da lei exigiram um sinal dele em Mateus 12, ele respondeu com algumas palavras bem contundentes:

> … Uma geração perversa e adúltera pede um sinal milagroso! Mas nenhum será dado, com exceção do sinal do profeta Jonas. […] Os homens de Nínive se porão de pé por ocasião do juízo contra esta geração e a condenarão; pois eles se arrependeram com a pregação de Jonas, e agora alguém maior do que Jonas está aqui. A rainha do Sul se levantará por ocasião do juízo contra esta geração e a condenará; pois ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e agora alguém maior do que Salomão está aqui (v. 39,41,42).

Jesus os acusa de que a própria motivação que os impeliu a exigir um sinal não apenas revelava que não estavam buscando sinceramente a verdade; a resistência deles à verdade ainda que fossem religiosos, fazia também com que os pagãos endurecidos parecessem melhores do que eles. Em outras palavras, não era a ausência de um sinal que os incomodava. Era a *mensagem* por trás dos sinais que provocava seu desconforto. Caso Jesus pudesse comprovar quem ele era, para eles as implicações seriam cataclísmicas. Tudo o que eles procuravam e possuíam, cada vestígio de poder excessivo de que desfrutavam, dependia de continuarem a ser aqueles que determinavam o destino de outras pessoas. Às vezes a religião pode ser o maior obstáculo à verdadeira espiritualidade.

A ponta certeira da flecha verbal de Jesus atingiu um ponto sensível neles quando ele disse que até mesmo um povo assassino como os ninivitas era mais honesto do que eles. Por quê? Porque a pregação de Jonas aos ninivitas resultou em um arrependimento nacional de tal amplitude que fez história. E a sabedoria do rei Salomão era reconhecida de forma tão ampla que trouxe pessoas de terras distantes apenas para ouvi-lo.

Em resumo, Jesus está dizendo que uma mensagem conquistou por si mesma o coração dos pagãos, mas aqueles que reivindicavam fervor espiritual estavam fugindo das implicações daquilo que já sabiam ser verdade. Ele demonstrou mais sinais confirmatórios e argumentos persuasivos do que Jonas, mais beleza e sabedoria de pensamento do que Salomão. Jonas não era o autor do miraculoso. Jesus era. Salomão não

era a fonte de sua sabedoria. Jesus era. Ainda assim, a diferença não representou nada para eles.

A partir daí, o tempo todo até a sua morte na cruz pelas mãos deles, Jesus provou que não eram evidências que estavam procurando, mas o controle sobre seus negócios, mesmo à custa da verdade.

Atrevo-me a sugerir que é bem possível que o ceticismo de alguns de nossa época proceda da mesma motivação. Uma diferença importante para a pessoa comum de nossa época em comparação com a época de Jesus é que ele estava tentando confirmar que era o Messias diante de um público que pelo menos acreditava na existência de Deus. Em nossa época temos primeiro de confirmar a existência de Deus. Só então podemos apresentar os indícios de que Jesus é Deus encarnado.

Para os que têm mentalidade religiosa, o desafio é mais complexo. Como podemos confirmar que Jesus é o único caminho para Deus? Onde encontramos uma base comum para começar?

## FÉ E RAZÃO

Nem sempre a fé tem sido uma categoria tão suspeita como agora veio a ser. Tanto os hebreus quanto os gregos tinham uma concepção sobre a fé. É verdade que havia algumas diferenças, mas a fé ainda tinha legitimidade. Hoje em dia, caso chegue a ser admitida, ela é vista como a fé para ter fé. É considerada um assunto pessoal e banida da credibilidade intelectual.

"Todo mundo tem de ter alguma fé", comentamos com perspicácia.

"Se não fosse por minha fé, eu jamais teria aguentado a situação", podemos ouvir alguém dizer.

Fé em quê?, alguém talvez pergunte. Em uma fé assim, o foco muitas vezes recai em qualquer coisa, com exceção da verdade, e em tudo o que sinaliza pragmatismo: "Funcionou para mim, seja verdade ou não". Esses pronunciamentos eloquentes têm nos tornado vulneráveis aos vendedores da fé de nosso tempo. É hora de fazer alguma "purificação do templo" da mente e encarar de frente essa realidade.

Em primeiro lugar, vamos entender com clareza o que a fé não é antes de determinar o que ela é. A fé de que a Bíblia fala não é diametralmente oposta à razão. Não é apenas uma vontade de acreditar, apesar de todas as evidências contrárias. Não é uma predisposição de forçar cada informação a se encaixar nos próprios desejos. No sentido bíblico, a fé é substantiva, baseada no conhecimento de que aquele em quem essa fé é depositada demonstrou que é digno de tal confiança. Em sua essência, *a fé é uma confiança na pessoa de Jesus Cristo e no seu poder*, *de modo que*, *mesmo quando o poder dele não atende ao meu propósito*, *minha confiança nele permanece por causa de quem ele é*. Para o cristão, a fé é a reação de confiança baseada em quem Jesus Cristo reivindicou ser, e isso resulta em uma vida em que tanto a mente quanto o coração se mantêm em um compromisso de amor com ele. Acaso essa é uma reação irracional ou ilógica, tendo como base tudo o que o próprio Cristo demonstrou ser?

Cada pessoa que vem a ter esse tipo de fé no único Deus verdadeiro faz isso em meio a uma luta diferente. No Antigo Testamento, Moisés foi o exemplo clássico de como a fé se desenvolveu em alguém para quem as implicações da confiança não foram fáceis. De forma repetida e prolongada, Deus esteve no encalço de Moisés até que ele entendeu que o Deus a quem servia esperava sua confiança e que demonstraria quem era, tanto antes quanto depois de a confiança se concretizar. Deus deu a ele, ao longo de sua jornada, apenas o suficiente para demonstrar quem era, mas guardou a prova culminante para o final da jornada de fé de Moisés.

Em contrapartida, o texto bíblico nos apresenta Abraão como alguém com uma fome tão grande de Deus que estava disposto, com a mínima prova exterior, a deixar sua casa e edificar para a posteridade uma comunidade de fé no Deus vivo. Mas, mesmo nesse caso, cada passo em seu processo de edificação da fé foi confirmado por Deus. Deus lida com pessoas de ambos os tipos: com aqueles que anseiam por mais evidências e com aqueles para quem o mínimo de evidências será suficiente. Mas ele sempre opera em consonância com uma revelação de seu caráter.

Observe, contudo, que há dois lados gêmeos aqui. O primeiro é o da confiança. Jesus reivindicou ser a expressão consumada de Deus. O verdadeiro crente confia em que ele está falando a verdade. Tudo o que ele disse e fez corrobora essa reivindicação, e, em contrapartida, nada do que ele disse ou fez desafia essa reivindicação. Já se disse que a natureza humana detesta o vazio, e isso também deve ser verdade quanto à nossa fé. Nenhum de nós vive de modo confortável com uma fé vazia. Nossa fé tem de ter tanto conteúdo quanto finalidade.

Há, porém, um segundo equívoco comum quanto à fé. Com frequência pressupomos que ela é uma muleta para aqueles que estão sofrendo ou precisam de algum tipo de intervenção transcendente em uma situação da qual não conseguem se safar. Repetidas vezes ouvimos testemunhos acerca da fé dos doentes e moribundos ou dos feridos e dos que sofrem fisicamente. Pressupomos que essa é a maior expressão de fé. Sem dúvida, uma fé que permanece firme nas tempestades da vida é uma fé que deve ser invejada.

Mas gostaria de insinuar que, na realidade, esse tipo de situação é, na maioria das vezes, o reconhecimento ou o *teste* da fé. Uma fé igualmente viável é manifestada quando se demonstra dependência de Deus em meio ao sucesso, quando

tudo está indo bem. Esse tipo de fé sabe que cada momento e cada sucesso na vida é uma dádiva de Deus.

Permitam-me ilustrar isso de duas maneiras opostas. Alguns anos atrás tive o privilégio de conhecer o casal Mark e Gladys Bliss, que durante catorze anos foram missionários no Irã. Estávamos juntos em uma reunião de cristãos iranianos. Enquanto a noite avançava, nosso anfitrião iraniano me levou para um canto e começou a me contar a história do casal Bliss.

Em 1969, ele disse, Mark e Gladys estavam indo de carro com os filhos e uns amigos para visitar uma nova igreja a alguns quilômetros de Teerã. Por sinal, disse esse cavalheiro:

— Eu era um rapazinho, e eles tinham vindo à minha casa para me apanhar para essa viagem. Mas não pude ir.

Naquela viagem, tarde da noite, eles se envolveram em um terrível acidente em que todas as três crianças do casal — Karen, de treze anos, Debbie, de onze anos, e Mark, de três anos — morreram. O outro casal que estava com eles no carro perdeu o filhinho de seis meses naquela terrível tragédia. (Fazendo um comentário à parte, o pai daquela criancinha de seis meses de idade foi martirizado 25 anos mais tarde. Haik Hovsepian foi esfaqueado até a morte por causa de seu amor e serviço por Jesus Cristo. Fica evidente que a primeira tragédia não diminuiu sua fé.)

Enquanto eu ouvia essa história, olhei de relance para Mark e Gladys Bliss, e meu coração sentiu profunda tristeza. Como era possível ter uma aparência de tanta paz depois de ter sepultado os três filhos ainda em tenra idade quando mais precisam de proteção? Uma dor como essa parece grande demais para ficar contida dentro do coração.

— O testemunho deles se tornou uma luz que brilha em nossa comunidade — disse esse iraniano. — Somente a fé deles em Deus lhes deu condições de suportar.

Compare essa história com o que segue. Alguns anos atrás um empresário me convidou para ir ao Oriente para falar a um grupo de pessoas conhecidas como executivos de "colarinho de diamantes". Ele próprio é conhecido como um dos homens mais ricos de seu país. Aliás, mais tarde descobri que, naquelas listas de pessoas ricas, ele aparece como uma das dez pessoas mais ricas do mundo. Quando cheguei ali, perguntei-lhe o que o levara a colocar sua confiança em Jesus Cristo.

— Ah — ele disse —, há dezoito meses eu falei para minha mulher: "Tenho tudo na vida, mas ainda estou tão vazio. Não sei para onde ir. Creio que preciso de Deus".

Sua esposa o apoiou nesse anseio. Com isso começaram sua busca e encontraram o caminho até Jesus Cristo. Nada dramático. Nenhum grande esforço. Apenas a frequência regular em um grupo de estudo bíblico semanal, e agora estavam em sintonia com a riqueza de um relacionamento recém-descoberto com Jesus Cristo.

Acaso a fé de um era inferior à fé do outro? Talvez seja verdade que a fé de um tenha sido mais testada do que a do outro. Mas, com certeza, voltar-se para Deus quando todas as suas necessidades terrenas já foram atendidas é expressar de forma clara que fé em Deus é confiar nele mesmo quando outras formas de apoio estão ao alcance. Jesus disse que para um homem rico assumir esse compromisso era quase impossível. Mas felizmente ele disse em seguida que para Deus era possível.

Como você vê, é assim que Deus nos projetou. Uma das coisas mais surpreendentes na vida é que ela não começa com a razão e termina na fé. Ela começa na infância com a fé e é sustentada pelo raciocínio por meio dessa fé ou então pelo abandono cego da razão a favor de uma fé não analisada. A mente da criança tem uma capacidade bem limitada de informar-se sobre o motivo de sua confiança. Mas, quer ela se aninhe no ombro da mãe, quer se alimente do peito da mãe,

quer corra para os braços do pai, ela faz isso por causa de uma confiança implícita de que aqueles ombros a susterão, de que a comida a sustentará e de que aqueles braços irão segurá-la. Se ao longo do tempo essa confiança for testada, será o caráter do pai ou da mãe que revelará se aquela confiança é sábia ou tola. A fé não é desprovida de razão.

## FÉ E INSENSATEZ

Há outro lado. Jesus lembrou seus seguidores de que o compromisso da vontade é inconstante quando se depara com os braços acolhedores de Deus. A tendência do coração humano é tão insubordinada que cada geração encontrará maneiras de desafiar aquilo que Deus proclama. Essa questão é fundamental para entender que, diante de qualquer prova que seja apresentada em qualquer época da história, sempre exigiremos algo mais. Em Lucas 7.31-35, Jesus disse:

> … A que, então, posso comparar as pessoas desta geração? Com que elas se parecem? São como crianças sentadas no mercado e chamando umas às outras:
>
> "Tocamos flauta para vocês,
>
> e vocês não dançaram;
>
> cantamos um lamento,
>
> e vocês não choraram."
>
> Pois João Batista veio sem comer pão nem beber vinho, e vocês dizem: "Ele tem demônio". O Filho do Homem veio comendo e bebendo, e vocês dizem: "Aqui está um glutão e beberrão, um amigo de cobradores de impostos e 'pecadores'". Mas a sabedoria é comprovada por todos os seus filhos.

Foi dessa maneira que Jesus expôs de modo vigoroso a inclinação da vontade humana. Quando João os advertiu acerca da severidade da lei, eles o chamaram de endemoninhado porque queriam mais liberdade. Quando Jesus veio e se misturou com os excluídos da sociedade, eles o chamaram de hedonista porque queriam ter maior controle sobre a lei. Mas Jesus declarou que a sabedoria se revela por aquilo que produz. Não é preciso mais do que um olhar para a nossa sociedade para ver a total ausência de sabedoria, e isso

ocorre porque não entendemos nem a lei nem a graça. Para essa mentalidade, a fé sempre será caricaturada como um sintoma de credulidade. Jesus não hesitou em desafiá-los a provar que estavam certos, da mesma maneira que faz conosco.

Mas ele virou o jogo e lembrou a eles que o fato de não crerem naquilo que sabiam que era verdade dizia mais sobre o caráter deles próprios do que sobre os indícios. Creio que esse é o componente essencial que muitas vezes está ausente em um debate sobre a fé. Sim, existe o componente do conteúdo, o qual trata da verdade. Sim, existe o componente do amor, o qual trata da mistura de emoção e compromisso. Mas há também o componente da honestidade, o qual trata da veracidade ou da integridade da pessoa. É aí que são enfatizadas publicamente as diferenças. É aí que se revela a verdade inequívoca sobre a razão.

## O VERDADEIRO CONFLITO

Um artigo recente no jornal inglês *Times* intitulado "The rage of reason" [A fúria da razão], de autoria de Matthew Parris, é bem típico de um pensador que reivindica ser um amante da razão em oposição à irracionalidade da religião. Ele destaca seu apelo com um desejo de que os Bertrand Russells, os Thomas Paines e os David Humes do passado voltem e nos livrem do flagelo das "bobagens religiosas" existentes por aí. Não posso abordar neste espaço tudo o que ele diz, mas deixe-me responder a pelo menos uma de suas alegações.

Ecoando as palavras de Blake quando chama por Milton — "Ah! Milton, devias estar vivendo nesta hora; a Inglaterra precisa de ti!" —, Parris roga: "Ah! David Hume, devias estar vivendo nesta hora; precisamos de ti".[3]

David Hume, que viveu no século 18, foi um dos filósofos mais críticos a defender a natureza factual da ciência contra aquilo que chamou de irracionalidade da religião. Ele era um

cético total, e seu ataque filosófico contra a natureza da crença religiosa ressoa até hoje nos ambientes acadêmicos. Hume condenou com veemência a própria possibilidade de milagres.

Parris, o escritor do artigo no jornal *Times*, cita estas palavras famosas de Hume, palavras que muitos céticos têm usado repetidas vezes, sem terem refletido com cuidado a respeito: "A religião cristã não foi amparada por milagres apenas em seu início, mesmo hoje é impossível, para alguém que use a razão, crer nela sem um". É o que disse Hume, e até aqui tudo bem.

No entanto, observe aquilo que Hume diz que deve ser o teste de qualquer coisa significativa:

> Se apanharmos na mão qualquer livro — de teologia ou de metafísica, por exemplo —, perguntemos: *ele contém qualquer raciocínio abstrato relativo a quantidade ou número?* Não. *Contém qualquer raciocínio experimental sobre questão de fato e de existência?* Não. Mande-o para a fogueira; pois não pode conter nada além de sofismas e ilusão.[4]

Citando essas frases com um ar de triunfo, Parris parece pensar que um soco devastador e nocauteador foi dado na religião, de modo que agora ela está inconsciente diante da notável estatura da ciência. Toda religião tem recebido o estigma de nada mais do que "sofisma e ilusão" porque seu "livro de teologia" não passa pelo teste da matemática ou das ciências. A menos que uma declaração se encaixe em uma dessas duas categorias, ela tem de ser "lançada às chamas".

O único problema com o teste de significação de Parris, no qual Hume é citado, é que *o próprio teste não passa pelo teste*. A declaração grandiosa de David Hume não é científica nem matemática. Se, para que tenha significado, uma declaração tem de ser matematicamente sustentada ou cientificamente verificável, então a própria declaração de David Hume é sem sentido. É um solvente filosófico que dissolve a si mesmo. O imperador está nu, embora se vanglorie do tecido mais excelente.

Que arrogância sem limites é estreitar a tal ponto a razão, quando, na verdade, é esse tipo de desrazão que perdeu a si mesma de vista! Aliás, a Bíblia fala desse tipo de pessoa, que se olha no espelho e em seguida vai embora, esquecendo-se de sua aparência. Há uma profusão de escritores como Parris, que se gabam de viver à plena e brilhante luz da razão e desejam livrar este mundo da escuridão de toda a crença religiosa. Em seu exterior são apenas mais sofisticados do que a mulher que disse à beira da estrada: "Se você quer crer que ele existe, então ele existe". O raciocínio oco desses pensadores não é menos egoísta. Há pouco tempo abordei essa crítica de Hume na Universidade de Oxford, e no final um aluno veio e disse: "Tudo bem. Somos irracionais. E daí?". Nossa conversa em seguida — dependendo de como o espectador se sinta — poderia ser classificada como tragédia ou então como comédia.

Como é trágico que tantos estejam vivendo nas trevas da desrazão, apegando-se a seu ceticismo absoluto! As profecias, a pessoa e a obra de Cristo, sua ressurreição dentre os mortos e várias outras afirmações têm pontos de verificação na história. O que o naturalista faz com eles? Não, a fé cristã não é um salto no escuro; é uma confiança bem posta na luz — a Luz do mundo, que é Jesus.

Contudo, isso é apenas metade do problema do naturalista. Alguns anos atrás eu estava jantando com alguns intelectuais, os quais em sua maioria eram cientistas. Formavam um excelente grupo de pessoas, e tive a honra de estar em companhia deles. Em determinado momento nossa conversa se desviou para o conflito entre o ponto de partida do naturalismo — a natureza e apenas a natureza — e o ponto de partida do sobrenaturalismo, ou seja, que Deus é a única explicação suficiente para nossa origem.

Fiz duas perguntas a eles.

— Se o Big Bang foi de fato onde tudo começou [o que alguém pode muito bem admitir, pelo menos nesse ponto do

pensamento científico], posso perguntar o que veio antes do Big Bang?

A resposta deles, que eu havia previsto, era que o universo estava encolhido em uma singularidade.

— Mas não é correto dizer — prossegui — que uma singularidade, conforme definida pela ciência, é um ponto no qual todas as leis da física deixam de funcionar?

— Isso está certo — foi a resposta.

— Então, tecnicamente, o ponto de partida de vocês também não é científico.

Houve silêncio, e a expressão facial deles revelava a busca mental às pressas de uma saída de emergência. Mas eu tinha ainda outra pergunta.

Perguntei se eles concordavam que, quando uma visão mecanicista do universo predominava, pensadores como Hume haviam censurado filósofos por aplicarem o princípio da causalidade a um argumento filosófico da existência de Deus. A causalidade, ele advertiu, não podia ser extrapolada da ciência para a filosofia.

— Agora — acrescentei —, quando a teoria quântica domina, a aleatoriedade do mundo subatômico serve de base para a aleatoriedade da vida. Vocês não estão fazendo a mesmíssima extrapolação contra a qual nos advertiram?

Novamente houve silêncio, e então um homem disse com um sorriso autodepreciativo:

— Parece que nós, cientistas, de fato mantemos uma soberania seletiva sobre o que aceitamos e o que não aceitamos que seja transferido para a filosofia.

Aí está a verdade nua e crua. A pessoa que exige um sinal e ao mesmo tempo já decidiu que qualquer coisa que não possa

ser explicada cientificamente é sem sentido não está apenas querendo manipular o resultado; está perdendo o próprio jogo.

## A MENTE POR TRÁS DO QUESTIONADOR

Ainda resta uma coisa que precisa ser dita sobre a exigência de um sinal. Acaso essa exigência não é um sinal em si? Afinal, o motivo pelo qual se exige um sinal é que somos seres inteligentes. Procuramos provas porque pensamos, e o pensamento só pode ser o resultado de uma mente. Mas nossa mente não pode justificar nossa propensão pela razão caso não houvesse nenhuma razão última e nenhuma mente por trás da existência de nossa mente, porque a estrutura de nossa mente é o resultado de informações complexas. Temos de ficar maravilhados não apenas com o que a mente procura, mas também com o que a mente é. Lewis Thomas faz o seguinte comentário em *Medusa and the snail* [A medusa e a lesma] sobre o esquema repleto de informações no gene humano.

> A simples existência dessa célula deveria ser um dos maiores assombros da terra. As pessoas deveriam ficar perambulando o dia todo, durante todas as horas em que estão acordadas, gritando umas às outras em infindável deslumbramento, falando sobre nenhum outro assunto senão aquela célula. [...] Se alguém conseguir de fato explicá-la, antes de morrer fretarei um daqueles aviões que escreve com fumaça no céu, talvez uma frota inteira deles, e os enviarei para o céu para escrever um grande ponto de exclamação, e um após o outro, no céu inteiro, até que todo o meu dinheiro se acabe.[5]

Chandra Wickramasinghe, professor de matemática aplicada na Universidade de Cardiff, no País de Gales, escrevendo sobre essa mesma célula humana, lembrou seus leitores de que a probabilidade estatística de formar até mesmo uma única enzima, o componente básico do gene, que por sua vez é o componente básico da célula, é de 1 em $10^{40.000}$. Traduzindo esse número, seriam necessárias mais tentativas para a formação de uma única enzima do que o número de átomos em todas as estrelas em todas as galáxias em todo o universo conhecido. Embora seja budista, o dr. Wickramasinghe admite essa ideia sobrenatural.[6]

Esse acontecimento é tão "impossível" que Francis Crick, o cientista que conquistou o Prêmio Nobel por ajudar a decifrar o código do DNA humano, disse que isso é "quase um milagre".[7]

Em resumo, tanto o próprio teste de David Hume quanto o pedido de Bertrand Russell de que sejam apresentadas provas obrigam a questionar quem tem de ter mais fé: o cristão que usa sua mente para confiar em Deus ou aquele que, sem nenhuma tentativa de explicar como sua mente veio a existir, ainda assim usa essa mente para exigir um sinal e descrê de Deus? Quando pediram a Russell para explicar a existência do universo, ele disse: "Ele apenas está aí". Isso não é uma explicação. Isso é uma evasiva. O rei Davi disse há muito tempo, em seus salmos de louvor a Deus: "… de modo assombroso e maravilhoso fui criado…" (Sl 139.14).

Anos atrás, li um episódio da tira em quadrinhos "Born loser" [Perdedor nato]. Nesse episódio, Brutus Thornapple foi visto descansando em um magnífico trecho de praia. Ele se voltou para um estranho ao lado e confidenciou:

— Consegui pagar esta viagem porque recebi dez mil dólares de indenização de um seguro contra incêndio em minha casa.

O homem respondeu:

— Estou aqui porque recebi uma indenização de vinte mil dólares de um seguro contra enchente, a qual destruiu minha casa.

Brutus ficou totalmente atônito, então se virou para encarar o homem e sussurrou:

— Como é que alguém começa uma enchente?

Pequenos incêndios e pequenas enchentes são fáceis de começar, se você tiver fósforo e água. Como é que um universo que se desenvolveu a partir do nada transmite a cada cadeia

humana de DNA informação suficiente e específica para abranger seis mil páginas de informações a partir do nada? A inteligência é intrínseca à nossa composição. Jesus advertiu contra tomar aquilo que é intrínseco e manipulá-lo em um cenário que exclui outras facetas igualmente intrínsecas que nos conduzem a Deus.

Em resumo, a fé em Jesus Cristo é, portanto, um compromisso cognitivo, emotivo e moral com aquilo que passa pelo escrutínio da mente, do coração e da consciência. Não é uma explicação escapista que vem em resgate quando a vida está fora de controle. É reformular cada ameaça e possibilidade que a vida apresenta de acordo com o propósito de Deus.

É por isso que Jesus desafiou a noção de que mais provas teriam gerado mais fé. George Macdonald disse anos atrás que oferecer a verdade àquele que não ama a verdade só dá mais motivos para erros de interpretação.

## A MAIOR DE TODAS AS PROVAS

Agora Jesus contrasta o *texto* de sua resposta com o derradeiro teste de sua reivindicação: "… Destruam este templo, e em três dias eu o erguerei".

Que prova maior ele poderia oferecer do que ressuscitar dos mortos? O naturalismo é forçado a crer que a morte é a cessação da vida, a cessação irreversível da atividade cerebral. Séculos de debate não têm conseguido dissipar a sensação de que a morte é um ato final. O filósofo Albert Camus disse com sarcasmo que "a morte é o único problema da filosofia". Se de alguma forma fosse possível vencer a morte, a vida poderia ser redefinida.

Jesus deu a maior prova de sua autoridade ao predizer com exatidão sua morte e o tempo de sua ressurreição física. Mais do que quaisquer outras pessoas, as autoridades do templo deveriam ter estado alertas à promessa dele, mas elas jamais

sonharam que isso na verdade aconteceria. Tinham certeza de que era falatório oco. O cumprimento daquela predição revela a singularidade de Jesus acima de todos os competidores.

É importante assinalar que Jesus não predisse uma mera ressurreição espiritual. Essa teria sido uma saída fácil. Ele previu uma ressurreição *física* e verificável. Depois de ter sido colocado no túmulo, as autoridades do templo só precisavam apresentar o corpo para contestar a reivindicação dele. Mas elas não conseguiriam. Ele de fato provou o que disse que provaria.

A esperança que ele traz é a demonstração de que a morte foi vencida. Paulo, reconhecendo a reivindicação cristã, disse que, se a esperança que vem do fato de Cristo ser ressuscitado dentre os mortos não é verdade, "… nós somos os mais miseráveis de todos os homens" (1Co 15.19, KJV). Foi o encontro com o Jesus ressuscitado que transformou esse indivíduo obstinado, um assassino chamado Saulo de Tarso, no apóstolo Paulo.

Mas a singularidade de sua ressurreição não é deixada como uma esperança "futurista". Está ligada a privilégios e responsabilidades presentes. Aqui Jesus foi além do pretexto deles e do seu próprio texto para o contexto mais amplo em favor de todos nós.

## QUANDO CORPOS NÃO IMPORTAM

No início deste capítulo, afirmei que havia um motivo pelo qual Jesus utilizou o conceito do corpo para falar sobre o templo. Suas palavras na realidade tinham um duplo significado tanto para o cético quanto para o religioso. A Bíblia diz que aqueles que o ouviram dizer essas palavras não sabiam que ele estava falando do templo do corpo, o qual ele chamou de "o templo de Deus". Esse é o contexto em que ele deu sua resposta. Ele ergueu o olhar deles além das pedras e da

argamassa para o lugar em que procura habitar: dentro de cada ser humano. Seu corpo e meu corpo são o seu templo.

Essa é uma extraordinária concessão de santidade àquilo que significa um ser humano. Significa que este corpo é considerado digno de respeito e reverência. Não só a prova da autoridade de Jesus é diferente de qualquer outro pretendente à divindade, mas sua aplicação e implicação apresentam um mundo de diferença.

Por favor, preste bastante atenção àquilo que estou dizendo agora. Em todas as religiões panteístas e no pensamento da nova era, o corpo é visto como uma extensão ou continuação do universo. Deepak Chopra, o popular palestrante e escritor, é um exemplo clássico disso. Ele é um expoente dos temas de espiritualidade, riqueza e sucesso e representa uma cosmovisão que, em essência, é panteísta e se orgulha de sua mistura de naturalismo com o espiritual. Chopra defende que partilhamos materialmente de cada parte do universo. Ele ainda defende que, em sua aleatoriedade, o mundo subatômico fornece a base para a totalidade da vida. A partir dessa aleatoriedade e dessa unidade cósmica encontramos nosso ser, nossos valores comuns e nossos objetivos espirituais. Esta é a explicação dele em seu livro *The seven spiritual laws of success* [As sete leis espirituais do sucesso]:

> No nível material, tanto você quanto uma árvore são feitos, de forma básica, dos mesmos elementos reciclados: carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio e outros elementos em quantidades diminutas. Com dois dólares você poderia comprar esses elementos em uma loja. [...] A verdadeira diferença entre vocês dois está na energia e na informação. [...] Seu corpo não está separado do corpo do universo, porque nos níveis mecânicos quânticos não existem limites bem definidos. Você é como uma sacudidela, uma onda, uma flutuação, uma convolução, um redemoinho, uma perturbação localizada no campo quântico maior. O campo quântico maior — o universo — é seu corpo ampliado.[8]

É necessário indagar como esse pensamento pode de fato manter a integridade lógica. Aliás, ele viola as disciplinas tanto da ciência quanto da religião. *Ele reduz meu ser a simples matéria, ao mesmo tempo que a espiritualiza, e exalta a mente à*

*supremacia espiritual, ao mesmo tempo que a naturaliza*. Basear no mundo subatômico impessoal toda uma filosofia de vida ao mesmo tempo que defende tanto a condição aleatória quanto a absoluta é dar a impressão de fazer mágica com as palavras. Chopra faz extrapolações filosóficas que são em si mesmas saltos quânticos. Alguém também poderia argumentar que, se as deduções dele são verdadeiras, seu filosofar não passa de uma sacudidela ou uma onda ou uma perturbação localizada. Essa é a sedução e a redução desse tipo de pensamento, supostamente feitas em nome da sabedoria e do sucesso. O mundo da essência humana de acordo com Chopra e a descrição do valor humano de acordo com Jesus estão em polos opostos.

Uma verdade encontrada na peça *O mercador de Veneza*, de Shakespeare, fornece uma ilustração aqui. Trata-se em essência da história de um homem que havia emprestado algum dinheiro para o amigo de um amigo. O agiota Shylock considerava seu amigo Antônio responsável pela dívida até que fosse paga. De acordo com o que foi acertado, se a dívida não fosse paga, Shylock tinha direito a um quilo de carne de um dos lados de Antônio. Como era de se prever, os navios de Antônio se perderam no mar, e, quando ele teve de quitar a dívida, não tinha os meios para pagar a Shylock. Com alegria, Shylock exigiu seu quilo de carne, a que tinha direito de acordo com a lei. Mas o juiz, para não ficar atrás, declarou: "Você pode receber seu quilo de carne, mas, se uma única gota de sangue for derramada nesse processo, você terá de pagar com seu próprio sangue". De repente Shylock havia perdido em seu próprio jogo.

É impossível remover um quilo de carne viva sem derramar sangue, da mesma maneira que é impossível tornar o corpo inviolável enquanto é reduzido a simples matéria. Os naturalistas não conseguem ter seu quilo de carne sem fazer a vida sangrar. Em meio à substância da carne humana flui a vida. A vida é mais do que a matéria. As religiões que

procuram manter sagrado o corpo ao mesmo tempo que negam a mão do Criador estão no mesmo barco de céticos que tentam proteger a vida apesar de dizerem que tudo não passa de matéria.

Toda a dessacralização que tomou conta de nossa cultura se encontra nessa exata luta de entender o lugar e a sacralidade do corpo. O direito de cada vida em particular, mesmo daquela ainda no ventre da mãe; o prazer e a consumação do deleite sexual, reservado para a santidade do matrimônio; a proibição do suicídio; o cuidado e a proteção da saúde; a proibição de matar; e a ordem de amar os outros mais do que nos amamos e trabalhar pelo bem deles — tudo isso decorre do fato de que esse corpo se torna a habitação de Deus. Nosso mundo seria um lugar diferente, caso entendêssemos esse sério privilégio.

Tendo perdido tal verdade, o que nos resta? Pornografia e a degradação cruel de homens, mulheres e crianças; a morte no útero em nome de direitos pessoais; a desagregação da família por uma miríade de razões; a profanação do sexo em nossa indústria do entretenimento; violência em proporções sem precedentes. Só se pode chorar por causa do sangramento e da perda. Quando perdemos o elevado valor que Deus atribuiu ao corpo, estamos em queda livre, à mercê da ganância, da crueldade e da luxúria.

Em uma de minhas viagens em determinada parte do mundo, vi-me sentado ao lado de uma mulher que trabalhava para uma agência internacional que cuidava de crianças. Enquanto conversávamos, ela confessou que, depois de tudo o que havia visto em seu trabalho, era muito difícil continuar otimista com o futuro deste mundo. Por que, perguntei-lhe, ela havia se tornado tão cética? Ela fez uma pausa e começou a narrar histórias de partir o coração. Mencionou o nome de uma cidade em particular onde havia estado há pouco tempo e descreveu os horrores de tudo o que se passava ali. Em uma região da cidade chamada "Beco da cobra", os homens vêm

durante a noite e bebem uma mistura de álcool e sangue de cobra. Quando já estão altos, são levados a uma sala nos fundos onde crianças lhes são oferecidas para seu prazer sexual. Essa mulher me contou que a criança mais nova que resgataram dessa terrível condição tinha apenas onze meses de idade. É claro que muitas crianças são usadas dessa maneira e em seguida mortas, com frequência no próprio ato.

— Onde estão os responsáveis por uma cidade como essa? — perguntei.

— Eles são corruptos — foi sua triste resposta.

Como é possível algo assim receber legitimidade? Ou será que é apenas mais fácil fingir que isso não acontece? O flagelo da violência e da vileza é a cria de uma mente que perdeu o respeito pelo corpo, ao mesmo tempo que o corpo perdeu sua santidade.

Mais perto de onde vivemos, embora as histórias sejam diferentes, a lógica é a mesma. Em março de 1998, dois meninos de onze e treze anos saíram atirando em sua escola na cidade de Jonesboro, no estado de Arkansas, nos Estados Unidos, matando quatro meninas e uma professora e ferindo outros dez. Na época, essa tragédia da escola Westside Middle School foi a maior chacina já ocorrida em uma escola nos Estados Unidos. Na noite do tiroteio, muitos estavam recebendo aconselhamento em pequenos grupos na sala de espera do hospital. Amigos e parentes estavam esperando receber notícias acerca das vítimas. A cena toda era de desconsolo e pavor.

Em um canto estava sentada sozinha uma mulher, parecendo atordoada e sem saber o que fazer. Um conselheiro foi até ela para ver se ela precisava de alguma ajuda e descobriu que era a mãe de uma das meninas que haviam sido mortas. Ela não tinha marido, nem amigos, nem família.

— Vim apenas para ver como faço para levar o corpo de minha filha — ela disse.

Mas o corpo havia sido levado para a cidade de Little Rock, a cerca de 160 quilômetros de distância, para autópsia.[9]

"Vim apenas para apanhar o corpo de minha filha."

Ela não veio apanhar uma sacudidela, ou uma onda, ou uma flutuação. Ela veio buscar o corpo da filha, não apenas uma extensão do universo. Como esse é um lembrete deprimente para o restante de nós! Podemos banalizar o corpo em nossas transigências. Nós o tratamos como um meio para outros fins. Mas, quando a morte chega, nós o agarramos e nos apegamos a ele, porque é tudo o que nos resta.

Jesus deixou claro que o corpo não é diferente de outras propriedades apenas do ponto de vista da informação; é propositadamente diferente. É por isso que a ressurreição é física em sua essência. O corpo importa no sentido eterno, não apenas no temporal.

## UM NOTÁVEL ELOGIO

A implicação final das palavras de Jesus para todos nós é recompensadora, pois, se nossos corpos são a habitação dele, a adoração se eleva acima de um local. Em nenhuma outra cosmovisão religiosa se faz essa conexão entre o corpo e o templo. Aliás, em cada uma das outras cosmovisões o corpo é distinto do templo. Estabelecem-se regras para o corpo, antes de ele poder entrar no templo. Uma lista de pré-requisitos envolve a entrada nos denominados "espaços sagrados" de culto.

Durante o período em que escrevia este livro, tive o privilégio de assistir em certo país a uma festa denominada Thaipusam. Enquanto eu caminhava entre um mundaréu de gente e via tudo o que acontecia em meio àquele desejo de adorar, minha mente estava em constante estado de choque.

Devotos envolvidos nessa cerimônia são uma terrível demonstração de até que ponto estão dispostos a ir a fim de obter o favor do seu deus. Lanças de ferro são fincadas em seus corpos, e grandes espetos são transfixados de um lado a outro de seus rostos. Outro espeto é traspassado em suas línguas, e os devotos desfilam por quilômetros e por horas com esse "equipamento" neles. Aliás, logo atrás de cada um vem um ajudador, que segura as rédeas presas em ganchos cravados nas costas do devoto e as puxa para trás, forçando o devoto a ir em oposição àquela força contrária enquanto faz a longa caminhada. No final da caminhada, ele sobe cem degraus até o templo do Senhor Murugan, o segundo filho do deus hindu Shiva.

É surpreendente ver que a carne não rasga e o fluxo de sangue, quando ocorre, é mínimo. Cada devoto está em transe. O templo fica movimentado enquanto cada participante chega e lhe são tirados os aparatos com que havia sofrido, e a cerimônia continua. A marca de cinza na testa no final do dia é cinza de esterco de vaca queimado e "purificado". Tudo isso é para conquistar a bênção daquele que o devoto adora na "santidade" do templo, *o lugar de encontro com seu deus*, e para ser abençoado pelas mãos do sacerdote. Como essas crenças estranhas surgiram?

Os leitores se recordarão do assassinato de Indira Gandhi, a primeira-ministra da Índia. O assassinato foi motivado por vingança porque ela havia enviado o exército a um templo sique, onde armas estavam sendo armazenadas. Ela foi assassinada a fim de preservar um templo. Jesus lhes teria dito que na realidade eles haviam destruído aquilo que tinha o propósito de ser seu templo a fim de preservar um lugar.

Há pouco tempo, hindus e muçulmanos se envolveram em atentados a bomba e assassinatos por causa do local sagrado de nascimento de uma divindade hindu no qual uma mesquita fora construída. É irônico que essa raiva seja o desdobramento

lógico de uma crença que exalta lugares como espaços exclusivos onde as pessoas fazem contato ou se encontram com Deus. Os muçulmanos jamais permitirão que em seu país uma igreja tenha um campanário mais alto do que uma mesquita. Aliás, não é incomum que, onde já existe uma igreja, muçulmanos construam ao lado uma mesquita mais alta.

O islamismo ridiculariza o cristianismo por profanar o nome de Deus, dizendo que a encarnação de Jesus é blasfêmia. Mas em sua encarnação Jesus exalta o corpo, em primeiro lugar ao ser concebido no ventre de uma virgem e em seguida ao assumir a forma humana e dar-lhe a gloriosa expressão de Deus em carne.

A história da cristandade não está livre de perversões. Mas Jesus mandou uma mensagem clara e distinta. *Nós* somos o seu templo. Nós não nos viramos para determinada direção para orar. Não estamos obrigados a ir a um edifício para poder ter comunhão com Deus. Não existem posturas, horas e limitações específicas que restrinjam nosso acesso a Deus. Meu relacionamento com Deus é íntimo e pessoal. O cristão não vai ao templo para cultuar. O cristão leva o templo consigo. Jesus nos ergue acima do edifício e presta ao corpo humano o sublime elogio ao torná-lo sua habitação, o lugar onde ele se encontra conosco. Mesmo hoje ele derrubaria as mesas daqueles que transformam o templo em mercado para sua própria luxúria, ganância e riqueza.

Acaso não era essa a impressionante verdade por trás do gesto da mulher enquanto ela derramava em Jesus o unguento do jarro de alabastro, conforme descrito em Lucas 7? Por um lado, o gesto era para preparar o corpo de Jesus para sua morte, mas, por outro, algo maior havia acontecido. Ela era uma mulher de má fama. É possível que ganhasse a vida se prostituindo. Agora Jesus a havia acolhido e restaurado nela o valor do corpo humano. Em seu templo terreno encardido, ela veio apresentar uma oferta àquele para quem aquele templo se

tornaria habitação. Jesus disse a respeito dela que, onde quer que a história do evangelho fosse contada, também seria contada a história do que essa mulher havia feito por ele. Foi a derradeira troca entre a corrupção dela e a pureza dele. Isso representou o relacionamento transformado entre a habitação e seu ocupante. "… Cristo em vocês…", disse o apóstolo Paulo, é "… a esperança da glória" (Cl 1.27). Que notícia seria mais gloriosa do que descobrir que ele procura viver dentro de você?

"… Que sinal você nos dá?…", eles clamaram.

"… Destruam este templo, e em três dias eu o erguerei."

Eles não sabiam que ele falava do templo do corpo. Por quê? Porque em sua cobiça e amor pelo poder, estavam concentrados em um templo feito de pedra. Tiveram uma perda enorme ao explorar outras pessoas, outros templos — e até mesmo a si próprios — dentro dos quais Deus queria habitar. Nenhum outro pretendente teria respondido a isso da maneira que Jesus respondeu.

---

[1] Thomas Nagel, *The last word* (New York: Oxford University Press, 1997), p. 130 [edição em português: *A última palavra*, tradução de Carlos Felipe Moisés (São Paulo: Unesp, 1997)].

[2] Stephen Neill, citado em J. Oswald Sanders, *Spiritual leadership* (Chicago: Moody Press, 1994), p. 15 [edição em português: *Liderança espiritual*, tradução de Oswaldo Ramos (São Paulo: Mundo Cristão, 1987)].

[3] Matthew Parris, "The rage of reason", *Times (London)*, 22 May 1999: 22.

[4] David Hume, *On human nature and the understanding*, edição de Anthony Flew (New York: Collier Books, 1962), p. 163.

[5] Lewis Thomas, citado em Henry Brand; Philip Yancey, *Fearfully and wonderfully made* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), p. 25 [edição em português: *Feito de modo especial e admirável* (São Paulo: Vida, 2006)].

[6] Chandra Wickramasinghe, citado por Norman Geisler; A. F. Brooke; Mark J. Keosh, *The Creator in the courtroom* (Milford: Mott Media, 1982), p. 149.

[7] Francis Crick, *Life itself* (New York: Simon and Schuster, 1981), p. 88.

[8] Deepak Chopra, *The seven spiritual laws of success* (San Rafael: Amber Allen Publishing, 1994), p. 68-9 [edição em português: *As sete leis espirituais do sucesso*, tradução de Vera Caputo (São Paulo: Best Seller, 2009)].

[9] Citado em David Grossman, "Trained to kill", *Christianity Today* (10 aug. 1998): 7.

# 4

# UMA DEGUSTAÇÃO PARA A ALMA

"A verdade é mais estranha que a ficção", dizem alguns. G. K. Chesterton, com sua sagacidade de sempre, nos disse por que isso acontece: "É porque temos feito com que a ficção nos seja conveniente". As técnicas modernas só melhoraram a capacidade de produzir mentiras em massa. Com essa combinação de propensão e facilidade, convivemos com o fato de que às vezes parece impossível crer na verdade.

Alguns anos atrás eu e minha família estávamos visitando a cidade de Bedford, na Inglaterra, um pouco a oeste de Cambridge, onde morávamos. No coração de Bedford ergue-se uma estátua enorme de John Bunyan, o famoso escritor do século 17. Aliás, o tamanho daquela escultura é tão imponente que algum brincalhão pintou, de branco, pegadas chamativas e gigantescas desde o prédio até o banheiro público. A mensagem implícita, sarcástica ou não, é que Bunyan ainda vive.

Qualquer pessoa que goste de literatura sabe que, apesar de Bunyan ter morrido há tanto tempo, sua brilhante obra *O peregrino* permanece mais viva do que nunca. Esse livro foi traduzido em mais idiomas do que qualquer outro livro na história, com exceção da Bíblia. Caminhamos pelo museu construído em sua memória, cópias do livro em cada idioma em que havia sido impresso estavam ali em exposição. Ficamos bem impressionados com as pessoas de várias nacionalidades

absortas na exibição, andando de sala em sala, estudando o material exposto.

Quando eu estava indo embora, comentei com a mulher da bilheteria:

— Não é surpreendente que um livrinho simples, escrito pelas mãos de alguém que consertava panelas e frigideiras, tenha alcançado um reconhecimento mundial tão grande?

Ela fez uma pausa e disse:

— Acho que isso é verdade, mas tenho de confessar que não li o livro.

Se não fosse pelo chão duro sob meus pés, eu teria desmaiado de forma voluntária. Incapaz de me conter, perguntei-lhe:

— Por que não?

— Achei muito difícil, eu creio — foi a resposta bem desinteressada.

Se nesse momento fosse possível medir meu choque em um diagrama, eu estaria quase fora do gráfico. O que se diz à pessoa que vende ingressos para um museu cuja existência se deve a um livro, enquanto ela mesma não leu a obra? Recomendei que ela, por questão de pura curiosidade, se não por ser o correto, ao menos tentasse ler a versão infantil para poder ter um leve sabor da essência desse interesse.

Uma notável ilustração de pobreza autoinfligida! É possível ter um tesouro na mão, mas desconhecê-lo e, em vez disso, se interessar pela embalagem. Essa proximidade com a verdade e distanciamento de seu valor repete-se inúmeras vezes em nossa vida. Nas palavras de Chesterton, podemos segurar a poeira e deixar o ouro ir embora.

Ninguém viu essa tragédia acontecer mais do que Jesus. As massas vinham com frequência até ele e iam embora abraçando

coisas menores, ao mesmo tempo que abriam mão do verdadeiro tesouro que ele lhes estava oferecendo. Muitas vezes ele expressou surpresa diante da pouca profundidade deles por serem incapazes de olhar para além da superfície.

Uma das ilustrações mais admiráveis dessa falha foi ilustrada no encontro deles com uma verdade ao mesmo tempo tão cativante e tão notável. A tragédia persistente ao longo da história é que milhões têm cometido o mesmo erro e deixado de ler essas palavras de Jesus, ou então têm distorcido as suas palavras de forma descarada.

Enfrentei a implicação disso certa vez em um questionamento público. Eu havia acabado de apresentar uma palestra diante de um público um tanto ou quanto hostil na Índia. Durante o período de perguntas e respostas, um homem que estava no fundo da tenda gritou de repente:

— Os cristãos são canibais! Jesus promoveu o canibalismo!

Não havia absolutamente nenhuma conexão lógica ou temática entre o que eu havia falado e o rompante daquele homem. Seu ataque só revelou sua animosidade com a mensagem da fé cristã. Na minha experiência, embora nunca tenha me acostumado a esses ataques, com certeza aprendi a prevê-los. A inclinação natural é reagir e retribuir o mesmo que você está enfrentando: escárnio com escárnio, golpe com golpe, deboche com deboche.

No entanto, essa não é a resposta a um questionador irado. Aliás, esse tipo de resposta só diminuiria a eficácia de qualquer resposta. A verdade é que, enquanto eu estava ali, fiz uma razoável e boa avaliação de por que esse homem estava insinuando aquilo, embora a maioria dos ouvintes tenha prendido a respiração quando ouviu aquela assertiva.

Minha reação foi uma simples contrarresposta.

— Por que você diz isso e qual é sua fonte para dizer isso?

Ele não tinha nenhuma. Mas me garantiu que, se eu lhe desse tempo para ir correndo até em casa e verificar o livro em que havia lido isso, ele poderia respaldar sua acusação.

Na verdade, ele não precisava ir atrás de seu livro. Eu poderia muito bem ter indicado o nome do filósofo que ele havia lido e a página em que aquele pensador havia feito essa alegação. Dentre todos os ditos de Jesus, filósofos antiteístas não têm poupado seu desprezo na ânsia de zombar desse dito específico. Então eu sabia com exatidão o que esse aluno tinha em mente. Eu lhe ofereci a oportunidade de subir ao palco e debater a questão, mas ele recusou a oferta.

— Os cristãos são canibais!

Mas de que ele estava falando? Ele já havia lido a Bíblia? Chegara a procurar uma explicação para aquilo que leu? Ou, será que era dessa maneira que ele queria interpretar?

É possível que aqueles que cresceram em um lar cristão ou foram criados em meio a uma vida ativa na igreja jamais tenham tido um pensamento tão bizarro. Mas para quem vem a Cristo de fora de um ambiente cristão ou para o cético em busca de uma discussão, uma passagem em particular das Escrituras salta à vista com uma grosseria incômoda. As palavras são simples e diretas para mexer com as sensibilidades.

"Este é o meu corpo. […] Tomem-no e comam." "Este é o meu sangue. […] Bebam todo ele."

Essas palavras de Jesus provocaram um choque tão grande quando foram por ele proferidas que não posso de todo culpar o aluno por sua reação. Eu me lembro bem de ouvir, quando era bem novo, aquelas frases pungentes ditas em tom pastoral, domingo após domingo, na igreja à qual era arrastado com relutância. Mas aquilo de que mais me lembro é que eu não suportava a duração do culto e não fazia nenhuma ideia do que aquelas palavras significavam — aliás, nem mesmo cheguei a dar atenção a elas. Eu via pessoas indo pelo corredor até a

frente, ajoelhando-se no altar com as palmas das mãos juntas, recebendo algo que colocavam em sua boca. De minha parte eu cronometrava tudo. Eu sabia que, quando aquelas palavras eram proferidas, faltavam mais ou menos vinte minutos para o fim do culto e faltava cerca de uma hora para eu estar no campo de críquete ou no cinema.

Eu estava muito perto de uma das verdades e realizações mais sublimes já ensinadas e demonstradas por Jesus, mas ainda assim permanecia alheio ao seu significado. À semelhança da funcionária no museu de Bunyan, eu não tinha lido aquelas palavras. Hoje sei que, para alguém que procura entender de fato o que tudo isso significa, sua profundidade é imensurável.

Mais uma vez, se formos seguir o caminho da compreensão, temos de seguir a sequência das afirmações de Jesus. De início as simples; em seguida, as profundas. Creio que suas palavras apresentam um aspecto do evangelho que, de forma peculiar, contrasta de maneira brilhante e indiscutível com outras religiões.

## IMPULSIONADO PELO ESPETACULAR

> A terra está repleta do céu,
> e cada sarça comum, ardente por causa de Deus;
> mas somente quem percebe tira as sandálias;
> o restante se assenta ao redor colhendo as amoras.[1]

Essas foram palavras da poeta Elizabeth Barrett Browning. Seu lamento nos leva de volta àquele encontro fascinante quando Deus apareceu a Moisés na sarça ardente e o chamou para guiar o seu povo, tirá-lo da escravidão e levá-lo para uma terra com leite e mel. Essa epifania, conforme destacado por Browning, não era para deleite culinário de Moisés. Da mesma maneira que, devo acrescentar, os trovões e relâmpagos no monte Sinai não eram para que as pessoas pudessem apreciar o clarão na paisagem.

Aquele aspecto de deslumbramento e quase temor que acompanhava os elementos nesses dois momentos de definição para o povo de Deus apontava para além dos prodígios, a saber, para aquele que controlava esses elementos. A presença inesgotável de Deus agraciava aquelas ocasiões com brilhante e impressionante esplendor. Como foi inconcebível a perda, para as pessoas, quando os sinais se tornaram um fim em si mesmos e aquele que era representado pelos sinais se tornou o meio! Os efeitos especiais se tornaram a atração, e a personagem central ficou obscurecida. O mundo dos homens tem vivido com essa cegueira, e, na prática, o erro tem sido repetido em cada vida.

E foi assim que, séculos depois do acontecimento, as pessoas ainda estavam presas nessa cegueira. No ministério de Jesus, a multidão o seguia e tentava invadir seu tempo de privacidade. Ela trouxe um desafio único para ele: fazer um milagre maior do que aquele em que Moisés deu ao seu povo maná vindo do céu. Ninguém esperava de forma alguma uma resposta tão perturbadora quanto a que ele deu. Falar de pão foi a parte mais fácil. O que veio em seguida, no entanto, foi surpreendente para eles. Quando ele terminou, muitos o deixaram, perguntando: "… Como podemos aceitar palavras tão duras?".

Nesse caso a verdade *ia* além do que se podia crer, porque a mente não estava disposta a refletir sobre a provisão e, é claro, sobre a implicação. Entre a expectativa da multidão e o oferecimento de Jesus havia um grande abismo, e ela começou a ir embora sem procurar uma explicação. Jesus olhou então para seus discípulos e perguntou se eles também iriam deixá-lo. Será que isso era demais para eles compreenderem?

Depois de sua morte, eles relembrariam de maneira vívida aqueles momentos e se recordariam daquilo que ele havia dito. Milênios depois, enquanto a igreja repete essas palavras em quase todos os idiomas, muitos consideram o ensino difícil demais e ainda deixam de estudar tais palavras.

# INTERPRETANDO ERRONEAMENTE O ROTEIRO

Quando Jesus disse: "… Tomem e comam; isto é o meu corpo. […] Bebam dele, todos vocês. Este é o meu sangue da aliança…" (Mt 26.26-28), ele não estava falando em um vácuo cultural para entregar seus seguidores ao canibalismo. Pelo contrário, suas palavras visavam erguer os ouvintes acima de sua existência árida e dominada pela comida e levá-los a reconhecer a suprema fome da vida, fome que só pode ser saciada por um pão diferente. Foi acerca dessa mesma jornada sob a liderança de Moisés que Jesus lhes disse pela primeira vez que o sustento do pão físico era limitado. Ele queria saciar uma fome maior.

Para uma cultura com instrução tão específica sobre sua necessidade espiritual, para não dizer nada a respeito de suas estritas leis dietéticas, só a ignorância fabricaria a noção de que Jesus estava prescrevendo o consumo de carne humana. A acusação deles de que aquelas eram "palavras duras" revelava um sério equívoco. É justamente essa reação que faz com que a vida de cada ser humano seja desprovida de real significado.

Quanto mais tenho refletido sobre essas palavras, de modo mais profundo sou levado a perceber por que nossa fome por algo transcendente está tão enraizada em nosso próprio ser, e, ainda, até mesmo em nosso anseio físico. Talvez seja por isso que não conseguimos nos livrar dela, por mais que tentemos.

É, portanto, uma perda significativa o fato de que um ensino tão importante tenha tido uma compreensão tão superficial. À semelhança do aluno questionador na Índia, é lamentável que, em vez de chegar à verdade que Jesus está revelando, muitos "sentam-se ao redor", como filósofos ou críticos, e comem amoras.

Qual é o contexto que temos? O que precedeu essa exigência da multidão, de fazer comida descer do céu?

Antes de registrar essa conversa, João já havia descrito vários milagres que Jesus realizara. O primeiro foi a transformação de água em vinho, em que Jesus revelou seu poder sobre os elementos da natureza. Depois João contou dois episódios de cura, em que Jesus mostrou seu poder sobre a enfermidade. Em seguida ele relata a multiplicação do lanche de um rapazinho, realizada por Jesus, para alimentar cinco mil pessoas — seu poder sobre todas as provisões. Por fim, ele escreve a conhecida história de Jesus andando sobre a água — seu poder sobre as leis da natureza.

Uma história incrível de reações vem em seguida a essas histórias, reações que vão da atitude reverente à ridicularizadora, da artística à filosófica. Captando a beleza da transformação de água em vinho, o poeta Alexander Pope disse: "A água consciente viu seu Mestre e corou". Essa descrição sublime poderia ser reformulada para explicar cada um de tais milagres. Acaso, em princípio, isso foi de alguma forma diferente de um corpo partido ser consertado pela ordem de seu criador? Será que era improvável que o Criador do universo, que fez a matéria a partir do nada, multiplicasse o pão para a multidão? Porventura aquele que pela sua palavra criou todas as moléculas não tinha o poder de uni-las para que elas sustentassem os seus pés? Por que eles não conseguiam fazer essa ligação?

Mas será que essa não é a mesma impertinência que apanha a dádiva e ignora aquele que a dá? Em seu propósito, o naturalismo engendra a rejeição do milagre e coloca em seu lugar explicações que desafiam a razão. Aqueles que riem de Jesus caminhar sobre a água se esquecem do milagre que ele já operou na própria composição da água.

Pense nisso por um instante. Em dezoito mililitros de água (cerca de dois goles) existem $6 \times 10^{23}$ moléculas de $H_2O$. Quanto é $6 \times 10^{23}$? Um bom computador consegue realizar 10

milhões de contagens por segundo. Esse computador levaria 2 bilhões de anos para contar até $6 \times 10^{23}$.

Vejamos isso em outra perspectiva. Uma pilha de 500 folhas de papel tem 5 a 7,5 centímetros de altura. Qual seria a altura da pilha caso tivesse $6 \times 10^{23}$ folhas? Essa pilha iria da Terra ao Sol não uma única vez, mas mais de um milhão de vezes.[2]

Ainda assim, em mais ou menos dois goles de água, Deus acondicionou todo esse número de moléculas. O milagre de andar sobre a água é pequeno para aquele que, em primeiro lugar, a criou. A multiplicação de pães não passou de uma ordem simples para aquele que, por sua ordem, criou a terra. (C. S. Lewis comentou que um milagre lento não é mais fácil de realizar do que um instantâneo.) É claro que o cético questionará essa credulidade que aceita por atacado tais histórias, não percebendo que aquilo que ele engole em um copo de água é um milagre por si mesmo!

As pessoas e os discípulos que viram Jesus realizando o milagre de alimentar a multidão o seguiram com um claro propósito. Procuravam o próprio poder que, conforme pressupunham, tornaria a vida mais agradável — garantir um estômago cheio e um suprimento ilimitado de pão. Quem poderia culpá-los? Ouvi há pouco tempo a história de um homem que tinha ganhado uma enorme quantia na loteria.

— Qual é a maior diferença em sua nova vida? — perguntou um entrevistador.

— Eu me alimento com mais frequência — foi a resposta simples e direta.

Comida e poder distraíram a mente e a afastaram da necessidade de alimento para a alma. A generosidade de Deus, superveniente nos milagres, tornou-se uma pedra de tropeço porque as testemunhas oculares perderam de vista o propósito do acontecimento e ansiaram apenas por reproduzir em si mesmos esse poder. Queriam saber como o lanche de um

menino conseguiu alimentar vários milhares de pessoas e ainda sobrarem cestos cheios de migalhas. Como alguém paralítico por quase quatro décadas pôde de repente voltar a andar? Esse poder é transferível? Pode ser comprado?

É fundamental observar que a resposta de Jesus à exigência deles contrasta fortemente com o autoengrandecimento cobiçado por pretensos messias. Em vez de se deleitar com os elogios de uma multidão dissimulada e deixar que os louvores da multidão lhe subissem à cabeça, ou em vez de aumentar o número de seus seguidores, Jesus esquivou-se daquele grupo clamante. Aliás, ele chorou por estarem enganando a si mesmos. Ele conhecia as motivações e as ideias erradas com as quais viviam. E, quando de alguma forma descobriram onde estava e foram até ele, eles o interromperam com uma pergunta: "Nossos pais comeram maná no deserto. [...] Por que você não nos dá a mesma coisa?".

Foi nesse ponto que ele começou sua resposta, a qual iria levá-los mais longe do que jamais haviam planejado ir. Mas, antes que pudesse levá-los à verdade que trazia, ele tentou primeiro afastá-los de seu erro.

## IGNORANDO O AUTOR

Não causa surpresa que a primeira tentação que Jesus enfrentou no deserto foi a de transformar pedras em pão. "Faça isso", disse Satanás, "e o mundo irá segui-lo".

Qualquer um que tenha estado em países onde pessoas exibem sua fome como meio de provocar piedade e de obter uma esmola consegue entender com facilidade a força emocional dessa tentação. Eu mesmo fui criado em uma terra onde nunca faltavam pessoas famintas. Como você pode se sentir confortável com comida no estômago quando alguém sente uma imensa necessidade dela? Não se tratava, portanto, de uma tentação amena imposta a Jesus. O tentador sabia

exatamente a força de seu escárnio. Até que ponto Deus poderia ser mais relevante do que um mero fornecedor de comida? De que vale a religião se ela não consegue alimentar os famintos? Satanás estava de maneira perigosa e extrema bem perto de uma verdade. Mas essa era uma meia verdade, e uma meia verdade fica tão entrelaçada com a mentira que essa mistura a torna mais mortal.

Pergunte a si mesmo: que tipo de seguidores haveria, caso a única razão para o carinho pelo líder fosse ele fornecer pão aos que o seguem? Ambos os motivos estariam errados — tanto o motivo para aquele que provê quanto o motivo para aquele que recebe. Esses são os termos de castigo e recompensa que são maculados por interesses materiais e têm resultados cada vez menores, na melhor das hipóteses produzindo conformidade, mas não amor. Seu apelo também logo se perde quando são oferecidos como atrativos ou quando retidos para produzir temores. Dependência sem compromisso sempre procurará meios de romper o controle excessivo.

A tentação que Satanás colocou diante de Jesus o seguiu durante todo o seu ministério, ao mesmo tempo que a multidão ia aumentando sua exigência de um suprimento ilimitado de pão. A política de poder por meio da abundância não é uma invenção nova. É dessa maneira que os demagogos têm controlado as massas. Jesus se esforçou para lhes mostrar que a preocupação deles com pão como objetivo principal e expressão de prazer da vida havia substituído seriamente tanto aquilo que deveria ser a finalidade do pão quanto aquilo que deveria ser a finalidade da vida.

Em nossa vida frenética, essa verdade não penetra em nossa mente com mais facilidade do que penetrava na mente das pessoas da antiga Palestina. Com tudo o que ingerimos e com todo o nosso consumo, nossa fome ainda é muita e a capacidade de nos saciarmos é pouca. Será que não temos de

pensar nisso? Será que isso não é em si mesmo um indicador de que nossa fome está fora de lugar?

Em sua peça *Our town* [Nossa cidade], Thornton Wilder conta como a vida é vivida no dia a dia e em meio às dificuldades cotidianas. Os detalhes são específicos, mas a lição é como um espelho estendido a todos nós. Vemos a rotina em toda a sua monotonia — o leite chega, toma-se o café da manhã, trabalhadores vão para seus empregos, donas de casa arrumam suas casas, prestadores de serviço trabalham nos quintais — cada dia refletindo o anterior. Na história, o momento da virada acontece quando Emily Gibbs, na flor da juventude, morre ao dar à luz, e a rotina é quebrada de repente.

No reino dos mortos, Emily teve a oportunidade de voltar à terra por um dia, de sua escolha, no qual ela tivesse de fato vivido enquanto esteve na terra. Só agora, a partir de sua existência no outro mundo, ela enxergava tudo com olhos nostálgicos. Emily assistiu à atividade e à movimentação atribulada de seu aniversário de doze anos. Como ela se lembrava bem, a família estava ocupada com presentes, comida e conversa. A festa estava bastante movimentada.

Mas agora, nessa condição irreversível, Emily notou a perda total de qualquer atenção pessoal, embora seu coração ansiasse por ela. O foco estava antes nas coisas que precisavam ser feitas, e não nas pessoas para quem eram feitas. Ela estava chocada com tanta cegueira diante de todas as suas necessidades reais. Do mudo invisível, ela suplicou: "Apenas por um momento estamos felizes. Olhemos uns para os outros". Mas seu grito lamentoso foi ignorado. Eram incapazes de ouvi-la porque estavam presos pelo superficial. A festa tinha de continuar, outro aniversário viria, e os momentos se dissiparam em atividades. Enquanto se despedia, ela chorou:

— Ah, Terra! Você é maravilhosa demais para alguém percebê-la!

Então ela se vira para o diretor de palco, que atua como narrador, e faz esta pergunta cheia de remorso:

— Será que algum ser humano chega a descobrir a vida enquanto a vive — a todo e a cada momento?

A resposta vem:

— Não. Os santos e poetas, talvez — eles descobrem um pouco.

"Será que algum ser humano chega a descobrir a vida enquanto a vive?" A única maneira pela qual alguém consegue descobrir a vida enquanto a vive é se descobrir que a vida não é uma questão de mera nutrição, mas da fome maior que está além de palavras e de comida. Não vivemos para podermos comer, nem apenas comemos para podermos viver. Vale a pena viver a vida por si mesma. A vida não pode ser satisfeita quando é vivida como uma entidade devoradora. Somente quando está repleta daquilo que satisfaz uma fome que é ao mesmo tempo física *e* espiritual, em uma mutualidade que sustenta os dois aspectos sem violar nenhum deles, é que então a vida pode ser em verdade satisfatória. A autenticidade e a continuidade descendem do verdadeiro e do eterno. Para os milhões que vivem a vida dia após dia com a busca de pão a dominar os seus sonhos e ações, a vida, como deveria ser, passa por eles, e sua fome insatisfeita continua a gritar para eles.

"Os santos e poetas, talvez — eles descobrem um pouco", porque vão mais devagar e pensam e olham além das atividades, olham para seus anseios e de alguma maneira trazem à baila a possibilidade de significado que transcenda suas ações. Em resumo, se quisermos na realidade entender quem somos, temos de entender o que o pão pode e o que ele não pode fazer.

Jesus tem uma pergunta de igual modo notável para seus ouvintes, assim como tem para todos nós. Será que dentre nós alguém vive cada minuto da vida conhecendo o valor essencial

desse minuto? Para descobrir o pleno impacto da paciência de Jesus com eles, temos de nos lembrar de que essa não foi a primeira vez em que o tema de comida e fome veio à tona em uma conversa entre Jesus e seus seguidores. Num momento anterior, ele havia tentado deixar claro esse assunto em um esforço para frustrar tal busca de "religião em troca de pão".

A conversa mais prolongada havia, na verdade, ocorrido um pouco antes, em um acontecimento que surpreendeu os discípulos: uma conversa com uma samaritana (veja Jo 4.1-42). Nesse diálogo, Jesus havia tentado abrir o entendimento da mente deles para aquilo que constituía o modelo de vida e para aquilo que lhe dava substância. Aliás, essa teria sido uma brilhante introdução ao assunto, caso tivessem simplesmente ouvido. Fica evidente que os discípulos não haviam compreendido o que ele queria dizer.

Eles estavam com as marmitas nas mãos e, portanto, bem ocupados. Jesus estava conversando com uma mulher rejeitada na sociedade e desesperada, que fora usada e que sofrera abusos até não lhe restar mais nenhum sentimento de autoestima. Eles o censuraram por conversar com essa pessoa marginalizada.

— Você deve estar com fome — disseram. — Não é hora de comer?

— Tenho comida para comer da qual vocês não sabem. Minha comida é fazer a vontade de meu Pai.

Aí está o primeiro e notável indicador. Se é para eu ficar satisfeito, tenho de realizar uma vontade que é maior do que a minha: uma vida satisfeita é aquela que tem como seu alvo a vontade de Deus, não o apetite da carne.

Ele passou a dizer: "… Abram os olhos e vejam os campos! Eles estão maduros para a colheita" (veja Jo 4.32-35).

Aqui está a nossa próxima pista. Mantendo a metáfora da comida, ele apontou para uma fome que era universal e que ia

além de pão e água, uma fome peculiar de proporções universais. Cada frase da sua resposta falava de comida, mas de um tipo diferente. Havia fome em toda parte, ele disse, e comida suficiente para todos. Mas o alimento não era trigo ou água. Era o próprio Cristo, o Pão da Vida e a fonte de água viva. A mulher samaritana compreendeu o que ele disse com um fervor que surgiu da consciência de sua real necessidade.

A transação foi fascinante. Ela tinha vindo com um balde. Ele a mandou de volta com uma fonte de água viva.

Ela tinha vindo como uma rejeitada. Ele a mandou de volta aceita pelo próprio Deus.

Ela veio ferida. Ele a mandou de volta sã.

Ela veio cheia de perguntas. Ele a mandou de volta como uma fonte de respostas.

Ela veio com uma vida de desespero silencioso. Ela correu de volta transbordando de esperança.

Os discípulos não perceberam nada. Era hora do almoço para eles.

É interessante que foi só pouco depois dessa conversa com a mulher samaritana que Jesus realizou o milagre de alimentar milhares. De modo que pão e comida não estavam ausentes de sua mente. Ele estava indo do mais difícil para o mais fácil de realizar; do eterno para o temporal; da necessidade da alma para a fome do corpo. Mas eles estavam presos em seu desejo de mais comida. Eles não compreenderam isso na primeira vez.

## LEVANTANDO A CORTINA

Assim, o assunto torna a surgir no sexto capítulo de João. Mas dessa vez Jesus acrescenta um elemento de grande impacto. A fome agora assume um escopo mais amplo, como afinal tinha de acontecer, para que fosse indicadora de vida.

Se fôssemos enumerar todas as nossas fomes, talvez ficássemos surpresos com o número de fomes legítimas que existem. A fome da verdade, a fome de amor, a fome de conhecimento, a fome de pertencer, a fome de expressar, a fome de justiça, a fome da imaginação, a fome da mente e a fome de significado. Poderíamos citar mais. Tem surgido um enorme número de teorias psicológicas que reconhece essas fomes ou necessidades.

Esse é o ponto-chave. Algumas de nossas buscas individuais talvez satisfaçam algumas dessas fomes. A educação pode trazer conhecimento. O romance pode trazer um sentido de pertencer. As realizações podem trazer significado para a vida. A riqueza coloca algumas coisas ao alcance. A mensagem de Jesus declara que não há uma única coisa que satisfaça a *todas* essas fomes. E, além disso, ninguém pode nos ajudar a saber se a maneira de nós as satisfazermos é legítima ou ilegítima até que nos alimentemos do pão da vida que Jesus oferece. Esse alimento define a legitimidade de tudo o mais.

Não apenas permanecemos insatisfeitos quando buscamos saciar essas fomes, mas na própria busca surge uma confusão que distorce e entende de maneira equivocada de onde vem a verdadeira satisfação. É muitíssimo importante saber isso.

Conforme mencionei antes, o livro de Jon Krakauer *Into thin air* relata os perigos que atormentaram os alpinistas em sua expedição ao monte Everest durante a primavera de 1996.[3] Naquele ano, a tentativa de chegar ao cume resultou em uma grande perda de vidas. Algumas circunstâncias estavam fora do controle deles, mas erros básicos lhes custaram caro. E, de modo lamentável, alguns daqueles erros foram cometidos enquanto ainda era possível alcançar soluções.

Um daqueles cuja vida se perdeu foi Andy Harris, um dos líderes da expedição. Harris havia ficado no cume além do limite de tempo que os próprios líderes haviam estabelecido. Enquanto descia, seu corpo ficou praticamente sem oxigênio.

Harris se comunicou por rádio com o acampamento-base, contando-lhes sobre sua difícil situação, falando-lhes de sua necessidade e que havia achado alguns cilindros de oxigênio deixados por outros alpinistas, todos vazios. Aqueles que, enquanto voltavam do cume, já haviam passado pelos cilindros sabiam que não estavam vazios, mas cheios. Ainda que lhe implorassem por rádio que fizesse uso deles, não adiantou. Já sofrendo bastante com a falta de oxigênio, Harris continuou sustentando que os cilindros estavam vazios.

O problema era que a falta daquilo de que ele precisava causou uma desorientação tão grande em sua mente que, embora estivesse cercado de um suprimento que o restauraria, continuou a se queixar de sua inexistência. Aquilo que ele segurava em sua mão estava ausente em seu cérebro, devastando sua capacidade de reconhecer o que apertava com as mãos.

Aquilo que o oxigênio é para o corpo, o Pão da Vida é para a alma. Sem tal pão, todas as outras fomes são percebidas de maneira incorreta. Aliás, de forma parecida, a ausência desse pão por um período prolongado faz o pão em si parecer inútil. A vida é para ser vivida com a satisfação daquela necessidade específica que define todos os outros meios de satisfação e com o amor que define todos os outros amores.

Por meio de seus milagres, Jesus demonstrou isso indo do maior para o menor. Com suas respostas, ele os levou do menor para o maior. Em suas palavras na Última Ceia, ele os lembrou de que o material e o espiritual se encontram. Aqui o presente e o eterno convergem. Aqui a vida e a morte se fundem. Nesses versículos está implícito o rumo culminante para o qual Jesus se dirigia e ao qual se referiria momentos antes de sua morte.

O povo deveria ter compreendido mais do que compreendeu. Como sabemos, para a mentalidade do Oriente Médio o pão não é apenas uma fonte de alimento. Ele traz um

significado bem maior. A comida é o meio de comunhão. Jesus diz, em Apocalipse 3.20, que está à porta e bate; se alguém abrir a porta, ele entrará e comerá com a pessoa. Que belíssima expressão de amizade! A comida é uma forma de celebração. A volta do filho pródigo foi celebrada matando-se o bezerro cevado, o que sinalizou que o banquete havia começado. A comida também é um meio de usufruir prazer. O palácio do rei Salomão serve como exemplo de fartura nesse sentido. Até hoje a comida é algo muito importante na cultura oriental. Além de nutrir, é um meio para manifestação de amizade, celebração e prazer.

Nós não somos muito diferentes, seja no Oriente, seja no Ocidente, e sabemos disso. Ainda assim, apesar de toda a nossa fartura de alimento e amizades, de nossas celebrações e prazeres, surgem aqueles momentos críticos em nossa vida quando nenhuma comida consegue sustentar a vida, nenhuma amizade consegue superar certas eventualidades, nenhuma celebração consegue ser infinita e nenhum prazer consegue ser perfeito. O corpo envelhece e enfraquece, e a comida não tem a capacidade de, em última instância, restaurar o vigor ou a juventude perdida. Ela se move de modo inevitável na direção de recompensar cada vez menos. Em resumo, existem duas limitações intrínsecas à comida. A primeira é óbvia. O corpo enfraquece e um dia morre.

Tenho um amigo cuja vida tem enriquecido a minha ao longo dos anos. Chegou o tempo em que sua esposa teve câncer. Jamais esquecerei o exemplo dele para mim. A única expressão que me vem à mente ao lembrar esses dias é como ele a *tratava com carinho*. Por natureza ele é uma pessoa ocupada e frenética. Dá para ficar cansado só de observá-lo. Apesar disso, quando soube que os dias da esposa estavam contados, ele largou tudo para cuidar das necessidades dela.

Durante semanas e meses, a vida, em sua totalidade, se resumiu a um único propósito, tomar conta daquela que ele

amava. Ele se sentava ao lado dela, amando-a em meio àquela vida que se consumia. Nada era bom o bastante para ela senão sucos feitos na hora com vegetais cultivados organicamente e processados em certo tipo de espremedor. Nenhum país ficava longe demais para ir em busca de uma cura. Nenhuma despesa era grande demais para trazer de volta a saúde da esposa.

No entanto, o desfecho, por fim chegou, quando já não havia nenhum alimento que conseguisse nutrir o seu corpo. Nenhum vínculo era forte o suficiente para segurá-la de maneira permanente. O problema não estava no alimento ou na falta de desejo por parte dele de prolongar a vida da esposa. O problema era que uma célula destrutiva havia se apossado de tal forma do corpo dela que o melhor alimento era incapaz de trazer de volta a vida que se esvaía.

Essa ruptura chega a todos nós, em diferentes momentos e de diferentes formas. A comida que nutre, os laços de amizade, os momentos de celebração e os deleites do prazer legítimo acabam em questão de segundos para cada vida e para cada relacionamento.

É para essa vulnerabilidade do viver que Jesus aponta o dedo. O poeta expressa tal realidade nestas palavras:

> Nossa vida contém mil fontes
> e morre se uma desaparece;
> é estranho que uma harpa de mil cordas
> consiga ficar afinada por tanto tempo.

Há um velho ditado que diz que você pode dar um peixe a um homem faminto ou, melhor ainda, pode ensiná-lo a pescar. Jesus acrescentaria que você pode ensinar alguém a pescar, mas o pescador de maior sucesso tem fomes que peixes não satisfarão.

## POR TRÁS DA CENA

Há uma segunda verdade, mas não tão óbvia. "… Eu sou o Pão da Vida…", disse Jesus. "… Aquele que vem a mim jamais terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede." Observe o poder implícito na reivindicação.

No centro de todas as principais religiões há um expoente de destaque. À medida que a exposição é estudada, surge algo bem significativo. Ocorre uma bifurcação, ou uma distinção, entre a pessoa e o ensino. Maomé em relação ao Alcorão. Buda em relação ao Nobre Caminho. Krishna em relação ao seu filosofar. Zoroastro em relação à sua ética.

Qualquer que seja a maneira de interpretarmos as afirmações deles, é impossível fugir de uma realidade. Eles são mestres que apontam para seu ensino ou mostram algum caminho específico. Em tudo isso surge uma instrução, um modo de vida. Zoroastro não é aquele a quem você recorre. Zoroastro é aquele que você *ouve*. Buda não é aquele que o livra; são suas Nobres Verdades que o instruem. Maomé não é aquele que o transforma; é a beleza do Alcorão que o atrai.

Jesus, ao contrário, não apenas ensinou ou expôs sua mensagem. *Ele era idêntico à sua mensagem*. "… Nele", dizem as Escrituras, "habitou corporalmente a plenitude da divindade". Ele não apenas proclamou a verdade. Ele disse: "… eu *sou* a verdade…". Ele não apenas mostrou um caminho. Ele disse: "… Eu *sou* o caminho…". Ele não apenas abriu perspectivas. Ele disse: "Eu *sou* a porta…". "Eu *sou* o Bom Pastor…" "… Eu *sou* a ressurreição e a vida…" "… Eu *sou* o que sou…"

Ele não é apenas uma dádiva de pão da vida. Ele *é* o pão. É por isso que ser cristão não é apenas uma maneira de se alimentar e viver. Seguir a Cristo começa com uma maneira de se relacionar e ser.

Usemos o budismo como um exemplo específico. É um sistema que está conquistando seguidores entre muitos de Hollywood. É, com frequência, definido como uma religião de

compaixão e ética. A verdade é que talvez não exista nenhum sistema de crenças mais complexo do que o budismo. Ele começa com as quatro nobres verdades sobre o sofrimento e sua cessação, então passa para o óctuplo caminho sobre como acabar com o sofrimento. Mas, quando a pessoa entra no óctuplo caminho, surgem centenas e mais centenas de outras regras para lidar com contingências.

A partir de uma subestrutura simples de quatro ofensas que resultam na perda da condição de discípulo, constrói-se um edifício incrível de caminhos para a restauração. Aqueles que seguem os ensinos de Buda recebem trinta regras sobre como tentar evitar esses perigos ocultos. Mas, antes mesmo de alguém se ocupar desses perigos ocultos, existem 92 regras que se aplicam a apenas uma das ofensas. Existem 75 regras para aqueles que entram na ordem. Existem regras de disciplina a serem aplicadas: 227 para os homens, 311 para as mulheres. (Aqueles que estudam o budismo sabem que Buda teve de ser persuadido antes de mulheres receberem permissão para ser discípulas. Depois de muita súplica e bajulação por um dos seus discípulos, ele por fim cedeu ao pedido, mas estabeleceu regras extras para elas.)

Seja como for que se interprete tudo isso, tem de estar claro para nós que, em um sistema não teísta, como é o caso do budismo, a ética se torna central e regras são acrescentadas *ad infinitum*. Buda e seus seguidores são os criadores dessas regras. O pedido mais comum de perdão no budismo, encontrado na Oração Comum Budista, reflete esse labirinto numérico:

> Peço licença! Peço licença, peço licença. […] Oh! Senhor, que eu seja liberto em todo o tempo dos quatro estados de aflição, dos três flagelos, das oito circunstâncias erradas, dos cinco inimigos, das quatro deficiências, dos cinco infortúnios, e rapidamente atinja o caminho, a realização e a nobre lei do nirvana.[4]

Na melhor das hipóteses, o ensino nos indica o caminho para a moralidade, mas em si mesmo ele não é eficaz. O ensino

é como um espelho. Ele pode lhe mostrar se seu rosto está sujo, mas o espelho não lavará seu rosto. Para entender de verdade essa teoria complicada, seria quase necessário conhecer filosofia e psicologia em um nível universitário.

Em contraste, de forma muito simples, Jesus mostrou a seus ouvintes que a verdadeira necessidade deles dizia respeito àquela fome que é de natureza espiritual, uma fome que é partilhada por todas as criaturas humanas, de modo que não somos viventes humanos ou ações humanas, mas *seres* humanos. Não precisamos apenas de uma ética superior; precisamos de um coração e uma vontade transformados que procurarão fazer a vontade de Deus.

Jesus também ensinou e segurou um espelho, mas por meio de sua pessoa ele transforma nossa vontade para buscar a sua. É o nosso ser que Jesus quer alimentar. Cristo adverte que existem fomes tão profundas que a dimensão física não consegue sondar. As aspirações existenciais chegam a altitudes que nossas atividades não conseguem alcançar. Existem necessidades tão amplas que o lado natural não consegue abarcar.

Em resumo, Jesus nos lembra de que o pão não consegue sustentar de maneira sem fim. Ele é o Pão da Vida que sustenta para sempre. E ele faz isso como nenhum outro jamais o fez.

## EXPLICANDO O ENREDO

Depois de argumentar sobre as limitações do pão e que ele era o Pão eterno da Vida, agora Jesus chega ao pensamento que precisavam considerar com cuidado. Ninguém negará a singularidade do pensamento aqui. Não há nada em nenhuma outra religião que até mesmo se aproxime desse ensino profundo.

*Nossa maior fome, conforme Jesus a descreveu, é de um relacionamento total que combina o material e o espiritual, que gera tanto temor quanto amor e que se expressa em celebração e compromisso.*

Em outras palavras, essa fome é de adoração. Mas a adoração não ocorre apenas mediante uma manifestação proferida em oração ou expressa em um desejo. *A adoração é uma postura de vida que tem como principal objetivo entender o que realmente significa amar e reverenciar a Deus.* É a mais sagrada de todas as intimidades. É aí que o pedaço partido de pão fornece o meio de expressão e de transação.

Em minha primeira visita ao Reino da Jordânia, na véspera de nosso retorno, minha família e eu fomos convidados para uma refeição muito especial. Era chamada de *mensef*. Os convidados ficavam ao redor de uma grande travessa de arroz, guarnecida de maneira belíssima com suculentas iguarias, com a fragrância de especiarias aromáticas e um molho que fazia com que aquele prato desse água na boca. Mas então veio a parte divertida. Todos arregaçamos as mangas e juntos desfrutamos a refeição diretamente da bandeja, comendo com a própria mão. Era comida do Oriente Médio da melhor qualidade, cumprindo todas as suas finalidades. Para alguém de origem indiana, o que sou por nascimento, foi como voltar para casa e muito mais.

Há um simbolismo nessa maneira de comer. O prazer de uma deliciosa combinação de comidas, comunhão uns com os outros, o toque da mão na mesma travessa, a celebração da vida e de seu propósito — tudo simbolizando confiança, proximidade e lembranças dos dias que havíamos passado juntos. Cada detalhe era um convite que dizia: "Bem-vindo ao nosso lar e seja um de nós". Fomos recebidos com um beijo e despedidos com um beijo. Havíamos nos reunido como amigos e fomos embora com a confiança íntima de uma amizade mais profunda.

Tudo isso, posso acrescentar, é apenas uma indicação daquilo que Jesus estava oferecendo a seus seguidores: comunhão com ele. Até mesmo religiões ateístas como o budismo e religiões panteístas como o hinduísmo, embora neguem um Deus pessoal e absoluto, ainda assim introduzem às escondidas formas de adoração em que se fala com um ser pessoal, apenas porque o isolamento interior impulsiona o eu a outro ser pessoal e transcendente.

O motivo para isso é que estamos mais do que apenas em busca de ritual. Estamos, de fato, separados. Temos nos separado de Deus; estamos separados dos demais seres humanos. E a realidade mais fugidia é que estamos separados de nós mesmos. Não conectamos nossas próprias inclinações. A vida é uma história de separação.

Essa é a essência do evangelho. Nós nos despedaçamos a partir de nosso interior. E a essa separação Jesus traz a verdadeira resposta, não apenas um "venha e se alimente" simplista.

> Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão viverá para sempre. Este pão é a minha carne, que darei pela vida deste mundo. [...] Eu lhes digo a verdade: a menos que vocês comam a carne do Filho do homem e bebam seu sangue, vocês não terão vida em si mesmos (Jo 6.51-53).

Ao ouvirem isso, muitos de seus discípulos disseram: "... Esse é um ensinamento difícil. Quem consegue aceitá-lo?". Mas Jesus lhes disse: "... Isso os ofende? Que aconteceria se vocês vissem o Filho do Homem subir para onde estava primeiro? O Espírito dá vida; a carne não vale para nada. As palavras que lhes falei são espírito e são vida. No entanto, existem alguns de vocês que não creem..." (Jo 6.60-64).

Se isso fosse tudo o que Jesus havia dito sobre o assunto, não tenho dúvida de que seria o enigma supremo de seu ensino. A maneira fria como suas palavras são traduzidas em nossa língua fatalmente deixaria perplexo o leitor. Mas, à semelhança de muitos outros discursos de Jesus, ele foi

apresentando o ensino aos poucos até o momento final. Então os discípulos voltaram os pensamentos para a primeira ocasião em que ele se referiu à verdade. Essa é de forma clara a referência. O cumprimento devia acontecer apenas alguns dias antes de sua morte e ser por fim entendido apenas depois de sua morte.

Acompanhemos o acontecimento que explicou esse enigma.

Em primeiro lugar, parece bastante óbvio que ele não tinha em mente o ato literal de ingerir sua carne física e seu sangue físico, porque ele estava ali em carne e osso dando-lhes um pedaço de pão, não um pedaço de sua carne.

Em segundo lugar, se ele quisesse se referir à sua carne e ao seu sangue de fato, isso equivaleria a dizer que apenas um pequeno número poderia ter participado daquela vida que ele ofereceu. O ato se limitaria ao número finito de pedaços em que se pode dividir um corpo humano.

Em terceiro lugar, isso seria restringido pelo tempo. Aquele corpo em breve entraria em decomposição e o sangue já não sustentaria a vida. Só aqueles presentes por ocasião de sua morte física teriam sido capazes de participar daquela consumação.

Em quarto lugar, ele já havia dito que ressuscitaria aquele corpo depois da morte, de modo que era impossível tratar-se de uma referência ao próprio corpo sem tornar uma farsa o processo todo.

Em quinto lugar, ele ordenou à igreja que, ao longo da história, repetisse aquilo como um exemplo daquele momento. Isso seria impossível com seu corpo literal.

Em sexto lugar, ele disse que suas palavras eram Espírito, e não carne.

E, por fim, quando o momento real de seu sacrifício chegou, conforme havia previsto que aconteceria, ele explicou

o que esse momento significava. Ele se sentou para a refeição pascal com seus discípulos. A comida que sustentava, a comunhão que ela propiciava, a celebração que ela envolvia e o prazer da provisão de Deus — tudo isso foi apreciado. Só que agora havia um peso no coração deles. Quanto a esse peso, o maná sozinho não ajudaria. Esse era um momento de encarar o supremo valor da vida. Uma oferta desse valor estava sendo produzida. O Cordeiro sacrificial de Deus estava abençoando a refeição enquanto estava prestes a ser sacrificado. Ele apanhou o pão, deu graças e o deu a seus discípulos, dizendo: "… Tomem e comam. Este é meu corpo dado em favor de vocês; façam isso em memória de mim". Ele apanhou o cálice, deu graças e disse: "… Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado em favor de muitos para o perdão dos pecados". Eles provaram, tocaram, cheiraram, conheceram e sentiram as dimensões de sua salvação. Ele estava fisicamente presente quando ofereceu os elementos.

Então ele passou a dizer: "… Digo-lhes que não beberei este fruto da videira desde agora até aquele dia quando eu o beberei de novo com vocês no reino de meu Pai".

Aí está. Esse pedaço partido de pão *representava* o que estava prestes a acontecer. Jesus seria física e emocionalmente agredido de uma maneira que chamaria a atenção tanto de amigos quanto de inimigos. No entanto, dessa ruptura concreta, resultaria um conserto. Nós mesmos receberíamos o caminho providenciado para nos reconciliar com Deus, com os nossos semelhantes e com nós mesmos. Teríamos acesso a um novo relacionamento, que faz parte de um corpo maior, de modo individual e coletivo, por causa do seu corpo partido por nós. Poderíamos fazer parte de uma comunhão inquebrável porque ele viria e habitaria em nós. Poderíamos participar de uma celebração eterna quando estivéssemos para sempre na presença de Deus. Poderíamos conhecer o prazer à sua destra porque a adoração seria a expressão culminante. Esses símbolos de seu corpo partido em lugar do nosso, sua união em

lugar do nosso desmembramento — essas coisas recebem expressão tangível nos elementos quando nos reunimos para adoração.

Embora, ao se lembrarem do ensino anterior de Jesus, os discípulos tivessem um entendimento parcial do que estava acontecendo naquela noite, para eles ainda não estava claro o significado de tudo isso. A plena compreensão foi alcançada em um momento significativo depois da ressurreição. O dia em que Cristo morreu havia sido um dia no qual não conseguiram entender ou avaliar coisa alguma. Eles viram seu corpo partido, e a vida deles estava devastada. Eles tinham um monte de dúvidas e ninguém a quem perguntar sobre elas.

Depois da crucificação de Jesus, alguns dos discípulos estavam voltando para casa e, enquanto caminhavam pela estrada em direção à cidade de Emaús, um estranho se aproximou e foi caminhando ao lado deles. Muitas coisas haviam acontecido durante aqueles poucos dias, e eles estavam conversando exaustivamente, tentando entender tudo aquilo. O estranho, ouvindo-os, perguntou por que estavam tão abatidos. Contaram-lhe acerca dos trágicos acontecimentos da morte de Jesus três dias antes e acrescentaram: "… Será que você é o único em Israel que não sabe o que aconteceu?".

A verdade é que ele era o único em Israel que sabia o que *de fato* havia acontecido. Mas eles ainda não sabiam quem ele era. Ele começou a explicar a totalidade da história e como ela estava ligada àquele dia e a seus acontecimentos. Eles ficaram maravilhados com a maneira que tudo se encaixava. Ainda não sabiam quem ele era e lhe imploraram para que ficasse e jantasse com eles.

Quando se sentaram para comer, chegou o momento definidor. Ele partiu o pão. E a Bíblia diz que, quando fez isso, os olhos deles se abriram de repente e eles souberam que aquele era o próprio Jesus. Nunca houve um ato mais simples na história com a mais profunda lembrança trans-histórica

associada. Que momento! Que refeição! Que mensagem! Que transcendência!

Aliás, até hoje o cristão se assenta com seus irmãos na fé e partilha do pão partido e do cálice. Nessa simples transação, a totalidade da história descobre seu significado na pessoa de Cristo. A morte de Jesus no passado é lembrada no presente e aponta para o futuro, quando partiremos pão com ele na eternidade. Cada órgão dos sentidos entra em jogo: tocar, saborear, cheirar, ouvir e ver. Nesse ato cada barreira é rompida — a barreira do pecado entre nós e Deus, a barreira entre o corpo e a alma, quando o físico e o espiritual se ligam, a barreira entre a vida e a morte, a barreira de raça e preconceito —, pois todos nós estaremos diante dele por ocasião da mesma refeição. É a "*mensef* de Deus". Será que pode haver um motivo maior para celebrar? Agora é possível perceber a vida em cada momento em que é vivida.

Em seu livro *Life after God* [A vida depois de Deus], Douglas Coupland conta uma história fascinante. Ele saiu para uma caminhada em um lindo parque, quando encontrou um grupo de mulheres cegas que estava fazendo um piquenique naquele dia. Quando elas o ouviram passar por ali, perguntaram-lhe se poderia tirar uma fotografia delas. Ele aceitou de bom grado, e elas todas ficaram bem juntas para ficar dentro da foto. Mas, depois que foi embora, ele ponderou: "Por que cargas d'água um grupo de pessoas desprovidas de visão quer uma foto?".[5]

Sugiro que a maneira que Deus nos formou nos dá a capacidade de ter satisfação na habilidade de outra pessoa, de modo que podemos partilhar um benefício mesmo sem a capacidade de experimentá-lo. É provável que as fotos tenham sido mostradas para pessoas com capacidade de ver, que poderiam contribuir para a percepção dessas mulheres; as quais, por sua vez, em sua memória, poderiam reviver a

ocasião, transcendendo a maneira que haviam vivido o acontecimento em si.

Nesse momento único na história, ao oferecer um pedaço partido de pão, Deus dá ao participante tanto visão quanto discernimento por meio da vida daquele cujo corpo foi partido e que pode, portanto, inspirar o que participa com uma memória sagrada. E nesse simples ato, ele o remodela por completo em um novo e íntegro ser. Aquele pão partido faz com que milhões de vidas superem cada abismo intransponível à natureza humana. Vemos de uma maneira que nada mais conseguiria nos conceder: por meio de seus olhos, com sua presença.

## TRADUZINDO PARA A VIDA

Na prática da fé cristã, essa participação do pão e do cálice tem também sido chamada, de forma apropriada, de "comunhão". Deus se aproximou, e nós desfrutamos a habitação de sua presença em nós. O contraste com cada outra fé aqui é tão diametral quanto se possa imaginar.

Em sua essência e em seus objetivos, o hinduísmo nos ensina que devemos buscar a união com o divino. Por que união? Porque o hindu reivindica que somos parte integrante desse universo divino. O objetivo da pessoa é, portanto, descobrir essa divindade e vivenciá-la.

Ouça de novo as palavras de Deepak Chopra sobre esse propósito de vida. Ele faz esta afirmação no início de seu livro: "Na realidade, nós somos divindade disfarçada, e os deuses e deusas embrionários dentro de nós procuram se materializar de modo pleno. O verdadeiro sucesso é, portanto, a experiência do miraculoso. É o desabrochar da divindade dentro de nós".[6]

Mais adiante em seu livro, Chopra faz uma afirmação que constitui a base de sua filosofia: "Temos de descobrir por nós mesmos que dentro de nós há um deus ou deusa embrionário

que quer nascer para que possamos expressar nossa divindade".[7]

Não consigo deixar de perguntar: Quem é o "nós"? Quem é o "deus"? Quem é o "eu"? Acaso essas são entidades diferentes com as quais estamos coabitando? Será que existe um deus que precisa de mim (que "eu"?) para levá-lo (qual "ele", se na verdade sou eu?) a nascer, a fim de que meu eu iludido cesse de ser iludido e venha a surgir divino como o verdadeiro eu? Como esse deus acabou em forma embrionária enquanto me tornei adulto, para que eu lhe dê o privilégio de nascer e eu perca minha humanidade para encontrar minha divindade? Correndo o risco de ser frívolo, essa é a derradeira versão de "Quem está na primeira base?".[8]

No final do seu livro, Chopra pede, com as seguintes palavras, que nos comprometamos com as crenças que ele defende:

> Hoje cuidarei amorosamente do deus ou da deusa em embrião que se encontra no fundo da minha alma. Prestarei atenção ao espírito dentro de mim que dá vida tanto ao meu corpo quanto à minha mente. Despertarei a mim mesmo para essa quietude profunda dentro do meu coração. Levarei a consciência do ser atemporal e eterno para o meio da experiência confinada ao tempo.[9]

Essa é a essência do hinduísmo filosófico: autodeificação. Um dos principais filósofos da Índia declarou com a maior clareza possível: "O homem é Deus em um estado temporário de autoesquecimento".

Como é possível sermos resultado do mundo quântico, mas ao mesmo tempo deuses? Será que é isso que uns poucos milhares de anos de história humana nos ensinaram? Será que somos deuses solitários e confusos que perdemos o caminho? Esse é o motivo pelo qual no hinduísmo o "tu" desaparece e o processo meditativo é prescrito, para que, como pessoas, possamos nos fundir com o absoluto impessoal — o "eu" essencial, porque não há qualquer outro ser com significado.[10]

A união com o absoluto impessoal desafia a língua, a razão e as realidades existenciais. Ela não satisfaz o anseio por comunhão. Por mais que alguém respeite o objetivo desse ensino, nós nos enganamos caso acreditemos que é filosoficamente coerente. Não é. É por isso que alguns dos mais respeitados filósofos e pensadores hindus o têm mencionado como um dos mais contraditórios sistemas de propósito de vida já defendidos.[11] Não apenas isso, mas o hinduísmo não conseguiria sobreviver à esterilidade desse tipo de autodeificação. Divindades pessoais surgem aos milhões, e os templos estão lotados de pessoas que procuram adorar. Não, a sugestão de divindade interior é aprisionadora da psique e a pessoa se desvencilha para encontrar outra divindade.

Enquanto o hinduísmo vai para um extremo — a deificação do eu —, o islamismo está no extremo oposto. No islamismo a distância entre Deus e a humanidade é tão imensa que o "eu" nunca se aproxima do "ele" em Deus. E porque é impossível transpor essa distância entre os dois, a adoração assume a forma de um incrível amontoado de atividades, cujo propósito é aproximar o adorador. A repetição e a submissão substituem o calor de um relacionamento. Basta dar uma rápida olhada em um muçulmano adorando para ver a diferença. Apesar de tudo o que observa e de todas as regras que guarda, para a pessoa comum no islamismo nunca há certeza de céu. Tudo está na "vontade de Deus", eles dizem. O destino é deixado à mercê de uma vontade desconhecida. Quando o relacionamento é devorado por regras, o poder político e a imposição tornam-se o meio de contenção.

Certa ocasião eu e um amigo muçulmano saímos para passar o dia juntos. Eu havia esquecido que o jejum do Ramadã tinha acabado de começar e sugeri que entrássemos em um restaurante para um cafezinho.

— Vou passar anos na cadeia por aquela xícara de café — ele disse, de modo que pedi desculpas pela sugestão.

Então, falando em voz baixa, ele admitiu que seu jejum era apenas em público e que, quando estava a sós, ele não o praticava.

— Não consigo trabalhar dez horas por dia sem comer — ele disse.

Houve um silêncio constrangedor, e ele murmurou estas palavras:

— Não acho que seja Deus quem impõe essas regras.

Como é do conhecimento de qualquer um que já perguntou a um muçulmano, eles admitirão com um sorriso no rosto que durante o mês do Jejum de Ramadã vende-se mais comida do que em qualquer outro mês do ano. Mas seu consumo ocorre do anoitecer ao amanhecer, e não do amanhecer ao anoitecer. O legalismo sempre gera conformidade em detrimento do propósito.

Na mensagem cristã, o Deus que é distinto e distante se aproximou para que nós, que somos fracos, nos tornássemos fortes e fôssemos conduzidos para a comunhão com o próprio Deus, ao mesmo tempo que nossa identidade é mantida do jeito que somos. Esse simples ato de comunhão encapsulou o propósito da vida. A pessoa retém sua individualidade enquanto habita em comunidade. A dimensão física retém sua natureza física, mas é transcendida pela dimensão espiritual. Os elementos retêm seu caráter distinto, mas tornam-se portadores da verdade que aponta, para além de si mesmos, para uma comunhão espiritual pela qual nosso espírito anseia.

Assim como o ato consumado de amor entre um homem e sua esposa expressa de forma concreta tudo o que o relacionamento moral e espiritual abrange, da mesma maneira o simples ato de tomar o pão partido e o cálice engloba a verdadeira realidade do entrelaçamento da presença de Deus na vida da pessoa. É um ato de adoração que representa uma vida plena de significado. As implicações são profundas.

# A REALIDADE EXPERIMENTADA

Deixe-me levá-lo a um lugar único à beira de um deserto. Tenho estado ali, e Deus tem falado ao meu coração de maneiras indescritíveis. Entre em um culto dominical matutino e é isso que verá. Ali estão sentadas duas missionárias, rodeadas por um grupo de pessoas que, quando sorriem, causam pena. Quando você se aproxima delas, sente um nó na garganta. Mas são pessoas maravilhosas que amam a Cristo. Esse é um lar para pessoas com hanseníase. Ali, naquela sala, chegou o momento do compartilhar da ceia do Senhor. Os elementos são passados, e a lição ilustrada é impressionante.

Por trás da atrocidade da doença surge uma mensagem gloriosa de unidade e de esperança. O corpo de Cristo é partido por todos nós, para que seu alimento, sua amizade, sua celebração e seu prazer nos unam como um só ser. Um dia aqueles corpos serão feitos totalmente novos, quando bebermos daquele cálice e comermos daquele pão com o nosso Pai celeste.

Isso nos leva a uma conclusão assaz impressionante sobre o que *adoração* significa. Comida e saúde podem ser um galho relevante ao qual nos apegamos. Mas o tronco que está enraizado no sagrado chamado de Deus à adoração se baseia em uma inversão daquela relevância. Não é que Deus precise ser relevante para nós. É a própria perspectiva contrária de Deus que *nos* acena para nos tornarmos relevantes para *ele*. O que quero dizer com isso?

Em seu livro *The integrity of worship* [A integridade da adoração], Paul Waitman Hoon inclui um capítulo com o título "A irrelevância da adoração". Sua ideia central se resume em um parágrafo em que ele nos lembra de que a experiência de adoração pode às vezes nos conclamar a olhar para além de

nossa necessidade e ver aquilo para o que Deus está nos chamando:

> Quantas vezes temos ansiado por luz em nossa vida no mundo, apenas para sermos convocados a refletir sobre nosso destino na eternidade. Quantas vezes temos estado ocupados com a igreja local e, em vez disso, temos nossa visão voltada para a igreja triunfante e universal. E quantas vezes temos pedido que o culto abençoe nossa alma com paz, só para ouvirmos a lição do dia nos chamando para uma guerra santa. Quantas vezes temos desejado forças para vencer o mundo, só para sabermos que devemos ser apedrejados e serrados em pedaços nesse mundo. Quantas vezes temos buscado consolo para nossas tristezas, e, em vez disso, temos visto as tristezas do mundo serem acrescentadas às nossas. Essas inversões podem ser estranhas aos homens. Mas apenas tal contradição responde às realidades — tanto relevantes quanto irrelevantes — que estão no centro da adoração da igreja.[12]

Essa foi a inversão que os discípulos não esperavam. Eles vieram até Jesus pedindo abundância de pão para que seu estômago pudesse ficar cheio. Descobriram que havia um tipo diferente de pão, partido em favor deles por causa de um vazio mais profundo do que haviam imaginado. Haviam comprado o almoço em um restaurante nas proximidades. Mas estavam sendo convidados a participar de uma mesa diferente. Com a compra que fizeram, logo estariam de novo com fome. Jesus estava lhes oferecendo satisfação eterna com algo novo momento a momento. É por isso que a tarefa da igreja não é tanto tornar Deus relevante para as pessoas, mas, sim, tornar as pessoas relevantes para Deus.

Há um magnífico entalhe em madeira em Worms, na Alemanha, intitulado "O altar de sangue". É uma representação do Senhor partindo o pão para os discípulos. Olhei fixamente para aquela obra-prima, que levou anos da vida de um artesão para ser completada, e descobri que descrevê-la está além da minha capacidade. É a essência daquilo para o que Deus nos chama. É nessa troca que ele torna a mente mais realista, acalma o coração e transpõe cada barreira.

Será que nosso Deus é tão pequeno que não consegue transmitir vida sem canibalizar? Aqueles que entendem a

profundidade do significado da comunhão no cerimonial da ceia entendem a satisfação da adoração. Aqueles que não entendem vão embora famintos e canibalizam a própria alma. O compositor do hino intercede com razão por todos nós, para que nossa fome mais profunda seja saciada.

Parte tu o Pão da Vida,
para mim, querido Senhor,
assim como partiste os pães
junto ao mar;
além da sagrada página
eu te busco, Senhor;
meu espírito anseia por ti,
ó Palavra viva.
Tu és o pão da vida,
para mim, para mim;
tua santa Palavra, a verdade
que me salva;
dá-me para comer e viver
contigo acima,
ensina-me a amar tua verdade
pois tu és amor.
Oh, envia teu Espírito, Senhor,
agora a mim,
para que toque meus olhos
e me faça ver;
mostra-me a verdade escondida
dentro de tua Palavra,
e em teu Livro revelado
eu veja a ti, Senhor.[13]

---

[1] Elizabeth Barrett Browning, "Aurora Leigh", citado em Ken Gire, *Windows of the soul* (Grand Rapids: Zondervan, 1996), p. 39 [edição em português: *Janelas da alma* (São Paulo: Vida, 2003)].

[2] Ravi Zacharias, *Cries of the heart* (Nashville: W Publishing Group, 1998), p. 221.

[3] Jon Krakauer, *Into thin air* (New York: Villard Books, 1996), p. 187-8 [edição em português: *No ar rarefeito*, tradução de Beth Vieira (São Paulo: Companhia das Letras, 2006)].

[4] David A. Brown, *A guide to religions* (London: SPCK, 1975), p. 148.

[5] Douglas Coupland, *Life after God* (New York: Pocket Books, 1994), p. 338 [edição em português: *A vida depois de Deus*, tradução de Telma Costa (Lisboa: Teorema, 1994)].

[6] Chopra, *The seven spiritual laws of success*, p. 3.

[7] Ibidem, p. 98.

[8] Referência à comédia *Who's on first*, estrelada pela dupla de comediantes Bud Abbott e Lou Costello. Nesta, Abbott está identificando os jogadores de um time de beisebol para Costello, mas seus nomes e apelidos podem ser interpretados como respostas dúbias às perguntas de Costello. Por exemplo, o jogador da primeira base é chamado Who (Quem). Assim, o enunciado "Quem está na primeira base" pode ser tanto uma pergunta quanto uma afirmação. Essa citação serve para indicar uma ambiguidade proposital de Chopra; uma indefinição calculada cujo objetivo é não explicar nem definir o que quer dizer. (N. do E.)

[9] Ibidem, p. 102.

[10] Devo acrescentar que essa é também a exata razão pela qual houve uma reviravolta no pensamento hindu. Filósofos posteriores repudiaram essa noção de Deus ser impessoal, e uma enxurrada de ensinos surgiu no pensamento hindu subsequente que levou à adoração de deuses pessoais. O Gita constitui a mais popular das escrituras hindus e está repleto de canções de adoração e louvor dirigidas a um deus pessoal.

[11] Veja Radhakrishnan em seu *Hindu view of life* (New Delhi: Indus, 1993) [edição em português: *A visão hindu da vida* (Rio de Janeiro: Mundo Musical, 1973)] e o comentário de Pandit Nehru sobre o hinduísmo citado em Brown, *A guide to religions*, p. 63.

[12] Paul Waitman Hoon, *The integrity of worship* (Nashville: Abingdon, 1971), p. 164.

[13] Mary A. Lathbury; Alexander Groves, *Break thou the bread of life*, in: *Hymns of the Christian life*, p. 411.

# 5

# DEUS É A FONTE DO MEU SOFRIMENTO?

Gostaria de começar este capítulo citando, de maneira respeitosa, e com a permissão do escritor, trechos de uma das cartas mais comoventes que já recebi. Admiro de fato a coragem, a franqueza e a disposição para aprender presentes no homem que a escreveu. Claro que não é fácil desnudar a alma. Sinto uma dor dentro de mim por ele e por sua família nessa experiência terrível e dolorosa.

Essa carta, embora específica e tendo relação imediata com o contexto do seu autor, representa uma pergunta feita a Jesus há dois mil anos em uma situação parecida. Aliás, para todos nós, se formos honestos, é possível que por trás dessa pergunta resida uma das maiores barreiras à crença em Deus.

Caro sr. Zacharias,

Preciso desesperadamente de sua ajuda. Não estou pedindo dinheiro nem qualquer coisa assim. […] Procuro seu conselho.

Por favor, dedique tempo para ler esta carta. É pessoal em extremo e angustiante. Minha situação é grave, e enfrento agora meu segundo ano de tormento e medo. Achei que conseguiria descobrir todas as "respostas" de que precisava para encontrar paz na alma, mas tenho sempre deparado com um muro intransponível. Ou talvez a resposta esteja presente o tempo todo, e ela é dura demais para eu aceitar. Não sei. Dito de forma bem simples, estou confuso e assustado. E preciso de sua ajuda.

Às 3 horas e 15 minutos da tarde de 4 de agosto de 1997, meu filho, Adam Mark Triplett, morreu em um acidente de avião. Aconteceu na cidade de New Richmond, no estado de Wisconsin [nos Estados Unidos]. Adam era instrutor de voo de uma escola local de aviação em St. Paul, estado de Minnesota. Era estudante respeitado, excelente músico, piloto profissional, amigo dedicado e cristão comprometido. Era também irmão, marido e filho que só dava prazer.

Meu único filho. Adam morreu com 23 anos de idade, depois de apenas três meses de casamento. Não consigo imaginar a vida sem ele. […]

Alguns anos atrás minha esposa e eu compramos um novo computador. Mal eu sabia quanto perigo isso traria para a minha vida. Um dia, explorando ao acaso a internet com meu novo amigo tecnológico, fiquei surpreso ao ver uma mensagem de e-mail que me foi enviada de forma anônima. Chocado e surpreso, eu me vi olhando para uma foto de perversão e pornografia pesada.

Fiquei irado com essa intrusão vulgar e me lancei a descobrir de onde tinha vindo. Continuei minha busca, pensando que eu poderia me tornar uma espécie de cruzado em defesa da moralidade. Mas caí vítima das artimanhas e estratagemas do próprio Diabo e logo fiquei preso ao comportamento de dar uma olhada.

Se eu tivesse um "dia ruim" no trabalho ou se o carro tivesse quebrado (qualquer desculpa valia), eu descontava, por assim dizer, reequilibrando com uma rápida "olhada". A essa altura eu justificava minha "olhada" como algo não prejudicial. […] Eu não estava me intrometendo na vida de nenhuma outra pessoa nem ferindo ninguém. Eu não reparava naquilo que estava fazendo a mim mesmo.

Certo dia, na igreja, eu me vi dando mentalmente uma "olhada", não prestando atenção à mensagem do pastor. O temor saltou dentro do meu coração, e comecei a tentar me livrar dessa prática maligna. Sem sucesso. A espiral descendente continuou, afetando meus negócios e meus relacionamentos familiares, para não mencionar minhas responsabilidades como líder na igreja.

Em 4 de agosto, deixei meu filho no aeroporto. Seu próximo aluno estava esperando por ele. Enquanto se afastava do carro, ele se virou, sorriu e me deu um sinal de positivo com o polegar (o sinal de aprovação que nós dois fazíamos). Enquanto dirigia indo embora, olhando pelo espelho retrovisor […] tive uma estranha e leve percepção de que essa seria a última vez que o veria na terra. Livrei-me desse pensamento, achando que tinha vindo por acaso. Eu o descartei. Esqueci disso por completo. Voltei ao trabalho.

No final do dia, eu estava com uma enorme raiva por algum assunto que só Deus sabe […] [e decidi que] iria para casa e daria uma "olhada". Pelo menos poderia encontrar alguma satisfação ali, eu achava.

[Enquanto dirigia,] senti Deus me dizendo, de forma bem tranquila, quase como num sussurro, com brandura e docilidade, com voz suplicante:

— Mark, por favor, não quero que você faça isso.

Minha resposta foi dura e direta:

— Ah, você não quer que eu faça. Grande coisa! Você não quer eu faça nada, não é? Sempre tenho de ser perfeito, não é? Bem, hoje não!

O Senhor então falou um pouco mais alto e com mais seriedade:

— Estou pedindo para que você não se comporte dessa maneira.

Respondi de novo com arrogância:

— Como é que você vai me parar? O que você vai fazer? Matar meu filho?

O Senhor Deus falou comigo pela terceira vez. Mas dessa vez seu tom era mais enérgico, rigoroso e cheio de autoridade:

— Mark, você não entende. Estou lhe dizendo que eu NÃO quero que você se comporte dessa maneira.

A essa altura meu ego estava inflado. Minha resposta foi deliberada e direta. Não ouvi mais nada do Senhor sobre o assunto.

Cheguei em casa por volta das cinco e meia. Minha esposa estava cozinhando na grelha no quintal. Ela me perguntou se eu tinha ouvido falar de um acidente de avião naquele dia. Eu disse que não. Ela parecia estar sem forças, desconfiada e com medo. "Senti" que alguma coisa estava errada. [...]

Então o xerife chegou. Katrina (a irmã de Adam) gritou. Linda caiu num choro incontrolável. Eu estava completamente paralisado, mas senti a presença de uma força tomar conta do meu corpo e da minha mente. Acredito que foi o Espírito Santo de Deus. [...]

Nas semanas que se seguiram à morte de Adam, comecei a recordar os acontecimentos daquele dia. Senti-me consumido pela culpa de meu pecado contra Deus naquela ocasião. Fiquei demasiado consciente da minha miséria e da necessidade de cair a seus pés e buscar perdão. [...] Será que eu sou culpado dessa coisa horrível? Ah, meu Deus, que eu não seja.[1]

Como você pode muito bem imaginar, essa carta acabou com o meu dia. Enquanto a lia, a cada parágrafo a angústia se intensificava, como sangue inundando artérias esvaziadas. Meu coração palpitava, cadenciando sensações de autoexame. Tudo o mais adquiriu importância secundária. Eu me coloquei no lugar desse homem e imaginei o horror.

Será que a vida pode ser mais dolorosa do que quando se carrega essa culpa enorme com o fardo de tal tragédia? Quando o texto foi resumido a poucas palavras, a pergunta contundente continuou: "Deus tirou a vida do meu filho? Ele estava me fazendo pagar por ir contra os desejos divinos?".

Essa busca dupla de resposta — "Deus é o autor da dor?"; "A minha dor é por causa do meu pecado?" — tem incomodado tanto o cético quanto o crente de igual modo. Cada pessoa que pensa e tenta entender um mundo rico de coisas boas, mas em convulsão por causa do mal procura refletir com cuidado sobre isso, porém não encontra nenhuma solução fácil, em especial quando algo tão chocante como isso acontece. Depois de séculos de debate, encontrar uma resposta

adequada continua sendo uma tarefa assustadora. É uma questão que merece nossa maior atenção. Ao mesmo tempo, estou convencido de que não há nenhuma resposta mais abrangente para o problema do sofrimento e do mal do que aquela que a fé cristã proporciona.

A Bíblia não evita tratar dessa luta. Jesus enfrentou a questão de frente. Às vezes ela vinha em formas sutis, às vezes de um modo direto. O incidente mais marcante em que Jesus enfrentou esse questionamento está registrado no capítulo 9 do Evangelho de João. A conversa vem na esteira de um dos mais longos relatos de milagres que ele realizou. O texto traz mais do que o diálogo costumeiro que vem antes e depois dessa cura específica, e o motivo é a busca de uma explicação para a deformidade física de alguém.

Enquanto Jesus estava caminhando com seus discípulos, um homem cego atravessou o caminho deles. Nesse caso os discípulos não se contentaram em apenas testemunhar o milagre da visão restaurada. Eles atacaram a jugular com ímpeto, bem objetivos, de olho no papel de Deus em uma situação trágica. Um dos discípulos perguntou a Jesus de forma um tanto abrupta: "… quem pecou — esse homem ou seus pais — para que nascesse cego?".

Ele é responsável pela sua própria situação, ou alguma outra pessoa é o motivo?

Jesus os surpreendeu por completo com sua resposta de que nem o jovem nem seus pais eram responsáveis pela deformidade do rapaz. "… Isso aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse em sua vida. Enquanto é dia, temos de fazer o trabalho daquele que me enviou. A noite vem quando ninguém consegue trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo."

O que ele quis dizer com: "… para que a obra de Deus se manifestasse em sua vida"?

Tenha em mente que, enquanto tentava responder à pergunta, de maneira gradual, ele foi confrontado por quatro grupos de pessoas, cada um deles com os seus próprios motivos para questioná-lo. O primeiro eram os próprios discípulos. Eles queriam uma resposta para essa pergunta porque buscavam uma explicação para o sofrimento das pessoas. E então havia as pessoas ali próximas. Sabiam que um milagre havia acontecido e estavam intrigadas com o "como" de tudo isso. Como ele pôde dar visão ao cego? Os céticos no grupo viram o efeito de modo literal, mas não queriam admitir o "quem" por trás disso. Eles não gostaram do rumo para onde a resposta de Jesus os levava porque ela os forçava a decidir se eles tinham ou não a honestidade de repudiar seu próprio orgulho e segui-lo. E, por fim, havia o próprio cego. Ele havia experimentado em si mesmo a transformação e estava um tanto ou quanto sem saber o que fazer com todas as implicações — em especial, encarar os críticos. Uma conversa pessoal com Jesus o deixou sem nenhuma dúvida de que ele não era um mero curandeiro dos olhos; ele era o transformador do coração.

É óbvio que a resposta de Jesus nessa passagem vai além do tormento de pais que perderam filhos ou daqueles que têm suportado com graça dor tão intensa. Ele reconheceu de imediato que havia uma pergunta por trás da pergunta.

A resposta, portanto, tem um caráter mais profundo, não apenas para tocar a dor do coração humano, mas também para entender a amplitude do mal, da dor e do sofrimento. Se quisermos ir tão a fundo, será necessário que a resposta nos leve por uma longa jornada. Não é possível apenas responder à pergunta ao mesmo tempo que se ignoram, em cada etapa, possíveis questionamentos à resposta. Aqueles que perseveram nela verão que a cosmovisão bíblica é a única que aceita a realidade do mal e do sofrimento ao mesmo tempo que lhes atribui causa e propósito e, em meio a isso, proporciona força e sustento dados por Deus. Aqueles que se recusam a aceitar

essas verdades que Jesus apresenta continuarão considerando essa questão uma barreira contra Deus e, ouso sugerir, uma barreira contra a própria razão.

Anos atrás, circulou uma história divertida. Era sobre uma pane que ocorreu em uma usina de energia elétrica e criou grande confusão na cidade. Por bastante tempo não se conseguia achar nenhum técnico que pudesse corrigir o problema. Por fim apareceu um homem que, apertando um botão, reiniciou o sistema. Ele mandou a conta para a cidade, cobrando 1.000.001 dólares. Surpreso com o número, alguém lhe perguntou porque 1.000.001 e não simplesmente um milhão. A resposta dele foi que um dólar era por apertar o botão. Um milhão de dólares era por saber qual botão apertar.

À primeira vista, a resposta de Jesus à pergunta deles parece bem pobre. Consiste em umas poucas e simples afirmações. Mas aquelas breves frases carregam, em uma escala maior, o entendimento com todo o seu peso. É por isso que só é possível reconhecer a incrível profundidade da resposta de Jesus caso se entenda a cosmovisão por trás dela. Simplesmente apanhar essas poucas frases e ignorar o contexto de sua mensagem total é cometer violência com um tema muito importante. Para evitar esse perigo, tornarei a examinar o questionamento subjacente feito à pergunta e encararei a luta dura, mas concreta, para lidar com a presença do mal e da dor em um mundo reivindicado por um Deus amoroso. Assim que tivermos compreendido a perspectiva cristã mais ampla, entenderemos que Cristo responde de pronto à pergunta imediata à luz da pergunta maior por trás dela.

## UMA ANGÚSTIA UNIVERSAL

Para começar, lembremo-nos de que *cada* cosmovisão — não apenas a cristã — tem de apresentar uma explicação ou uma resposta para a questão do mal e do sofrimento. Ou o mal demonstra de modo categórico que Deus não existe, como o

ateu declara, ou o mal "em última análise não é mal real", como o panteísta afirma, ou então a explicação mais coerente para o mal é a ideia cristã sobre Deus e seu propósito na criação. Em resumo, esse não é um problema peculiar ao cristianismo. Não basta o questionador apenas levantar a questão. O problema do mal é um problema para o qual todos nós temos de apresentar uma resposta, não importa qual seja o sistema de crença que apoiamos.

Uma das descobertas que tenho feito ao estudar esse assunto é que cada escritor que tenta responder a essa questão tem uma coisa em comum com todos os demais e uma pressuposição fundamental. O fator comum é que cada um começa com uma ladainha de horrores e atrocidades. Não se trata apenas de uma pessoa ter nascido cega ou de um bebê inocente ter sido morto. A lista parece interminável. É como se nós mesmos precisássemos de lembretes sobre a imensa carga emocional desse problema, o qual desafia qualquer solução razoável. Listas são elaboradas com horrores de proporções inimagináveis. Achei isso por si mesmo instrutivo, e essa abordagem tem uma lição de que tratarei mais adiante.

Contudo, em seguida, surge um segundo componente, e esse componente determina um ponto de partida. Muito se pressupõe ou se oculta logo no início. Para o cético, a questão requer sua atenção imediata. Os envolvidos na confusão deveriam prestar atenção ao agricultor irlandês que, quando um turista perdido lhe pediu orientação, disse: "Se é para lá que você quer ir, aqui não é o lugar de onde eu partiria". Como você pode ver, a maioria dos céticos começa seu questionamento da existência de Deus com o problema do mal ou, pelo menos, reserva suas maiores emoções para esse debate. Mas, ao fazê-lo, eles cavam um buraco mais fundo que aquele do qual estão tentando sair, porque levantar o problema do mal sem considerar Deus traz o risco de não ser possível justificar a pergunta. Mas, de fato, muitos começam aqui e se equivocam por completo. Enquanto a análise avança, destacarei por que

esse não é um ponto de partida lógico e razoável para quem procura desmentir a existência de Deus.

## POSICIONANDO-NOS QUANTO AO PROBLEMA

A cosmovisão cristã sugere que é melhor definir o mal como um mistério do que como um problema. Mas antes que o antagonista dê um salto e grite: "Perdeu!", achando que, ao rotular o mal de mistério, estou tentando fugir de uma solução, deixe-me abrandar esse receio. Chamar o mal de mistério não é evitar a necessidade de alcançar uma solução. Problemas buscam respostas, mas mistérios exigem mais — merecem explicação. Isso significa que serão necessárias linhas argumentativas convergentes, não apenas uma única resposta com um "como se queria demonstrar" no final.

No entanto, há um motivo muito importante para dar ao mal o rótulo de mistério. Gabriel Marcel definiu mistério como um problema que se insere em seus próprios dados. Com isso ele quis dizer que o questionador, de maneira involuntária, se torna o objeto da questão. Não somos meros observadores da realidade do mal. Estamos envolvidos nela além de qualquer mero debate acadêmico. Peter Kreeft, professor de filosofia no Boston College, comenta: "Chegar até Marte é um problema. Apaixonar-se é um mistério".[2] O mal, tal como o amor, não é um problema. É um mistério!

É impossível tratar do problema do mal sem acabar sendo o centro desse problema. Com toda tranquilidade os céticos ignoram tal realidade e agem como se fossem espectadores observando um fenômeno, quando, na realidade, são parte do fenômeno. Identifiquemos o questionamento ao teísmo cristão nas palavras do renomado pensador David Hume, e logo veremos como a questão leva junto o questionador. É assim que ele se expressa:

> Caso um estranho caísse, de repente, neste mundo, eu lhe mostraria, como exemplo dos males do mundo, um hospital cheio de doenças, uma prisão abarrotada de malfeitores e endividados, um campo de batalha repleto de cadáveres, uma frota navegando com dificuldade no oceano, uma nação definhando debaixo de tirania, fome ou epidemia. Para lhe mostrar o lado alegre da vida e dar-lhe uma noção dos seus prazeres, para onde eu deveria levá-lo? A um baile, a uma ópera, a uma arena esportiva? É provável que ele pensasse, com acerto, que eu estava apenas lhe mostrando outra versão das aflições e tristezas.[3]

Em outra passagem Hume se queixa de que é impossível harmonizar um mundo assim com o amor como propósito último. É possível que Hume tenha expressado isso melhor do que ele mesmo tenha se dado conta, porque já ao formular a questão ele deu uma pista para a explicação. A essência de sua questão é apresentada de forma bem direta. O problema da dor e do sofrimento é real e sentido por cada indivíduo. É por isso que cada grupo abordou Jesus sobre esse assunto.

O problema não é apenas real e sentido pelas pessoas, também é universal. Nenhuma religião tenta explicar isso mais do que o budismo. A peregrinação toda de Buda rumo à "Iluminação" começou por ele estar absorto com o mistério do mal e do sofrimento. Foi a universalidade do tema que o colocou em sua peregrinação.

Contudo, além de real e universal, a questão também é complexa. Aborda-se o mal pelo menos a partir de três ângulos: o problema metafísico (qual é a fonte dele?), o problema físico (como catástrofes naturais etc. se encaixam no debate?) e o problema moral (como é possível justificá-lo?).

O terceiro deles está no âmago da questão: Como um Deus bom permite tanto sofrimento? De imediato entramos em um dilema bem sério. Como você responde ao lado intelectual da pergunta sem perder de vista o lado existencial? Como você responde aos Marks Tripletts deste mundo sem asfixiar tudo na filosofia?

Aqueles que mais sofrem com a questão ficam com frequência assustados com o fato de as respostas filosóficas

serem tão teóricas. Não gostamos de resolver o lado intelectual da questão porque não vemos onde lógica e filosofia se encaixam no problema da dor. Se você acabou de sepultar um filho ou uma filha ou se testemunhou pessoalmente alguma brutalidade, essa parte do argumento pode causar mais raiva do que consolo. Quem quer lógica quando o coração está partido? Quem quer um tratado fisiológico sobre cálcio nos ossos quando sofreu um deslocamento do ombro? Em momentos assim estamos procurando consolo. Queremos um analgésico.

Porém, concentrar-se apenas na consequência, sem dar a devida atenção ao processo, só consegue eliminar a dor por um pouco de tempo, e a articulação ainda é deixada sem funcionar. Em algum lugar e em algum momento, a lógica tem de operar por si mesma. O consolo virá, caso o raciocínio seja seguro.

E a você, leitor, eu suplico: mesmo que esta primeira parte pareça entediante, por favor, não pule este trecho, porque é aqui que estudamos a questão antes de prosseguirmos para a resposta. Não podemos deixar que a aflição do coração ignore o raciocínio da mente. A explicação tem de atender às exigências tanto intelectuais quanto emocionais do problema. Responder às perguntas da mente e ao mesmo tempo ignorar emoções despedaçadas parece insensível. Cuidar das feridas emocionais e ao mesmo tempo ignorar a luta do intelecto parece irracional.

Então, qual é o ponto de partida? Visto que o cerne do problema é, antes de qualquer outra coisa, uma questão moral, como pode haver justificação moral para o mal? Uma analogia feita por C. S. Lewis talvez ajude. Ele nos lembrou de que, quando um navio está em alto mar, é preciso responder a pelo menos três perguntas. Pergunta número um: Como evitamos que o navio afunde? Número dois: Como evitamos que bata em outros navios? Essas duas perguntas podem ser óbvias, mas por trás delas se esconde a mais importante, a de número três: Antes de mais nada, por que é que o navio está em alto mar? A

primeira das três perguntas trata da ética pessoal. A segunda aborda a ética social. A terceira se debate com a ética normativa.

Na melhor das hipóteses, nossas culturas tratam da primeira e da segunda perguntas. Elas ignoram uma defesa racional do real propósito da vida e não sabem onde buscar orientação. Se alguém não conhece o propósito para si mesmo, qualquer destino serve. E, quando o navio começa a afundar ou bate em outro navio, como alguém pode alcançar o porto em segurança, sem nenhum instrumento?

Estejamos certos de que não se pode estabelecer nenhum imperativo ético nem fazer quaisquer pronunciamentos morais sem primeiro estabelecer o imperativo da vida e saber como medir o progresso. Por que é que existimos, afinal? E é aqui que o cético navega com dificuldade no mar alto da vida. Se estamos aqui por puro acaso e se navegamos por puro capricho, como alguém descobre se uma viagem está indo na direção certa ou na errada? Por que estar em determinado lugar e não em qualquer outro?

Agora veremos por que a própria pergunta derrota o cético que, ao mesmo tempo, quer negar que de fato exista qualquer propósito para a vida.

## VIVENDO EM CONTRADIÇÃO

Deixe-me apresentar duas portas através das quais a pessoa que levantou a questão da existência de Deus, dando a aparência de ter razão, tenta escapar das implicações da descrença. Receio, no entanto, que as portas tenham a placa "Sem saída".

A primeira rota de escape para o problema do mal é proposta por aqueles que protestam, dizendo que Deus não pode existir porque é evidente que existe mal demais na vida. Eles não veem nenhuma contradição lógica dentro de seu sistema, pois não têm de provar que o mal coexiste com um

Criador bom. O mal existe; logo o Criador não existe. Isso é declarado de forma categórica.

Aqui, porém, o cristianismo apresenta um contraquestionamento para lembrar ao cético de que ele não escapou do problema da contradição. Se o mal existe, então é necessário pressupor que o bem também existe, a fim de reconhecer a diferença. Se o bem existe, é necessário pressupor que existe uma lei moral mediante a qual é possível avaliar o bem e o mal. Mas, se existe uma lei moral, será que não é necessário postular uma fonte última da lei moral ou pelo menos uma base objetiva para uma lei moral? Por base objetiva quero dizer algo que é verdade transcedental o tempo todo, sem importar se creio ou não.

Esse argumento é bem forte, e qualquer pessoa que nega a existência de Deus, mas aceita a presença do mal tem de lhe dar a devida consideração. Em contraste com a afirmação cristã de que Deus é necessário para poder postular as noções de bem e mal, o cético responde com a pergunta: "Por que a evolução não pode explicar nosso senso moral? Por que precisamos de Deus?".

Essa é a abordagem mais recente de pensadores antiteístas que procuram explicar o bem e o mal sem levar Deus em conta. Ao longo dos anos os naturalistas primeiro negaram a causalidade como argumento para provar a existência de Deus: Por que temos de ter uma causa? Por que o universo não pode ele mesmo ser essa causa? Então eles negaram o *design* como um argumento da existência de Deus: Por que precisamos de um *designer*? Por que tudo não poderia ter apenas se juntado, tendo a aparência de *design*? Agora negam a moralidade como um argumento da existência de Deus: Por que precisamos postular uma lei moral ou uma fonte de lei moral? Por que não pode haver apenas uma realidade pragmática? Acho isso fascinante! Querem uma *causa* para o sofrimento ou um *design*

para o sofrimento, mas já negaram que tanto um quanto o outro sejam necessários para explicar cada efeito.

Essa tentativa de negar a Deus devido à presença do mal está tão repleta de irracionalidade que sua aceitação causa surpresa. Nem um único defensor da ética evolucionista chegou a explicar como, por meio de um processo não moral, uma causa primeira impessoal e amoral produziu uma base moral da vida, enquanto ao mesmo tempo negava qualquer base moral objetiva para o bem e o mal. Não parece estranho que, depois de todas as permutações e combinações que um universo aleatório possa proporcionar, terminássemos com as noções de verdade, bem e beleza? Na realidade, por que dizemos que qualquer coisa é boa ou má? Por que não dizemos que é maçã ou roxo? Dessa maneira, resolvemos a questão com preferências diferentes. A propósito, Bertrand Russell tentou essa última abordagem e a examinou de forma bem deplorável.

A verdade é que não podemos escapar dessa tensão existencial fugindo de uma lei moral. Valores morais objetivos existem apenas se Deus existe. Por exemplo, é certo mutilar bebês para se divertir? Qualquer pessoa razoável dirá que não. Sabemos que valores morais objetivos existem de fato. Portanto, Deus tem de existir. Examinar aquelas premissas e sua validade nos apresenta um argumento bem forte. Aliás, J. L. Mackie, um dos ateus mais vociferantes a questionar a existência de Deus com base na realidade do mal, pelo menos admitiu essa conexão lógica quando disse:

> Podemos muito bem argumentar [...] que características objetivas prescritivas de modo intrínseco, supervenientes às naturais, constituem um conjunto tão estranho de qualidades e relações que é muitíssimo improvável que tenham surgido no curso natural dos acontecimentos, sem um Deus todo-poderoso para criá-lo.[4]

Portanto, a conclusão com que temos de concordar é que nada pode ser intrínseco e prescritivamente bom a menos que exista também um Deus que tenha moldado o universo dessa

maneira. Mas esse é o próprio Ser que os céticos querem negar por causa da existência do mal.

A primeira porta de saída para fugir de Deus está aberta, e a visão é aterradora. Resta apenas uma opção, que é tentar modificar a aparência da porta. Reconhecendo então que, caso se admita o mal, talvez seja preciso invocar uma lei moral objetiva, o cético tenta uma nova abordagem. Atente para esta explicação incrível dada por um dos paladinos do ateísmo, Richard Dawkins, de Oxford:

> Em um universo de forças físicas cegas e de replicação genética, algumas pessoas sairão prejudicadas, outras terão sorte, e você não encontrará nenhuma rima ou razão nisso, nem qualquer justiça. O universo que observamos tem exatamente as propriedades que devemos esperar, caso no fundo não haja nenhum *design*, nenhum propósito, nenhum mal e nenhum outro bem. Nada além de indiferença cega e impiedosa. O DNA não sabe nem se importa. O DNA apenas está aí. E dançamos de acordo com o seu ritmo.[5]

Você viu o que aconteceu? O cético começou apresentando uma longa lista de coisas terríveis, dizendo: "Essas coisas são imorais, portanto Deus não existe". Mas levantar essas questões como questões morais é pressupor uma situação com a qual a evolução não pode lidar. Uma vez admitidas as premissas do naturalismo, não existe de fato nenhuma maneira de chegar a uma obrigação moral persuasiva. Então o que o cético faz? Ele nega valores morais objetivos porque aceitar essa realidade seria admitir a possibilidade da existência de Deus. Então ele conclui que, em última instância, não existe algo como o mal.

Será que se deve aceitar isso como resposta? Se o DNA não sabe nem se importa, o que é que instiga o *nosso* conhecimento e o *nosso* cuidado? Será que somos apenas computadores corporificados supervalorizando nossos sentidos? Se nossos sentimentos não têm na verdade nenhuma relação com a realidade dessa questão, então talvez a *nossa* inteligência seja a artificial e a do computador seja a real, pois esta não tem nenhum sentimento; tem apenas informações. Computadores

não “se importam”, não “se entristecem com o mal”, e estão, portanto, mais próximos da realidade.

É a isso que chegamos? Temos de ser advertidos de que não existe nenhum freio nessa ladeira escorregadia, assim que pomos os pés nela. A negação de uma lei moral objetiva baseada na compulsão de negar a existência de Deus resulta, em última análise, na negação do próprio mal. Você consegue se imaginar dizendo a uma mulher estuprada que o estuprador apenas dançou conforme seu DNA? Diga ao pai do jovem Adam Triplett que ele está apenas dançando conforme seu DNA. Diga às vítimas de Auschwitz que seus algozes apenas dançaram conforme seu DNA e diga a entes queridos daquelas vítimas do canibal Jeffrey Dahmer que ele apenas dançou conforme seu DNA. Então dancemos junto com eles.

Que repugnante! Isso não é uma dança! Esse é o pé do escapista na garganta da razão, ansiando por racionalidade e ao mesmo tempo negando a existência de pontos lógicos de referência. Na prática, enquanto procura uma resposta para a pergunta acerca do mal, ele acaba negando a pergunta. Aliás, pus essa teoria à prova com alguns estudantes da Universidade de Oxford. Perguntei a um grupo de céticos se, caso eu apanhasse um nenezinho e o cortasse em fatias, eu teria feito qualquer coisa errada. Eles haviam acabado de negar que valores morais objetivos existem. Diante de minha pergunta, houve silêncio, e então a voz do líder do grupo disse:

— Eu não gostaria disso, mas não, eu não posso dizer que você fez qualquer coisa errada.

Caramba! Que pessoa sensível! Ele não gostaria. Puxa, que irracionalidade! Ele não conseguiu chamar isso de errado. Só tive de lhe perguntar o que resta, então, da pergunta original, caso se negue o mal.

Dawkins poderia tê-lo ajudado ainda mais. Em suas palestras dadas em 1992 à British Humanist Association

[Associação Humanista Britânica], ele fez uma declaração surpreendente. Tendo ridicularizado a noção de Deus em seus numerosos escritos e também tentado explicar o mal como a dança do DNA, como devemos, então, entender o sentido de moralidade que encontramos na experiência humana? Por que até mesmo formulamos essas questões sobre o bem e o mal?

Dawkins tem a resposta. Vírus. Um vírus mistura os dados dentro do gene humano e cospe essa desinformação. Se, de alguma maneira, conseguirmos eliminar o vírus que nos levou a pensar dessa forma, estaremos purificados e livres dessa noção atormentadora de Deus, bem e mal.[6]

No dialeto de Dawkins, aqueles que fizeram a pergunta a Jesus precisavam de um programa antivírus. Aliás, o próprio Jesus precisaria de reprogramação. E suponho que aquele que faz juízos morais sobre o Holocausto precisa de uma nova proteção antivírus. Desse modo a questão do mal nem viria à tona. Alguém talvez queira perguntar a Dawkins se estamos moralmente obrigados a remover esse vírus. Não nos esqueçamos de que ele próprio está, é claro, livre de vírus e pode, portanto, inserir nossos dados morais.

O problema devorou a si mesmo. Em uma tentativa de escapar daquilo que chamam de contradição entre um Deus bom e um mundo mau, céticos fazem a mente ser exorcizada de noções teístas apenas para ser invadida e sobrepujada por contradições sete vezes maiores.

Embora eu tenha, com frequência, citado G. K. Chesterton em sua crítica a esse tipo de pensamento, ninguém se expressa melhor do que ele sobre o tema, de modo que gostaria de voltar a citá-lo:

> Toda crítica implica uma doutrina moral de algum tipo, e o cético moderno tem dúvida não apenas acerca da instituição que ele critica, mas também a respeito da doutrina com base na qual ele a critica. Desse modo, ele escreve um livro em que se queixa de que a opressão imperial insulta a pureza das mulheres e, em seguida, escreve outro livro, um romance no qual ele próprio a insulta. Como político, ele clamará que a guerra é um desperdício de vidas e, em seguida, como

> filósofo, que a totalidade da vida é um desperdício de tempo. Um pessimista russo criticará um policial por matar um camponês e, em seguida, demonstrará pelos mais elevados princípios filosóficos que o camponês deveria ter se matado. Um homem critica o casamento como uma mentira e, em seguida, critica aristocratas devassos por tratar o casamento como uma mentira.
>
> O homem dessa escola de pensamento vai primeiro a uma reunião na qual se queixa de que selvagens são tratados como se fossem animais. Então pega seu chapéu e guarda-chuva e vai para um encontro científico no qual demonstra que eles são de fato animais. Em resumo, o revolucionário moderno, sendo um cético sem limites, está sempre envolvido em minar suas próprias minas. Em seu livro sobre política, ele ataca os homens por destroçarem a moralidade; em seu livro sobre ética, ele ataca a moralidade por destroçar os homens. Por isso, em sua revolta, o homem moderno se torna praticamente inútil em atingir os propósitos da revolta. Ao se rebelar contra tudo, ele perdeu o direito de se rebelar contra qualquer coisa.[7]

Deixe-me ilustrar a ideia central de Chesterton com algo mais contemporâneo. De forma pungente, vimos isso exemplificado quando os Estados Unidos se viram debatendo o escândalo Clinton-Lewinsky. Em nossa contradição moral, revelou-se um clima cultural surpreendente. A famosa frase do presidente de que "tudo depende de qual seja a definição de 'é'" levou repórteres às pressas para as ruas com a pergunta do século: "As palavras têm um sentido fixo ou podemos dar-lhes qualquer significado que escolhermos?". (O que poderia causar maior ingerência em si mesmo do que abastecedores de palavras perguntarem se as palavras têm algum significado, ao mesmo tempo que usam palavras para fazer a pergunta?)

Para total "surpresa" dos abastecedores, a maioria das pessoas parecia concordar que às vezes as palavras podem significar coisas diferentes para pessoas diferentes, pressupondo-se, é claro, que não houvesse nenhuma ambiguidade de sentido quando a pergunta foi feita e a resposta foi dada.

Isso levou à pergunta seguinte: "A moralidade é absoluta ou um assunto particular?". A resposta da imensa maioria foi que a moralidade é um assunto particular.

Essas duas questões se tornaram a introdução de uma notícia na rede de televisão CNN. Primeiro, que as palavras só têm significado pessoal. Segundo, que a moralidade é um assunto particular. É irônico que a terceira notícia do telejornal era que os Estados Unidos tinham acabado de fazer a Saddam Hussein uma dura advertência de que, se ele não parasse de brincar com o sentido das palavras com as equipes de inspeção nuclear, começaríamos a bombardear o Iraque.

De repente, palavras importavam, sim. Não deixaríamos Saddam dançar conforme *seu* DNA. Não o deixaríamos escrever *seu* próprio dicionário. Não o deixaríamos viver de acordo com *sua* própria ética, mas poderíamos deixar cada um de *nossos* cidadãos decidir o significado das palavras que usavam e insistir que nossa moralidade não é da conta de ninguém mais.

Com efeito, esse é o mundo ao qual Dawkins e aqueles com filosofia parecida têm de ser conduzidos de forma racional. É um mundo de contradição sistêmica. Se a moralidade não passa de uma escalada da evolução, então não há nenhuma maneira de avaliar quando atingimos o cume. Com base no que admitem essas pessoas, era impossível prever a disposição aleatória dos átomos. No final, uma filosofia dessas sobre o mal torna a vida insuportável em uma comunidade. Dawkins não consegue explicar o mal mediante a negação de uma lei moral objetiva e não consegue negar o mal sem sair perdendo em seu questionamento sobre a existência de Deus. Para o cético, essa porta tem a placa "Sem saída", mesmo quando o seu navio afunda.

## PEDINDO A DEUS PARA SE CONTRADIZER

A segunda porta parece, à primeira vista, ser uma saída segura. O cético indaga por que Deus não poderia nos ter feito para sempre escolhermos o bem. Filósofos de destaque têm levantado essa questão como a parte mais contundente de seu

questionamento do cristianismo. Mas aqui também o questionamento vai contra a razão.

Alvin Plantinga, da Universidade de Notre Dame, que muitos consideram o filósofo protestante mais respeitado de nossa época, desenvolveu um argumento forte e persuasivo contra esse questionamento do cético. Ele sustenta que essa opção carrega uma ideia falsa sobre o que a onipotência de Deus significa. Temos de perceber que Deus não pode fazer aquilo que é mutuamente excludente e de modo racional impossível. Deus não pode fazer círculos quadrados. Os termos são mutuamente excludentes.

Plantinga está certo. Eu poderia acrescentar que, se Deus *pode* fazer de fato qualquer coisa, até mesmo aquilo que é mutuamente excludente, então ele também pode contradizer seu caráter, o que, de forma indireta, faria com que o problema do mal fosse irrelevante, tornando desnecessária qualquer defesa. A razão pela qual levantamos a questão é que buscamos coerência. Em um mundo onde o amor é a ética suprema, a liberdade tem de estar embutida. Um amor que é programado ou forçado não é amor; é apenas uma reação condicionada ou uma reação que atende a seus interesses pessoais.

De novo, até mesmo pensadores hostis ao cristianismo, de maneira inadvertida, afirmam verdades que concordam com o pensamento cristão. Por exemplo, em *Being and nothingness*, Jean-Paul Sartre diz:

> O homem que quer ser amado não deseja a escravização do ente amado. Ele não está decidido a se tornar o objeto de paixão, que flui de modo mecânico. Não deseja ter um autômato, e, se quisermos humilhá-lo, só precisamos tentar convencê-lo de que a paixão do ente amado é resultado de um determinismo psicológico. O amante sentirá então que tanto seu amor quanto seu ser estão banalizados. […] Se o ente amado é transformado em um autômato, o amante se vê a sós.[8]

Que perspicácia! O amor forçado é precursor da solidão. Ter a liberdade de amar quando você pode optar por não amar é dar sentido legítimo ao amor. Foi por isso que antes eu disse

que, em sua questão sobre o problema da dor, David Hume tinha mais de uma resposta, a qual ele talvez nem soubesse. Será que o objetivo último do amor não é a única maneira de você *conseguir* resolver o problema da dor? Pedir que a liberdade nos seja negada e que só escolhamos o bem não é pedir por amor, mas por compulsão e por alguma outra coisa que não humanidade.

Para o cético, ambas as portas de escape estão bem trancadas. Você não pode postular o mal sem uma lei moral transcendente, a qual a macroevolução não consegue sustentar. E você não pode ter a mais elevada ética sem a possibilidade de liberdade. A primeira porta nos lança em vidas de contradição. A segunda exige uma contradição de Deus.

Em resumo, para o naturalista o homem nascido cego estava dançando conforme seu DNA. Quanto à pergunta por trás da pergunta, o naturalista não apenas deixa de respondê-la, mas deixa até mesmo de justificá-la.

De que forma outras religiões responderiam à pergunta dos discípulos e à pergunta por trás da pergunta?

Conforme afirmei, religiões panteístas têm tentado respostas amplas, e às vezes essas respostas são demasiado confusas. A dificuldade com o hinduísmo é que ele não tem nenhuma resposta monolítica para o problema do sofrimento. Ao declarar que tudo no mundo físico é irreal, ilusório, mutante e transitório, ele acaba tendo problemas filosóficos imensuráveis. E é claro que a pessoa se vê forçada a indagar: "O que fez surgir essa 'ilusão' de mal, se tudo é parte integrante da realidade divina?". Eles se esforçam para responder a isso.

Há uma passagem clássica no Bhagavad-Gita na qual Krishna aconselha o jovem Arjuna, que está no campo de batalha e enfrenta a possibilidade de matar seus próprios meios-irmãos. Ele se debate e não tem coragem de fazer isso. Krishna, que vem como seu condutor de carruagem, fala com

ele sobre seu dever. Este era seu dever: desincumbir-se, na condição de guerreiro, da responsabilidade de sua casta. É assim que a vida anda. Mas ele disse a Arjuna para não ter medo de cumprir seu dever, pois todo o bem e todo o mal se fundem na derradeira realidade, Brahman. No Brahman, diz Krishna, a distinção se desfaz. Aquilo que parece mau é apenas a realidade menor. No final, a totalidade da vida, do bem e do mal, flui de Deus e retorna para ele ou para isso. "Vá à guerra e faça seu trabalho." Essa convergência de tudo em uma realidade única e absoluta constitui o eixo da resposta para a pergunta por trás da pergunta. Pode-se ver como um sentimento de fatalismo predomina, quando toda a realidade está inexorável e inevitavelmente se desenrolando.

Há uma história engraçada sobre Shankara, o principal filósofo da Índia. Ele havia acabado de fazer uma preleção para o rei acerca do engano da mente e da ilusão mental da realidade material. No dia seguinte, o rei soltou um elefante, o qual causou uma grande destruição, e Shankara subiu em uma árvore para se proteger. Quando o rei lhe perguntou por que ele correra, uma vez que o elefante não era real, Shankara, para não ficar atrás, disse:

— O que o rei viu era o meu eu irreal subindo em uma árvore irreal!

Alguém poderia acrescentar: "Essa é uma resposta irreal".

Embora essas histórias sejam vistas como fábulas, o hinduísmo clássico não tem nenhuma maneira de lidar com o problema do mal. Negar que o mal seja real não diminui a perversidade nem intimida o desejo do coração de buscar pureza. Grande parte da adoração hindu está imersa em rituais de purificação. É por isso que o *corpus* inteiro do hinduísmo popular está repleto de formas de adoração, medo de castigo, meios de alcançar o favor de Deus etc.

Mas por que são essas fomes elas próprias vistas como reais? Aliás, uma das críticas mais fortes do hinduísmo ao cristianismo e a razão apresentada para recusar sua validade é a referência hindu à época do *raj* (isto é, ao domínio britânico) e ao mal da exploração dos subjugados. Não dá para ficar com as duas opções; o mal não pode ser ao mesmo tempo ilusório e concreto.

O hinduísmo explica que essa percepção do mal é induzida pela ignorância. Mas isso só empurra a questão mais para a frente. Se tudo é uma única coisa e se a pluralidade é uma ilusão nascida da ignorância, então quem é a fonte da ignorância senão essa única coisa? E, se a única coisa é a fonte da ignorância, então o absoluto impessoal naquela única coisa é um absoluto que carece de verdadeiro conhecimento. Mas aqui deparamos com a verdadeira resposta do hinduísmo à pergunta do homem que era cego de nascença.

A reencarnação é um aspecto central da filosofia hindu. Aliás, alguns pensadores orientais têm acorrido a essa passagem em particular sobre o cego como prova de que a Bíblia ensina a reencarnação. De que outra forma o homem poderia ter pecado antes de nascer? Estejamos certos de que isso é tanto uma deturpação da passagem quanto uma forma esquiva de enfrentar o que a doutrina da reencarnação de fato advoga.

Em primeiro lugar, é improvável que esse trecho "ensine" a reencarnação. É apenas uma pergunta feita. O ensino da Bíblia é que "… está designado aos homens morrerem *uma única vez*, vindo depois disso o juízo" (Hb 9.27, KJV; grifo do autor). Aliás, nesse exato contexto Jesus declara que não houve nenhuma relação direta entre qualquer ato anterior e a situação do homem e que a oportunidade de escolher acreditar em Deus é breve, depois da qual não há nenhum remédio. Em contraste e por definição, a reencarnação é um ciclo repetitivo de causa e efeito, até que todas as transgressões tenham sido

pagas e o absoluto tenha sido alcançado. Jesus nega essa possibilidade de forma clara. "… Está vindo a noite quando ninguém poderá trabalhar", disse ele. A oportunidade acaba.

Em vez de levar em conta meus pensamentos sobre o que a reencarnação significa no hinduísmo, observe, em vez disso, as palavras dos Upanixades sobre o assunto:

> Dessa maneira, aqueles que têm uma conduta agradável aqui — a perspectiva é, de fato, que entrarão em um ventre agradável, seja o ventre de uma brâmane [alguém da classe dos sacerdotes], seja o ventre de uma kshatriya [alguém da classe dos guerreiros ou reis], seja ainda o ventre de uma vaisya [alguém da classe dos trabalhadores ou especialistas]. Mas aqueles que têm uma conduta fétida aqui — a perspectiva é, de fato, que entrarão no ventre fétido de uma cadela, ou no ventre de uma porca, ou no ventre de uma pária (Chandogya Upanishad, 5.10.8).

Existem outras passagens com descrições mais detalhadas, ideias impossíveis de serem lidas com indiferença. Aqui o hinduísmo transmite uma sensação de erro herdado, o qual é vivido na vida seguinte em forma vegetal, animal ou humana. Essa doutrina é inegociável na filosofia hindu. Nas Upanixades existem passagens cuja leitura é bem chocante.

O budismo também invoca a doutrina do carma e da reencarnação. As frases iniciais das escrituras budistas dizem que cada indivíduo é a soma total daquilo que ele pensou em sua vida passada. Uma das coleções dos discursos de Buda é chamada de Anguttara Nikaya. Aqui estão alguns pensamentos:

> Meu *kamma* [ações passadas e presentes] é minha única propriedade, *kamma* é minha única herança, *kamma* é a única causa do meu ser, *kamma* é meu único parente, minha única proteção. Quaisquer ações que eu faça — boas ou más —, eu me tornarei herdeiro delas.[9]

(Observe que a língua pali, em que foram redigidas as escrituras budistas, tem um som diferente em algumas palavras que se tornaram comuns a partir do hinduísmo. *Kamma*, por exemplo, tem o sentido de *carma*.)

De modo que também para o budismo a resposta à pergunta dos discípulos sobre o transtorno do cego — "…

Quem pecou, este homem ou seus pais?…" — seria: "Tanto este homem quanto seus pais pecaram". O sofrimento do homem cego é a herança do pecado de sua vida passada, e é o destino dos pais herdar essa situação.

Mas essas religiões têm de fato uma diferença. O hinduísmo sustenta que por trás do mundo transitório ou irreal se encontra aquilo que é em última instância real. O budismo inverteu isso, dizendo que por trás do mundo real existe, na verdade, a impermanência. Desse modo, o motivo de todos os nossos desejos é porque achamos que há permanência, então temos anseios. Assim que ficamos sabendo que não há nada permanente, nem mesmo o eu, então paramos de ter anseios. No estado de "iluminação", o eu é extinto, e todo desejo, e, portanto, todo sofrimento, se vai. Esse é o objetivo do budismo.

Como podemos acabar com o sofrimento? De acordo com o ensino budista, se conseguirmos eliminar o desejo, eliminaremos o mal. Aliás, a própria palavra *nirvana* significa a negação da selva de desejos a que nossos renascimentos nos condenaram.

Será que alguém consegue resistir à pergunta: "Como uma cosmovisão que considera que tudo é impermanente chega a explicar a origem da impermanência e a sedução da mente de considerar permanentes essas coisas? O que, então, é esse eu se ele nem sequer existe, exceto como ilusão? A resposta de Buda é que ele próprio viveu sob a ilusão da permanência até que, por meio de múltiplas reencarnações, descobriu a impermanência de toda a realidade. Então ele anunciou que essa seria sua última existência, visto que havia alcançado o estado de total ausência de desejo. Nessa última encarnação, é claro, ele corrigiu as ideias errôneas de seus discípulos. Ele questionou vários ensinos hindus.

Acima de tudo, porém, o budismo enfrenta um problema de fato insuperável. Se a vida é cíclica e as encarnações não

têm início, por que elas têm um fim? Como alguém tem uma regressão infinita de causas, se existe uma encarnação final?

O filósofo William Lane Craig nos lembra que uma regressão infinita de causas é como tentar saltar para fora de um poço sem fundo. Como você começa a saltar para fora, se nunca chegou ao fundo? Em contrapartida, alguém poderia muito bem perguntar, se cada nascimento é um renascimento, qual *kamma* foi pago em seu primeiro nascimento? Alguém também poderia perguntar se, caso a ausência de desejo seja o derradeiro *nirvana*, então seria seguro dizer que nesse estado não existe nem mesmo o desejo de ver o mal chegar ao fim?

O aspecto incrível desse ensino é que, quanto mais dolorosa a existência de alguém, mais certo é que a vida anterior teve sucesso em pagar suas dívidas. De maneira que, quando alguém apanha o corpo de uma criancinha deformada desde o nascimento, o *kamma* está em operação. É possível que não se queira admitir, mas essa é a realidade existencial de tal ensino.

Alguns anos atrás, soube de um grupo de missionários e suas respectivas famílias que haviam morrido em um acidente de ônibus perto de um vilarejo em um país budista. Em poucos minutos pilharam o ônibus e saquearam os corpos em busca de bens. O motivo: aqueles que morreram estavam apenas recebendo seu *kamma*, e não há nada errado em tomar aquilo que é deixado por alguém que está pagando suas dívidas.

Se cada vida é o pagamento de uma vida anterior, também pode-se perguntar por que Buda relutou tanto em admitir mulheres na ordem sagrada e estabeleceu que as regras para governá-las fossem bem mais numerosas. Aliás, até mesmo uma mulher que estivesse há anos na ordem tinha de prestar reverência maior a um homem que era apenas um iniciado. Se o *kamma* está em operação, por que essas regras foram impostas, pressupondo uma virtude de ordem superior colocada sobre alguns? A menos, é claro, que uma mulher, em virtude de ser mulher, tenha herdado um *kamma* maior.

O que se torna evidente é que o navio panteísta se desintegra no recife do mal. Não se pode declarar a ausência do eu enquanto se individualiza o *nirvana*, e não se pode falar de cessação do sofrimento sem também apresentar a origem do primeiro pensamento errado. O budismo tem um intrincado conjunto de regras e normas porque precisa delas. Como caminho não teísta, é uma estrada repleta de *kamma*. Reconhece o mal e em seguida fecha de modo fatalista os olhos para ele, procurando um escape.

Em contraste marcante, a mensagem cristã reconhece o horror do mal e procura oferecer uma razão moralmente justificável para Deus permitir o sofrimento. Vejamos a resposta cristã, para podermos perceber a diferença.

## O DOADOR DA VIDA

Quando se reúne tudo aquilo que as Escrituras disseram, existem seis elementos que, combinados, dão uma explicação coerente e única. Não se busca um escape, seja negando a pergunta, seja nas implicações da resposta.

Em primeiro lugar, o Deus da Bíblia se revela como o Autor da vida e como o ser em quem habita toda a bondade. Desde o início o abismo entre o cético e o cristão é imenso. Deus não é apenas bom. Isso significa que, com referência a Deus, estamos lidando com mais do que questões morais sobre certo e errado, prazer ou dor. *Estamos lidando com uma fonte transcendente de bondade pela qual se opta, não porque seja "melhor" em uma hierarquia de opções, mas porque é a própria base a partir da qual se estabelecem todas as diferenças*. Para nós, categorias morais operam amiúde em comparações e hierarquias. Falamos em julgar ou sentir que uma coisa é melhor do que outra. Nossa cultura é moralmente mais avançada do que a de alguma outra pessoa; pelo menos podemos pensar assim. A existência de Deus altera essas categorias variáveis e nos leva não a categorias relativas, mas a

uma apresentação da essência daquilo em que se baseia a palavra *bondade*.

Deus é santo. Essa diferença é o que faz com que seja quase impossível um cético entender o argumento. A santidade não é apenas bondade. "Por que Deus não nos criou para escolher apenas o bem?" "Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?" A realidade é que, em graus variados, o oposto do mal pode ser a bondade. Mas, em contrapartida, o oposto do mal absoluto é a santidade absoluta. No contexto bíblico a ideia de santidade é a extrema "alteridade" do próprio Deus. Deus não apenas se revela como bom; ele também se revela como santo.

Na peça *O fantasma da ópera*, há uma canção chamada "A música da noite". É cantada pela personagem meio sinistra do Fantasma, que corteja a mulher que ama. Ele a descontrai com sua voz e tenta fazê-la entrar no mundo dele, dizendo-lhe que as trevas da noite aguçam cada sensação e aumentam a imaginação. Ele lhe implora que deixe de lado suas defesas e ceda à atração dos sentidos enquanto a noite impede que os olhos da verdade enxerguem.

Em seguida vem esta frase: "Vire o rosto para longe da berrante luz do dia", porque nas trevas é possível converter os "imperativos" da consciência no prazer das próprias paixões. A melodia é inesquecível, as palavras são sedutoras, e a vontade é ridicularizada. Para essa maneira de pensar, a luz *é* berrante porque expõe a perversidade que é encoberta pelas trevas.

A santidade de Deus é como a luz em um mundo escuro. Assim como a chegada da alvorada expõe os pensamentos ou ações da noite anterior e, com frequência, deixa um sentimento repugnante de erro, da mesma forma a santidade revela o que a própria luz é: a fonte de descoberta e libertação daquilo que a mentira capturou com ardileza. Isaías, um dos profetas do Antigo Testamento, descreveu sua condição ao ser tomado de reverência quando Deus se revelou a ele. Isaías, um homem moralmente bom, assim mesmo caiu de rosto no chão e de

imediato sentiu que não tinha condições de estar na presença de Deus. Ele não estava apenas na presença de alguém melhor do que ele. Estava na presença daquele por quem e por causa de quem toda a pureza encontra seu ponto de referência. É por isso que ele ficou sem palavras.

Aqui, o islamismo e o cristianismo apresentam uma perspectiva um tanto comum. Deus é transcendente, não apenas em seu ser, mas também em sua natureza.

A santidade de Deus, por sua vez, transmite uma santidade intrínseca à nossa vida. Nós somos geração dele. Essa não é uma sacralidade conferida pela cultura ou uma sacralidade estabelecida de forma legal. Cada pessoa tem valor intrínseco. Esse valor é um direito por nascimento que a pessoa tem junto a Deus como seu Pai celeste. Acaso não foi o reconhecimento disso que, antes de tudo, levou à pergunta? Se meu nascimento é sagrado, então que erro me levou a merecer a cegueira?

## A FONTE DA NARRATIVA

Em segundo lugar, a partir dessa autoria decorre uma dedução. Se Deus é o autor da vida, tem de haver um roteiro. Não somos, para usar as palavras de Jean-Paul Sartre, bolhas vazias que flutuam no mar do nada. Não estamos em um cruzeiro sem propósito, sem destino ou sem instrumentos de navegação.

Não é que o mundo seja um palco e nós possamos apanhar e escolher diferentes roteiros. As falas que recebemos nos dizem que essa não é uma peça teatral, mas a vida real que dirige a narrativa em cada ato e pensamento. A subtrama individual tem de ganhar seu rumo a partir da narrativa maior do propósito de Deus para a nossa vida.

O cego, os discípulos e os conhecidos — todos eles conheciam a narrativa. No princípio Deus criou os céus e a terra. Deus é soberano sobre cada vida. Como a cegueira desse homem se encaixa na narrativa? O que é específico estava

procurando uma explicação no contexto maior. Se a trama maior fosse de todo compreendida, a narrativa menor faria sentido.

Há uma maneira bem simples de ilustrar isso. Acima eu me referi a uma canção de *O fantasma da ópera*, de Andrew Lloyd Webber, que tem sido um dos musicais de maior sucesso na Broadway, a avenida dos teatros em Nova York. A música é excelente, e o enredo é fascinante. Lembro que, quando ouvi pela primeira vez parte da música no rádio, fiquei surpreso que trechos dela parecessem dissonantes, às vezes até mesmo estridentes. De que forma o mesmo compositor conseguia orquestrar tanto o agradável quanto o chocante? Não consegui misturar os dois até que por fim assisti à peça. Então tudo se encaixou: o magnífico e o lamentável, a harmonia e a dissonância, o horrível e o belo. Por quê? Porque havia um enredo para explicar tudo isso.

Quando alguém começa a entender a narrativa do plano e propósito nascidos do caráter santo e puro de Deus, tanto o bem quanto o mal falam dentro desse contexto. Sem Deus, não há nenhuma narrativa, e nada faz sentido.

Certa vez tive o privilégio de assistir a uma palestra na Universidade de Cambridge, quando Stephen Hawking estava falando. Seu objetivo era examinar a questão: "O homem tem seus dias determinados ou é livre?". Hawking expôs suas ideias com meticulosidade, e então veio a tão aguardada conclusão: "O homem está predestinado? Está. Mas, visto que não sabemos o que foi predestinado, também é bem possível que não estejamos".

(Não consegui deixar de cogitar se ele havia abandonado o determinismo a fim de fazer tal declaração ou se a declaração fazia parte do determinismo que ele defendia. Será que os dados haviam usurpado a si mesmos?)

O público praticamente gemeu. Houve sons reais e audíveis de decepção. Como você vê, não há nenhuma maneira de entender o *design* sem um padrão. Não existe nenhuma maneira certa de viver a vida, caso não haja nenhum roteiro. Aliás, não só perdemos a narrativa, mas também perdemos todos os pontos comuns de referência de significado.

Durante a Primeira Guerra Mundial, algo fascinante aconteceu em uma véspera de Natal. Em meio a um inquietante silêncio das armas à noite, de repente uma voz solitária começou a cantar uma música natalina. De forma irresistível, outra voz se juntou à primeira, e, antes que as pessoas percebessem, havia uma onda de música por causa de Belém, atravessando em cascata as linhas inimigas, à medida que ambos os lados se uniam para ler o mesmo roteiro. A história do bebê na manjedoura, do Príncipe da Paz, pôde levar comunhão a facções em conflito, ainda que por poucas horas. É assim que um compositor conta essa história. Com pesar, posso citar apenas algumas estrofes aqui:

> Ah, meu nome é Francis Tolliver,
> venho de Liverpool.
> Dois anos atrás a guerra estava esperando
> por mim depois da escola.
> Desde a Bélgica até Flandres,
> desde a Alemanha até aqui,
> lutei pelo rei e pelo país que muito amo.
> Era Natal nas trincheiras,
> e a geada se espalhava de forma tão dolorida,
> os campos congelados da França estavam imóveis,
> não se cantava nenhum som de paz,
> nossas famílias lá na Inglaterra
> naquele dia estavam brindando a nós,
> seus rapazes corajosos e gloriosos tão distantes.
> Eu estava deitado com meus companheiros de farra
> no chão frio e pedregoso,

quando do outro lado da linha de batalha veio
um som muitíssimo peculiar.
Digo: "Agora ouçam atentamente, meus rapazes",
cada soldado se esforçou para ouvir
enquanto uma jovem voz alemã ressoou bem clara.
"Ele está cantando muito bem, sabem",
meu companheiro me diz.
Logo, uma a uma, cada voz alemã se uniu à música.
Os canhões ficaram calados,
e a nuvem de gás parou de se espalhar,
enquanto o Natal nos trouxe descanso da guerra.
Tão logo eles terminaram,
e tendo passado uma reverente pausa,
"Que Deus vos dê descanso, cavalheiros",
dispararam alguns rapazes de Kent.
Em seguida cantaram "Stille Nacht".
"É 'Noite feliz'", eu digo,
E em duas línguas uma única canção ascendeu,
enchendo o céu.[10]

Como você pode ver, duas línguas podem proclamar o mesmo significado quando a mensagem é conhecida por ambas. Se a simples ideia da presença de Deus pôde deter a matança naquela noite, quanto maior seria o impacto do compromisso com todo o roteiro divino? A bondade pode durar alguns momentos; a santidade define a vida.

Deus tem um roteiro. Ele falou sobre isso em suas Escrituras. Encontrar o roteiro nos deixa mais perto de resolver o mistério.

## A MENSAGEM CENTRAL DA NARRATIVA

Em terceiro lugar, se há uma narrativa, o que está no seu âmago? Deus não apenas é santo, mas também nos revela a natureza *sagrada* do amor, para o qual ele nos chama. E dessa sacralidade de seu amor devem fluir todos os demais amores.

O aspecto importante desse fluxo lógico é que a santidade intrínseca fornece tanto a lógica quanto os parâmetros do amor. A incapacidade de entender o mistério do mal leva a uma incapacidade de compreender a sacralidade do amor. Um erro fatal que acredito que nossas culturas cometem na busca do significado é essa ilusão de que amor desprovido do sagrado, um amor nu, é tudo de que precisamos para conseguir atravessar os testes e as paixões da vida.

No entanto, esse amor não consegue nos suster. A cada dia milhões de vidas são ofendidas em nome do amor. A cada dia milhões de traições são cometidas por causa do amor. O amor pode fazer o mundo girar, mas não mantém a vida em ordem. Na verdade, por si mesmo o amor tornará mais doloroso o mal. O amor só consegue ser o que deve ser quando está unido ao sagrado com firmeza. A sacralidade significa separação. A santidade não apenas atrai ao amor, mas também se move e se eleva, até que seu clímax seja a adoração. Em que tudo isso se relaciona com o sofrimento? Tudo. Conforme você pode ver, quando o cético pergunta por que Deus não nos moldou para que só escolhêssemos o bem, ele perde de vista — por completo e de maneira drástica — o que a bondade é aos olhos de Deus. Deus não é um efeito. Se um efeito é tudo o que é importante, é claro que Deus poderia nos fazer dessa maneira. Não há nada de irracional em nos fazer como autômatos. Mas se a vida nasce da sacralidade, nem a bondade nem o amor são o objetivo. O alvo é a reverência, e ela tem de ser escolhida mesmo quando isso é difícil e custoso. Esse tipo de amor é uma escolha que deixa a santidade da vida ditar o compromisso da vontade. Esse tipo de amor reverencial pode considerar o sofrimento e enxergá-lo além das garras do tempo e por meio da vitória da eternidade.

O dr. J. Robertson McQuilkin foi presidente do Columbia Bible College and Seminary. Ele é uma das pessoas mais notáveis do nosso mundo. É conferencista e autor de destaque. Mas nenhuma dessas credenciais ultrapassa seu amor exemplar

e tocante por Muriel, sua esposa enferma. Ela tem trilhado o mundo sombrio e solitário do mal de Alzheimer nos últimos vinte anos. O dr. McQuilkin abriu mão da presidência e de inúmeras outras responsabilidades para cuidar dela e expressar seu amor por ela. Ele escreveu sua jornada emocional em um dos mais magníficos opúsculos já escritos. Em determinada passagem do livro, ele relata este incidente:

> Certa vez nosso voo atrasou em Atlanta, e tivemos de esperar duas horas. Bem, isso é um desafio. A cada cinco minutos, as mesmas perguntas, as mesmas respostas sobre o que estamos fazendo aqui, e quando vamos para casa. E a cada cinco minutos caminhávamos a passos rápidos até o final do terminal numa busca diligente… do que mesmo? Muriel sempre foi muito rápida ao caminhar. Eu tinha quase de correr para poder acompanhá-la!
>
> Uma mulher atraente se sentou à nossa frente, trabalhando com afinco em seu computador. Em uma das vezes em que voltamos de uma daquelas caminhadas, ela disse algo, sem levantar a cabeça de seus papéis. Uma vez que ninguém havia falado comigo ou mesmo murmurado em protesto contra nossa atividade incessante, eu disse:
>
> — Desculpe, não entendi.
>
> — Ah — ela respondeu —, eu só estava me perguntando: "Será que algum dia chegarei a encontrar um homem que me ame assim?".[11]

Que testemunho de um grande amor e de uma grande fome! Será que qualquer um de nós encontrará tal amor, um amor altruísta como esse? Todos reconhecemos um amor sagrado quando o vemos, e ansiamos por isso. O amor sagrado não deixa de ter limites. Existem limites que o compromisso não ultrapassará, porque, quando são ultrapassados, o amor deixa de ser amor.

É interessante que no passado, nas cerimônias de casamento na Igreja da Inglaterra, cada cônjuge em pé diante do altar prometia ao outro em inglês antigo: "Com meu corpo, eu te adoro". Essa era uma promessa notável. Significava que havia uma manifestação física de exclusividade e reverência que proporcionava uma linguagem para aquele amor se expressar. Até que entendamos esse tipo de amor, jamais entenderemos por que ele não pode ser programado. Nem, nesse caso, jamais compreenderemos a verdadeira natureza do mal. Da adoração

flui esse amor. É por isso que Deus não nos obrigou a escolher o bem. Não é à bondade que somos chamados, mas à adoração. Jesus não disse apenas: "… Amarás o Senhor teu Deus…". Ele descreveu esse amor como uma postura que envolve mente, coração e alma. Quando esse tipo de amor é expresso para Deus, todos os demais amores encontram o seu caminho.

Robertson McQuilkin concluiu seu livro com estas palavras:

> A despeito de tudo, em seu mundo silencioso, Muriel está tão contente e é tão amável que às vezes oro: "Por favor, Senhor, será que podes me deixar com ela mais um pouco?". Se Jesus a levasse para casa, como eu sentiria falta de sua doce e suave presença! Ah, sim, há momentos quando fico irritado, mas não com frequência. Não faz sentido. E, além do mais, tenho paixão por cuidar dela. Ela é minha amada.[12]

O livro tem o magnífico título de *A promise kept* [Uma promessa cumprida]. Conforme você pode ver, existe um roteiro, e só quando o roteiro é gravado no coração é de fato possível viver a vida.

Douglas Coupland faz uma reflexão realista sobre uma geração, na qual ele mesmo se inclui, que perambulava no deserto da vida sem Deus. Ele acaba com a ilusão e a aparência enganosa da liberdade absoluta e, no final de seu livro, registra um pós-escrito surpreendente:

> Bem, este é o meu segredo: eu lhe digo com um coração tão aberto que duvido que algum dia volte a ter, por isso espero que você esteja em um quarto silencioso enquanto ouve estas palavras. Meu segredo é que eu preciso de Deus, que estou enfermo e não consigo mais prosseguir sozinho. Preciso de Deus para me ajudar a dar, porque já não pareço capaz de dar; para me ajudar a ser bondoso, pois já não pareço capaz de ser bondoso; para me ajudar a amar, pois pareço estar aquém de ser capaz de amar.[13]

Só quando a santidade e a adoração se encontram é que o mal pode ser vencido. E, para isso, apenas a mensagem cristã tem a resposta.

## O PONTO CENTRAL DA NARRATIVA

Isso nos leva à quarta etapa. De que maneira é possível para o sagrado reconhecer a realidade do mal e ainda ser capaz de

oferecer uma explicação moralmente justificável?

O âmago da mensagem cristã postula uma solução que, em todas as avaliações, tem sido uma resposta única e incomparável diante do mal. Jesus descreveu sua jornada até a cruz como o exato propósito para o qual ele veio. Sua morte na cruz traz uma mensagem com força dobrada. Ela demonstra a destrutividade do mal, que é a causa do sofrimento, e, no exemplo de Jesus, a capacidade de suportar o sofrimento, ainda que imerecido.

O sofrimento e a dor não pouparam o próprio Filho de Deus. Os que olhavam para ele na cruz eram os mesmos que haviam entoado cânticos de alegria por ocasião de seu nascimento. Decerto, para Maria, esse foi um momento traumático em extremo. Aquele que fora concebido de Deus estava agora à mercê do ser humano. Mas desconfio que, lá no coração, ela sabia que algo ainda tinha de ser concluído no enredo.

Quando olhamos para a cruz, o mal se torna o espelho de uma realidade apavorante. Mas, quando olhamos *com atenção* para a cruz, descobrimos que ela não é opaca, mas translúcida, e *através* dela conseguimos ter um vislumbre do verdadeiro mal. O sofrimento de Jesus é um estudo sobre a anatomia da dor. Em sua essência, o mal é um desafio de proporções morais contra um Deus santo. Não é uma mera luta com o nosso transtorno. Aqui surgem duas verdades surpreendentes.

Lembre-se daquilo que eu disse quando iniciamos, a saber, que cada expoente parecia começar com uma longa lista de tragédias ou atrocidades horríveis. Aqui está a primeira implicação. Quanto mais intenso o dilema moral, menos o cético consegue justificá-lo como mal. Alvin Plantinga destaca isso de modo bem persuasivo:

> O que é de fato aterrador não é tanto o sofrimento mas a perversidade humana. Será que seria possível a existência de algo como a horrenda perversidade, caso o naturalismo fosse verdade? Não vejo de que forma. Só é possível existir algo

> assim se houver uma maneira pela qual as criaturas racionais devam viver, sejam obrigadas a viver, e a força da normatividade seja tão grande que a natureza assustadora e horrenda da verdadeira perversidade seja o seu inverso. O naturalismo talvez consiga resolver o problema da insensatez e da irracionalidade, que agem em oposição aos nossos próprios interesses. Ele não consegue levar em consideração a perversidade assustadora.[14]

Quanto mais deprimente é a realidade que enfrentamos, mais óbvia é a maneira de avaliá-la. Embora pensadores seculares insistam em se esconder dessa verdade, não conseguimos explicar a perversidade assustadora sem enxergar através dela aquilo que na realidade ela é.

Alguns anos atrás um grupo de *rap* gravou uma música que se tornou um sucesso instantâneo. Se eu fosse citar as palavras aqui, a reação comum seria de choque, repulsa e horror. A crueldade desumanizadora, o sadismo desordenado e a celebração de estupro violento levaram a vulgaridade a um grau ainda mais profundo de depravação. No entanto, poucos dias depois de seu lançamento, milhões de cópias já haviam sido compradas por fãs ansiosos.

Como é que se reage a isso? Ou, de forma mais precisa, como é que se explica isso? Acaso não foi o fato de testemunhar o deleite sádico da plateia de um cinema, enquanto gritava por mais crueldade, que levou o poeta William Auden a começar sua própria busca de Deus? O mal não dissimulado levou a uma reflexão aterrorizante. Auden foi forçado a encontrar uma explicação para isso.

Onde é que alguém busca a explicação? De forma convincente, a cruz de Jesus Cristo ajuda a entender melhor o ataque do mal contra a inocência, de modo que podemos ver tanto um espelho quanto uma janela. Só de modo sofrível posso tentar explicar como isso acontece, enquanto balbuciamos algo em nossa busca por clareza. É aqui que surge a segunda verdade surpreendente.

Eleonore Stump, professora de filosofia na Universidade de St. Louis, escreveu um texto excelente intitulado "The mirror

of evil" [O espelho do mal]. Relatando sua própria jornada pessoal até Deus, ela pôs em destaque um argumento fascinante. No início, ela narra o conflito que Philip Hallie enfrentou sobre a mesma questão, conforme ele descreveu em seu livro *Lest innocent blood be shed* [Para que não se derrame sangue inocente]. Hallie estava se esforçando para resolver o problema da depravação humana. A perversidade assustadora que mudou toda a sua vida veio à tona enquanto tentava entender a brutalidade absoluta nos campos de extermínio nazistas. O desespero dele chegou ao limite quando escreveu:

> Meu estudo do mal encarnado se tornou uma prisão cujas grades eram minha amargura em relação à violência e cujas paredes eram minha chocante indiferença com o assassinato em massa. Entre as grades e as paredes eu me revolvia como um louco. [...] Ao longo dos anos eu havia cavado meu caminho para o inferno.[15]

À medida que foi se afundando nesse inferno feito pelo homem, Hallie observou um endurecimento no próprio coração. Ele deixou de sentir horror pelo mal. Mas, como prisioneiro de sua própria indiferença, algo aconteceu. Ele se deparou com o trabalho emocionante dos moradores de Le Chambon, um pequeno vilarejo francês, e se viu reagindo aos atos deles que iam muito além do dever — atos de bondade extraordinária diante do mal. Sem se deixar desanimar pela crueldade ao seu redor, os moradores de Le Chambon arriscaram repetidas vezes a própria vida para resgatar aqueles que mais padeciam sob o flagelo nazista e para aliviar-lhes o sofrimento.

Enquanto Hallie lia a respeito das obras de misericórdia daqueles moradores, ele se viu, quase de modo inconsciente, enxugando uma lágrima; depois duas, depois três, até que seu rosto estava coberto de lágrimas. Surpreso com esse extravazamento de emoções em um coração que ele achava que havia morrido para os esquemas humanos, ele parou e perguntou: "Por que estou chorando?".

Será que algo o havia libertado das grades da amargura e da indiferença? Será que o espelho translúcido do mal havia deixado passar suficiente luz vinda do outro lado para que ele pudesse ver não apenas a face da perversidade, mas também uma tênue possibilidade além do espelho, o semblante de Deus? Será que alguma luz havia brilhado do canto mais escuro do mundo e guiado o caminho dessa pessoa presa pelo medo?

À beira de se ver despojado de quaisquer sentimentos no poço da perversidade, o misericordioso havia aberto uma fonte de lágrimas. Os moradores de Le Chambon se tornaram um símbolo de tudo o que era contrário ao inferno desencadeado pelo Terceiro Reich. Para Hallie, não havia mais nenhuma perplexidade. Havia apenas um único antídoto. Hallie via através da maldade e escreveu:

> Estamos vivendo em uma época, talvez como em qualquer outra época, quando há muitos que, nas palavras do profeta Amós, "convertem o juízo em absinto". Muitos não se satisfazem em viver com a simplicidade do prumo ético do profeta Amós, quando ele diz no capítulo 5 de seu livro: "Busquem o bem, e não o mal, para que vivam: e, dessa maneira, o SENHOR, o Deus dos Exércitos, estará com vocês…". […] Temos medo de ser "enganados", medo de ser crédulos, e não temos medo das trevas da incredulidade em assuntos importantes. […]
>
> Mas a perplexidade é um luxo ao qual não posso me entregar. […] Para mim, bem como para minha família, há o mesmo tipo de urgência no que diz respeito a fazer juízos éticos como havia para os moradores de Le Chambon quando estavam fazendo seus juízos éticos sobre o regime de Vichy e dos nazistas. […] Para mim, a consciência do padrão de bondade é minha consciência de Deus. Vivo com a mesma frase em minha mente que muitas das vítimas dos campos de concentração pronunciaram enquanto caminhavam para a morte: "Shema Israel, Adonai Elohenu, Adonai Echod". "Ouve, ó Israel: o SENHOR nosso Deus é um só."[16]

Tomando emprestada essa lição de Hallie e pensando na lágrima como reação à bondade, Eleonore Stump faz em seguida uma aplicação à sua maneira. Ela comprova a ideia central de Hallie, apresentando outra ilustração.

> Uma mulher condenada pelo assassinato do marido à prisão perpétua sem direito a liberdade condicional de repente teve a sentença comutada pelo governador, e ela chorou quando ouviu a notícia. Por que ela chorou? Porque a

> notícia era boa, e ela estava muito acostumada a ouvir apenas notícias ruins. Mas por que o choro diante de notícias boas? Talvez porque, se a maioria das notícias que você recebe é ruim, você precisa endurecer seu coração para elas. De maneira que você se acostuma com notícias ruins e, de uma forma ou de outra, aprende a se proteger disso, talvez não se importando tanto. E então vem a boa notícia e cria uma brecha em seu coração. Ela faz o coração voltar a sentir intensamente todos os males em relação aos quais havia perdido a sensibilidade. Também dá abertura para o anseio e a esperança, e a esperança é dolorosa, porque aquilo que se espera ainda não está presente. […]
>
> Então, de um modo estranho, o espelho do mal pode também nos levar a Deus. Um interesse enfadado pelos males do nosso mundo, e pelos nossos próprios males, nos prepara para ficar mais surpresos com o sabor da verdadeira bondade quando a encontramos e para estar mais decididos a seguir para onde ela nos conduz. E aonde ela nos conduz senão para a mais verdadeira bondade de todas: a bondade de Deus.[17]

Descobri em minha própria vida que isso é verdadeiro de modo surpreendente. Apenas alguns dias atrás aconteceu de eu estar em Calcutá. É uma cidade que mostra suas feridas em público. Algumas estimativas dizem que até dois milhões de pessoas vivem sofrendo nas ruas — idosos, jovens, bebezinhos. A dor é tão evidente e tão disseminada que seu efeito é anestesiar você contra ela. Então, junto com alguns amigos, visitei um orfanato administrado pela ordem fundada por Madre Teresa. Entrando ali, enquanto caminhávamos, crianças se levantaram em seus berços, e gritos de "Tio!" vieram de diferentes partes do quarto, enquanto bracinhos se erguiam. Nosso coração se derreteu, e lágrimas inundaram nossos olhos. Diante do mal, a bondade é grandiosa, porque é mais do que bondade; é o toque de Deus.

É possível que tenha sido isso que Malcolm Muggeridge quis dizer quando declarou:

> Ao contrário do que seria de esperar, eu olho para trás, para experiências que, na época, pareciam sobremodo devastadoras e dolorosas, com particular satisfação. Aliás, posso dizer, na mais pura verdade, que tudo o que tenho aprendido em meus 75 anos neste mundo, tudo o que de fato tem aprimorado e iluminado minha existência, tem sido por meio de aflição e não de felicidade, seja buscada, seja alcançada. […] É claro que é isso o que a cruz significa. E é a cruz, mais do que qualquer outra coisa, que tem me chamado inexoravelmente a Cristo.[18]

O prêmio Nobel Elie Wiesel relata em um de seus textos uma experiência que teve quando era prisioneiro em Auschwitz. Um prisioneiro judeu estava sendo executado enquanto o resto do acampamento era obrigado a assistir. Enquanto o prisioneiro pendia na forca — chutando e se debatendo na agonia da morte, recusando-se a morrer —, ouviu-se um espectador murmurar baixinho, cada vez mais desesperado:

— Onde está Deus? Onde está ele?

Wiesel diz que, de súbito, uma voz dentro dele falou ao seu coração, dizendo: "Está bem ali na forca; onde mais poderia estar?".[19]

O teólogo Jürgen Moltmann, ao comentar sobre a história de Wiesel, observou com astúcia que qualquer outra resposta seria uma blasfêmia.

Acaso existe uma ilustração mais concreta do que a morte de Cristo para comprovar a presença de Deus bem em meio à dor? Ele suportou o impacto da dor infligida pela perversidade de seus perseguidores — e nos mostrou o coração de Deus. Em seu próprio sofrimento, ele mostrou publicamente que a obra de Deus consiste em transformar nossos corações do mal para a santidade.

Aliás, uma das realidades mais esquecidas emerge das Escrituras. Jesus se debateu com o fardo de precisar ser separado de seu Pai naquele acontecimento transitório de sua crucificação, enquanto suportava o impacto do mal. Ele clamou: "… Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?". *A verdade incrível é que naquele exato momento em que seu Pai parecia mais distante dele, ele estava no centro da vontade de seu Pai*. E é isso mesmo o que um entendimento da cruz significa. Somente quando alguém chega até a cruz e olha tanto para ela quanto além dela que então é possível colocar o mal em perspectiva.

O que surge de todos esses pensamentos é que Deus conquista *não apesar do mistério sombrio do mal, mas por meio dele*.

Mahatma Gandhi comentou que, dentre todas as verdades da fé cristã, a que se destacava de forma suprema para ele era a cruz de Jesus. Ele reconhecia que ela não tinha paralelo. Era o inocente morrendo pelos culpados; o puro trocado pelos impuros. Não é possível entender esse mal por meio dos olhos daqueles que o crucificaram, mas apenas por meio dos olhos do crucificado. *É a mulher que foi estuprada que entende o que é estupro, não o estuprador. É aquele que foi caluniado que entende o que é calúnia, não o caluniador. É somente aquele que morreu pelos nossos pecados que pode nos explicar o que é o mal, não os céticos*. A cruz indica o caminho para uma explicação completa.

Isso leva ao "como" de tudo.

## O CHOQUE DA NARRATIVA

Em quinto lugar, se tudo o que foi dito antes é verdade, então a atenção dada ao mal deve mudar de maneira drástica. O mal é mais do que uma realidade exterior que gera sofrimento universal; é uma realidade interior da qual fugimos.

Lembro-me de uma conversa com um empresário muito bem-sucedido e bastante rico que, ao longo do diálogo, perguntou repetidas vezes:

— Mas, e todo o mal neste mundo?

Por fim, um amigo sentado ao meu lado lhe disse:

— Ouço você expressar o tempo todo o desejo de ver uma solução para o problema do mal ao seu redor. Você também está tão preocupado com o problema do mal dentro de você?

No silêncio que se seguiu, quando era possível ouvir até mesmo um lenço cair, o rosto do homem mostrou sua duplicidade.

Quanto mais tenho deparado com essa pergunta sobre o mal, mais convencido fico da dissimulação de muitos questionadores. Durante um debate do qual participei sobre o assunto do mal e do sofrimento, um ateu me perguntou:

— Se descobrisse que, afinal de contas, Deus não existe, o que você faria de imediato que não está fazendo agora por temor dele?

Só isso já revela a mentalidade. Há um tipo de antinomianismo — uma atitude de espírito contrária à lei. "Se Deus largasse o meu pé, eu poderia fazer muito mais coisas." Alguém também poderá perguntar: "Se não houvesse nenhum policial à espreita, a que velocidade você dirigiria?"; ou: "Se não houvesse nenhum sistema de justiça criminal, que tipo de crimes você cometeria?"; ou: "Se ninguém jamais descobrisse, em que perversidade você se envolveria?". Em resumo, é um fracasso descobrir que o coração desprotegido na realidade cria uma prisão para todos — uma prisão onde não existem regras.

O mal está para a vida assim como a contradição está para a razão. Se um argumento é contraditório, o raciocínio se desintegra. Se a vida é consumida pelo mal, a vida se desintegra. O problema do mal começa comigo. Uma das cartas mais curtas escritas a um editor é de autoria de G. K. Chesterton. Ela dizia: "Prezado senhor. Minha resposta a seu artigo 'O que há de errado com o mundo': eu. Atenciosamente, G. K. Chesterton".

## RECONHECENDO A SURPRESA

Isso nos conduz a nosso último ponto no processo de defesa da cosmovisão cristã sobre o mal. A prova mais segura de que o mal não é o inimigo do significado é esta realidade existencial incontornável: a ausência de significado não é resultado de ficar exausto de dor, mas de ficar exausto de prazer. Essa verdade óbvia está ausente nos argumentos dos céticos, e de maneira

ostensiva. Não é a dor que tem conduzido o Ocidente ao vazio, e sim o afogamento do significado nos oceanos de nossos prazeres. O prazer que deu errado é uma maldição maior do que a cegueira física. A cegueira para o sagrado é a causa de todo o mal.

E é aqui que a resposta de Jesus à pergunta sobre o cego chega com poder e relevância extraordinários. Quando ele diz que a cegueira do homem não era resultado nem do pecado do homem nem do de seus pais, mas era para que a glória de Deus fosse manifestada, a lição é drástica porque a mensagem é profunda. A restauração de sua visão espiritual foi indispensável para ele entender o horror da cegueira do pecado. As trevas são devastadoras, e Jesus oferece luz e vida. Sua cura visava ajudá-los a ver aquilo para o que estavam realmente cegos, mas ainda assim se recusavam a ver.

O problema do mal tem, em última análise, uma única fonte. É a resistência à santidade de Deus, resistência essa que alcançou toda a criação. É um mistério porque estamos envolvidos nele — cegueira espiritual. E, em última instância, há um único antídoto, a exibição gloriosa de Deus em ação dentro de uma alma humana, produzindo sua obra de restauração. Essa transformação sensibiliza o coração para torná-lo parte da solução, e não parte do problema. Tal transformação começa na cruz.

No entanto, à semelhança dos céticos dos dias de Jesus, alguns querem encontrar um motivo para negar quem Cristo é e a cura que ele pode trazer. À semelhança das pessoas que estavam por perto, as massas curiosas desejam saber como aconteceu. À semelhança dos pais, aqueles que entram em contato íntimo testemunharão a transformação que Cristo traz. E, à semelhança do homem cego, aqueles que têm experimentado de forma pessoal o poder de Cristo para transformar sua vida entenderão a cegueira maior da qual têm sido resgatados.

A ilustração disso na vida real pode ser a luta íntima sobre a qual Mark Triplett escreveu com tanta franqueza. A verdade não é que seu sofrimento e dor foram produzidos pela morte de seu filho e por seu medo de que ele próprio a tivesse causado. Conforme ele mesmo havia percebido, pelo terrível flagelo de profanar o sagrado ele já havia produzido uma separação de Deus e o sofrimento de sua própria alma. Ele reconheceu o que isso havia feito com ele — ele havia traído a esposa, traído a família e traído o seu Deus. Os fornecedores de prazer sensual sabiam muito bem que o envolvimento insaciável dele com aquilo que ofereciam o levaria a descer a ladeira da ruína financeira e da morte em potencial de seu casamento. Em nome do prazer, eles haviam infligido a derradeira dor. Tudo o que era de valor havia se perdido.

Aqui, pelo menos, um homem foi levado a parar por completo para poder entender a causa e o efeito de uma maneira que o cético nunca parece entender. Se o pecado do pai tirou ou não a vida do filho não é a verdadeira questão. Aliás, a verdade é que, quando Mark proferiu essas palavras iradas contra Deus, Adam já estava morto. O que agora é pertinente é que, com a perda da vida do filho, o pai foi confrontado com aquilo que o estava matando por dentro. Mas, em meio àquela tragédia, a obra de Deus foi revelada. Ele providenciou prazeres de valor infinitamente maior do que os prazeres profanos da excitação desprovida de valor e de promessa. O abraço de uma esposa que perdoa, o impacto permanente de um filho falecido, o compromisso renovado com os deveres sagrados da vida — esses são os verdadeiros tesouros da existência. De repente aquilo que o havia enlaçado lhe causava náusea e repugnância. Aquilo para o que agora ele está livre é: contar ao mundo que o verdadeiro valor da vida só pode ser encontrado em Deus.

Quando Deus restaura nossa visão espiritual mediante o mistério do mal, então somos capazes de ver a obra de Deus

exibida no âmbito de nossa pergunta mais difícil. Com lágrimas de alegria, nós nos curvamos diante dele.

Em resumo, para o cristão o mal é real, este mundo é real, e o tempo é real. Jesus reconheceu todas as três realidades no que diz respeito ao cego. Ele ressaltou que neste mundo está embutido o componente tempo. E na bigorna do tempo bate o martelo da eternidade até que o tempo por fim reflita os valores do eterno e seja descartado como uma casca, de cujo interior verdades supremas serão livremente acolhidas. Quando entrarmos nessa etapa, descobriremos que a verdadeira bigorna era a eternidade, que o tempo fornecia os martelos, e que a glória e o propósito de Deus permanecerão.

---

[1] Usado com permissão de Mark Triplett.

[2] Peter Kreeft, *Making sense out of suffering* (Ann Arbor: Servant Books, 1986), p. 51 [edição em português: *Buscar sentido no sofrimento*, tradução de Alexandre Patriarca (São Paulo: Loyola, 1995)].

[3] David Hume, *Dialogues concerning natural religion, part 10*, organização de Henry D. Aiken (New York: Hafner, 1963), p. 64 [edição em português: *Diálogos sobre a religião natural*, tradução de José Oscar de Almeida Marques (São Paulo: Martins Fontes, 1992)].

[4] J. L. Mackie, citado por J. P. Moreland, "Reflections on meaning in life without God", *The Trinity Journal*, 9 NS (1984): 14.

[5] Richard Dawkins, *River out of Eden* (New York: Basic Books, 1992), p. 133 [edição em português: *O rio que saía do Éden*, tradução de Alexandre Tort (Rio de Janeiro: Rocco, 1996)].

[6] Richard Dawkins, "Viruses of the mind", *1992 Voltaire Lecture* (London: British Humanist Association, 1993), p. 9.

[7] G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Garden City: Doubleday, 1959), p. 41 [edição em português: *Ortodoxia*, tradução de Almiro Pisetta (São Paulo: Mundo Cristão, 2008)].

[8] Jean-Paul Sartre, *Being and nothingness* (New York: Pocket Books, 1984), p. 478 [edição em português: *O ser e o nada*, tradução de Paulo Perdigão (Petrópolis: Vozes, 1997)].

[9] Anguttara Nikaya, 7.5, citado em *Guide to the Tipitaka* (Bangkok: White Lotus Company, 1993), p. 97.

[10] John McCutcheon, *Christmas in the trenches*, letra e música de John McCutcheon/Appalsongs (ASCAP), 1984.

[11] Robertson McQuilkin, *A promise kept* (Wheaton: Tyndale, 1998), p. 18-9.

[12] Ibidem, p. 85.

[13] Coupland, *Life after God*, p. 359.

[14] Alvin Plantinga, "A Christian life partly lived", in: Kelly James Clark, org., *Philosophers who believe* (Downers Grove: InterVarsity, 1993), p. 73.

[15] Philip Hallie, *Lest innocent blood be shed* (Philadelpia: Harper & Row, 1979), p. 2, citado em Eleonore Stump, "The mirror of evil", in: Thomas V. Morris, org., *God and the philosophers* (New York: Oxford University Press, 1994), p. 244.

[16] Ibidem, p. 241-2.

[17] Stump, "The mirror of evil", in: Thomas V. Morris, org., *God and the philosophers* p. 240, 242.

[18] Malcolm Muggeridge, *A twentieth century testimony* (Nashville: Thomas Nelson, 1978), p. 72.

[19] Elie Wiesel, citado em Dennis Ngien, "The God who suffers", *Christianity Today*, 3 fev. 1997: 40.

# 6

# QUANDO DEUS FICOU CALADO

Na peça *A man for all seasons* [Um homem para todas as épocas], que Robert Bolt escreveu baseado na vida de Sir Thomas More, há um momento sobremodo comovente quando More é levado a um tribunal improvisado. O juiz e o júri estão furiosos porque ele não os auxiliará em um plano desalmado de apoiar o rei em sua decisão imoral.

Com ameaças de morte, pressionam More a se unir a eles. Mas ele fica em silêncio diante deles, recusando-se a concordar. Eles sabem muito bem o motivo de sua resposta sem palavras, mas continuam a insistir e intimidar, tudo como parte de um esforço para fazê-lo quebrar o silêncio e falar. Imóvel, More não diz nada.

Em certo momento, um dos juízes lhe diz:

— Seu silêncio deve então ser interpretado como uma negação da declaração que buscamos, porque é assim que as pessoas interpretarão.

Sir Thomas More, com palavras ponderadas, responde:

— O mundo tem de interpretar de acordo com sua capacidade. Este tribunal tem de interpretar de acordo com a lei.

Por fim, eles desistem. Não conseguem dobrá-lo. Mas ele paga com a vida por seu compromisso com a verdade.

É com razão que alguns dos melhores romancistas e dramaturgos escavaram suas narrativas no solo da injustiça. Filósofos desde a época de Sócrates e Platão têm atribuído valor supremo à virtude da justiça em qualquer sociedade civilizada. Aristóteles chegou a dizer que a justiça era o fundamento de toda a ética. Por quê? Porque a justiça é a serva da verdade, e, quando a verdade morre, a justiça é enterrada com ela. O silêncio que acompanha essa tragédia pode muito bem ser o silêncio concedido aos perpetradores, um atormentador momento de verdade.

É provável que Thomas More tenha visto seu precedente em Jesus, que esteve diante de um tribunal parecido enquanto era acusado de, entre outras coisas, traição contra o rei. Enquanto Jesus estava diante de Pôncio Pilatos e daqueles que o acusavam, seu comportamento era fascinante. Seu silêncio era enervante para seus interrogadores. Eles esperavam que, em uma guerra de palavras, pudessem subjugá-lo. Não foi por acaso que a conversa deles, que por hipótese era sobre justiça, na verdade terminasse em um debate sobre a verdade.

A sequência dos acontecimentos que levaram Jesus perante Pilatos mostra como o crime organizado também é um legado antigo. Covardia, traição, falsidade, intrigas, assassinato — todas as paixões em que autores de ficção se baseiam em suas obras de suspense — ganham vida na dura realidade da mais histórica demonstração de injustiça da história, quando a verdade esteve em julgamento.

Os líderes religiosos queriam Jesus fora do caminho deles. Mas se viram obrigados a escolher entre dois sistemas de leis — o seu próprio e as leis de Roma. Por mais que tentassem, não conseguiam engendrar nenhuma fundamentação moral para matar Jesus. Mas, mesmo que pudessem ter elaborado algum cenário de justificação moral, não tinham autoridade para executá-lo, o que era o objetivo deles. Acontece com

frequência que, quando a lei moral protege os inocentes, uma lei cerimonial é invocada para alcançar fins imorais.

Jesus cometeu um crime imperdoável aos olhos deles, quando reivindicou ser igual a Deus. É claro que isso não tinha nenhum peso em um tribunal romano, desde que não representasse uma ameaça a César. Dizem que, para a mentalidade popular no mundo greco-romano, todas as religiões eram consideradas de igual forma verdadeiras; para os filósofos, eram de igual modo falsas; e, para os magistrados, eram igualmente úteis.

Em resumo, Roma não era amiga da religião hebraica. A única esperança do sumo sacerdote e seu grupo era, portanto, sustentar naquele processo judicial que o crime de Jesus era o de desafiar César e traí-lo. Eles não se importavam com o bem-estar de César, da mesma maneira que César não se importava com o deles. Mas o estratagema os ajudou no processo judicial.

Apanhado no meio de tudo isso estava o frouxo governador romano, Pôncio Pilatos. Dennis Kinlaw, um estudioso do Antigo Testamento, observou com astúcia que a pobre e idosa senhora Pilatos nunca imaginou que o nome do filho permaneceria na história — gravado nos credos cristãos. Sem dúvida ele mesmo jamais imaginou que o momentoso julgamento estaria para sempre no enredo da história da civilização.

Mesmo diante de tudo o que Jesus lhe disse, Pilatos ficou mais maravilhado com o seu silêncio. A Bíblia diz: "Os principais sacerdotes o acusaram de muitas coisas. De modo que Pilatos tornou a lhe perguntar: 'Você não vai responder? Veja de quantas coisas o estão acusando!'. Mas Jesus ainda assim não deu nenhuma resposta, e Pilatos ficou impressionado" (Mc 15.3-5).

A troca de palavras entre eles nos oferece a oportunidade de examinar de modo crítico como Jesus lidou com a zombaria do cético e com a ira do religioso contra ele. Jesus já tinha passado por uma série de acontecimentos desgastantes. Em primeiro lugar, havia sido preso quando Judas o vendeu por uma quantia miserável e o levou até Anás, o sogro do sumo sacerdote Caifás. Depois de interrogá-lo, Anás o enviou a Caifás, que procurou de forma dissimulada justificar uma crucificação, citando a Escritura de que era imperativo que "… um morresse por muitos…".

Caifás, por sua vez, o enviou a Pilatos, que, sem que o sacerdote soubesse, havia sido advertido pela esposa a não se tornar criminoso nessa trama horrível. Ao descobrir que Jesus era galileu, Pilatos arranjou uma desculpa para evitar dar um veredito e o mandou para o rei Herodes. Mas Pilatos não conseguiu evitar seu encontro com o destino. Pois Herodes, depois de zombar de Jesus, o enviou de volta a Pilatos.

Jesus se tornou um objeto arremessado de um par de mãos para outro, enquanto palavras e intenções eram entretecidas para subverter a verdade, tudo em nome da moralidade. Quando acabou de examiná-lo, Pilatos disse às autoridades religiosas: "… Vocês me trouxeram este homem como alguém que estava incitando o povo à rebelião. Eu o examinei na presença de vocês e não encontrei nenhum fundamento para suas acusações contra ele. Herodes também não encontrou, pois ele o mandou de volta para nós; conforme vocês podem ver, ele não fez nada para merecer a morte. Por isso, eu o castigarei e, em seguida, o soltarei" (Lc 23.14-16). E Pilatos mandou açoitá-lo, em uma tentativa de apaziguar a multidão de alguma maneira.

Esse foi o momento que os líderes da sinagoga tinham aguardado e, na vontade de Deus, esse foi o momento em cuja direção a história toda vinha se movendo e mediante o qual a história seria definida para sempre. Há muito que se pode

dizer aqui, mas é a conversa de Jesus com Pilatos que ocupa nossa atenção.

## AS PALAVRAS INICIAIS

O texto, tal como o estudamos, não começa com o silêncio de Jesus. Começa com uma breve troca de palavras entre Jesus e Pilatos antes de Jesus se recusar a responder a algumas perguntas de Pilatos. Seria prudente, portanto, se primeiro examinássemos as respostas que ele deu, porque seu silêncio é entendido à luz das palavras que antes proferiu.

A primeira pergunta que Pilatos fez a Jesus foi bem direta: "… Você é o rei dos judeus?…".

Essa foi uma pergunta formulada com objetivo bem específico. A preferência de Pilatos teria sido manter tudo como um assunto interno entre os judeus. Dessa maneira, é bem possível que ele tivesse conseguido evitar qualquer responsabilidade no caso. Os sacerdotes, em contrapartida, sabiam que era necessário arrastar Roma para o problema, para que tivessem autoridade legal para executar Jesus. Com esses objetivos opostos, o julgamento começou.

À pergunta de Pilatos sobre sua realeza, Jesus respondeu com outra pergunta: "… Essa é sua própria ideia, ou outros lhe falaram a meu respeito?".

Pilatos retrucou: "… Acaso sou judeu? Foi o *seu* povo e os *seus* principais sacerdotes que o entregaram a mim. O que foi que você fez?" (veja Jo 18.33-35; grifo do autor).

É evidente que Pilatos se irritou com a pergunta de Jesus, mas é óbvio que não entendeu o cerne da questão. O que Jesus quis expor a Pilatos era a dissimulação escondida por trás de sua pergunta — mera curiosidade cerimonial. Responder a uma pergunta para a qual de fato não se busca uma resposta apenas prolonga a charada. Jesus estava pressionando a Pilatos para lhe mostrar que na realidade ele não era diferente

daqueles que estavam trazendo a acusação contra ele. A importância dessa pergunta é que o confronto não diz respeito apenas a uma nação de pessoas. Envolve o mundo inteiro. Os acusadores de Jesus, de forma deliberada, se faziam surdos às suas respostas, ao mesmo tempo que Pilatos se desincumbia de uma tarefa, que o cargo lhe impunha, com total desrespeito pela verdade por trás de seus vereditos. Deus estava no banco das testemunhas; a humanidade estava fazendo suas trapaças na sala de audiências do tribunal.

Uma lição surge de imediato. Ouvimos tantas críticas feitas pelos céticos sobre aquilo que, com frequência, rotulam como "fé de segunda mão". Está implícito que muitas pessoas creem em Deus só por causa do contexto de seu nascimento ou de sua família ou de condições específicas. Se a crítica tem fundamento — e, sem dúvida, às vezes tem —, por que não demonstramos a mesma desconfiança com a dúvida de segunda mão? Se é possível que a crença de alguém não passe de um eco da fé de outra pessoa, será que também não há hipócritas em dúvida?

Essa teria sido uma busca autêntica por parte do governador romano ou apenas a simulação de um procedimento judicial, sem de fato refletir uma vontade genuína para ouvir? Jesus queria chegar aí.

Em numerosas ocasiões tenho ouvido inquiridores corajosos apresentarem um argumento atrás do outro questionando a fé cristã. Os argumentos começam a soar ocos quando você reconhece pelo próprio fraseado que são apenas a expressão da voz de outra pessoa, ou que foram emprestados de um pensador notável. Com isso não se está sugerindo a validade ou a invalidade da pergunta ou do argumento. Isso apenas pretende afirmar que, muitas vezes, as assim denominadas razões para rejeitar a verdade estão tão misturadas com o viés pessoal que é difícil diferenciar entre a pergunta e o desejo obstinado do questionador.

Algum tempo atrás eu estava dando uma palestra em uma universidade sobre o tema que me pediram para abordar: "Ética e a invasão do ciberespaço". Disseram-me que fui convidado para representar os teístas, para que houvesse pelo menos um orador que propusesse uma base transcendente para juízos éticos! Foi uma conferência fascinante.

Depois da palestra fomos almoçar, a convite de membros do corpo docente e líderes estudantis. Durante o almoço, uma professora disse algo assim: "Todo esse filosofar sobre moralidade objetiva parece bem intelectual e de grande peso filosófico. A pergunta básica que tenho é bem simples: Como evitamos que os alunos colem?".

Enquanto respondia à sua pergunta, também a lembrei de que ela ainda estava lidando com os sintomas e ignorando a causa.

No final do almoço, um punhado de alunos me cercou com uma enxurrada de perguntas. Um deles, na verdade uma aluna, disse em voz baixa:

— Tenho de fato um problema. Minha professora me pediu para vir, assistir à sua palestra e escrever um trabalho com uma crítica daquilo que você disse. Mas a verdade é que, depois de ouvir seus argumentos, eu me vejo concordando com você.

— Bem, nesse caso — perguntei —, por que não diz isso em seu trabalho?

— Ah, não! Sem dúvida alguma minhas notas serão diminuídas caso eu concorde com seu raciocínio. A professora tinha certeza de que eu discordaria de você e queria que eu apresentasse uma refutação contundente. Sou uma aluna que só tira nota dez e não posso me dar ao luxo de deixar minhas notas baixarem.

— Tem certeza de que sua professora irá prejudicá-la apenas por concordar com essa posição sobre ética? — perguntei a ela.

— Certeza absoluta — ela disse.

— Sua professora estava aqui no almoço? — perguntei.

— Sim — foi a resposta obviamente hesitante.

— Quem era?

Houve um silêncio constrangedor e, em seguida, um reconhecimento ainda mais desagradável.

— Aquela que lhe perguntou como podia evitar que os alunos colassem.

Adeus à verdadeira fome de veracidade. Tive de considerar com seriedade se uma professora como essa de fato queria que seus alunos aprendessem a não colar ou apenas a pensar como ela pensava, ainda que isso significasse uma vida inteira de simulação — dúvida de segunda mão.

Estou convencido de que há dezenas de milhares de alunos que saíram de nossas universidades cuja mente foi treinada a descrer de Deus, apesar de qualquer argumento ou prova em contrário. O pai do racionalismo moderno é o filósofo francês René Descartes. Sua máxima "Penso, logo existo" ressoa nos corredores da filosofia. Com base nessa abordagem sobremaneira racionalista da existência, os céticos têm extrapolado sua própria máxima: "Duvido, portanto sou um intelectual". Para muitos, na verdade, essa atitude de duvidar segue um intelectual em particular, em vez de enfrentar de forma direta as questões do intelecto.

## UM REI DIFERENTE

Jesus estava bem ciente da contagiosidade da dúvida. Em parte, essa foi sua razão para permanecer calado. É claro que Pilatos logo descartou qualquer envolvimento pessoal no processo judicial, insistindo em que se tratava de uma questão interna da comunidade judaica, a qual, para começar, havia dado início a todo o problema. Em seguida, Jesus passou a

insistir com Pilatos até que ele percebesse que esse assunto *era*, de fato, do interesse dele, porque a realeza de Jesus em nada se relacionava com o controle de uma nação ou de uma cultura, mas tinha *tudo* o que ver com o domínio do coração.

Jesus disse: "… Meu reino não é deste mundo. Se fosse, meus servos lutariam para impedir minha prisão pelos judeus. Mas agora o meu reino é de outro lugar" (Jo 18.36).

Pilatos, um tanto ou quanto surpreso, exclamou: "Então você é um rei!…".

Foi quando veio a resposta decisiva. "Você está certo em dizer que sou um rei. De fato, por esse motivo eu nasci, e para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que está do lado da verdade me ouve" (v. 37).

De imediato observamos que foram feitas três afirmações radicais.

Em primeiro lugar, o reino de Jesus era de uma natureza tal que não era alcançado pela força ou pelo poderio militar. Seu governo não é nem territorial nem político. Se a história já provou alguma coisa, é que a propagação do Evangelho pela espada ou pela intimidação não tem feito nada além de distorcer a mensagem e desacreditar o evangelho.

A bem da verdade, Jesus aqui não estava falando de pacifismo ou de guerra. Estava estabelecendo uma clara diferença entre como o seu reino cresce e como as nações terrenas estabelecem controle. Estava destacando algo importante para uma autoridade judiciária que tinha motivações políticas. Sua realeza não pode ser, e não será, estabelecida mediante força ou ameaça. Esse fato por si mesmo já teria dado a Pilatos motivo suficiente para ir além da superfície daquilo que estava acontecendo. Na realidade, eram as nações do mundo que estavam no banco das testemunhas e era Deus que estava julgando. Pilatos deveria ter entendido de

imediato que esse diante dele não era nenhum César. Esse alguém tinha um tipo de autoridade diferente em sua essência.

Correndo o risco de ser repetitivo, a esta altura gostaria de relatar uma experiência que compartilhei em alguns de meus outros livros. Faço isso agora porque desejo avançar na questão.

Alguns anos atrás um general russo me convidou para participar de uma mesa redonda com sete membros do corpo docente que dirigia diferentes departamentos no Centro de Estratégia Geopolítica de Moscou. Desde o início o ambiente na sala era frio e hostil, e eles mostravam um semblante carrancudo. Um a um, atacaram a religião em geral e o cristianismo em particular, com sua história manchada de derramamento de sangue. Pergunta após pergunta, eu tentava diminuir a tensão, mas posso afirmar que a discussão não estava avançando, porque eles continuavam voltando ao passado de altos e baixos da cristandade.

De repente, chegamos a um momento bem tenso. Um dos oficiais, com grande veemência e hostilidade na voz, inclinou-se na minha direção e disse, em tom de acusação:

— Eu me lembro de, ainda criança, ver um soldado alemão entrar em minha casa e matar minha avó a tiros. Na fivela de seu cinturão estavam as palavras: "Deus é por nós". É *isso* o que a religião tem feito pelo nosso país!

Ele estava certo. Talvez ele não lembrasse ou nem mesmo soubesse que as inscrições naquelas fivelas não foram feitas pelos nazistas, mas eram material que sobrou da época do imperador. Como a máquina de guerra nazista sofria uma séria falta de equipamento, os nazistas haviam começado a usar esses restos de uma época passada. Pondo isso de lado, desde a época de Constantino o símbolo da cruz tem sido tantas vezes o emblema de armas de ódio e guerra que a mensagem de Cristo tem sido entendida como aquilo que Nietzsche chamou de "a vontade de poder".

Fiz uma pausa e reconheci diante dele que concordava em parte com o que havia dito.

Isso o surpreendeu, e ele baixou a guarda com cautela. Então eu disse o seguinte:

— Não obstante, general, você sabe que Jesus nunca veio para estabelecer à força um governo sobre as pessoas. Ele nem mesmo falou sobre sistemas políticos. Ele veio para reinar no coração das pessoas, e não mediante o estabelecimento de um poder político. Ele pede para viver em *você*, não para controlar o governo de seu país.

Com isso, passei a compartilhar com eles meu próprio testemunho pessoal. Eu estava a ponto de citar o que Alexander Soljenítsin disse certa vez, a saber, que a tênue linha entre o bem e o mal não governa estados ou ideologias, mas o coração de cada homem e mulher. Mas resisti, temendo que até mesmo essa referência pudesse provocar paixões políticas.

Os oficiais estavam bem quietos quando terminei, alguns parecendo introspectivos e outros concordando com a cabeça, mas com relutância. O general que havia me convidado tinha um olhar de triunfo tranquilo no rosto, como se dissesse: "Senhores, aí está a resposta em que nem vocês nem eu jamais havíamos pensado".

Então passei a lhes perguntar o que setenta anos de marxismo haviam feito pelo povo russo. Eu os lembrei do vazio na vida de seus jovens, que agora estavam vivendo em um dos países mais sem lei em todo o mundo.

Assim como foi repentina a introdução do assunto, foi de igual modo drástica a mudança no teor da conversa. Creio que seja irônico que a cidade de Moscou carregue as cicatrizes da brutalidade tanto dos atos nazistas quanto dos de Napoleão. Há lembranças daquilo que os nazistas fizeram e marcas de até onde Napoleão chegou em sua tentativa de derrotar a Rússia. Seus nomes simbolizam terror e guerra para o imenso Império

Soviético. As lembranças ainda vivas daquelas selvagerias deixam o povo russo sempre cético em relação a qualquer poder que represente ameaça.

No entanto, em uma declaração assaz surpreendente acerca de Jesus Cristo, Napoleão disse algo sem paralelo com qualquer outro líder político. Cito essa declaração em sua extensão devido à sua incrível perspicácia. Eu só queria tê-la comigo quando me encontrei com esses generais. Napoleão expressou esses pensamentos em seu exílio no penhasco de Santa Helena. O conquistador da Europa civilizada teve tempo para refletir sobre o alcance de seus feitos. Ele chamou o conde de Montholon e lhe perguntou: "Você pode me dizer quem foi Jesus Cristo?". O conde se recusou a responder. Napoleão reagiu:

> Bem, então eu lhe direi. Alexandre, César, Carlos Magno e eu mesmo fundamos grandes impérios; mas de que dependeram essas criações do nosso gênio? Da força. Jesus sozinho fundou seu império com base no amor, e até hoje milhões morrerão por ele. […] Creio que entendo algo da natureza humana; e eu lhe digo que todos esses que citei eram homens, e eu sou um homem: ninguém mais é como ele; Jesus Cristo era mais do que homem. […] Tenho inspirado multidões com uma devoção tão entusiasta que elas teriam morrido por mim […], mas para isso era necessário que eu estivesse presente e visível com a influência eletrizante de minha aparência, de minhas palavras, de minha voz. Quando olhava os homens e falava com eles, eu acendia em seus corações a chama da dedicação a um ideal. […] Só Cristo foi bem-sucedido em fazer a mente humana ascender na direção do invisível, de modo que ela se torna insensível às barreiras do tempo e do espaço. Depois de dezoito séculos, Jesus Cristo exige algo que é mais difícil de atender do que todas as outras coisas; ele pede aquilo que um filósofo talvez muitas vezes procure em vão nas mãos de seus amigos; ou um pai, em seus filhos; ou uma noiva, em seu noivo; ou um homem, em seu irmão. Ele pede o coração humano; ele o terá para si por inteiro. Ele exige de maneira incondicional; e de imediato sua exigência é aceita. Maravilhoso! Desafiando o tempo e o espaço, a alma do homem, com todos os seus poderes e faculdades, é anexada ao império de Cristo. Todos aqueles que com sinceridade creem nele experimentam esse amor notável e sobrenatural por ele. É um fenômeno inexplicável; está totalmente além da capacidade dos poderes criativos do homem. O tempo, o grande destruidor, é impotente para extinguir essa chama sagrada; o tempo não consegue esgotar sua força nem impor um limite ao seu alcance. E isso é o que mais me impressiona; tenho pensado nisso com frequência. É isso que me prova de modo bem convincente a divindade de Jesus Cristo.[1]

Não importa o que mais alguém diga em resposta; é difícil explicar tal discurso como mera eloquência. Aliás, foi para se opor à mera eloquência e a um poder tão artificial que Napoleão disse aquilo que fez. Com uma perspicácia incrível, ele viu como Jesus Cristo venceu. Não foi pela força, mas conquistando o coração.

Napoleão entendeu Jesus melhor do que Pilatos. É provável que Pilatos não fizesse ideia do que Jesus quis dizer quando afirmou: "… Meu reino não é deste mundo…", nem de quão longe iriam as conquistas desse tal Cristo no futuro — e isso sem os métodos pelos quais os impérios em geral se expandem, dos quais Roma era um exemplo perfeito.

## UMA CAUSA DIFERENTE

Tendo apresentado a primeira parte de sua resposta, Jesus passa para a segunda. "… por esse motivo eu nasci, e para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que está do lado da verdade me ouve" (Jo 18.37).

Essa é uma das declarações mais decisivas que Jesus chegou a fazer, tanto no que diz respeito à sua missão quanto no que se refere à nossa derradeira condição. Seu propósito em vir foi para dar testemunho da verdade. Ele já sabia quem era. Seu testemunho foi nos revelar quem *nós* somos. Suas respostas não mudariam, fosse qual fosse a pressão que seus acusadores fizessem. Sempre que ele falava, falava a verdade. Sua palavra era verdade.

Essa conversa poderia ter colocado Pilatos em uma posição bem especial na história, do lado daquilo que estava certo, caso tão somente ele tivesse feito sua pergunta e aguardado a resposta. Em vez disso, de forma radical, ele reagiu à declaração de Jesus, de que quem está do lado da verdade lhe dá ouvidos, com uma rejeição impaciente e, depois de indagar: "O que é a verdade?…", foi embora. Ele não esperou a resposta

e, dessa forma, comprovou o argumento de Jesus de que ele não estava de fato em busca da verdade.

Pilatos saiu abruptamente do saguão e tentou libertar Jesus. Ele só queria se ver livre de toda essa situação. Então ofereceu uma escolha à multidão. Ele libertaria um prisioneiro que eles escolhessem, qualquer prisioneiro, porque era época da Páscoa. Ele esperava e talvez tivesse certeza de que a multidão optaria pela libertação de Jesus. Mas Pilatos não estava sintonizado com a determinação dos líderes religiosos. Em lugar de pedirem a liberação de Jesus, a multidão clamou por Barrabás, que havia sido preso por participar em uma revolta política. Por si mesmo isso já mostrava que não era a revolta de Jesus contra Roma que os levou a tal motivação; pelo contrário, era a rebelião deles contra Deus que estava impulsionando suas paixões. É assim que a Bíblia conta a história, conforme registrado em João 19.4-7:

> De novo Pilatos saiu e disse aos judeus: "Vejam. Eu o estou trazendo aqui para fora até vocês para que saibam que não encontro nenhum fundamento para acusá-lo". Quando Jesus saiu usando a coroa de espinhos e o manto púrpura, Pilatos lhes disse: "Eis o homem!".
>
> Assim que os principais sacerdotes e seus guardas o viram, gritaram: "Crucifique-o! Crucifique-o!".
>
> Mas Pilatos respondeu: "Vocês que o levem e o crucifiquem. Quanto a mim, não encontro nenhum fundamento para acusá-lo".
>
> Os judeus insistiram: "Temos uma lei, e de acordo com essa lei ele tem de morrer, porque reivindicou ser o Filho de Deus".

A Bíblia então acrescenta o seguinte:

> Quando Pilatos ouviu isso, ele teve ainda mais medo e voltou para dentro do palácio. "De onde você vem?", perguntou a Jesus, mas Jesus não lhe deu nenhuma resposta. "Você se recusa a falar comigo?", Pilatos disse. "Você não percebe que tenho poder para libertá-lo ou crucificá-lo?"
>
> Jesus respondeu: "Você não teria nenhum poder sobre mim, caso não lhe tivesse sido dado do alto. Portanto, aquele que me entregou a você é culpado de um pecado maior" (Jo 19.8-11).

Por fim, Pilatos o entregou para ser crucificado.

Em vários aspectos Pilatos é uma personagem da qual se deve ter muita pena, pois viveu com medo de todos os lados. Temia a César, se por acaso transmitisse a ideia de que não lidara de forma adequada com alguém que era uma ameaça a Roma. Temia as implicações daquilo que estava fazendo, porque sua esposa o havia advertido de que havia tido um sonho a respeito de Jesus e de que ele não devia participar do castigo daquele homem inocente. Temia o próprio Jesus, pois não sabia com certeza com quem estava lidando.

É bem possível que Pilatos seja o exemplo por excelência daquilo que a política veio a significar. Ele sabia o que era certo, mas sucumbiu à sedução de seu cargo. Nos testes mais duros que a vida aplica em nossas motivações, há, sem exceção, um político em cada um de nós. Embora Pilatos ignorasse o papel que estava desempenhando, os sacerdotes justificaram ato hediondo deles, citando a Escritura em apoio à sua causa. Propósito divino, manobras políticas e fervor religioso se encontraram no projeto da redenção.

Foi com o propósito de ser o cordeiro pascal de Deus que Jesus veio ao mundo. O mundo queria, com base em sua própria perspicácia, encontrar uma explicação para Jesus. Ele estava no tribunal da graça de Deus e falava de misericórdia. Foi a essa altura que o Cordeiro de Deus começou a avançar para o momento da sua morte.

Existem quatro referências distintas ao silêncio de Jesus ao longo desse caminho até sua morte. Vamos analisá-las.

A primeira ocorre quando ele está diante do Sinédrio, conforme narrado em Marcos 14.60. Testemunhas falsas haviam dado um testemunho conflitante. Suas acusações não eram plausíveis, contudo Jesus permaneceu em silêncio. A contradição em si deveria ser autoincriminadora. Quando não é, tanto a verdade como a veracidade se foram.

O segundo silêncio ocorreu quando, na presença de Pilatos, os sumos sacerdotes repetiram suas acusações de traição e Jesus permaneceu em silêncio. Ele sabia que estavam decididos a crucificá-lo. É difícil apresentar uma defesa contra a religião sem verdade, em especial quando a religião é impelida por uma multidão. Quaisquer palavras da parte de Jesus para se defender teriam sido inúteis.

Creio que a conduta de Jesus aqui é um grande exemplo. Foi o silêncio da verdade em meio ao ruído do preconceito e do ódio. Como pessoa, tenho experimentado situações como essa e tenho visto outros em situação parecida. Aquele que fica em silêncio diante de indivíduos zombadores e cheios de ódio expõe a escandalosa capacidade da hostilidade e, em seu silêncio, diz muito sobre o caráter de Deus.

O terceiro momento de silêncio se dá diante de Herodes e de seu bando de zombadores. Eles queriam um espetáculo. A Bíblia diz:

> Quando Herodes viu a Jesus, ficou muito satisfeito, porque fazia muito tempo que queria vê-lo. Pelo que havia ouvido acerca dele, esperava vê-lo realizar algum milagre. Ele lhe fez inúmeras perguntas, mas Jesus não lhe deu nenhuma resposta. […]
>
> Então Herodes e seus soldados o ridicularizaram e zombaram dele. Vestindo-o com um manto elegante, enviaram-no de volta a Pilatos. Naquele dia Herodes e Pilatos se tornaram amigos — antes disso haviam sido inimigos (Lc 23.8,9,11,12).

Essa passagem conta algo terrível. Há muitos que desejam que Jesus não seja nada mais do que um milagreiro ou um artista de variedades. E é bem irônico que inimigos tenham se tornado amigos por causa de um desejo comum de se livrar dele. Alguma coisa mudou desde então?

A quarta vez em que Jesus esteve em silêncio foi quando Pilatos ficou com medo, ao ouvir que ele dizia ser o Filho de Deus. "… De onde você vem?…", perguntou. Mas Jesus permaneceu em silêncio. Ele já havia dito a Pilatos de onde

viera. Mas Pilatos não teve a coragem de enfrentar sua resposta.

Na combinação dessas respostas silenciosas, há, da parte de Deus, uma riqueza de pensamentos para nós.

## UM PODER DIFERENTE

Em primeiro lugar, há o silêncio da *bondade* diante do mal orquestrado. O episódio todo perante o Sinédrio foi um esforço para incriminá-lo. Eles conheciam o poder que tinham. Ele conhecia a fraqueza deles. Eles conheciam a letra da lei. Ele conhecia o espírito do código moral. Eles não conheciam a Jesus. Ele os conhecia.

Sempre que o mal se organiza, sua ferocidade tem o hálito do inferno. Não há nada que consiga aplacar essa fúria. O mal não pode ser detido até que atinja o seu propósito. É por isso que o inferno não tem fim. Sua natureza é queimar por dentro, e nenhum consolo ou influência externos consegue alterar a maldade que aumenta de modo maquinal.

O segundo silêncio é o silêncio da *percepção*. Quando o mal justifica a si mesmo ao se apresentar como moralidade, Deus se torna o Diabo, e o Diabo, Deus. Essa troca torna a pessoa impermeável à razão. Com certeza os sumos sacerdotes representavam essa sina. Nada, absolutamente nada que Jesus pudesse ter dito os convenceria de quem na realidade ele era ou até mesmo poderia ter feito com que se interessassem em saber. A capacidade deles de odiar e seu amor pela lei cerimonial superavam de longe qualquer desejo de conhecer a verdade e a bondade.

Jesus sabia que o amor deles pela lei não passava de um desejo de encontrar maneiras de manipular a lei para alcançar seus próprios fins imorais. Sempre que a Escritura é citada com o propósito expresso de promover os objetivos egoístas de alguém, a luz se transforma em trevas.

Em toda a literatura existem bem poucas passagens tão cativantes e esclarecedoras quanto a descrição do Grande Inquisidor, feita por Dostoiévski em seu livro *Irmãos Karamázov*. Em uma conversa com Aliocha, seu irmão mais novo, que tinha uma mentalidade muito mais espiritual do que a dele, o ateu Ivan discorre sobre uma época quando também pensava em assuntos espirituais. Aliás, ele tinha até mesmo composto um poema que intitulara "O Grande Inquisidor". Esse era o título que Ivan havia dado a um idoso e importante cardeal que estava à frente da Inquisição espanhola. Aliocha pediu a Ivan que lhe falasse sobre o poema, e Ivan o narrou em prosa. Baseava-se em fatos ocorridos durante a década de 1500, na cidade espanhola de Sevilha, quando a igreja estava queimando "hereges" na estaca. Depois de apresentar o contexto histórico, Ivan começou o seu relato.

Certo dia, quando um grande número de hereges havia sido torturado e queimado sob as ordens absolutas e iradas do Grande Inquisidor, de repente, no meio de todos os assustadores sons e imagens de tortura, alguém apareceu em silêncio e mansidão e caminhava entre aqueles que sofriam.

> Veio com brandura, sem ser visto, e ainda assim — é estranho dizer — todos o reconheceram. […] As pessoas são atraídas para ele de maneira irresistível, elas o cercam, se aglomeram ao redor dele, seguem-no. O sol de amor arde no coração dele, luz e poder brilham de seus olhos, e sua luminosidade, derramada sobre as pessoas, desperta o coração delas com um amor responsivo.

É óbvio que na narração de Ivan essa figura é Jesus Cristo, andando sob um disfarce simples entre as pessoas. De repente, o Grande Inquisidor chegou em sua carruagem e o viu. Reconhe-cendo que era ele, de pronto providenciou que fosse detido e jogado na prisão. Naquela noite, com uma lamparina na mão, em sua batina de tecido grosseiro, veio visitar seu prisioneiro. A conversa é profunda:

— És tu? Tu?

Mas, sem receber nenhuma resposta, acrescentou de imediato:

— Não o respondas. Fica em silêncio. Afinal, o que podes dizer? Sei muito bem o que dirias. E não tens direito algum de acrescentar qualquer coisa àquilo

que disseste no passado. Por que, então, vieste nos atrapalhar? Pois vieste nos atrapalhar, e sabes disso. Mas sabes o que acontecerá amanhã? [...] Eu te condenarei e te queimarei na estaca como o pior dos hereges. E as mesmas pessoas que têm beijado os teus pés, amanhã, ao menor sinal de minha parte, correrão para alimentar a tua fogueira...

Quando o inquisidor parou de falar, esperou algum tempo para que seu prisioneiro lhe respondesse. Seu silêncio o oprimia. Ele viu que o prisioneiro o ouvira com atenção o tempo todo, olhando com mansidão para o seu rosto e, como era evidente, sem querer responder. O idoso ansiava que ele dissesse algo, por mais desagradável e terrível que fosse. Porém, de repente, ele se aproximou do idoso em silêncio e o beijou suavemente em seus lábios sem sangue. Essa foi toda a sua resposta. O idoso estremeceu. Seus lábios se moveram. Ele foi até a porta, abriu-a e lhe disse:

— Vai e não voltes mais. [...] Não venhas mesmo, nunca, nunca!

E o deixou sair para os becos escuros da cidade.[2]

A genialidade de Dostoiévski revela uma brilhante compreensão do poder do milagre, do mistério e da autoridade. Ainda hoje o Inquisidor vive na mente de muitas pessoas religiosas. Podemos gritar com Jesus, mas não queremos nenhuma resposta que reforce as reivindicações que ele já fez. Queremos que ele vá embora e não volte mais.

Essa era a mentalidade das autoridades religiosas. O silêncio de Jesus foi proposital. Ele sabia qual era a intenção dos seus questionadores.

No entanto, o seu silêncio não foi apenas um silêncio de caráter e percepção; foi também o silêncio da *coerência*. Com seu silêncio, ele nos ensinou sobre como lutar contra a calúnia. O comportamento dele estava em conformidade com o seu ensino. Ao longo dos anos tenho descoberto que, dentre os exemplos que Jesus nos deu, em face de tanta coisa que era repreensível no comportamento humano, é possível que esse seja um dos mais facilmente ignorados. Seu silêncio é uma lição de que respostas nem sempre são o caminho para a razão. Ceder à tentação de tentar lutar com palavras contra a calúnia, na maioria das vezes, enxovalha tanto o caluniador quanto aquele que tem sido caluniado. Fugir da calúnia é, portanto, uma tarefa perigosa quando a própria acusação pode se tornar

válida não por causa da verdade, mas por causa da falta de compostura com que a pessoa procura defender a si mesma. Jesus não cometeu esse erro.

Fiquei sabendo de um incidente ocorrido alguns anos atrás. Como não estava presente, eu não tinha conhecimento dos detalhes. Mas as mesmas descrições do acontecimento chegaram até mim vindas de várias e diferentes fontes. Um líder cristão estava sendo afrontado e assediado por alguns de sua igreja que queriam que ele fosse embora. Não havia nenhum argumento decisivo que pudesse ser apresentado. De modo que, disparadas uma após a outra, acusações mesquinhas e ridículas foram feitas com uma fúria não disfarçada.

Uma de minhas fontes soube que a expressão mais eloquente da ocasião inteira foi o exemplo do líder, que ficou sentado em silêncio perante seus acusadores com lágrimas manchando-lhe o rosto. Ele não tinha nada a dizer e, assim mesmo, tudo foi comunicado. As manifestações ruidosas e as críticas acerbas dos agressores eram nada menos do que o veneno mortífero de vidas desencaminhadas. Cenários assim devem instruir sobre o verdadeiro poder. O homem que estava sendo acusado parecia Cristo no meio de seus inimigos.

Mas, afinal, temos de entender que o silêncio de Jesus foi o silêncio da *missão cumprida*. Seu silêncio diante daqueles que iam tirar sua vida foi predito pelo profeta Isaías, oitocentos anos antes de isso acontecer: "Ele foi oprimido e afligido, mas ainda assim não abriu a boca; foi levado como cordeiro ao matadouro, e, assim como uma ovelha diante de seus tosquiadores fica em silêncio, da mesma maneira ele não abriu a boca" (Is 53.7).

É uma reação natural falar em defesa própria, mesmo quando estamos errados. Ele permaneceu em silêncio, embora fosse inocente das acusações. Seu silêncio foi por nossa causa, porque ele está nos representando diante do Pai. No âmago de

todo esse episódio há uma verdade que Deus havia apresentado desde antes da fundação do mundo.

Em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, C. S. Lewis escreveu uma magnífica passagem para ilustrar isso. O leão Aslan é uma figura de Cristo. Uma das crianças, Edmund, tinha traído Aslan e posto os próprios irmãos em perigo, ao se vender para a bruxa malvada, a rainha de Nárnia, que o havia enfeitiçado ao lhe oferecer balas de goma. De acordo com a lei, Edmund merecia a morte por causa daquela traição. Só havia uma maneira de salvar Edmund: Aslan tinha de ser entregue nas mãos da rainha, o que havia sido, o tempo inteiro, o verdadeiro objetivo dos planos dela.

Em silêncio e sem resistência, Aslan, que era bem mais poderoso, se submete às exigências da rainha. Depois de ser humilhado, foi amarrado em uma mesa de pedra, que representava a lei, e morto. Lucy e Susan, que eram as irmãs de Edmund, inconsoláveis, pranteavam o amigo. De repente Aslan apareceu diante delas, triunfante sobre a morte.

— O que significa isso tudo? — elas perguntaram.

Nesse ponto da história Lewis faz esta brilhante observação:

> — Significa — disse Aslan — que, embora a feiticeira conhecesse a magia profunda, existe uma magia ainda mais profunda que ela não conhecia. Seu conhecimento só remonta à aurora do tempo. Mas, se ela tivesse sido capaz de olhar um pouco mais atrás, enxergando dentro do silêncio e das trevas antes da aurora do tempo, teria aprendido ali um encantamento diferente. Saberia que, se uma vítima voluntária que não tinha cometido nenhuma traição fosse executada no lugar de um traidor, a mesa racharia, e a própria Morte seria revertida.[3]

Esse encantamento de que Lewis fala é a vontade prévia de Deus, a saber, que aquele que não conhecia pecado algum, de forma voluntária, daria a sua vida para pagar o preço do pecado. Conforme prometido, a palavra de Deus se cumpriu.

## UM CAMINHO DIFERENTE

Será que o silêncio de Jesus, com todas as implicações que temos extraído, revela um contraste com outros em situações semelhantes que têm reivindicado a condição de deuses ou de profetas? Revela, sim. E de forma bem drástica. Ele veio com uma mensagem e um método que tratam de três diferenças bastante significativas na individualidade e na sociedade. Refiro-me a conversão, compulsão e revelação. De que maneira a fé cristã é ímpar?

Em primeiro lugar, existe a questão da conversão. A mensagem de Jesus revela que cada indivíduo — seja judeu, seja grego, seja romano, seja de qualquer outra civilização — vem a conhecer a Deus não em virtude de seu nascimento, mas em razão de uma escolha consciente de deixar que ele governe sua vida pessoal. O reino de Jesus não é deste mundo, nem a nossa herança em seu reino é um mundo em que entramos mediante o nascimento físico.

É muito importante entender isso. Estamos vivendo em uma época em que vozes iradas pleiteiam com insistência cada vez maior que não propaguemos o evangelho, que não devemos considerar ninguém "perdido" apenas porque não é "cristão". "Todos nascemos em crenças diferentes e, portanto, devemos deixar as coisas como estão" — é o que diz a "sabedoria" tolerante de nossa época. Mahatma Gandhi, por exemplo, se pronunciou contra a ideia de conversão com vigor. Quando fazem essas declarações, as pessoas esquecem ou não sabem que *ninguém* nasce cristão. Todos os cristãos são cristãos em consequência da conversão. Pedir ao cristão que não tente comunicar sua fé a alguém de outra religião é pedir ao cristão que negue sua própria fé.

Conta-se que Sri Ramakrishna, um dos principais "santos" da Índia, foi muçulmano por um breve período, foi cristão também por um breve período e, então, por fim voltou a ser hindu, porque chegou à conclusão de que todas essas religiões são iguais. Se são todas iguais, por que ele voltou ao

hinduísmo? De fato não é verdade que todas as religiões sejam iguais. Nem mesmo o hinduísmo é igual em seu interior. Dessa maneira, negar ao cristão o privilégio de propagar sua fé é propagar a ele as crenças fundamentais de outra religião.

Se a conversão é pessoal e não decorre de nascimento, isso nos leva à questão seguinte, a questão da compulsão. O ensino de Jesus é claro. Ninguém deve ser forçado a se tornar cristão. Isso distingue a fé cristã do islamismo de forma radical. Em nenhum país onde a fé cristã é a fé da maioria da população propagar a fé do outro é ilegal. Que eu saiba, não há nenhum país no mundo onde renunciar à fé cristã coloque alguém em perigo de ser perseguido pelos poderes do Estado. No entanto, existe um grande número de países islâmicos onde é crime proclamar publicamente o evangelho de Jesus Cristo e onde um muçulmano que renuncie à sua crença no islamismo, para crer em qualquer outra coisa, corre o risco de morte. A crítica ao texto do Alcorão e à pessoa de Maomé é proibida pelas leis de blasfêmia, e o resultado é castigo cruel. É preciso respeitar a preocupação de uma cultura em proteger aquilo que considera sagrado, mas forçar a uma crença em Jesus Cristo é algo estranho ao evangelho, e essa é uma diferença vital. O contraste é claro em extremo.

É nessa questão de conversão e compulsão que a teoria política vem à tona. Como afirmei antes, o evangelho não deve ser difundido sob a espada. Quando a cristandade recorreu a esses métodos, não foi o evangelho de Jesus Cristo que foi propagado, mas uma teoria política que usou o evangelho em benefício de instituições e pessoas que buscavam o poder. É justificável o receio das pessoas quando pensam na religião associada ao controle político. O método de Jesus era tocar o coração da pessoa para que ela reagisse positivamente por amor a ele, e não por compulsão ou controle.

Contraste isso com a prática de Maomé. Não importa como alguém queira interpretar a questão, o fato é que a espada e a

guerra são uma parte intrínseca da fé islâmica. Até mesmo os melhores apologistas do islã reconhecem o uso da espada no islamismo, mas abrandam o problema dizendo que em cada caso isso aconteceu com um propósito defensivo. Sugiro que o leitor examine por si mesmo o Alcorão e a história do islamismo para decidir se de fato foi assim.

Quanto às execuções realizadas por ordem de Maomé, seus apologistas defendem que elas não foram ordenadas por ele, mas realizadas em seu nome. Aqui também recomendo a leitura da narrativa para verificar se essa defesa está em conformidade com os registros históricos.

Contudo, até mesmo o melhor dos apologistas muçulmanos enfrenta grande dificuldade em contornar a ordem para matar dada pelo próprio Maomé, ilustrada em um versículo do Alcorão conhecido como o *ayatus-saif*, ou "o versículo da espada".

> Mas quando os meses proibidos tiverem passado, então lutem e matem os idólatras onde quer que vocês os encontrem, e os apanhem e preparem emboscada para cada um deles. Mas, se eles se arrependerem e cumprirem a oração e derem ao pobre o que é devido, então deixem livre o caminho deles (surata 9.5).

Um estudioso islâmico examina essa passagem e faz o seguinte comentário:

> E um traidor culpado de alta traição é um fora da lei e pode ser morto por qualquer um sem nenhuma autoridade especial. Que Deus guie todos nós à verdade e espalhe a paz e a unidade no meio da humanidade![4]

Não direi mais nada sobre essa questão bastante difícil e divisionista porque qualquer comentário criaria ressentimentos, e esse não é meu desejo. O resumo claro de todo o tema é o seguinte. O ponto em que o islamismo e o cristianismo de fato concordam é que a verdade é suprema; no entanto, enxergam a revelação final da verdade em pessoas diferentes — no islamismo por meio de Maomé e no cristianismo por meio de Jesus Cristo. Por causa disso é tão necessária uma comparação entre as duas pessoas.

Isso nos leva à questão final. No âmago de tudo surge um único item. O silêncio de Jesus não significa que ele não fala. Ele nos lembra de que já falou em sua Palavra, as Escrituras. Aqui, a fonte derradeira de autoridade diverge realmente de outras crenças.

Para o muçulmano o Alcorão é a revelação perfeita e final de Alá. Alá foi o revelador, e Maomé foi o receptor. As palavras exatas lhe foram ditadas. Para os muçulmanos, ele é o último e o maior dos profetas. A prova da supremacia de Maomé é a beleza do Alcorão. É o *livro* que é considerado a expressão máxima da perfeição e o repositório da verdade.

As dificuldades aqui são inúmeras. Como alguém comprova que esse texto escrito é perfeito? Consideremos apenas um único aspecto problemático: as falhas gramaticais que têm sido demonstradas. Ali Dashti, um autor iraniano e muçulmano devoto, comentou que os erros no Alcorão eram tantos que as regras gramaticais tiveram de ser alteradas a fim de não conflitar com a alegação de que o Alcorão era impecável. Ele apresenta vários exemplos em seu livro *Twenty-three years: the life of the prophet Mohammed* [Vinte e três anos: a vida do profeta Maomé]. (A única precaução que ele tomou antes de publicar esse livro foi orientar que fosse publicado de maneira póstuma.)

Um problema adicional enfrentado pelos primeiros compiladores do Alcorão foi o número de variantes de alguns dos textos importantes. Agora, em tempos recentes, estudiosos começaram a examinar o Alcorão e a levantar algumas questões bastante sérias sobre sua origem e compilação. Isso tem levado muitos estudiosos islâmicos a se desdobrar em busca de uma resposta.[5]

O que é preciso reconhecer é que a poesia e o estilo são belos. A mente pós-moderna, controlada por aquilo que vê, tem muito a aprender sobre o papel da beleza nas palavras. Mas a questão diante de nós é se esse livro pode ser

considerado a palavra de Deus. Além disso, considerando que o islamismo reivindica que Maomé é um profeta para o mundo, o "milagre" se limita a um único idioma, do qual uma parcela significativa é considerada incompreensível, até mesmo para aqueles que o conhecem. Em outras palavras, para de fato enxergar o milagre, a pessoa tem de falar árabe, mas não apenas isso, precisa ter um conhecimento muito acurado do idioma. Uma reivindicação dessas é bem limitada e extremamente restritiva.

No que diz respeito à verdade e aos hindus, o terreno fica muito irregular. Gandhi, por exemplo, disse que "Deus é a verdade, e a verdade é Deus".[6] Mas o que isso significa? Isso não responde à questão mais fundamental que é saber se a existência de Deus é verdadeira ou falsa. Shankara, um dos principais expoentes do hinduísmo, esquivou-se dessa pergunta, ao dizer que, embora alguém *possa* adorar a Deus, essa é apenas uma forma inferior de expressar a verdade. Em última análise, o adorador se encaminha para a verdade suprema de que ele é idêntico a Deus. A questão básica é que os hindus apontam para suas escrituras como verdade. Aqui o desafio é bem complexo.

Na realidade, as escrituras hindus se encaixam em duas categorias amplas — o Smriti e o Sruti. *Smriti* significa "Aquilo que é lembrado". Os autores são muitos, e as afirmações que fazem são diferentes em essência. Nesse conjunto de escritos se encontram as especulações de sábios indianos, as quais vão desde as coisas mais profundas até as totalmente bizarras, o que os próprios hindus admitem. Em contrapartida, *sruti* significa "Aquilo que foi revelado". Essa é a revelação eterna e verdadeira do hindu devoto.

Se essa revelação é eterna e verdadeira, então a religião não pode reivindicar que todos os caminhos são verdadeiros pela simples razão de que algumas religiões negam a veracidade eterna dos Vedas. Muçulmanos, budistas e cristãos negariam

essa reivindicação. Na verdade, até mesmo alguns estudiosos hindus negariam essa reivindicação. Ou a negação feita por essas pessoas é verdadeira, ou então a reivindicação do hindu é verdadeira.

Há, contudo, uma questão mais profunda. Se "aquilo que foi revelado" é a autoridade eterna, então, para o panteísmo, o qual afirma que tudo é um, a questão lógica é: quem está fazendo a revelação? Até mesmo tentar responder a essa pergunta exigiria um livro só para isso. Algumas palavras de Sri Ramakrishna revelarão o problema.

> Somente Deus é, e é ele quem se tornou este universo. [...] "Como serpente eu pico; como o curandeiro eu curo". Deus é o homem ignorante e Deus é o homem iluminado. Deus na condição de homem ignorante permanece iludido. Além disso, como guru ele dá iluminação ao Deus que há no ignorante.[7]

Vemos as estonteantes implicações dessa ideia de Deus e da revelação. Se tudo o que existe é Deus, então tudo o que sabemos é Deus na ignorância ou Deus na iluminação. Surge, então, a pergunta: quando Buda rejeitou os Vedas, ele era Deus na ignorância ou Deus na iluminação? Quando Maomé postulava o monoteísmo e o caminho de submissão a Alá, ele era Deus na ignorância ou Deus na iluminação? É nessa linha que surge uma série de perguntas, quando tudo o que existe é Deus. O revelador e o receptor são os mesmos, apenas em etapas diferentes da verdade.

Em contraste gritante, recebemos nas Escrituras a ideia cristã de revelação. A reivindicação dos escritores é apresentada com clareza:

> Acima de tudo, vocês têm de entender que nenhuma profecia da Escritura surgiu pela interpretação do próprio profeta. Pois a profecia nunca teve origem na vontade do homem, mas homens falaram da parte de Deus conforme eram conduzidos pelo Espírito Santo (2Pe 1.20,21).

A Bíblia também diz que "no passado Deus falou, muitas vezes e de várias maneiras, a nossos ancestrais por meio dos profetas, mas nestes últimos dias nos falou por meio de seu Filho..." (Hb 1.1,2).

Qual é, então, a diferença? É apenas diferença de reivindicação? Não. Em primeiro lugar, em contraste com o Alcorão, a Bíblia foi escrita não por um autor, mas por vários autores humanos. A Bíblia foi escrita ao longo de um período de 1.500 anos por escritores de várias origens, épocas e níveis de conhecimento, os quais, sob a inspiração de Deus, registraram a revelação. Ao longo desse imenso período, a mensagem deles é uma só: eles apontam para o nascimento, a morte e a ressurreição do Filho de Deus, Jesus Cristo. Quando se pensa a respeito disso, há uma incrível confluência de ideias ao longo de quase dois milênios. A própria difusão desafia uma explicação natural. Muito antes de tudo convergir na pessoa de Jesus Cristo, sua vinda foi vislumbrada, prefigurada e descrita em detalhes. Depois de sua morte, as Escrituras falaram daquele que, de maneira tão impressionante, nasceu, viveu, foi crucificado e ressuscitou. Em outras palavras, Deus falou e nos deu sua Palavra. E o ponto alto dessa Palavra é a pessoa de Jesus Cristo. A Palavra escrita está completa. Ele é perfeito. Ele nos lembrou de que as Escrituras não podem ser invalidadas — sua Palavra nunca falha.

Além disso, no cumprimento da profecia, quando permaneceu em silêncio, ele mostrou outro aspecto da autoridade das Escrituras. A Bíblia não é um livro que apenas faz referência a si mesmo, mas um livro no qual a história, a geografia e o conteúdo milagroso da profecia e de outros atos estiveram sujeitos ao princípio da verificação. Nos outros capítulos já vimos, afirmamos e defendemos alguns desses aspectos sobrenaturais.

Assim, quando Jesus ficou em silêncio diante de seus acusadores, em sua Palavra ele já havia profetizado séculos antes que ficaria em silêncio diante deles. Eles conheciam as Escrituras, a qual até mesmo falava deles, mas abafaram a verdade para justificar a vida injusta que levavam. As duas atitudes convergiram em cumprimento à Palavra. Aqueles que ficaram maravilhados com seu silêncio deixaram de ficar

assombrados com o que ele havia dito. Por meio das palavras e do silêncio dele e por meio das palavras e dos atos deles vemos que o julgamento foi exatamente como a Palavra de Deus declarou que seria. Vemos nisso a consideração dele para com sua Palavra e nossa desconsideração para com ela.

Acaso ainda estamos dispostos a ouvir e a ver a nós mesmos retratados nas Escrituras? Em um mundo de ruídos, o silêncio de Deus pode ser aterrorizante. Certa vez Martinho Lutero exclamou: "Abençoa-nos, Senhor! Sim, até mesmo amaldiçoa-nos. Mas, por favor, não fiques em silêncio!". Graças a Deus que ele não está em silêncio conosco. Foi por isso que o apóstolo Paulo disse ao jovem Timóteo:

> Mas, quanto a você, continue naquilo que aprendeu [...] e como desde a tenra infância conhece as sagradas Escrituras, que são capazes de fazê-lo sábio para a salvação por meio da fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, repreender, corrigir e treinar na justiça, para que o homem de Deus seja completamente equipado para toda boa obra (2Tm 3.14-17).

Mais uma coisa precisa ser dita. Pouco antes de Sir Thomas More ser executado, sua filha, Margaret, perguntou-lhe por que ele não podia apenas concordar verbalmente e murmurar palavras de apoio ao rei, sem estar de fato querendo dizer aquilo. Ela justificou esse estratagema para salvar uma vida, dizendo:

— Você é um daqueles que me disse que é para os pensamentos que a pessoa olha, e não para as palavras. Apenas diga. Mas sem ser para valer.

A resposta de More à filha é brilhante.

> — Esse é um argumento fraco, Meg. Quando um homem fala sob juramento, ele tem a vida nas próprias mãos. É como a água [ele faz uma concha com as mãos], e, se ele abrir os dedos, então — não há esperança de ele tornar a se encontrar. Alguns homens não são capazes disso, mas detesto pensar que seu pai seria um deles.[8]

O tribunal improvisado e a família do próprio More arrazoaram com ele que ele poderia dizer alguma coisa sem ser para valer. More lembrou a eles que a palavra de uma pessoa só

era tão boa quanto a própria pessoa. A palavra de alguém é a vida de alguém.

Essa é uma verdade enorme. É por isso que Jesus não teve medo de seus acusadores. Ele estava comprometido com sua Palavra. Acima de tudo, ele viveu uma vida em que a palavra e a vida eram idênticas. Não se pode dizer isso de nenhuma outra pessoa. Ou houve incongruência dentro da palavra de alguém ou então houve incoerência entre a vida e a palavra. Jesus, ao honrar sua Palavra, ofereceu sua vida a eles e a nós. Ele não morreu apenas para que houvesse justiça. Ele morreu cumprindo a profecia, demonstrando que você não pode matar a verdade. Por isso, em um sentido real, eles também não seriam capazes de destruí-lo.

Certa vez vi um pôster na parede do escritório de um diretor de escola. Dizia apenas isso "Se você não consegue me entender na minha fala, como pode me entender no meu silêncio?".

O mundo tentará interpretar a verdade recorrendo à sua própria capacidade. O cristão interpreta a verdade recorrendo à Palavra de Jesus — e ao seu silêncio.

---

[1] Citado em Henry Parry Liddon, *Liddon's Bampton lectures 1866* (London: Rivingtons, 1869), p. 148.

[2] Fyodor Dostoevsky, "The grand inquisitor", in: *The brothers Karamazov* (Garden City: International Collectors Library), cap. 5 [edição em português: Fiódor Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*, tradução de Paulo Bezerra (São Paulo: Editora 34, 2008)].

[3] C. S. Lewis, *The lion, the witch and the wardrobe* (New York: Collier Books), p. 159-60 [edição em português: *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, tradução de Paulo Mendes Campos (São Paulo: Martins Fontes, 1997)].

[4] Hafiz Ghulan Sarwar, *Muhammad: the holy prophet* (Lahore: Sh. Muhammad Ashraf, 1969), p. 195.

[5] Para aqueles interessados em acompanhar os questionamentos mais recentes, recomendo a leitura da revista, de janeiro de 1999, *Atlantic Monthly*, que contém um artigo fascinante sobre estudos corânicos, "What is the Koran", de autoria de Toby Lester, p. 43-56.

[6] M. K. Gandhi, *Pathway to God*, compilado por M. S. Deshpande (Ahmedabad: Navajivan, 1971), p. 8,9,23 [edição em português: *O caminho da paz: respostas sobre amor, fé e vida*, tradução de Cissa Tilelli Holzschuh (São Paulo: Gente, 2014)]. Veja também M. K. Gandhi, *In search of the supreme* (Ahmedabad: Navajivan, 1961), vol. 2, p. 265ss.

[7] Christopher Isherwood, org., *Vedanta for modern man* (New York: New American Library, 1972), p. 246.

[8] Robert Bolt, *A man for all seasons* (Toronto: Irwin Publishing, 1963), p. 82.

# 7

# EXISTE UM JARDINEIRO?

"Por que está chorando? Quem é que você está procurando?"

Foi a pergunta feita a Maria, quando ela foi ao jardim onde o corpo de Jesus havia sido colocado em um túmulo. Durante os poucos e breves anos que os discípulos tiveram com Jesus, as conversas deles foram repletas de perguntas. Há, portanto, uma leve acusação quando se faz essa pergunta a *eles*. Na verdade, isso tem nuances de uma pergunta que ele lhes havia feito em mais de uma ocasião. A seus primeiros seguidores, Jesus havia perguntado: "O que querem?…". Ele havia feito a mesma pergunta aos discípulos de João, o Batizador: "… O que vocês saíram para ver?…". Podemos presumir que repetidas vezes ele os interrompeu para lhes indagar como queriam que Deus fosse a fim de merecer a aprovação deles.

Durante os anos com Jesus, a incapacidade dos discípulos de entender muito daquilo que ele disse recebe tanto nossa compreensão quanto nossa perplexidade. Aliás, eles estavam com alguém sem igual, e, portanto, é compreensível a postura hesitante que adotaram a todo momento. Mas até que ponto Jesus teve de ser mais específico, antes que ficasse claro para eles quem ele era?

O caminho que leva à resposta é, na realidade, um caminho que abarca a totalidade da existência humana e remonta a outro ambiente milênios atrás, quando o primeiro homem e a primeira mulher foram colocados em um jardim e tiveram

início as perguntas sobre a vida e a morte. Em resumo, a vida de Jesus de Nazaré pode ser contada de forma sucinta em torno do ambiente de quatro jardins. Escolhi esse tema como moldura na qual desejo apresentar algumas das provas mais persuasivas da singularidade de Jesus Cristo na história e nas religiões do mundo.

## ESCONDENDO-SE PARA PROCURAR

Há muitos anos os filósofos Anthony Flew e John Wisdom esboçaram uma parábola, colocando a questão da existência de Deus da seguinte maneira:

> Certa vez dois exploradores encontraram por acaso uma clareira na selva. Na clareira cresciam lado a lado muitas flores e muitas ervas daninhas. Um dos exploradores exclamou:
>
> — Algum jardineiro tem de estar cuidando deste terreno!
>
> Então armaram suas tendas e ficaram a observar.
>
> Mas, embora tivessem esperado vários dias, não se viu nenhum jardineiro.
>
> — Talvez ele seja um jardineiro invisível! — disseram.
>
> Então fizeram uma cerca com arame farpado e a ligaram à eletricidade. Até mesmo patrulharam o jardim com cães farejadores, pois se lembraram de que "o homem invisível" de Wells podia ser cheirado e tocado, embora não pudesse ser visto.[1] Mas não houve nenhum som que sugerisse que alguém havia recebido um choque elétrico. Nenhum movimento do arame farpado chegou a revelar um escalador invisível. Os cães farejadores nunca os alertaram para a presença de qualquer outra pessoa no jardim além deles mesmos. Ainda assim, o crente entre eles permanecia convencido de que na realidade havia um jardineiro.
>
> — Tem de haver um jardineiro invisível, intangível, insensível a choques elétricos, um jardineiro que não tem nenhum cheiro e não produz nenhum som, um jardineiro que vem de maneira secreta para cuidar do jardim que ele ama.
>
> Por fim, o explorador cético se desesperou:
>
> — Mas o que resta de sua afirmação original? Afinal, de que forma aquilo que você chama de jardineiro invisível, intangível e sempre furtivo difere de um jardineiro imaginário ou mesmo de, em verdade, nenhum jardineiro?[2]

A ideia central da parábola é clara. Quantas vezes nós mesmos temos pedido para ver Deus, apenas para ter certeza de que ele de fato existe? No entanto, à semelhança dos exploradores que procuravam o jardineiro, com toda a nossa

espera e vigilância nós não o vemos, mas ainda assim sustentamos que ele existe. O ateu súplice olha e diz: "Mostre-me Deus". Nossas respostas parecem vagas porque não temos qualquer corpo visível para o qual apontar. Flew e Wisdom nos fazem a pergunta: Qual é a diferença entre um jardineiro invisível e furtivo e, em verdade, nenhum jardineiro? É uma pergunta bem elaborada.

O filósofo John Frame respondeu com um brilhante contraponto. Esta é a sua parábola:

> Certa vez dois exploradores encontraram por acaso uma clareira na selva. Havia ali um homem arrancando ervas daninhas, adubando e podando os galhos. O homem se voltou para os exploradores e se apresentou como o jardineiro do rei. Um dos exploradores apertou a mão do jardineiro, e eles tiveram uma conversa bastante agradável. O outro explorador ignorou o jardineiro e deu-lhe as costas.
>
> — É impossível que haja um jardineiro nesta parte da floresta — ele disse. — Deve ser algum truque. Alguém está tentando desacreditar nossas descobertas secretas.
>
> Eles acamparam. E cada dia o jardineiro chegava para cuidar do jardim. Logo o jardim estava transbordando de flores arrumadas com perfeição. Mas o explorador cético insistiu:
>
> — Ele só está fazendo isso porque estamos aqui, para nos enganar e nos levar a pensar que este é o jardim de um rei.
>
> Certo dia o jardineiro os levou ao palácio real e apresentou os exploradores a uma dezena de autoridades que confirmaram que o jardineiro era mesmo jardineiro. Então o cético tentou um último recurso:
>
> — Nossos sentidos estão nos enganando. Não há nenhum jardineiro, nenhuma flor, nenhum palácio e nenhuma autoridade. É tudo um embuste!
>
> Por fim, o explorador crédulo se desesperou:
>
> — Mas o que resta de sua afirmação original? Afinal, de que forma essa miragem difere de um jardineiro de verdade?[3]

A ideia central de John Frame é de igual modo bem elaborada. Há tanta inteligibilidade e complexidade específica neste mundo que parece obstinação e preconceito tentar encontrar uma explicação para ele sem admitir qualquer inteligência por trás dele. Acaso é possível explicar de forma razoável a moralidade, a personalidade e a realidade sem uma causa primeira pessoal e moral? Como explicar alguns dos detalhes de um jardim sem que haja um jardineiro? De

qualquer maneira, que tipo de prova da existência de um jardineiro será suficiente? Já que a essência de nosso relacionamento não é a constância de visão e intervenção, mas a continuidade da confiança e da suficiência, e se o jardineiro viesse e fosse visto e desejasse que nossa confiança em seu trabalho não dependesse apenas de vê-lo em pessoa?

Entre a provocação feita na parábola de Flew e Wisdom e a resposta dada na parábola de Frame, onde ficamos? Acaso a evidência da existência de Deus é apenas uma questão de perspectiva? Será que cada lado pode ridicularizar o outro e deixar por isso mesmo? É curioso que a última pergunta que os discípulos enfrentaram quando foram procurar Jesus aborda as mesmas perguntas levantadas por essas parábolas. Existe um jardineiro nessa combinação de flores e ervas daninhas que chamamos de planeta Terra?

O caminho a seguir é um pouco sinuoso. Mas, quando chegarmos ao fim, o motivo dessa jornada pode abrir novas perspectivas. O objetivo será ver se Deus tem ou não falado conosco e de que forma Cristo tem revelado a Deus para nós.

## COMEÇOU EM UM JARDIM

A narrativa bíblica começa com as palavras "No princípio…". Com rapidez, a atenção se move para o mundo que Deus criou, cujo ponto culminante foi a criação do homem e da mulher. O contexto mostra um mundo de relacionamento, propósito e beleza, no qual a lei natural é estabelecida, e a mordomia da criação é confiada aos seres humanos.

É trágico que o naturalismo (no qual toda a realidade é explicada em termos naturais) e o teísmo tenham entrado em choque nesses versículos iniciais da Bíblia. Em vez de entender a intenção e o contexto daqueles a quem foi dada a revelação, o naturalista zomba da descrição bíblica do ato divino da criação como destituído de refinamento científico. No outro extremo

está o teísta, que procura fazer com que o registro da criação se pareça com a tese de doutorado de um cosmologista e então se esforça para defender esse registro.

Nenhuma passagem da Escritura alega fazer parte de material técnico-científico que visa satisfazer a mente de um técnico. Tenho ouvido repetidas vezes iconoclastas populares ridicularizarem a antiga crença de que a terra era plana e a crença de que o mundo foi criado em 4004 a.C., declarando que essas afirmações são ensinadas na Bíblia. Eles nunca fizeram uma pausa para comprovar sua ideia e mostrar onde leram isso na Bíblia.

Desde aquele julgamento histórico e histriônico de Scopes em 1925, qualquer discussão entre um teísta e um ateu sobre a questão das origens é tratada como se apenas os tolos defendessem que uma origem sobrenatural deste mundo é plausível. Com a mesma frequência com que aquele julgamento balizador é arrastado para a conversa, censurando a ideia cristã das origens, tenho descoberto que a maioria daqueles que falam a respeito do caso nem sequer leram sobre a história e o contexto do julgamento. (Com certeza assistiram ao filme.)

Neste capítulo final, não tenho a intenção de reabrir tal conflito, porque já existem excelentes obras que trazem esse debate para o diálogo contemporâneo. Mas essa afronta nas mãos de adversários capazes ainda paira sobre nós como uma mortalha. De forma breve, volto àquele julgamento apenas para destacar a falácia e o preconceito admitidos naquela época e aceitos até mesmo hoje. Se a situação se invertesse e o método usado naquela época contra o teísta fosse usado contra o naturalista, a zombaria poderia ser de igual modo intensa.

## UMA PÁGINA DO PASSADO

Que falácia era aquela? Comecemos com os antecedentes, que eram eles próprios uma farsa. O julgamento aconteceu em Dayton, estado do Tennessee, em 1925. As emoções se tornaram intensas, à medida que os meios de comunicação iam manipulando o evento e adaptando-o para criar o máximo de entretenimento. Como era de prever, os detalhes mais importantes foram ignorados. Havia um número tão grande de questões ligadas umas às outras ao longo do processo que seria preciso perguntar se o ambiente, os argumentos ou o processo tinham alguma relação com os detalhes específicos do caso. Se hoje alguém fosse analisar o interrogatório de William Jennings Bryan feito por Clarence Darrow, de imediato poderia ver que as respostas de Darrow a um questionamento assim habilidoso teriam sido pelo menos bem pouco convincentes. Toda sua estratégia era persuadir Bryan a dar testemunho em defesa do miraculoso e em seguida destruí-lo. Bryan achou que estava em condições de fazê-lo, e para ele isso era a mesma coisa que fazer com que O. J. Simpson experimentasse a luva.[4] Os aspectos sobrenaturais da Escritura conforme parodiados por Darrow não se encaixaram no arcabouço "científico", e Bryan pareceu deplorável e derrotado.

Mas será que aquela era mesmo a maneira de decidir se é possível confiar na Bíblia como um documento sobre as origens? Aí está a falácia. Será que é possível defender aspectos específicos de uma cosmovisão, sem primeiro defender a própria cosmovisão? É um desafio à lógica que algo com uma metodologia tão tendenciosa pudesse ser aceito como prova convincente. Qualquer advogado brilhante pode lhe dizer que, na maioria dos julgamentos, quando apenas fatos escolhidos são admitidos na sala de audiências, qualquer pessoa hábil nas palavras consegue construir uma farsa. Adicione a isso os meios de comunicação, e o engano será apenas reforçado.

Pense sobre isso. Uma das perguntas para as quais o sr. Darrow exigiu uma resposta de William Jennings Bryan foi onde Caim conseguiu a esposa. Essa poderia ser uma pergunta

satisfatória, caso se permitisse de antemão a defesa do propósito e do conteúdo da Bíblia e caso também se afirmasse que ela continha todos os detalhes de como a reprodução humana começou. Mas nem mesmo houve possibilidade desse questionamento. Por isso, invertamos o interrogatório e desafiemos o naturalista a, na prática, responder à mesma pergunta. Como é que o primeiro *Homo sapiens* conseguiu "sua" companheira? Como é de prever, a tendência da totalidade de nossos valores é definida em respostas à essa questão. Será que o sr. Darrow conseguiria ser bem convincente aqui?

Como a sexualidade e o casamento humanos surgiram no esquema evolutivo? Gostaria de ter pedido ao sr. Darrow que explicasse como o "big bang" outorgou à sexualidade a vasta combinação de intimidade, prazer, consumação, concepção, gestação, criação de filhos e expressões supererrogatórias de cuidado e amor. Tudo isso é resultado da explosão de uma singularidade? Em nenhuma outra disciplina um volume tão grande e denso de informações seria englobado sob o rótulo do acaso. Se o sr. Darrow não apresentasse uma resposta, eu poderia ajudá-lo até com as pesquisas mais recentes.

William Hamilton, de Oxford, apresentou uma teoria (a propósito, não estou brincando): "O sexo existe para combater parasitas". Conforme você sabe, em climas quentes e variados em que parasitas microscópicos ameaçam a estabilidade da saúde de seus hospedeiros, os hospedeiros transtornam o poder de ataque desses inimigos por meio do sexo e da procriação. Esta é a razão para o surgimento do sexo: permanecer à frente do jogo![5]

Caramba! Como as receitas de hoje em dia parecem diferentes para as curas antigas! Imagine o que os comediantes de programas de televisão transmitidos pela madrugada adentro poderiam fazer com esse material. A piada poderia ser

ainda mais engraçada do que a zombaria com que Bryan foi tratado.

A rejeição de pormenores sem uma compreensão prévia e intencional da base factual em que tudo se apoia é um processo ilícito em que é possível fazer com que qualquer coisa pareça estúpida. Você não chega a uma conclusão sobre a presença de um jardineiro estudando apenas um arbusto. Há muito mais.

E aqui vemos em letras miúdas o que na realidade deveria ser a questão mais importante. Assim como acontece ainda hoje, apenas uma olhada nas conversas ocorridas entre o juiz e os advogados revela, na verdade, onde estava o verdadeiro preconceito. No terceiro dia do julgamento, o juiz pediu a um pastor presente que iniciasse a sessão com uma oração. A controvérsia gerada foi quase um espetáculo à parte. Mas, apesar da forte objeção de Clarence Darrow, o juiz permitiu que a oração fosse feita. A equipe de advogados de Darrow reuniu, então, um grupo de pastores para assinar uma petição em que se opunham à oração, alegando que a posição teológica específica deles não esteve representada na oração. O juiz rejeitou aquela objeção. Por fim, apresentaram outra petição, assinada por dois ministros unitaristas, um pastor congregacional e um rabino. A petição dizia que eles criam que Deus havia se mostrado nas maravilhas do mundo tanto quanto o havia feito na Palavra escrita, e, por esse motivo, uma oração que não refletisse isso era repugnante para eles.

Só dá para balançar a cabeça com incredulidade. Como é irônico que "as maravilhas do mundo" fossem colocadas em pé de igualdade com a Palavra falada de Deus, enquanto o tempo todo a exata questão discutida no processo era se essas maravilhas exigiam explicação natural ou sobrenatural. Como você pode ver, a questão não era de que forma explicar o mundo físico. A verdadeira questão era se Deus havia falado por meio da linguagem e não apenas por meio da natureza.

O Éden veio à tona mais uma vez — "… Deus de fato disse isso?…". Existe apenas um jardim para olhar ou há também uma voz com a qual o jardineiro fala?

Da mesma forma que se deu no julgamento naquela cidadezinha, levamos esse preconceito a Gênesis e achamos que somos capazes de decidir se Deus operou em seis dias ou ao longo de quinze bilhões de anos. Essa não era de modo algum a intenção do texto. As quatro principais ideias do texto de Gênesis têm se perdido na imensa quantidade de debate estranho ao assunto. A primeira e principal ideia das páginas iniciais de Gênesis é que Deus é o Criador e que ele é pessoal e eterno — ele é um Deus vivo e se comunica. A segunda é que o mundo não surgiu por acaso, mas foi projetado tendo a humanidade em mente — o homem é um ser inteligente e espiritual. A terceira ideia é que a vida não poderia ser vivida sozinha, mas apenas por meio de companheirismo — o homem é um ser relacional e dependente. O quarto aspecto é que Deus formou o homem como uma entidade moral com o privilégio de autodeterminação — o homem é um ser responsável e racional.

Daí decorrem três relacionamentos significativos: o do homem com Deus — a santidade da adoração; o do homem com seu cônjuge e demais seres humanos — a santidade do relacionamento; e o do homem com a ordem criada — a santidade da mordomia. Com base no primeiro relacionamento e a partir dele decorrem os outros dois.

Caso se contraste essa sequência com a do naturalista, surge o padrão a seguir. O universo impessoal deu origem a si mesmo e por puro acaso aconteceu de reunir as condições necessárias ao surgimento da vida — a eliminação de qualquer propósito último. De alguma forma ao longo do tempo, a fim de impedir doenças e destruição e para garantir a sobrevivência, a procriação trouxe a multiplicação — a materialidade e a amoralidade do sexo. Desenvolveram-se

códigos de benefício mútuo — o caráter cultural e relativo da moralidade.

Cada afirmação nesse paradigma contradiz a razão e a intuição. É científica e existencialmente incoerente. Examine apenas a primeira afirmação. Nunca se soube que o nada absoluto produzisse algo. Será que alguém consegue explicar de modo científico como o todo inexistente pode produzir processos e resultados inteligentes? Por mais que se queira discordar a respeito dos processos, o fato é que este é um universo ontologicamente assombroso. Com isso quero dizer que a causa final da nossa existência e do nosso próprio modo de pensar exige que aquilo que somos e o processo pelo qual viemos a existir não sejam desdenhados de maneira simplista com um: "Isso apenas aconteceu". Há inteligibilidade correndo em nossas veias, e disso não podemos fugir.

Cada dedução do naturalista pode ser de pronto refutada, tanto o surgimento do nosso ser quanto os relacionamentos que experimentamos com os outros e até os imperativos morais da nossa vida. Isso acontece porque — permitam-me acrescentar — milhões, na realidade bilhões de pessoas neste mundo jamais darão de ombros para o sobrenatural, não importando quão alto o naturalista eleve a sua voz. Não porque esses bilhões sejam tolos, mas porque a simples certeza intuitiva lhes diz que algo com essa complexidade espiritual e física não pode apenas surgir do nada.

Como você pode ver, no relato de Gênesis a questão não é se o jardim foi planejado ou surgiu por acaso. Esse é o reconhecimento mais sensato. Em vez disso, a dúvida colocada é se Deus de fato havia falado e concedido as regras básicas para a vida. A resposta do naturalista é um estrondoso "Não!". Aceitar que Deus falou é abrir mão dos princípios básicos do naturalismo. De maneira que zombaria e xingamentos desviam a atenção do verdadeiro debate. A diferença entre xingar e chamar pelo nome é imensa. Explicarei isso quando o

argumento for desenvolvido. Mas, logo de início, vemos que a diferença entre um mundo silencioso e aquele em que Deus tem falado é a linha divisória radical entre o teísta e o naturalista.

## UM SILÊNCIO ENSURDECEDOR

Algum tempo atrás tive de fazer um exame de ressonância magnética para diagnosticar uma hérnia de disco na região lombar. Essa foi uma daquelas experiências em que o exame parecia ser pelo menos tão perturbador — se não ainda mais — do que o problema em si. Eu estava deitado em uma mesa móvel e me deslizaram para dentro de um túnel estreito cuja porta foi fechada em seguida. O espaço era tão reduzido e a escuridão era tão deprimente que tenho certeza de que quem quer que tenha projetado o aparelho deve ter se inspirado nos sarcófagos egípcios. Piadas à parte, foi uma experiência aterrorizante, em especial para alguém que é claustrofóbico como eu. Instantes depois de a porta ser fechada, eu estava em um mundo totalmente escuro e silencioso. Demorados e temíveis segundos se passaram, e então, por fim, a voz do técnico crepitou através de um alto-falante no compartimento.

— Antes de eu começar, você tem alguma pergunta? — ele perguntou.

E como eu tinha perguntas! Nervoso, respondi por impulso:

— O senhor estará aí o tempo todo em que eu estiver aqui?

— Sr. Zacarias, eu lhe prometo que estarei aqui durante todo o procedimento — ele respondeu.

Sinto um arrepio na espinha só de contar o incidente. Quero que você saiba que até mesmo a voz de alguém totalmente estranho foi um imenso alívio enquanto eu estava ali naquela caixa fechada que me prendia. Enquanto estava deitado ali, de repente me veio um pensamento horrível. No esquema naturalista, a humanidade foi atirada nesse sistema

fechado chamado universo, e estamos nos movendo a uma grande velocidade pelo espaço, sem nenhuma voz lá fora para falar conosco. Não há ninguém para nos perguntar se temos alguma dúvida e ninguém para nos dizer que está ali para nos apoiar. Como disse certo comediante: "Estamos nisso juntos… sozinhos". Estamos por nossa conta. Esse é o mundo que, na prática, Darrow estava defendendo. E é um mundo que a Bíblia rejeita por completo. Deus existe, e Deus tem falado.

Como você pode ver, se não há nenhuma voz vinda de fora, somos a causa e os guardiões do jardim. É possível redefinir de forma legítima todos os relacionamentos. Nós falamos a nós mesmos. Nós nos definimos. Nós nos normatizamos. A sociedade livre zomba de qualquer corpo autorregulador, mas, quando se trata de viver em comunidade, é isso mesmo o que nós fazemos. Observe o número de leis que o mundo livre tem de decretar a fim de nos impedir de destruir esse jardim porque não há nenhum outro jardineiro além de nós. O naturalista está apenas olhando para si. Não há ninguém para falar conosco exceto nós mesmos.

Deus, pelo contrário, fez tudo depender de uma única lei: amar o Senhor Deus de todo o coração e alma e mente e amar o próximo como a si mesmo. Isso não está gravado nos planetas; foi escrito para nós em sua Palavra. Mediante sua graça, ele colocou essa lei em nosso coração. Quando a lançamos fora de nosso coração, questionando se ele tem de fato falado, inúmeras leis têm de ser escritas em lugar da lei de Deus, e incontáveis instituições têm de ser criadas para fazer cumprir essas leis.

Há ainda outro ponto de inferência. Do interior desse mundo silencioso e solitário, seguiu-se de forma lógica uma desintegração daqueles mesmos relacionamentos que Gênesis revelou como sagrados. Gênesis não nos disse como Caim conseguiu sua esposa porque, no mundo do qual Deus é o criador, essa é uma preocupação secundária. Aliás, quando

Deus falou com Adão e Eva sobre a prioridade do relacionamento entre marido e mulher em relação ao de pai e mãe, naquela época não havia nem mesmo pais e mães. Na verdade, Gênesis nos disse que homem e mulher viviam, com a bênção de Deus, em um relacionamento amoroso e de compromisso, sendo os progenitores da raça humana por meio do estabelecimento do lar. O lar e a família foram ideia de Deus, não nossa. Caim rejeitou isso, assassinou o irmão e despedaçou o coração dos pais — e a família sofreu uma ruptura. O jardim tornou-se uma selva de medo e morte.

Essas mesmas implicações estão conosco hoje, conforme ilustrado na seguinte história. Alguns anos atrás Edmund Gosse escreveu um livro bem tocante intitulado *Father and son* [Pai e filho]. É o relato emocionante e real da luta de um filho entre a fé de seu pai e suas próprias e crescentes dúvidas sobre a existência de Deus. Seu pai era um biólogo marinho, enquanto o filho era um professor de literatura inglesa, que mais tarde se tornou o bibliotecário da Câmara dos Lordes, na Grã-Bretanha. No livro ele descreve sua jornada rumo ao ceticismo até o dia quando por fim contou ao pai que estava farto de Deus e já não conseguia acreditar em sua existência.

O pai respondeu por escrito nos termos mais comoventes. No final do livro, Gosse cita o teor daquela carta em sua totalidade e diz: "Ela cravou como uma flecha em meu coração". Aqui estão alguns trechos da carta de seu pai.

> Meu querido filho,
>
> Quando sua mãe morreu, ela não apenas o entregou carinhosamente a Deus, mas também o entregou a mim com o encargo solene de criá-lo na instrução e na admoestação do Senhor. Tenho procurado cumprir essa responsabilidade. […] Antes de sua infância terminar, parecia haver uma clara bênção de Deus no seu cuidado sobre você; pois você parecia de fato convertido a ele. […] Tudo isso encheu meu coração de gratidão e alegria. […]
>
> [Mas] quando você veio até nós no verão, o golpe duro desabou sobre mim; e eu descobri quão longe você tinha se afastado de Deus. Não que você houvesse cedido à maré alta do sangue juvenil […]; foi aquilo que já havia operado em sua mente […], solapando os próprios alicerces da fé. Parecia que não havia sobrado nada a que eu pudesse recorrer. Descobri que não tínhamos nada em comum. As

> Sagradas Escrituras já não tinham nenhuma autoridade. […] Você conseguia encontrar com facilidade uma explicação para qualquer oráculo de Deus que o pressionasse; em sua avaliação dos prós e dos contras, você até mesmo levou em conta o próprio caráter de Deus e o definiu como lhe era conveniente. Dessa forma, você acompanhava a forte maré vazante rumo à eternidade sem um único guia oficial (tendo atirado o mapa ao mar), exceto aquilo que você mesmo modelou e forjou em sua própria bigorna. […]
>
> É com dor, não com raiva, que eu [escrevo] […], na esperança de que você seja induzido a rever diante de Deus toda a jornada, da qual essa é apenas uma etapa. Como eu desejo que essa graça lhe seja concedida! Como eu teria alegria em enterrar todo o passado e voltar a ter comunhão doce e carinhosa com meu filho amado, como acontecia outrora![6]

Assim terminava a carta. Edmund apresentou sua resposta dizendo ao leitor que ele tinha uma escolha: ou "reter sua inteligência e rejeitar a Deus" ou "rejeitar sua inteligência e submeter-se a Deus". É dessa maneira que ele concluiu o livro, falando na terceira pessoa:

> E, assim, desesperadamente questionada, a consciência do jovem jogou fora de uma vez para sempre o jugo de sua "dedicação" e, da forma mais respeitosa que pôde, sem comemoração, mas também sem lamento, ele assumiu o privilégio do ser humano de moldar por si mesmo sua vida interior.[7]

O relacionamento deles foi rompido para sempre. Como tudo isso aconteceu? O livro *A origem das espécies*, de Darwin, caiu nas mãos do jovem Gosse, e esse foi o início. Quanto mais ele pensava e se debatia com o livro, mais chegava à conclusão de que, caso necessário, estava disposto a abrir mão de tudo — mesmo da comunhão com Deus e com a família. Se não havia nenhum lar para o coração em qualquer sentido derradeiro, por que deveria haver um em qualquer sentido temporal? Com o livro de Darwin na mão, Edmund forjou um propósito que não tinha nenhuma bússola exceto aquela que ele próprio construiu.

Essa história verdadeira nos leva de volta àquilo que aconteceu no jardim quando Deus o criou e, ao mesmo tempo, reflete esse acontecimento. O cerne da questão veio à tona: Deus de fato falou?. Quando Adão e Eva questionaram a autoridade de Deus, a sedução colocada diante deles foi que poderiam se tornar como Deus, definindo o bem e o mal. O

que o tentador não lhes contou foi que a definição que Deus faz do bem e do mal tem raízes em seu caráter e não há nada contraditório em Deus. A definição de bem e mal feita pela humanidade decaída nasce de um espírito de rebelião que resulta na desintegração da vida. Será que qualquer pessoa razoável não consegue ver a diferença enquanto tudo se desenrola dia após dia na história da humanidade?

Vivemos em meio à devastação das três santidades: adoração, relacionamento e mordomia. O próprio Charles Darwin temia que as implicações filosóficas da seleção natural tivessem terríveis consequências. "A natureza sanguinária nas presas e nas garras" não era apenas a descrição feita por um poeta, mas a realidade de uma rebelião contra uma lei moral transcendente. A zombaria e o escárnio no julgamento de Scopes não foi a zombaria de um intelectual sobre um lunático. Foi a zombaria da voz do homem sobre a voz de Deus.

No primeiro jardim, Deus falou, e a humanidade negou que ele houvesse falado. O humanismo nasceu, e o homem se tornou a fonte de significado.

## ROCHAS E FOME

Agora chegamos ao segundo jardim, e, aqui, uma estranha deturpação é adicionada. Nesse ambiente a questão não era tanto se Deus havia, de fato, falado, mas se era possível contornar o que ele disse mediante a transformação de suas palavras em algo diferente daquilo que ele havia tencionado dizer. O ambiente era ideal para a distorção porque não era tanto um jardim, mas um deserto. Jardins conseguem seduzir as pessoas pela beleza da paisagem, dando prazer estético ao mesmo tempo que desvirtuam a moral. Em contrapartida, desertos podem gerar miragens, de maneira que aquilo que na verdade é irreal e imaginário parece real. No primeiro caso, o engano é o da vontade; no segundo, a desorientação é a da

mente. O próprio paradigma é modificado, e a verdade fica à mercê da imaginação.

Jesus estava com fome e enfraquecido em seu corpo, e o tentador o atacou com uma série de provocações. Um dos escárnios feitos foi: "Pule e veja se o seu Pai honrará a palavra dele". Cada tentação estava ligada de modo íntimo ao mesmo desafio: "Por que você não faz isso à sua própria maneira e demonstra sua autonomia?".

Qual é, então, a deturpação? No Éden, a questão estava relacionada ao texto: Deus de fato falou?. Aqui é uma questão de contexto: mude o sentido do texto, e você passa a fazer o papel de Deus. Enquanto o humanismo nasceu no primeiro ambiente, no segundo nasceu a religião sem a verdade — uma forma de politeísmo, muitos deuses, ou de panteísmo, no qual a individualidade é exaltada à condição divina. A ironia aqui é que, embora Jesus fosse divino, ele não podia reivindicar seu poder sem abrir mão de sua missão.

A incapacidade de pensar de forma contextualizada é bem evidente nos conflitos morais que vivemos hoje. Cada grande batalha moral que enfrentamos acontece porque negamos o texto ou então porque justificamos o oposto mediante recurso a um contexto diferente. Por meio da mudança de uma palavra ou de algum outro tipo de justificação, já não há nada mais que em essência seja bom ou mau.

Por consequência, surge algo com implicações de longo alcance. O senso comum nos diz que não podemos viver sem uma lei moral. Mas como alguém produz uma lei moral se Deus não falou? A única resposta é arranjar uma moralidade idealizada pela própria pessoa, uma moralidade que, embora mística e transcendente, é alcançável mediante os próprios esforços. Dessa forma, recorremos à nossa inclinação espiritual e ao mesmo tempo incorporamos nosso eu no centro. Se conseguirmos ser bons sem Deus, mas mantendo uma religiosidade, ganhamos tanto o secular quanto o sagrado.

As filosofias da Nova Era vieram para satisfazer essa exigência. Qual a melhor maneira de aplicar uma teoria econômica de oferta e procura do que fabricar uma religião que esteja em oferta ilimitada e possa ser adaptada para atender à demanda pessoal de qualquer um? Uma religião personalizada com um Deus impessoal — é isso que é. Por natureza, esse tipo de religião tem uma enorme capacidade de refletir o pragmático, o sonho de todo camaleão. No deserto a tentação não foi tanto inventar uma explicação naturalista quanto foi reinterpretar a revelação, manipulando o contexto.

Nenhuma religião tem feito mais para comprovar a realidade dessa tentação do que o hinduísmo e o budismo. Com repetidos esforços, estudiosos de destaque e praticantes têm tentado obscurecer as verdades do cristianismo e torná-las semelhantes às suas próprias cosmovisões. Versículos tais como "… o reino de Deus está em vocês" ou "Eu e meu Pai somos um" são usados para sustentar o panteísmo. Alguns dos mais renomados filósofos hindus se empenharam em defender essa ideia e nos dizem que não há nenhuma diferença. Qualquer análise do contexto em que essas declarações na Escritura foram feitas mostra com clareza o uso ilícito dos textos por aqueles que procuram distorcê-los.

Esse raciocínio é uma violação tanto da lógica quanto do teísmo. O que começa com um sutil afastamento da verdade pela sedução da autodeificação resulta, em última instância, na deificação de todos e de tudo. Um mundo assim seria destruído por poderes em conflito porque cada poder reivindicaria autonomia. É por essa razão que os textos épicos do hinduísmo estão repletos de guerra e morticínio como parte essencial de serem deuses e deusas as personagens. Características de animais surgem no divino, e as histórias por trás deles deixam o leitor totalmente perplexo. Na mistura de politeísmo e panteísmo, outras divindades são acrescentadas — rios, vento e fogo. O mundo da fabricação de deuses começou.

As Escrituras cristãs são diferentes, e de maneira drástica. Quando, no Antigo Testamento, Deus enviou as pragas ao Egito, elas visavam mostrar que só ele era supremo sobre os elementos que os egípcios haviam deificado (rios, planetas, criaturas, magia e assim por diante) e que não havia nenhum outro como ele. A natureza, a humanidade e todas as demais entidades ou grandezas são diferentes de Deus. Não podemos tentar eliminar essa diferença e permanecer impunes. Do panteísmo à adoração da natureza, ainda hoje está conosco a tentação do deserto, de ter religião sem Deus.

Rejeitar o texto de Deus no primeiro jardim abriu o caminho para o humanismo, e rejeitar seu contexto no segundo levou ao politeísmo ou panteísmo — muitos deuses ou autodeificação.

## O JARDIM DA DOR

O terceiro jardim é a ideia em que quero de fato me concentrar, porque, com base em qualquer critério, aqui a fé cristã oferece uma resposta para a qual nenhum outro sistema consegue até mesmo fingir encontrar um substituto.

Tendo passado pelo teste em que foi desafiado a seguir por seu próprio caminho, Jesus agora se ajoelha nesse jardim no momento mais solitário de sua missão. Foi com o objetivo de cumprir essa missão que ele resistiu ao impulso de invocar o sobrenatural como uma saída fácil.

Todos os escritores dos Evangelhos o situam no Getsêmani no momento da traição de Judas. Mateus, em especial, nos oferece um extenso olhar sobre a aflição de Jesus naqueles momentos que antecederam à sua prisão. Aquele jardim se tornou sinônimo de solidão, tristeza, dor e morte. Os acontecimentos que se deram durante aquelas horas devem ter sido fonte de grande constrangimento para os discípulos enquanto transcorriam, e uma humilhação ainda maior quando

depois eles os relataram. Eles não se descrevem aqui de forma positiva, e o motivo pelo qual não o fazem é que jamais esperavam ver Jesus ou a si mesmos nesse momento de terror. Não era isso que eles tinham "vindo ver". Como o Filho de Deus poderia estar em tão grande aflição e na agonia da morte? Acaso a própria morte não era o maior inimigo a ser vencido? Como ela poderia vencer o Autor da vida?

Assim que compreenderam a finalidade e os meios de sua morte, isso se tornou a verdade fascinante do evangelho que pregavam com convicção inabalável. O apóstolo Paulo disse: "Nós pregamos a Cristo crucificado [...] Cristo, o poder de Deus e a sabedoria de Deus" (1Co 1.23,24). Ele acrescentou em seguida: "... decidi não saber nada enquanto estava com vocês exceto Jesus Cristo, e ele crucificado" (1Co 2.2).

Em que consiste a cruz? Como aquilo que os gregos consideravam loucura e em que os judeus tropeçavam (veja 1Co 1.21) pode ser descrito como o poder de Deus? Até hoje a cruz não soa como uma ação poderosa para ninguém que construa um reino. Certa vez Pascal se referiu à humanidade como a glória e a vergonha do universo. Na cruz vemos por que essa é uma descrição apropriada.

## CHEGANDO PERTO DA CRUZ

O teólogo Martin Hengel escreveu um livro extraordinário chamado *Crucifixion: the ancient world and the folly of the cross* [Crucificação: o mundo antigo e a loucura da cruz]. Hengel conduz o leitor ao longo dos detalhes sombrios e históricos de tudo aquilo que a crucificação significava e implicava, e, em particular, da crucificação de Jesus. No resumo, no final do livro, ele destaca vários pontos. Apresentarei apenas alguns deles.

> A crucificação era um castigo político e militar; e, enquanto os persas e cartagineses a impunham a seus altos funcionários, os romanos a usavam nas

classes mais baixas: escravos, criminosos violentos e elementos desordeiros da sociedade.

Crucificar alguém satisfazia sobretudo o desejo intenso de vingança e proporcionava grande prazer sádico. Era o triunfo do Estado.

Ao exibir a vítima nua, em lugar proeminente, a crucificação representava a humilhação extrema.

Com frequência a vítima não era enterrada, de modo que animais selvagens podiam alimentar-se de seu cadáver.[8]

Pense nisso. Se a morte em si é uma "derrota", quanto mais uma morte em que política, vingança e poder deixam sua marca na pessoa crucificada. Essas são instituições e atitudes com que medimos a influência. Para os discípulos, principalmente judeus, esse castigo significava a perda de tudo. Raiva, poder, orgulho e crueldade foram vitoriosos sobre Aquele que reivindicava ser Deus.

Milênios depois vemos o símbolo da cruz em colares e em torres de igreja com uma frequência tão grande que não temos noção daquilo que ela significou e alcançou. Aliás, se ela fosse de fato explicada, ficaríamos ofendidos com o pregador. Hengel nos ajuda com suas observações finais:

É impossível dissociar a fala sobre a morte expiatória de Jesus ou sobre o sangue de Jesus dessa "palavra da cruz". A ponta não pode ser separada da lança. Pelo contrário, a realidade complexa da morte de Jesus […] é que […] Jesus não teve uma morte tranquila como Sócrates, que bebeu uma taça de cicuta, muito menos uma morte na "velhice, cheia de anos", como os patriarcas do Antigo Testamento. Em vez disso, ele morreu como um escravo ou um criminoso comum, em tormento, no madeiro da vergonha. […] Jesus não morreu qualquer morte; ele foi "entregue por todos nós" na cruz, de forma cruel e desprezível. Refletir sobre a dura realidade da crucificação na antiguidade pode nos ajudar a superar a gritante perda de realidade que se vê com tanta frequência na presente teologia e na pregação.[9]

Eu poderia acrescentar: "A gritante perda da realidade tão comumente encontrada hoje, tanto na pregação quanto nos ouvidos que a recebem". Parece que não temos mais a capacidade de ouvir de maneira reflexiva, mesmo que o significado da crucificação fosse pregado.

A realidade primeira e mais importante é que o sofrimento e a morte não são apenas inimigos da vida, mas um meio de

nos lembrar das realidades gêmeas da vida: o amor e o ódio. Nesse caso, o amor e o ódio não aconteceram por acaso. Os caminhos foram escolhidos. Aqueles que o feriram o odiavam. Aqueles que o odiavam, ele os amava. Aqueles que o mataram queriam se livrar dele. Ao se deixar ser morto, ele possibilitou que vivessem. A crucificação de Jesus foi a expressão encarnada de rebelião contra Deus. A aflição que lhe infligiram foi uma tentativa árdua de desmantelar o próprio ser de Deus, existente na Santíssima Trindade.

Mas aqui está o ponto-chave. Ele não morreu como mártir de uma causa, como aconteceu com outros; nem se limitou a ser alguém não violento para que o inimigo se rendesse por causa do clamor público, como ainda ocorreu com outros. Ele nem mesmo morreu porque estava disposto a pagar o preço para que alguma outra pessoa vivesse. *Ele veio para dar a sua vida para que aqueles mesmos que o mataram, que representavam a todos nós, pudessem ser perdoados, por causa do preço que ele pagou em um mundo terrível que não reconhece sua voz.* Aqueles que haviam rejeitado o texto e manipulado o contexto da Palavra de Jesus viram e ouviram aquilo que o Deus encarnado revelou acerca da realidade. Cada sentimento que experimentaram, cada estado de espírito, cada palavra enunciada era o oposto daquilo que Jesus sentiu, fez e disse. Sua perspectiva contrária contrasta de forma brilhante e nítida, enquanto os convidava com base naquela morte a vir a ele em busca de perdão, porque ansiava ajudá-los.

Em *Crime and punishment*, Dostoiévski escreve estas frases do convite de Deus:

> Então Cristo nos dirá: "Vinde vós também, vinde bêbados, vinde fracos, apresentai-vos, vós, filhos da vergonha…". E os sábios e aqueles com entendimento dirão: "Ó Senhor, por que recebes esses homens?". E ele dirá: "É por isso que eu os recebo, ó vós, homens de entendimento, porque nenhum deles acreditava ser digno disso". E ele nos estenderá as mãos, e nos prostraremos diante dele […] e choraremos […] e entenderemos todas as coisas! […] Senhor, venha o teu reino.[10]

Henry Nouwen, cuja breve vida se caracterizou por um profundo compromisso com Jesus Cristo, conta uma experiência pessoal muito comovente. Nouwen, como alguns talvez não saibam, foi um destacado acadêmico, tendo ensinado na Universidade de Notre Dame e na Universidade de Harvard. Ele abandonou tudo para trabalhar com deficientes mentais em um centro em Toronto. Em seu livro *The return of the prodigal son* [A volta do filho pródigo][11], ele revitaliza uma das pinturas de Rembrandt.

Nouwen havia se sensibilizado muitíssimo pela representação, por Rembrandt, do filho pródigo que volta ao pai, que o aguarda e o abraça, apertando-o em seus braços. Ele viajou para ver o quadro original e admitiu ter ficado apreensivo, caso a obra fosse inferior àquilo que sua imaginação sugeria. É assim que ele expressa o impacto, depois de ficar sentado em frente à pintura durante quatro horas:

> E então ali estava eu; de frente para a pintura que havia estado em minha mente e em meu coração por quase três anos. Fiquei estupefato diante de sua beleza majestosa. Seu tamanho, enorme; seus tons vermelhos, marrons e amarelos em abundância; os lugares mais afastados em penumbra e o primeiro plano em cores brilhantes; mas acima de tudo o abraço, cercado de luz, entre pai e filho, rodeados por três espectadores misteriosos — tudo isso prendeu minha atenção com uma intensidade muito além da minha expectativa. Houve momentos em que cogitei se a pintura real iria me decepcionar. O oposto aconteceu. Sua grandeza e esplendor fizeram tudo recuar para o segundo plano e me mantiveram totalmente fascinado.
>
> O abraço de Rembrandt permaneceu gravado em minha alma de maneira profunda bem mais do que qualquer expressão temporária de apoio emocional. Ele tem me colocado em contato com algo dentro de mim que vai muito além dos altos e baixos da vida, algo que representa o anseio contínuo do espírito humano, o anseio por um retorno final, uma sensação inequívoca de segurança, um lar duradouro.[12]

Essas palavras finais tocam o profundo de minha própria alma: "… uma sensação inequívoca de segurança, um lar duradouro". Metade da minha vida tem sido vivida com uma mala na mão, às vezes vendo este mundo a mais de onze mil metros de altura, no ar e não em terra firme. Tenho de verificar e tornar a verificar onde deixei meu passaporte e minha

carteira bem como todas as outras coisas que constituem a bagagem de quem vive na estrada. Tranco o cadeado das minhas malas cada vez que saio do quarto de hotel. Existem vistos de lugares próximos e distantes carimbados em meu passaporte. As autoridades ou os policiais de imigração têm executado comigo dezenas de vezes seu trabalho rotineiro. Ando sempre consciente de estar em solo estrangeiro, mantendo-me atento o tempo todo. Ah, que vontade de ter uma sensação inequívoca de segurança em um lar duradouro! É a realidade da cruz gravada na profundidade da minha alma que me dá a segurança de um derradeiro lar que me aguarda. Posso me identificar com o compositor que escreveu:

> Ó amor que não me deixarás ir,
> descanso em ti minha alma exausta;
> eu te devolvo a vida que te devo,
> para que em tuas profundezas oceânicas o fluxo da vida
> possa ser mais pleno.
> Ó Cruz que ergueste minha cabeça,
> não ouso pedir voar para longe de ti;
> enterro morta no pó a glória da vida,
> e do chão floresce vermelha
> a vida que infinita será.[13]

Quando chegou ao arquipélago de Novas Hébridas em meados do século 19, o missionário John Paton começou a tradução do Novo Testamento. Primeiro teve de reduzir a língua nativa à escrita. Ele trabalhava com um jovem que o ajudava a produzir o vocabulário. Não sabia como ilustrar a palavra *crer*. Por fim, quando se inclinou por completo em uma cadeira de tal forma que todo o seu peso estivesse nela, surgiu o conceito de confiança. Na Bíblia deles, João 3.16 agora diz: "Porque Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único e incomparável, para que quem quer que lance todo o seu peso nele não pereça, mas tenha a vida eterna".

Eis o que a cruz obteve. Uma forma de cristianismo que leva esse nome, mas perde de vista a cruz, não é cristã. Uma pessoa "religiosa" que pensa que a natureza e a cruz não têm nenhuma diferença não entende nem uma nem outra. A cruz de Jesus é a colina de onde procedem os caminhos para os nossos jardins. Sua coroa era uma coroa de espinhos. Sua voz soa mais alto do que os sons de ódio, tortura e morte: "… Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem…".

Isso nos leva além do texto e do contexto até a contestação — Caminho de quem? O caminho de Deus ou o nosso? O jardim do Getsêmani apontou a cruz para Jesus.

## O ÚLTIMO JARDIM

Do jardim do Getsêmani, que precedeu a cruz do Calvário, vamos agora para o último jardim. Depois de Jesus ter sido crucificado, dois homens vieram e solicitaram a Pilatos permissão para baixar da cruz o corpo de Jesus e sepultá-lo. Eram homens que, quando Jesus estava vivo, tinham medo de segui-lo às claras. Um era José de Arimateia, a quem a Bíblia descreve como um seguidor secreto. O outro era um mestre que num momento anterior tinha vindo até Jesus de noite para que não fosse visto em sua companhia. Seu nome era Nicodemos.

Nicodemos e José trouxeram um saco de mirra e aloés e, junto com especiarias e faixas de pano, envolveram o corpo de Jesus de acordo com o costume judaico. Mas seus inimigos estavam nervosos. Foram a Pilatos e pediram para que uma guarda fosse colocada em torno do túmulo, porque temiam que o corpo fosse roubado por seus discípulos, que então declarariam que ele havia ressuscitado dentre os mortos, do modo que havia declarado que faria.

Acho isso espantoso! Muitíssimo espantoso! É evidente que os inimigos de Jesus sabiam o que ele queria dizer melhor do

que os seus próprios seguidores. Os discípulos estavam escondidos com medo de serem presos e partilharem o destino de Jesus. Mas é evidente que seus inimigos entenderam que Jesus havia dito que ressuscitaria dos mortos depois de três dias. Com frequência aqueles que rejeitam a mensagem têm um medo maior de que haja uma verdade por trás disso do que aqueles que afirmam acreditar. Eles tomaram precauções extras para se proteger contra isso. No entanto, não conseguiriam lutar contra Deus para sempre. É assim que as Escrituras descrevem os momentos finais dessa parte da história:

> No lugar em que Jesus foi crucificado havia um jardim, e no jardim havia um túmulo novo, no qual ninguém ainda havia sido sepultado. […] Sepultaram Jesus ali.
>
> Bem cedo no primeiro dia da semana, enquanto ainda estava escuro, Maria Madalena foi ao túmulo e viu que a pedra havia sido removida da entrada. Então ela veio correndo até Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava, e disse: "Tiraram o Senhor do túmulo, e não sabemos onde o colocaram!".
>
> Então Pedro e o outro discípulo se dirigiram ao túmulo. Ambos corriam, mas o outro discípulo passou na frente de Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Ele se inclinou e viu as faixas de linho deixadas ali, mas não entrou.
>
> Então Simão Pedro, que estava atrás dele, chegou e entrou no túmulo. Viu as faixas de linho deixadas ali tanto quanto o lenço de sepultamento que havia sido colocado em volta da cabeça de Jesus. O lenço estava dobrado à parte, separado das faixas de linho.
>
> Por fim, o outro discípulo, que havia chegado ao túmulo primeiro, também entrou. Ele viu e creu. (Ainda não entendiam que, com base nas Escrituras, Jesus tinha de ressuscitar dentre os mortos.)
>
> Então os discípulos voltaram para suas casas, mas Maria permaneceu do lado de fora do túmulo chorando. Enquanto chorava, ela se curvou para olhar dentro do túmulo e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus havia estado. […] Eles lhe perguntaram: "Mulher, porque você chora?".
>
> "Levaram o meu Senhor embora", ela disse, "e eu não sei onde o puseram". Ao dizer isso, ela se virou e viu Jesus ali de pé, mas não percebeu que era Jesus.
>
> "Mulher", ele disse, "por que você chora? Quem é que você está procurando?".
>
> Pensando que ele fosse o jardineiro, ela disse: "Se o senhor o levou embora, diga-me onde o colocou, e eu o levarei".
>
> Jesus lhe disse: "Maria" (Jo 19.41,42; 20.1-16).

Que momento foi esse! Um momento que abarcou a extensão dos quatro jardins. Do texto no jardim ao contexto no deserto; da contestação no jardim do Getsêmani ao contraste — na verdade, ao ponto culminante — no jardim onde o sepultaram. Ele era o Senhor do universo, mas chamou essa mulher simples pelo nome. De repente tudo desabrochou com significado. Agora a história da vida era vista através dos olhos de seu Senhor ressuscitado. Não é de admirar que ela tenha estendido a mão para tocá-lo. Deus é pessoal, Deus é relacional, e Deus vê em um sentido eterno. A vitória de Jesus foi sobre aqueles que queriam silenciá-lo, naquela hora e por séculos depois. Ele não apenas falou, mas também os chamou pelo nome. Essa é a diferença em nosso mundo de raiva, ódio e rancor. Xingar é o sintoma de nosso colapso. Como podemos participar de maneira plena da maravilha e da exultação que a essa altura necessariamente devia pulsar naqueles próprios seres que o amavam e seguiam e cujos nomes ele chamou com tanta ternura?

Há pouco tempo eu estava lendo as seguintes palavras de um historiador que descrevia o dia em que a segunda guerra mundial acabou.

> Homens choravam, incapazes de se conter. [...] Era necessário extravasar sentimentos trancafiados e reprimidos atrás das muralhas cada vez maiores de cinco sucessivos, torturantes e introspectivos anos. Eles derramavam lágrimas como fontes a jorrar, eles transbordavam, eles rompiam seus diques, eles se moviam desimpedida e desordenadamente. Os franceses, com lágrimas escorrendo pelo rosto, beijavam-se em ambas as faces — a saudação dos irmãos. Eles beijavam os soldados americanos, eles beijavam todos ao seu alcance. A tempestade de emoção irrompeu. O lar e a pátria acenavam, entes queridos estavam esperando [...] entes queridos [...] chamavam do outro lado de anos de ausência. Era o homem em sua melhor expressão em meio à grandiosidade desse momento de libertação. Uma sinfonia majestosa com arranjo pelo Grande Compositor havia chegado ao final estrondoso, e, quando o último acorde triunfal se tornou o hino das nações, o homem fitou o rosto de seu Criador, que olhava para ele, e teve uma visão de ternura, espelhada por um breve momento na pureza de sua própria e irreprimível torrente de alegria e gratidão. Em um momento assim, montanhas se movem ao comando do homem; ele tem esse poder aos olhos de Deus.[14]

Só quem lutou nessa guerra consegue de fato entender o que essas palavras significam. Um campo de batalha havia de súbito se transformado em uma celebração da vida, quando montanhas se moveram, flores desabrocharam, armas foram colocadas de lado, e o som da voz dos entes queridos pôde ser ouvido outra vez.

Só quem conheceu a escravidão e o cativeiro do pecado e do vazio que ele traz consigo consegue entender por completo a libertação da cruz e a glória da ressurreição — tornar a ouvir a sua voz. Não é de admirar que o pensamento cristão seja tão adornado de riqueza musical. São os sons que advêm de descobrir que há mais do que apenas um jardim.

Quando Jesus diz: "… Eu sou o caminho, a verdade e a vida…", ele reivindica aquilo que nenhum outro reivindicou. Quando ele diz "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e nunca perecerão; ninguém é capaz de arrancá-las de minha mão", ele fala como nenhum outro. A Bíblia diz que, embora Deus tenha falado conosco por meio dos profetas e dos apóstolos, sua expressão culminante está na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo (veja Hb 1.1,2).

No segundo capítulo do livro de Filipenses, o apóstolo Paulo diz o seguinte acerca de Jesus:

> o qual, sendo Deus por natureza, não considerou a igualdade com Deus algo a que devia se apegar, mas tornou-se nada, assumindo a própria forma de servo, sendo feito à semelhança humana. E sendo achado na aparência de homem, ele se humilhou e se tornou obediente até a morte — a saber, morte em uma cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre, no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai (v. 6-11).

Esse Jesus chamou Maria pelo nome e lhe perguntou: "… por que você está chorando? O que você esta procurando?…".

O escritor Ken Gire conta uma linda história. Certo dia uma garotinha que vivia à beira de uma floresta saiu

perambulando pela mata e pensou em explorar todos os obscuros segredos da floresta. Quanto mais longe ela vagueava, mais densa a floresta se tornava, até que ela perdeu seu senso de direção e não conseguiu encontrar o caminho de volta. À medida que o dia ia escurecendo, o medo se apoderou dela, e todos os seus gritos e soluços só a deixaram mais exausta, até que adormeceu na mata. Amigos, familiares e voluntários vasculharam a área e desistiram na densa escuridão da noite. Na manhã seguinte, quando seu pai recomeçou a busca, de repente viu num relance sua garotinha deitada em uma pedra e, chamando-a pelo nome, correu o mais rápido que pôde. Ela acordou assustada e estendeu os braços para ele. Envolta em seu abraço apertado, ela repetiu várias vezes: "Papai, encontrei você!".[15]

Maria descobriu a verdade mais espantosa de todas, quando foi procurar o corpo de Jesus. Ela não percebeu que a pessoa que encontrara era aquele que havia ressuscitado e que ele tinha vindo procurá-la.

Se nossos naturalistas parassem de procurar apenas um jardineiro, talvez ficassem surpresos com quem eles encontrariam — ou, devo dizer, com quem os encontraria. É provável que de fato o ouvissem chamá-los pelo nome e é possível que pela primeira vez realmente entendessem os jardins e os desertos do mundo.

Ele não está morto. Ele está vivo, na melhor acepção da palavra. A celebração teve início.

---

[1] Menção ao romance clássico *O homem invisível*, de H. G. Wells, escritor britânico considerado por muitos o pai da ficção científica. (N. do E.)

[2] Anthony Flew, "Theology and falsification", in: John Hick, org., *The existence of God* (New York: Collier Books, 1964), p. 225.

[3] John Frame, "God and biblical language: transcendence and immanence", in: J. W. Montgomery, org., *God's inerrant Word* (Minneapolis: Bethany Fellowship), p. 171.

[4] Referência do autor ao célebre julgamento de O. J. Simpson, ex-atleta e ator acusado de assassinar sua ex-mulher, Nicole Brown Simpson, e o garçom Ronald

Goldman, em junho de 1994. Um dos materiais colhidos como prova do caso foi uma luva em que se encontrou DNA das vítimas e do acusado. A acusação acreditava ser essa uma prova incriminatória importante, contudo a luva não serviu. Ao final do julgamento, O. J. Simpson foi absolvido das acusações. (N. do E.)

[5] William Hamilton, citado em Matt Ridley, "Why should males exist?", *US News and World Report*, 18 August 1997, disponível em http://www.usnews.com/usnews/issue/970818/18male.htm.

[6] Edmund Gosse, *Father and son* (New York: Penguin Books, 1907, 1989), p. 249-51.

[7] Idem, p. 16-7.

[8] Martin Hengel, *Crucifixion: the ancient world and the folly of the cross* (Philadelphia: Fortress Press, 1977), p. 86-8.

[9] Hengel, *Crucifixion*, p. 89-90.

[10] Fyodor Dostoevsky, *Crime and punishment* (New York: Bantam Books, 1987), p. 20 [edição em português: Fiódor Dostoiévski, *Crime e castigo*, tradução de Luiz Claudio de Castro, Série Clássicos de Bolso (Rio de Janeiro: Ediouro, 1992)].

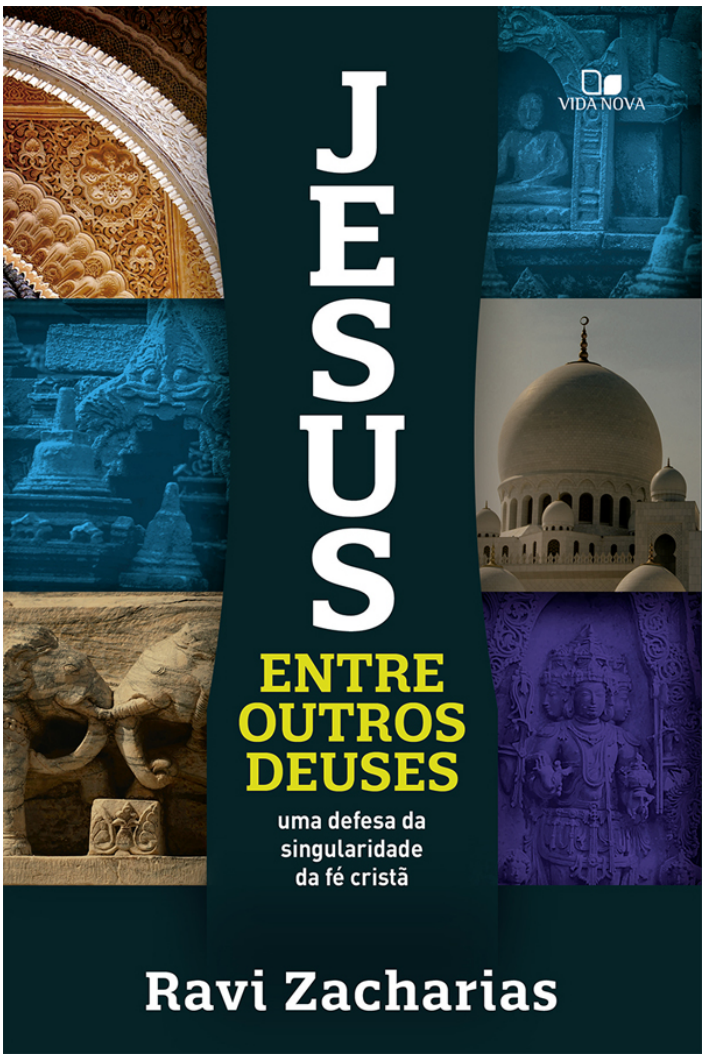
[11] São Paulo: Paulinas, 2004.

[12] Henri Nouwen, citado em Gire, *Windows of the soul*, p. 85, [edição em português: *Janelas da alma* (São Paulo: Vida, s.d.)].

[13] George Matheson, *O love, that wilt not me go*, *Hymns of the Christian life*, p. 181 [tradução em português: Amor sublime, in: *Salmos e hinos com músicas sacras*, trad. de Henry Maxmell Wright (Rio de Janeiro: Igreja Evangelica Fluminese, 1975), hino 134].

[14] P. R. Reid, *The latter days at Colditz* (London: Hodder and Stoughton, 1952), p. 226-7 [edição em português: *Os últimos anos no castelo de Colditz*, tradução de José Estevão Sasportes (Lisboa: Edição Livros do Brasil, s.d.)].

[15] Gire, *Windows of the soul*, p. 215.


VIDA NOVA
JESUS
ENTRE OUTROS DEUSES
uma defesa da singularidade da fé cristã
Ravi Zacharias